Unknown

Ilona Andrews

Mais uma Tradução Exclusiva das Divas & Lord’s FOREVER

Traduzido do Inglês por Fãs
Tradução e Revisão:
*Bia Divas
Leitura e Formatação:
*Divas Rosa

Uma Limpeza Mortal

Livro 3

Ilona Andrews

Copyright © 2013

Dina DeMille administra a melhor Pousada em Red Deer, Texas, mas a sua pousada recebe um tipo muito especial de hóspede... um tipo que ninguém na Terra sabe que existe. Hóspedes como uma ex-tirana intergaláctica que possui uma impressionante recompensa por sua cabeça, um Lorde Marechal de uma poderosa Casa de vampiros e um lobisomem perdido e quebrado; Portanto, não se aproximem muito ou podem acabar se tornando um dano colateral.

Mas a tranquila vida de Dina está prestes a ser jogada no caos. Primeiro, ela precisará resgatar Maud, sua irmã mais velha e que a muito tempo não ver. Maud foi exilada com sua família para um planeta que funciona como uma colônia penal mais sem nenhuma lei, assim como era em *Botany Bay*[1].

Além disso ela aceita ajudar um hóspede cuja última chance de salvar sua civilização pode trazer morte e desastre para todos aqueles que Dina ama. Agora Gertrude Hunt está sob cerco de um Clã de assassinos. Para manter seus hóspedes seguros e encontrar seus pais desaparecidos, Dina arriscará tudo, mesmo que tenha que pagar por um preço final. Embora, se depender

de Sean, isso não irá acontecer.

Glossário

Arland: Marechal da Casa Krahr. Ele tem cerca de trinta anos, com longos cabelos dourados e olhos azuis. Sua mãe Ilemina é a preceptora da Casa Krahr. Arland também tem uma irmã, que costumava possuir um *Shih Tzu*.

Arquivarius: um ser formado por vários membros com uma riqueza incrível de informações sobre o universo, uma mente colmeia, responderá apenas perguntas seletivas.

Assembleia dos Estalajadeiros: A Assembleia dos Estalajadeiros é uma organização informal autônoma de Estalajadeiros que estabelece políticas e classifica as pousadas. Todo mês eles publicam *O Diretório dos Estalajadeiros*, um livro simples listando todas as pousadas do planeta.

Auul e Mraar: eram planetas habitáveis que existiram em um sistema estelar. A civilização começou em Mraar, mas em algum momento um grupo dissidente escolheu ocupar Auul ou foi exilado lá. Depois de quase mil anos, o Raoo de Mraar invadiu Auul. Depois de anos de batalha, o povo de Auul decidiu abandonar seu planeta e destruiu o planeta Mraar no processo.

Baha-char: Cidade comercial. Onde se encontra tudo de todos os lugares do Universo.

Brian Rodriguez: Estalajadeiro da Casa Feliz em Dallas e um velho amigo dos pais de Dina. Tem cinco filhos, incluindo uma filha chamada Isabella e um filho chamado Tony. Rodriguez parece ter cinquenta e tantos anos, cabelos escuros e grisalhos, barba curta, pele naturalmente bronzeada e olhos escuros.

Caldenia Ka Ret Magren: Uma ex-tirana galáctica que agora reside na Pousada de Dina para escapar de ser apanhada por caçadores de recompensas. É às vezes tratada por seu título, *'Letere Olivione'*, como um sinal de respeito. Dina geralmente se dirige a ela como *'Sua Graça'*. Gosta muito de *Funyuns*[2] e *Mello Yello*[3]. Caldenia parece estar na casa dos sessenta anos, com cabelos grisalhos platinados e olhos azuis. Pode passar por uma humana comum, mas tem duplos corações e dentes carnívoros afiados. Também é capaz de abri uma lata com as unhas.

Casa Krahr: A Casa Krahr é uma Casa de vampiros com uma longa linhagem, embora eles ainda não tenham contribuído com um Senhor da Guerra. Eles são respeitados e financeiramente estáveis.

Casa Gron: é uma Casa de vampiros. Há muito tempo mantém relações pacíficas com a Casa Krahr e assinou um Pacto de Irmandade com eles há três anos.

Corwin Evans: Pai de Sean Evans.

Cookie (Nuan Couk): Sobrinho de Nuan-Cee, talentoso na arte de comerciar.

Dagorkun: primeira aparição nesse livro; um Otrokar membro da Horda Esmagadora da Esperança; o Vice-Khan, filho do Khan e Khanum.

Dahaka: Dahaka é uma raça reclusa e muito violenta. Eles costumam fazer uso de outras criaturas, como Stalkers.

David Henderson: Morador da Comunidade de Avalon. Possui uma loja de suprimentos para a piscina, juntamente com sua esposa. O pai de Kayley.

Dina Demille: O personagem principal da série. Dina é a Estalajadeira de Gertrude Hunt em Red Deer, Texas. Dina tem vinte e quatro anos no início da série e tem cabelos loiros. Possui um *Shih Tzu* chamado Fera.

Draziris: espécie de sociedade Teocrática que tem como missão a destruição de uma outra espécie, os Hirus.

Emily Ward: Moradora do Bairro. Mora na rua de Dina e cultiva tomates em seu quintal.

Estalajadeiros: São guardiões das Pousadas mágicas. Sua função é proporcionar um local seguro para receber hóspedes de todas as espécies e vindo de todos os lugares do Universo. A segurança desses hóspedes é a sua prioridade, nem que para isso eles precisem usar da sua própria magia e da magia da pousada

Gerard Demille: O pai de Klaus, Maud e Dina. Gerard desapareceu junto com sua esposa Helen e sua Pousada há seis anos. Antes do seu desaparecimento, eles administravam uma Pousada de cinco estrelas muito antiga e poderosa na Geórgia. Gerard nasceu antes da invenção dos carros e tem fobia de dirigi-los. Brian Rodriguez afirmou que Gerard uma vez pôs sua própria vida em risco por causa da esposa e dos filhos de um Estalajadeiro, e que Helen o salvou da prisão eterna.

George Camarine: Um Árbitro designado para as negociações de paz do Nexus. Ele foi recrutado por Klaus Demille. George também é um necromante.

Gabriele Evans: Mãe de Sean Evans.

Hector Marais: Um policial com um forte sexto sentido. O policial Marais está profundamente desconfiado de Dina e tem o hábito de aparecer nos momentos mais complicados. Marais é muito bem casado e tem duas filhas pequenas. Sua esposa é terapeuta e blogueira.

Helen Demille: Mãe de Klaus, Maud e Dina. Helen desapareceu junto com seu marido Gerard há seis anos. Antes do seu desaparecimento, eles administravam uma Pousada mágica cinco estrelas muito antiga e poderosa na Geórgia. Sua primeira neta também se chama Helen.

Hirus: espécie ameaçada de extinção por conta da caça indiscriminada dos Draziris.

Ilemina, senhora: Mencionado pela primeira vez nesse livro; uma vampira, preceptora da casa Krahr; mãe de Arland Krahr.

Isabella Rodriguez: Filha de Brian Rodriguez e irmã de Tony Rodriguez, brevemente vista quando Dina visitou a Casa Feliz. Isabella tem cabelos escuros e é uns dois anos mais velha que Dina.

Isur: Marechal de uma das Casas da Sagrada Anocracia.

Lobisomens: Lobisomens foram projetados no planeta Auul para ajudar seu povo a lutar contra as forças invasoras do planeta vizinho Mraar. Um vírus programável artificial chamado ossai foi usado para reescrever o código genético dos organismos vivos. O ossai tornou os sujeitos mais fortes e mais rápidos e transformou seus filhos em lobisomens. Depois que as pessoas de Mraar criaram seus próprios super combatentes *(conhecidos como a Horda do Sol)*, o povo de Auul criou uma segunda geração de lobisomens que eram mais poderosos, mas menos estáveis, chamados lobisomens da linhagem alfa.

Kayley Henderson: Filha de David Henderson, Kayley é uma jovem de 17 anos que frequenta Cedar Creek High. Tem um namorado chamado Robbie.

Khan: Mencionado pela primeira vez nesse livro; líder do Otrokar; um lendário guerreiro e diplomata; marido do Khanum; pai de Dagorkun.

Karhari: planeta-prisão para onde Maud e sua família foram mandados em exílio.

Klaus Demille: Klaus é filho de Helen e Gerard Demille e irmão de Dina e Maud. Klaus foi descrito por Dina como um andarilho, e ela não ver o irmão por um longo tempo.

Ku: Mais ou menos do tamanho de uma criança humana de dez anos de idade, quadrúpede. Possui uma crista de penas verdes-esmeraldas, amarelas e carmesins coroando sua cabeça. O resto dele é coberto de escamas verdes. Os *Kus* são caçadores-coletores e acreditam que precisam sair pelo universo a procura de algum ato heroico para ser valorizado pelo seu povo.

Marais: Policial da cidade de Red Deer. Marais desconfia que há algo muito estranho na Pousada de Dina e por isso não a deixa em paz.

Margarida Pineda: Vizinha propensa a fofocas de Dina. Possui um *spitz-alemão-anão*[4] chamado Misha.

Maud Demille: Maud é a irmã de Dina e Klaus. Ela tem cabelo azul-preto curto e é mais alta que Dina. Tem uma filha de cinco anos chamada Helen. Antes do desaparecimento de seus pais, Maud se casara com Melezard, da Casa Ervan, e se mudara para seu planeta.

Melizard: Marido morto de Maud. Era o segundo filho do Marechal da Casa Ervan.

Nexus: Nexus é um nome coloquial para Onetrikvasth IV, um sistema estelar com um único planeta habitável. Como o tempo flui mais rápido lá, um mês na Terra é aproximadamente equivalente a mais de três meses no Nexus. O Nexus contém grandes reservas subterrâneas de kuyo, um líquido viscoso de ocorrência natural usado na fabricação de estimulantes militares, o que torna Nexus extremamente valioso. Três facções (os Mercadores, a Sagrada Anocracia e Otrokar) estiveram em guerra pelo Nexus por sete anos terrestres e quase vinte anos no tempo de Nexus.

Nuan Cee: Nuan Cee é um Mercador rico e bem-sucedido que trabalha em Baha-char. Ele costumava fazer negócios com os pais de Dina. Dina negociou com ele *mel de sidr*[5] em troca de um punhado de pérolas Anansi. Ele tem apenas um metro e vinte de altura, olhos turquesas e pele azul-prateada.

Khanum: uma general Otraka. Líder da Horda Esmagadora da Esperança.

Odalon: Sacerdote de batalha da Casa Krahr.

Otraka: é o planeta natal da Horda Esmagadora da Esperança, cujo líder é Khan. Dizem que tem planícies infinitas.

Orro: Chef de cozinha de Dina. É um Quiloniano.

Pousada Gertrude Hunt: É uma das várias Pousadas mágicas espalhadas pelo o Universo que tem como especialidade hospedar alienígenas. Essas Pousadas especiais são entidades vivas. Gertrude esteve hibernando por um longo tempo, até Dina acordá-la.

Renadra: Filha de Lord Soren. Sua avó materna é a *Arquimandrita*[6] de Sangue da Abadia Carmesim.

Robart: Marechal da Casa Sabla.

Ruga: Xama Otrokar. Especialista em microbiologia.

Saar ah: guarda-costas de Nuan Cee.

Sagrada Anocracia Cósmica: Regime que governa seis planetas das Casas de Vampiros.

Savva: Capital mercenária da galáxia. Local ideal para se contratar assassinos.

Sean Evans: Lobisomem da linhagem alfa que se mudou para Red Deer depois de deixar o exército. No início da série, ele tem vinte e sete anos de idade. É alto e de ombros largos, com cabelos castanhos avermelhados e olhos cor de âmbar. Ele tem mais de um metro e oitenta de altura em forma humana e mais de dois metros em forma de Combatente. Dirige um Range Rover. Sean

nasceu em Tennessee como o único filho de dois lobisomens de linhagem alfa que sobreviveram à destruição de seu planeta natal Auul e vieram viver na Terra.

Senhor Byrne: Um dos vizinhos de Dina. Um homem baixo e mais velho com netos em idade escolar. Dirige um SUV preto. Byrne possuía um enorme *Chow Chow*[7] preto chamado Brutus que foi morto pelo Dahaka ou por seus Stalkers.

Senhor Ramirez: é vizinho de Dina. Fuzileiro naval aposentado que possui um *Rhodesian Ridgeback*[8] chamado Asad.

Turan Adin: Uma criatura de guerra, imparável em batalha. Contratado pelos Mercadores. O último e o melhor Turan Adin foi Sean Evans.

Senhora Zhu: A Senhora Zhu é uma lobisomem mais velha que costumava frequentar a Pousada dos pais de Dina e deu a Dina algumas informações sobre lobisomens.

Soren: Sargento Cavaleiro da Casa Krahr, tio de Arland e pai de Renadra. Ele se apresentou como o filho de Rok, filho de Gartena, Barão do Castelo de Nur. É um veterano de sete guerras e pai de dois Cavaleiros.

Stalkers: Predadores, mortais, visão e olfato desenvolvidos para a caça, viajam em bandos. Sua inteligência equivale a de um *babuíno*[9].

Sulindar Gron: Um membro da casa Gron e amigo de infância de Arland desde a idade de quatro anos. Arland descreveu-o como *'um bastardo insidioso e conivente'*.

Sunset e Moonlight: Casal de Hirus que vão em busca da ajuda de Dina em sua Pousada.

Tony: Filho do senhor Rodriguez. Tony é um *Ad-hal* a serviço da Assembleia dos Estalajadeiros.

Wilmos Gerwar: Um lobisomem de quarta geração do extinto planeta Auul e *ex-nano-cirurgião*[10]. Wilmos participou da criação dos lobisomens da linhagem alfa. Wilmos administra uma loja de armas em Baha-char e possui uma criatura parecida a um lobo chamada Gorvar.

Capítulo 1

Um leve toque me tirou do sono. Abri meus olhos e pisquei. Sonhei com um deserto, um vasto mar sem fim de areia amarela sob um sol branco. Caminhava descalça, com areia até os meus tornozelos, sentindo a cada passo os grãos deslizarem sob meus dedos e afundar, tentando encontrar algo ou alguém. Procurei por horas, mas encontrei apenas mais areia. O teto suave do meu quarto escuro era muito chocante depois das dunas iluminadas pelo sol e, por um

momento confuso, eu não sabia onde estava.

Magia ecoou na minha cabeça novamente, roçando meus sentidos, leve e rápida, mas insistente. Alguém tinha ultrapassado os limites da pousada.

Joguei meus pés, tocando o chão de madeira e me levantei, peguei minha vassoura e desci pelo corredor sombrio.

Fera, minha pequena *Shih Tzu*, disparou de debaixo da cama e me seguiu, pronta para atacar invasores desconhecidos. Faltavam cinco dias para o Natal e eu não esperava hóspedes, especialmente às duas horas da manhã. Mas então, é claro, quando a Pousada Gertrude Hunt recebia hóspedes, eles nunca eram do tipo habitual e raramente avisavam que estavam chegando.

O corredor terminava em uma porta. Peguei o casaco de malha pendurado no gancho à direita da porta, me envolvi nele e coloquei meus pés em um par de chinelos. Dezembro começou com uma chuvarada e depois esfriou muito. À noite, a temperatura baixava para menos de um grau, o que, em termos do Texas, significava que o apocalipse estava chegando. Ir para fora era como entrar em um freezer, ao contrário do interior da Pousada que era aconchegante e quentinho, então me agasalhava quando precisava sair, e quando voltava para dentro pendurava casacos de lã e moletons atrás das portas aleatoriamente.

A porta se abriu na minha frente e eu saí para a varanda.

O ar frio me atingiu. *Uuuuu.*

A lua brilhava intensamente, derramando luz prateada através das poucas nuvens no céu noturno. Meu pomar de maçãs se estendia para a esquerda. Diretamente na minha frente, um enorme e velho carvalho espalhava seus galhos sobre o gramado, galhos quase tocando a varanda. À direita, a rua Park corria paralela à pousada. Exatamente oposta a Gertrude Hunt, a rua Camelot saia da Street, entrando no bairro de Avalon, cheio de casas de dois andares típicas do Texas, com velhas árvores nos gramados aparados e veículos escuros estacionados nas calçadas.

Tudo estava quieto.

Sondei a noite com meus sentidos. A Pousada e eu estávamos tão unidas que eu podia sentir, se quisesse, cada centímetro do terreno. O intruso tocou o limite, mas não entrou, e agora ele ou ela se escondia.

Esperei, tentando impedir que meus dentes batessem de frio. Minha respiração fazia pequenas nuvens de vapor que se fundiam na noite.

Silêncio.

Alguém estava aqui fora, me observando. Eu podia sentir o peso do seu olhar. Calafrios de medo ou frio correram pela minha espinha. Provavelmente ambos.

— Sei que está aí. Saia.

Silêncio.

Olhei para a noite, examinando a paisagem familiar. A cerca que separava a rua Street do meu gramado parecia imperturbável. Nenhuma pegada estranha marcava o gramado. Nada se escondia no carvalho, nada roçava os arbustos por trás, nada incomodava o cedro de seis metros de altura atrás dos arbustos ...

Dois olhos âmbar me encararam das sombras sob o cedro. Eu quase pulei.

— Sean! —Ele quase me deu um ataque cardíaco.

Sean Evans não se mexeu, uma sombra mais escura na noite profunda. Vários meses atrás, nos conhecemos assim, exceto que naquela época ele estava marcando seu território em minhas macieiras. Agora Sean apenas esperava, em silêncio, respeitando os limites da Pousada.

— Venha mais perto, —eu chamei, mantendo minha voz baixa. Não havia necessidade de acordar todo o bairro. — Não quero falar alto.

Ele se moveu em um velocidade sobrenatural, correu até o carvalho, saltou e pousou no galho perto da varanda. *Déjà vu*[11].

Fera latiu uma vez e depois ficou quieta, só para deixá-lo saber que ela estava lá, no caso dele decidir tentar alguma coisa.

— Há algo errado?

Examinei seu rosto. Quando Sean se mudou para o bairro de Avalon, causou um leve surto de desmaios entre as moças locais. Se alguém procurasse *'ex-militar fodão'* no dicionário, encontraria a foto dele. Sean já estava perto dos trinta anos, tinha um rosto bonito que mantinha sempre barbeado, cabelo castanho-avermelhado cortado curto e um corpo atlético e poderoso. Ele era forte e rápido, e desafiá-lo era uma ideia idiota. Sean também era um lobisomem sem planeta, algo que a esmagadora maioria das pessoas na Terra não tinha ideia de que existia. Vários meses atrás, enquanto Sean me ajudava a defender o bairro de Avalon de um assassino interestelar, ele descobriu suas origens e depois saiu em uma viagem pelo Universo, procurando se encontrar. Acabou ficando preso em uma guerra interestelar em um lugar chamado Nexus, e precisei usar todos os meus recursos para libertá-lo.

A guerra cobrou seu preço. Uma longa cicatriz agora marcava seu rosto. O Sean antes de Nexus era um homem arrogante e agressivo. Este novo Sean era silencioso e paciente, e se procurasse em seus claros olhos âmbar, encontraria uma dureza de aço. Às vezes era como olhar nos olhos de um tigre. Outras vezes estavam vazios, sem fome, sem raiva, apenas uma vigilância inescrutável. Sean e eu fomos ao cinema há três noites, e um cara bêbado tentou brigar conosco do lado de fora do cinema depois do filme. Sean olhou para ele, e seja lá o que aquele homem viu nos olhos de Sean, atravessou a névoa do álcool, porque o bêbado se virou sem dizer uma palavra e fugiu.

Eu podia lidar com a arrogância e a impaciência, mas essa indiferença vazia me alarmava. Ele disfarçava muito bem. Eu o vi conversando com pessoas da vizinhança, e nenhum deles saiu gritando. Mas o vazio ainda estava lá. Sean não disse mais do que duas palavras para mim durante toda a noite do filme. Com os outros vizinhos, ele se esforçava para fingir ser normal, mas eu sabia exatamente o que ele passou. Comigo Sean era ele mesmo: *abria a porta para mim, me oferecia seu casaco quando achava que eu estava com frio, se colocou entre mim e o bêbado, mas não iria conversar.* Tudo o que ele viveu em Nexus o empurrou para fora da vida humana normal e eu não tinha certeza se poderia trazê-lo de volta para a luz.

— Como você sabia? —Ele perguntou. — Fiquei fora dos limites da Pousada.

— A Conferência da Paz deu um impulso de energia à Pousada. Gertrude Hunt está espalhando suas raízes e você acabou de desbravar a nova área de alcance dela. —Empurrei um pouco minha magia. A parede do novo limite da Pousada brilhou em um verde pálido por um segundo e desapareceu novamente. — Esse é o novo limite.

— Desculpe, —disse ele. — Vou manter isso em mente. Não queria ter te acordado.

— Não consegue dormir? —Puxei o casaco mais apertado em volta de mim.

— É só um pressentimento, só isso.

— Que tipo pressentimento?

— Como se algo fosse acontecer a qualquer momento.

— Se algo vai acontecer a qualquer momento, podemos esperar lá dentro.

E acabei de convidá-lo para entrar. No meio da madrugada. Enquanto usava

um casaco e uma camisola da *Hello Kitty*[12] que mal chegava ao meio da minha coxa. *O que eu exatamente acabei de fazer?*

— Você quer entrar? —Minha boca continuou. — Vou fazer uma xícara de chá para você.

Brilhante.

Um brilho âmbar cobriu seus olhos. — Às duas horas da manhã os homens de verdade bebem café. Preto.

Sean gostava de beber seu café com creme. *Isso foi uma piada? Por favor, que seja uma piada.*

— *Aham.* E esperam para bebê-lo só depois que ele fica frio e amargo, em seguida comparam o crescimento do pêlo no peito que o café fez crescer?

— Possivelmente.

Definitivamente foi uma piada. Esperança despertou dentro de mim. Era minúscula, mas era muito melhor que nada.

— Bem, se algum homem por aqui for corajoso o suficiente para beber uma xícara de café com avelã e muito creme, será bem-vindo para entrar.

Ele se inclinou um pouco mais perto. — Você está me convidando? —Sua voz continha apenas um toque de sugestão.

De repente eu não estava mais com frio. — Bem, você já está aqui, congelando, e nós não podemos ficar conversando parados na varanda. Alguém pode nos ver e ter uma impressão errada.

Na verdade, ninguém nos veria, porque era o meio da madrugada e, se tivéssemos problemas, a Pousada iria nos isolar da rua.

Ele saltou do galho e pousou suavemente ao meu lado. Sean era muito ... alto. E estava muito perto. E olhava para mim.

— As pessoas não teriam a impressão errada se me virem entrando em sua casa no meio da noite?

Eu abri minha boca, tentando pensar em algo inteligente para dizer.

O céu acima da rua Street se dividiu em um raio amarelo seguido de uma explosão elétrica, expelindo uma *Hoverbike*[13].

Sean virou-se.

O transporte em forma de agulha atravessou a rua flutuando a uns trinta

centímetros do chão de asfalto, com o motor rugindo alto o suficiente para acordar os mortos. As janelas da pousada vibravam. Alarmes de carros soaram pela rua.

Ah não.

A explosão ensurdecedora do som recuou e voltou, ficando cada vez mais alta. O idiota desconhecido deu meia volta e virou-se em nossa direção. Sean saiu correndo e pulou a varanda.

— Prepare os canhões e abafe o som, —eu gritei para Pousada.

O telhado da Pousada se abriu, as telhas fluíram como cera derretida e um cano de canhão de um metro de comprimento deslizou para fora.

A *Hoverbike* trovejou, o motor rugindo.

Luzes se acenderam nas duas casas mais próximas. *Droga.*

A *Hoverbike* acelerou na minha direção.

— Disparar.

O canhão tiniu um som metálico. As luzes da residência dos Ramirez se apagaram. O poste de luz ficou escuro. O motor da *Hoverbik*e morreu, como se alguém tivesse desligado um interruptor.

Canhão de Pulso Eletromagnético[14] é uma coisa extremamente útil.

A *Hoverbike* girou descontroladamente, colidiu com um poste de iluminação e ricocheteou, aterrissando na calçada e derrapando até parar. A vinte metros do limite da Pousada. *Porcaria.*

A qualquer momento o senhor Ramirez perceberia que suas lâmpadas não estavam funcionando e faria exatamente o que a maioria dos homens fazem nessa situação: *sairia para verificar se o resto do bairro estava também sem energia.* Ele nos veria e veria a *Hoverbike* que claramente não parecia pertencer à Terra.

Pulei pela varanda. Uma raiz enorme serpenteou para fora do chão, me pegou e me colocou gentilmente na grama. Eu corri para a rua, a vassoura na minha mão se abriu, revelando seu interior azul brilhante e se transformando em uma lança com um gancho na ponta.

Sean correu para a *Hoverbike*, agarrou o pequeno passageiro e o atirou para a Pousada.

Raízes agarraram o intruso no ar, o chão do jardim da Pousada abriu um

buraco e o arrastou para dentro. Eu prendi a *Hoverbike* com a minha lança. Sean agarrou a outra extremidade, levantamos e, meio que arrastando e meio que carregando, a levamos para o limite da Pousada.

Atrás de mim uma porta se abriu. Sean grunhiu, eu gritei de susto, e jogamos a *Hoverbike* e minha vassoura sobre a cerca. Eu me virei e encarei a rua.

O senhor Ramirez saiu, seu *Rhodesian Ridgeback*[15], Asad, seguindo-o.

— Dina, —disse o senhor Ramirez. — Você está bem?

Não, não estou bem. — Alguns idiotas acabaram de passar de motocicleta para cima e para baixo na rua!

Eu nem precisei inventar a indignação em minha voz. Tinha indignação de sobra. Todos os visitantes da Terra tinham que seguir uma regra: *nunca permitir ser descoberto. Esse era o objetivo das Pousadas.* Eu já tinha muitos problemas para lidar, não precisava que dificultassem minha vida. O piloto da *Hoverbike* iria se arrepender profundamente.

— Estamos bem, —disse Sean.

— Isso é um absurdo. —Acenei meu braço e puxei o casaco mais apertado em volta de mim.

— As pessoas precisam ter o direito de dormir.

— Tem gente que não tem senso, —disse senhor Ramirez. — Minha energia caiu.

— Parece que ele bateu em um poste de luz. Pode ter danificado as linhas de energia, —Sean ofereceu uma explicação.

O Senhor Ramirez franziu a testa. — Você pode estar certo. —Seus olhos se estreitaram. — Espere. Sua casa não fica no final da rua? O que está fazendo aqui?

— Não consegui dormir, —disse Sean. — Resolvi correr.

Asad cheirou as marcas de metal na calçada com óbvia suspeita.

— Correr, *hum.* —O Senhor Ramirez olhou para ele, depois para mim, para o meu casaco e minha camisola, depois para Sean novamente. — Às duas horas da manhã?

Eu queria muito ficar invisível agora.

— Melhor hora para correr, —disse Sean. — Ninguém para incomodar.

Asad encarou as marcas e soltou um único latido alto.

— Ei! —Senhor Ramirez se virou para ele. — Qual é o problema, garoto?

Asad sentiu o cheiro da coisa desumana que pousou no asfalto, esse era o problema.

O enorme cão se colocou entre o Senhor Ramirez e as marcas e disparou uma cacofonia de latidos.

— *Humm.* Ele quase nunca late. É melhor levá-lo para dentro. Vou fazer uma queixa policial pela manhã. —O Senhor Ramirez olhou para mim e para Sean uma última vez e sorriu. — Boa sorte com a corrida de vocês.

Não. Ele não acabou de desejar para mim e para Sean boa sorte em nossa corrida.

— Venha, Asad.

Fechei meus olhos por um segundo.

— Você está bem? —Sean perguntou.

— Correr? —disse entredentes. — Isso foi o melhor que pôde inventar?

— O que mais eu poderia ter dito a ele? Ele não iria acreditar que eu acordei de um sono profundo por causa do barulho da moto, me vesti e corri quatrocentos metros até aqui no mesmo tempo que ele levou para descer e abrir a porta.

— Ele acha agora que estamos dormindo juntos.

— Então, e se estivermos? Que eu saiba somos adultos.

— Amanhã pela manhã ele vai contar a Margaret e à tarde todo o bairro falará sobre a nossa *'corrida'*. Eu responderei a rumores e perguntas por uma semana. Não gosto de chamar atenção, Sean. É ruim para o meu negócio.

Sean sorriu.

Ugh. Eu me virei. — Entre.

— Você tem certeza? —Ele estava sorrindo agora. — As pessoas podem ter uma impressão errada.

— Só entre, —eu rosnei.

Ele me seguiu.

Dentro da minha sala de estar, raízes longas e flexíveis da Pousada prendiam uma criatura na parede. Era mais ou menos do tamanho de uma

criança humana de dez anos de idade, *quadrúpede*[16] e usando um *arnês de couro com bolsos*[17] do qual pendia uma capa larga e marrom. Uma linda crista de penas verdes-esmeraldas, amarelas e carmesins coroava sua cabeça. A teoria da evolução da Terra dizia que as penas evoluíram de escamas e, portanto, seria improvável que estivessem presentes na mesma criatura. Ninguém mencionou isso para o piloto, porque o resto dele estava coberto de belas escamas verdes, que escureciam para um verde mais intenso na direção de suas costas e clareava para um amarelo claro em sua garganta e peito. Um macho *Ku*. Eu deveria ter imaginado.

Os *Kus* eram na verdade répteis e tinham mais em comum com dinossauros do que com pássaros. Eles viviam em tribos e quando ainda estavam no estágio de *caçadores-coletores*[18], por coincidência, tropeçaram com a tecnologia de uma galáxia mais desenvolvida. Eles nunca evoluíram desse estágio. Na Terra, as mudanças climáticas combinadas com a população crescente criaram a fome, que se tornou o catalisador para o desenvolvimento da horticultura, que por sua vez levou à sociedade agrícola e ao feudalismo. Os *Kus* não enfrentaram tais pressões. Eles não tentaram entender a galáxia e a tecnologia complicada de outras espécies. Simplesmente a aceitaram e aprenderam a usá-la. Exigir regras de um *Ku* era como exigir que uma criança lesse um livro de Direito Moderno. Este, aparentemente, decidiu que seria uma ótima idéia trazer sua *Hoverbike* para o nosso planeta e subir e descer a rua Street.

— Você perdeu a cabeça?

O *Ku* olhou para mim com olhos dourados e redondos.

— Aqui é a Terra. Você não pode chegar fazendo barulho. Não pode andar de *Hoverbike*. Os humanos não podem saber. Você quase nos deixou em grandes problemas.

O *Ku* piscou. Seus olhos eram claros como o céu de verão: *nenhum pensamento inteligente parecia que sairia dali.* Suspirei. Eu queria gritar com ele um pouco mais, mas não resolveria nada.

— Bem? O que tem a dizer em sua defesa?

Ele abriu a boca, mostrando dentes afiados. — Mensagem!

— Você tem uma mensagem para mim?

— Sim!

Quem no mundo enviaria uma mensagem por um Ku? Era o mesmo que enfiar a mensagem em uma garrafa e jogá-la no oceano. Tinha as mesmas

chances de alcançar seu destinatário. Eu estendi minha mão.

As raízes liberaram o *Ku* apenas o suficiente para seus braços se moverem. Ele enfiou a mão no bolso do arnês, tirou algo e o jogou na palma da minha mão.

Um colar de prata com pingente de golfinho. Meu corpo esfriou imediatamente.

— E isso! —O *Ku* deixou cair um monte de papel sujo na minha mão.

Cuidadosamente eu abri. Uma série de coordenadas escritas em uma apressada letra cursiva e cinco palavras.

Em apuros. Venha-me buscar.

— Dina? —Sean apareceu ao meu lado. — Você está pálida.

— Eu preciso de uma nave.

— Por quê?

— Tenho que ir para Karhari.

As sobrancelhas de Sean franziram. — Isso é nas profundezas do território da Sagrada Anocracia. O que está em Karhari?

Karhari era um planeta fechado. Eu não tinha como acessá-lo por algum portal da Pousada, o que significava que eu precisava chegar lá da maneira convencional. Eu teria que comprar uma passagem em *Baha-char*. Candidatar-me a licenças levaria uma eternidade e elas provavelmente não seriam concedidas, o que significava que eu teria que procurar um contrabandista e eu nem poderia começar a imaginar quanto tempo isso me levaria e quanto dinheiro me custaria ...

Sean ficou na minha frente e gentilmente tocou meu ombro. Olhei para ele.

— Fale comigo. O que está em Karhari?

— Minha irmã.

Capítulo 2

Estava na minha cozinha, batendo o pé em frustração. Na parede, a tela de comunicação permanecia escura, com um leve anel azul pulsando a cada poucos segundos. Ontem à noite eu tinha cavado as informações disponíveis sobre Karhari. As coisas eram piores do que eu pensava. Karhari não estava apenas

fechada. Estava sob um selo de viagem restrita a Sagrada Anocracia. A Sagrada Anocracia consistia em Clãs aristocráticos chamados Casas, cada uma com seu domínio separado, e apenas um punhado de Casas tinha permissão para entrar na atmosfera de Karhari.

Qualquer um que não tivesse o brasão específico de alguma Casa permitida seria abatido. Não haveria tempo para explicar, subornar ou oferecer desculpas. Uma verificação rápida em um dos meus contatos em *Baha-char*, o bazar galáctico, me disse que a totalidade de minhas economias não poderia comprar uma passagem direta para Karhari. Agora só me restava implorar.

Maud não teria pedido minha ajuda a menos que estivesse em perigo iminente. Eu imploraria, ofereceria favores e prometeria a lua e o céu para salvar minha irmã. Depois que acomodei o *Ku* na pousada na noite passada, enviei uma mensagem para Arland da Casa Krahr. Já era fim da manhã agora. Ele não respondeu.

Arland e eu tínhamos uma história. Ele ajudou Sean e a mim a rastrear um assassino alienígena, ou melhor, nós o ajudamos, já que o assassino estava aqui por causa da política interna da Casa Krahr em primeiro lugar. Ele também participou da Conferência da Paz, que resultou muito bem para a Sagrada Anocracia, em grande parte por minha causa. Tecnicamente, eu poderia dizer que ele me devia um favor. Mas Arland era o Marechal de uma poderosa Casa de vampiros, que tinha muitas responsabilidades e provavelmente não poderia deixá-las de uma hora para outra.

A espera por uma resposta era estressante.

Uma escuridão de um pouco mais de dois metros de altura apareceu ao meu lado. Orro empurrou um pequeno prato na frente do meu nariz. Olhei para baixo e vi um *pequeno bagel*[19] coberto com geleia roxa.

— Coma!

— Obrigada, eu não estou com fome.

Os espigões de Orro ficaram em pé. Ele rosnou. Quando os Quillonianos ficavam com os seus espigões em pé se assemelhavam a monstros aterrorizantes em duas patas, além disso, tinham as mãos armadas com garras selvagens, focinhos cheios de presas e costas cobertas com cerdas pretas. A visão disso tudo daria a qualquer humano sadio uma vida inteira de pesadelos. Eu já tinha me acostumado.

— Coma!

Ele não desistiria até que eu comesse. Peguei o bagel e mordi. Como tudo que Orro cozinhava, tinha gosto de puro paraíso. Orro resmungou baixinho, esperou até que eu terminasse o bagel inteiro e se afastou.

Como um chef *Red Cleaver*, Orro deveria estar fazendo banquetes nos melhores restaurantes gourmet da galáxia. Mas um infeliz acidente de envenenamento o deixou em desgraça. Eu o encontrei em *Baha-char*, quando ele estava no final de suas esperanças, e embora seu contrato comigo estivesse terminado, Orro se recusava a ir embora.

Gertrude Hunt agora era sua casa.

A tela de comunicação ainda piscava.

Andei de um lado para o outro. Arland era a minha melhor aposta. Se eu não conseguisse a ajuda dele, eu não tinha ideia do que faria em seguida.

Andar de um lado para o outro não faria Arland responder mais rápido. Parei e me forcei a me afastar. Através da janela da cozinha, pude ver o quintal. A *Hoverbike* estava exposta no pátio dos fundos. Sean estava debruçado sob o transporte, analisando-o, enquanto o *Ku*, cujo nome por ironia era *Wing*[20], se movia ao redor dele. Fera corria ao redor deles, juntando galhos e os empilhando aos pés de Sean.

Acenei com a mão e a Pousada abriu a janela, deixando entrar o ar frio.

— … Claro que o estabilizador quebrou.

Sean arrancou um aparelho estranho de uma caixa de ferramentas. Ele perguntou se eu tinha ferramentas e dei a ele acesso à garagem. Ele viu as fileiras de prateleiras cheias de uma variedade de maravilhas mecânicas, xingou em apreciação e depois pegou uma caixa de ferramentas.

Sean enfiou a mão dentro da *Hoverbik*e, tirou alguma coisa e jogou na grama.

— Isso é o que se ganha por comprar peças de reposição em uma oficina de desmanche em Alkonian.

— Peças baratas! —Wing explicou.

— Veja, quer algo rápido, bom ou barato. Você pode ter duas coisas dessas, mas nunca todas as três juntas.

— Por quê?

— É a lei do universo.

Quando Sean aprendeu a consertar Hoverbike?

Algo clicou dentro do motor. Luzes azuis acenderam no painel da moto.

Wing levantou as mãos e emitiu um grito estridente. Ser discreto não estava nem no vocabulário dele.

Atrás de mim a tela de comunicação soou. Eu virei.

— Aceitar a chamada.

O rosto de Arland encheu a tela. Bonito, com uma cabeleira dourada emoldurando um poderoso rosto masculino e penetrantes olhos azuis, Arland pararia o tráfego em qualquer cruzamento importante. As mulheres sairiam de seus carros para dar uma olhada mais de perto, então quando ele sorrisse, elas vislumbrariam suas presas e fugiriam gritando.

O Marechal da Casa Krahr parecia esplêndido vestido em sua armadura *Syn*[21], negra com detalhes em vermelho sangue.

— *Leide Dina,* —ele falou. — *Estou às suas ordens.*

E ele não perdeu nada do seu talento para o drama. — Está indo à alguma guerra, Lorde Marechal? —*Por favor, diga que não.*

— *Não, estava participando de um jantar formal.* —Ele fez uma careta. — *Nos fazem usar armaduras para eventos como esse, temem que nos esfaqueemos de tédio. Como posso servi-la?*

— Tenho que ir para Karhari. O assunto é urgente e preciso desesperadamente de sua ajuda.

Sean entrou e lavou as mãos na pia.

— *Karhari é o fim da galáxia.* —Arland franziu a testa. — *O que você poderia querer lá?*

— Minha irmã.

Suas sobrancelhas loiras subiram. — *Você tem uma irmã?*

— Sim.

— *O que ela está fazendo em Karhari?*

— Eu não sei.

A última vez que ouvi falar de Maud foi há três anos, e na época ela estava em Noceen, um dos planetas mais prósperos da Sagrada Anocracia. Klaus e eu fomos vê-la quando procurávamos mamãe e papai. Foi uma visita rápida. Ficar

sabendo que mamãe e papai desapareceram quase a quebrou. Ela falava com mamãe o tempo todo enquanto a Pousada dos meus pais estava ativa, então quando a comunicação cessou abruptamente, Maud não tinha ideia do que havia acontecido. Ela tentou visitar a Terra, mas o marido dela estava envolvido em algum tipo de política complicada de vampiros e Maud não pôde vir. Durante esse breve encontro que tivemos, tive a sensação de que algo não estava indo bem, mas ela não nos disse qual era o problema.

Caldenia entrou na cozinha vestindo um lindo manto cor de rosa e sentou-se à mesa.

Orro passou e um prato com um bagel coberto de geleia pousou na frente de Sua Graça.

Ela pegou o bagel e mordeu a massa com seus dentes anormalmente afiados. Quando mordemos um bagel o apertamos e puxamos, rasgando-o. Quando Caldenia mordeu o bagel, não houve nenhum aperto e puxão. Seus dentes simplesmente cortaram, como se a massa tivesse sido cortada com uma grande tesoura afiada.

— Lorde Arland, minha irmã mandou uma mensagem para mim pedindo ajuda. Ela não é o tipo de pessoa que pede ajuda. —Na verdade, Maud prefere morrer a pedir ajuda, mas nunca estaria disposta a jogar com a vida da pequena Helen.

— É muito importante que eu chegue a Karhari o mais rápido possível. Existe alguma maneira de agilizar meu pedido de permissão para entrar no planeta?

— Receio que isso não seja possível.

Meu coração afundou.

— Não há permissão para viajar para Karhari. Como eu disse, é um planeta nos confins do mundo. A maior parte consiste em planícies monótonas, com grandes manadas de herbívoros de grande porte vagando sem rumo por elas. Não há bons terrenos de caça, nenhuma grande riqueza mineral, por isso oferece muito pouco valor. Foi colonizado no início da história da Anocracia e depois perdemos contato com o planeta por quase quinhentos anos. Os descendentes dos colonos originais estiveram separados do resto do universo por tanto tempo que, embora o planeta tenha sido trazido de volta ao abraço amoroso da Anocracia, cem anos atrás, o Estado de direito[22] *é pouco reconhecido lá. É o lugar para onde enviamos nossos criminosos, exilados e hereges.*

Minha irmã estava presa em uma versão vampírica da Austrália do século XVIII[23].

— Não há nada que possamos fazer? Nada mesmo?

— *Há apenas uma coisa a fazer.* —Ele me enviou um sorriso deslumbrante, exibindo suas presas afiadas. — *Vou levá-la pessoalmente lá.*

— O que?

— *Um território em Karhari foi concedido ao primo do meu tio, temos um representante lá. Como Marechal, posso viajar para lá a qualquer hora que desejar.*

Eu quase pulei para cima e para baixo. Mas me contive, minha história com a Casa Krahr já era suficientemente complicada. E Arland havia desenvolvido uma paixão um tanto *sazonal* por mim. — Você tem certeza? A despesa com combustível será significativa ...

Ele se inclinou para perto da tela. — *O gasto será mínimo. Usaremos o portal de salto da Terra, saltaremos e viajaremos pela rede e estaremos em Karhari amanhã de manhã. Além disso, graças a você, a Casa Krahr possui uma posição muito vantajosa em Nexus. Nossos lucros dispararam. Poderei saltar para trás e para frente entre aqui e Karhari pelo menos umas trinta vezes antes que o Comissário da Casa gentilmente me avise para ter cuidado com o orçamento. Família é tudo que qualquer um de nós tem. Está decidido. Você estará pronta em uma hora?*

Sem mais nem menos. — Sim!

— *Estarei em órbita em alguns minutos. É só você ou trará alguém mais?*

— Ela irá me levar, —disse Sean, pisando ao meu lado.

O lábio superior de Arland tremeu. Ele controlou antes de se tornar um grunhido e olhou para Sean. — *O que aconteceu com o seu rosto? Não importa, não é importante. Sua presença não será necessária. Leide Dina terá proteção suficiente.*

— O Marechal se senti ameaçado pela minha presença? —Perguntou Sean, com a voz calma.

— *Impossível.*

— Então não vejo razão para não ir.

— *Karhari não é a Terra, lobisomem. Você nunca lutou contra um vampiro em combate aberto. Não está pronto para um planeta cheio de nós.*

O que?

O rosto de Sean estava calmo. — Como você disse, o Estado de direito é pouco reconhecido em Karhari. Vou me sentir em casa.

Arland ficou em silêncio por um momento. — *Bem. Quem sou eu para manter um homem longe de seu funeral quando ele faz questão de pular obstáculos para chegar a ele. Nos encontraremos em uma hora.*

A tela ficou preta.

Nunca lutou com um vampiro ... Isso não fazia sentido. Quando Sean liderou o exército de defesa dos Mercadores em Nexus, ele abateu vampiros suficientes por várias vidas. Esse era o tema principal da Conferência da Paz. A Sagrada Anocracia, a Horda Esmagadora da Esperança e os Mercadores de *Baha-Char* haviam lutado pelos direitos do Nexus, um planeta rico em minerais. Sean tinha liderado as forças dos mercadores como *Turan Adin*[24], um general imortal de armadura escura. Acontece que ser Turan Adin era uma sentença de morte. Os Mercadores contratavam mercenários após mercenários para vestir a armadura, mas durante a batalha todos eles acabavam morrendo, então eram substituídos pelo próximo mercenário. Eles morriam, a armadura ficava.

Sean acabou sendo o último e o melhor Turan Adin. Ele durou mais do que qualquer um poderia esperar, mas a guerra contra Nexus o estava matando de dentro para fora. Para salvá-lo e convencer as três facções a concordar com a paz, vinculei todas eles, incluindo Sean e eu, à Pousada. Nós compartilhamos lembranças. Arland estava lá.

— Arland não sabe. Como ele pode não saber que você era Turan Adin? Você compartilhou memórias de Nexus com o resto de nós.

Sean franziu a testa. — Pensando melhor sobre isso, não sei dizer quais memórias eram as dele. Acho que ele também não saiba quais eram as minhas. Quando você nos vinculou, perguntou apenas sobre as coisas que aconteceram em Nexus. Eu sempre fui Turan Adin em Nexus. Nunca tirei a armadura. Naquele momento as minhas lembranças eram a de Turan Adin. Eu deixei Sean aqui na Terra com você.

Os lobisomens de Auul eram poetas. Às vezes eu esquecia disso e ele de repente dizia algo assim.

— Você vai contar a ele?

Sean sacudiu a cabeça. — Se eu contar, ele tentará me matar.

— Por quê?

— Nós nos enfrentamos em batalha uma vez. Eu tive a chance de matá-lo, e não o matei. Ele sabe que foi poupado.

Arland era um homem orgulhoso. Sean estava certo, ele não seria capaz de lidar com isso. Se assim for, ter Sean perto de Arland não faria maravilhas pela recuperação dele também.

— Tem certeza de que quer vir?

Ele olhou para mim por um minuto. — Vou pegar alguns equipamentos. Não saia sem mim.

— E se eu sair?

— Vou persegui-la com a minha nave e explodirei a existência da galáxia até achá-la. Por favor, não saia sem mim.

Ele saiu pela porta.

Cruzei meus braços e olhei para Caldenia. — Todo mundo tem uma nave interestelar, exceto a gente?

— Você deveria comprar uma. —Ela lambeu a geleia do canto da boca. — Não podemos ficar para trás, minha querida.

******

Ser catapultada para a órbita por um tubo de transporte era tão divertido quanto andar em um desses imponentes brinquedos de parque de diversão sem cinto de segurança. Isso fazia qualquer um querer vomitar e ter certeza absoluta de que iria morrer. A lógica dizia que levou apenas três segundos para mim e Sean sermos transportados, através do tubo de luz vermelho brilhante, de um ponto na Terra até a sala de transporte da nave de Arland, mas pareceu muito mais tempo. Pisquei, ajustando minha mochila nos meus ombros. Arland estimava que a viagem inteira demoraria apenas dois dias, então fiz as malas.

Sean tinha preparado uma bagagem pesada. Uma mochila grande estilo militar, preenchida até o ponto de rasgar, descansava em suas costas. Ele carregava uma mochila menor. Eu tinha a impressão de que as roupas dele estavam na mochila menor. Sean examinou nossos arredores como se estivéssemos em território inimigo.

Olhei ao redor também. Pedras quadradas cinzentas cobriam o chão sob meus pés. Pedras semelhantes subiam as paredes de trinta metros de altura da

enorme câmara à nossa volta. Videiras compridas com folhas verdes pálidas escorriam das pedras, suas delicadas flores cor-de-rosa apimentavam o ar com um aroma suave. As bandeiras vermelhas da Casa Krahr se estendiam sobre as paredes. No meio da câmara, uma bela e velha árvore com casca negra espalhava seus enormes galhos com largas folhas verdes e flores carmesim.

Um riacho corria por um leito artificial, caindo em uma cascata artística de pequenas cachoeiras e serpenteando sob os arcos das raízes das árvores. A ilusão de estar nos jardins de um palácio de vampiros era tão completa que eu mal podia acreditar que estávamos em uma nave espacial.

Olhei para Sean. — Extravagante.

Ele encolheu os ombros. — É o espaço. Quanto menor o atrito menor a necessidade de aerodinâmica.

— Mas a massa ainda é um fator. —Quanto mais pesada a nave, mais tempo demoraria para acelerar e desacelerar e mais combustível se gastaria.

— Vampiros, —disse Sean, da mesmo forma que os pais costumam dizer *‘adolescentes’* quando seus filhos estavam fora do alcance da voz.

Uma porta se abriu na parede oposta e Arland apareceu vestido em sua armadura Syn, movendo-se rapidamente em nossa direção.

A visão de um vampiro em sua armadura era espantosa. Arland era ainda mais impressionante. Ele não andava, movia-se como um tigre dentro de seu domínio.

— Veja só, —disse Sean em voz baixa. — Uma entrada dramática.

Manter os dois bem comportados seria um desafio. — Ele está me fazendo um grande favor. Acha que pode evitar provocá-lo durante a viagem?

— Vou tentar. Mas será difícil.

Uma vampira, também com armadura Syn, correu até Arland e enfiou um tablet de alta tecnologia na frente do rosto dele. Arland acenou para ela e seguiu em frente.

— Muito difícil, —disse Sean.

— Tente, —eu murmurei, tentando manter uma expressão amigável no meu rosto. — Tenho certeza de que você pode fazer isso.

— Minhas mais profundas desculpas. —Arland me deu um sorriso deslumbrante. — Eu me ocupei com as minúcias dos assuntos da Casa.

— Não há do que se desculpar, —eu disse a ele. — Muito obrigada pela sua ajuda. Estou profundamente grata.

Arland se virou para Sean e estreitou os olhos. — Isso é muito equipamento.

Eles devem ter escaneado a grande mochila de Sean.

— Melhor estar preparado.

— Onde conseguiu essas armas?

— Tenho as minhas fontes, —disse Sean.

— Estou de olho em você, —Arland disse a ele.

— Vou manter isso em mente.

E já chega. — Lorde Arland, é muita gentileza de sua parte nos emprestar sua nave

Ele sorriu. — O prazer é meu. Por favor, por aqui, Leide Dina.

Arland estendeu o braço dobrado no cotovelo. *Já que eu estava em território da Casa Krahr e em uma nave vampiro* ... descansei minha mão em seu antebraço logo abaixo do seu pulso. Ele não atirou em Sean um olhar triunfante, mas sua expressão me disse que queria. Nós passeamos pelo caminho ao redor da árvore até a saída.

— Devo lhe pedir desculpas. Embora esta seja minha nave pessoal, por mais humilde que seja, ainda é de função militar e por necessidade dessa função sua *aparência é espartana*[25].

Peguei um vislumbre do rosto de Sean. Sua expressão era completamente neutra.

— É muito bonita, meu senhor.

— Me agrada imensamente que você goste. É um lar longe de casa, por assim dizer.

Nós passamos pelas portas para o corredor.

— Estou curioso, como ficou a Pousada sem você? —Arland perguntou.

Eu havia evitado pensar na Pousada por quase três minutos. Ele acabara de quebrar meu esforço.

— Minha irmã me forneceu coordenadas exatas. Com sorte, ela estará nos esperando, então só devemos ficar fora por pouco tempo. A Pousada pode cuidar

de si mesma. —Assumindo que o policial Marais não vá bisbilhotar, que Caldenia não mate ninguém só porque ela o ache apetitoso, que Orro não tenha um colapso nervoso porque não pode comprar mantimentos por dois dias, e que todos eles mais Fera consigam manter a calma, a Pousada deve ficar bem. *Eu espero*. Pelo menos Wing tinha ido embora antes de eu sair. Ele me pediu a referência da Pousada mais próxima e eu indiquei a de Brian Rodriguez, perto de Dallas, com instruções estritas para ele não fazer nenhum desvio.

Rodriguez dirigia a Casa Feliz, uma das maiores e mais conhecidas Pousadas do sudoeste. Ele costumava ser amigo dos meus pais. Nós, os Estalajadeiros, éramos muito reclusos e paranoicos. As interações entre nós eram raras, a menos que duas Pousadas estivessem muito próximas e os Estalajadeiros fossem amigos. A maioria dos nossos acordos eram fechados com um aperto de mão e as comunicações realizadas pessoalmente ou por meio de canais criptografados. Em uma demonstração de grande confiança, Rodriguez me deu seu número de celular pessoal e eu o usei algumas vezes para pedir conselhos. Ele era a razão pela qual Orro resmungava e suspirava na minha cozinha. A equipe de Rodriguez seria capaz de lidar com um *Ku* sem problemas.

— Olhei para as coordenadas que você me passou, —disse Arland. — De acordo com nossos registros, este lugar é *Road Lodge*, uma parada de viajantes, uma taverna e uma estalagem no meio do nada onde os forasteiros ficam por uma noite ou duas antes de continuar viagem. O tipo de lugar que atrai invasores, bandidos e outros indivíduos de má reputação.

Maud sabia como se misturar.

— Por mais desagradável que seja essa possibilidade, devo perguntar o que acontecerá se sua irmã não estiver lá.

— Ela estará lá.

— Sua fé em sua família é algo digno de elogios, —disse ele. — Podemos encontrar resistência de inimigos. —Arland disse isso da mesma maneira que as pessoas diriam: *‘Podemos encontrar bolo de chocolate. Com glacê!’*

— Tenho certeza de que vamos. —Se não houvesse resistência, Maud não estaria se escondendo em algum buraco infernal.

— No caso disso acontecer, mais uma vez ofereço meu apoio total. Permita que eu seja seu escudo, Leide Dina. Para você e sua irmã.

— Obrigada, Lorde Arland.

Eu não tinha ideia de como o marido de Maud reagiria ao apoio de Arland

nisso. Melizard era o segundo filho do Marechal da Casa Ervan. Esperava que não houvesse nenhuma rixa entre as Casas Ervan e Krahr ou as coisas ficariam estranhas.

A porta à nossa frente se abriu e entramos em uma sala circular de observação, com duzentos e setenta graus de paredes de vidro transparente. Lá fora, através dos vidros, a galáxia se estendia em toda a sua glória, as *nebulosas*[26] distantes em uma centena de cores rodopiando entre as estrelas. Mesas e cabines pontilhavam o chão. Arland virou-se e levou-me por uma escada até uma sacada, onde uma longa mesa esperava por nós, cheia até a borda com comida, a maior parte parecia ser vários cortes de carne.

— É claro que as habilidades do meu chef não podem competir com o seu Quilloniano, mas acredito que você não irá ficar desapontada. —Arland puxou minha cadeira. — Por favor.

Eu sentei. Uma suave melodia, ao mesmo tempo calmante e assustadora, flutuava até nós de alguns alto-falantes invisíveis. À minha esquerda, Sean revirou os olhos.

Esta seria uma viagem interessante.

******

Arland estava certo. Karhari realmente era o fim da galáxia e eu estava tendo uma visão disso do meu assento no transporte de desembarque de Arland. O planeta era plano, seco, feio, se estendia por quilômetros sem nenhum alívio para os olhos. Seu solo era marrom, as plantas que cresciam eram marrom-esverdeadas, e os *Burs*, os gigantescos herbívoros que se moviam pelas planícies como pedregulhos felpudos, também eram marrons. Eu me mataria dentro de dois dias se tivesse que morar aqui.

O brasão da família de Arland concedeu-lhe o direito de entrar no espaço aéreo de Karhari, mas *Road Lodge* ficava muito distante do território de seu parente. Tecnicamente, era dentro do território de uma outra Casa, uma Casa local.

Arland tinha planejado desembarcar com uma equipe de seus soldados, mas a Casa local negou essa possibilidade. Palavras como *‘invasão’*, *‘provocação’* e *‘excursão armada’* foram usadas como argumento pela Casa local. Após negociações tensas, Arland ganhou o direito de levar um único transporte espacial e duas pessoas. Eu tinha que ser uma delas, porque Maud não confiaria

em ninguém além de mim, e insisti que Sean fosse a outra.

Quando nos conhecemos, durante sua primeira viagem a *Baha-char*, Sean encontrou uma loja administrada por um lobisomem veterano. A loja continha uma armadura especial feita especificamente para um lobisomem da estirpe alfa como ele. Quando ele a vestiu, a armadura se tornou parte de seu corpo. Normalmente Sean a mantinha escondida sob forma de tatuagens espalhadas em alguns pontos em sua pele, mas agora a armadura estava ativada e cobria seu corpo como um justo macacão preto. Peguei um vislumbre dela sob a gola de sua camiseta solta quando ele subiu no transporte.

O acordo que Arland fez, para conseguirmos entrar no planeta, especificava que nenhum de nós poderia transportar armas de combate. A lista do que não poderíamos levar era muito longa e eliminou quase tudo que Sean tinha em sua mochila. Sean e Arland tiveram uma longa conversa sobre isso e sobre a política das Casas dos Vampiros, no final, concluíram que estaríamos entrando em uma armadilha, mas teríamos que ir mesmo assim.

O terreno sombrio rolou do lado de fora da janela do transporte espacial. *Por que Maud? Por que Karhari? O que aconteceu com o castelo? A pequena Helen estava com ela ou Maud chegou aqui sozinha?* Quanto mais eu pensava nisso, mais me sentia angustiada. Nem Arland nem Sean me perguntaram por que minha irmã poderia estar nesse inferno, e eu era grata por isso.

— Ali está. —Arland apontou para uma estrutura retangular escura.

Montado a partir de placas de plástico duro pré-fabricado e cravejado com hastes de um metro e meio, o *Road Lodge* parecia tão hospitaleiro quanto a fortaleza invadida de *Mad Max*[27]. Puxei meu manto cinza de viagem em volta de mim. Quanto mais longe eu ficasse da pousada mais fraco seria meu poder, então eu trouxe algo dos dias que Klaus e eu ziguezagueamos pela galáxia tentando encontrar meus pais.

Eu nunca mais tive notícias de Klaus. Nem sabia onde meu irmão estava.

— Tem certeza de que não quer uma faca? —Perguntou Sean. Essa já era a segunda vez que ele me oferecia.

— Não, obrigada.

— Leide Dina estará perfeitamente segura na minha presença, —disse Arland.

Sean deu-lhe um olhar frio e voltou a sentar-se.

Leide Dina estará segura por conta própria. Olhei para a luva na minha

mão esquerda. Era mais uma *manopla*[28] do que uma luva, parecia que várias camadas de luvas de látex foram fundidas com super cola e depois mergulhadas em cera. Foi feita sob medida para a minha mão a partir da saliva endurecida de um raro animal alienígena. Apesar de sua espessura, era surpreendentemente flexível, e eu queria usá-la de qualquer jeito.

Não era pela luva. Eram as lembranças do que fiz quando a usei. Minha pele se arrepiou com a antecipação do que eu poderia fazer com ela.

Com sorte, iríamos até lá, pegaríamos Maud e quem quer que estivesse com ela, sairíamos rápido e tranquilo. *Rápido e tranquilo.*

Engoli. Meu coração estava acelerando e eu precisava me acalmar rapidamente. Vampiros eram como gatos, sensíveis a qualquer comoção. Eles me esmagariam se eu entrasse naquele lugar agitada, iriam se concentrar em mim. Eu não queria atrair atenção.

— O que a Casa local poderia ganhar armando uma armadilha para você? —Perguntei a Arland.

— Uma guerra com o representante da Casa Krahr neste planeta. Como eles são uma Casa local, provavelmente não têm ideia de nossas capacidades. Provavelmente querem o território do primo do meu tio. Ou talvez queiram alegar que eu os ataquei, dessa forma podem exigir uma compensação financeira. —Ele sorriu para mim. — De qualquer maneira, será emocionante.

O *Road Lodge* ficou ainda maior enquanto nos aproximamos dele. Sean vestiu um casaco cinza-escuro e puxou o capuz sobre o rosto.

Arland circulou o *Lodge* e aterrissou em uma pista de pouso, ao lado de uma dúzia de veículos diferentes.

A porta da nave se abriu e eu saí para a terra.

Espere, Maud. Estou chegando.

Sean pousou ao meu lado. Arland foi o último. Ele vestiu um manto escuro com um grande capuz que escondeu a maior parte do rosto dele, mas não fez nada para obscurecer o fato de que ele estava usando armadura. Arland jogou alguma coisa no ar. Com um zumbido baixinho, uma pequena esfera cinzenta do tamanho de uma *noz pecan*[29] pairou acima de nós.

— O que é isso? —Eu perguntei.

— Garantia, —disse Arland. — Ele enviará imagens ao vivo para a nave espacial. Aconteça o que acontecer, preciso de um registro. Me siga.

Arland se dirigiu para a entrada. Nós seguimos.

A porta se abriu quando nos aproximamos e entramos. Uma faixa de luz roxa deslizou sobre nós—um escâner de armas. A câmera de Arland passou pelo escâner sem disparar nenhum alarme e subiu em direção ao teto.

Um salão cavernoso se estendia diante de nós com um longo balcão de bar do lado direito e uma grande quantidade de mesas e cabines à esquerda. Uma grande gaiola de metal à esquerda, perto da porta, continha uma variedade de armas de fogo presas por uma fechadura de metal. A julgar pelo círculo de insetos mortos ao redor da gaiola, ela estava eletrificada. *Certo. O lugar era do tipo 'deixe sua arma na porta'.*

Uma escadaria no meio do salão levava ao andar de cima, provavelmente para os quartos de hóspedes. Grandes cabeças peludos de machos *Bur*, com chifres e presas, decoravam as paredes. Vampiros de todas as idades e tamanhos ocupavam as cabines e as cadeiras, todos vestidos em suas armaduras por baixo de grandes casacos. Aqui e ali, estranhos alienígenas bebiam bebidas esquisitas, observando os outros clientes com olhos cautelosos. O cheiro de hortelã e o profundo odor de bebida embriagadora de vampiro, carregada de cafeína, pairavam no ar.

Não havia nenhum bandeira identificando alguma Casa. Poeira no chão, sujeira nas mesas. O contraste entre a beleza primitiva da nave de Arland e este lugar era surpreendente. A Sagrada Anocracia, com suas leis e regras, estava muito distante daqui.

Ninguém se virou abruptamente ou olhou abertamente para nós quando chegamos, mas eles nos observavam, seus olhares frios e discretos pesavam bem entre as minhas costas. Nenhuma das pessoas se parecia com Maud.

Sentei no bar. Uma mulher vampira, vestida em uma armadura amassada e que já viu dias muito melhores, se virou para mim. — O que irá querer?

— Chá de hortelã. —Deixei cair moedas de crédito no balcão. Minha mãe sempre me dizia para manter moeda universal em mãos, mesmo que fosse apenas uma pequena quantia, e eu havia mexido em meu cofrinho para essa viagem.

Ela tirou as moedas do bar e olhou para os dois homens ao meu lado.

— Eu vou querer o mesmo dela, —disse Sean.

— Não vou querer nada. —O capuz do manto escondia a maior parte do rosto de Arland, mas a julgar pela curva de sua boca, ele mal podia conter seu

desgosto.

O chá chegou em copos duvidosamente limpos. Tomei o chá e abaixei meu capuz. *Estou aqui.*

Nada. Se Maud estivesse aqui, ela estaria me esperando. Continuei bebendo meu chá.

— Cara grande à esquerda, —Sean disse baixinho, o copo em seus lábios.

— Eu o vi, —disse Arland.

Um enorme vampiro, com o rosto cortado por uma cicatriz irregular, levantou-se de uma das mesas à esquerda e se dirigiu para nós. Ele era mais velho que Arland por pelo menos algumas décadas. Uma juba de cabelos escuros pendia solto pelas costas, e a julgar pela sua aparência gordurosa, esse cabelo não via um xampu a muito tempo. Arranhões, amassados e rasgos marcavam sua armadura, seu brilho preto original perdido além do reparo. Uma espada pendia de sua cintura, não a típica arma de sangue dos guerreiros da Anocracia, mas uma lâmina de corte de aparência selvagem.

Ele parou a alguns passos de Arland. — Você não é daqui.

— Quanta habilidade afiada de observação, —disse Arland.

— Armadura limpa. Boa aparência. Sabe o que fazemos com garotos bonitinhos como você aqui?

— Há algum roteiro? —Perguntou Arland. — Você faz esse discurso para todos que entram aqui, porque se assim for, sugiro que pule essa parte.

O vampiro rugiu, mostrando suas presas.

— Um desafio. —Arland sorriu. — Eu amo desafios.

O vampiro maior tentou puxar sua espada. Arland deu um soco no queixo dele. O outro vampiro voou alguns metros e caiu em uma cabine que convenientemente quebrou com o impacto.

O vampiro se levantou rapidamente e atacou Arland com a espada na mão. Arland se abaixou desviando do golpe e deu um pequeno soco brutal nas costelas do vampiro. Um estalo alto soou, como uma dúzia de fogos de artifício disparando ao mesmo tempo, enquanto a armadura do vampiro se abria ao longo de uma costura invisível. Arland agarrou a borda protuberante do peitoral da armadura e a puxou para cima. A armadura rangeu e desmoronou. O vampiro mais velho caiu no chão, com o braço direito imobilizado, o esquerdo exposto.

— Bom, —disse Sean.

— Se alguém vai usar uma armadura, deve mantê-la funcionando adequadamente, —disse Arland.

Arland esperou que o vampiro começasse a se levantar antes de dar uma joelhada no rosto dele.

Sangue derramou do rosto do vampiro. Arland o chutou. O atacante entrou em colapso e ficou imóvel.

— Mais alguém? —Perguntou Arland.

Sete vampiros se levantaram de uma só vez.

— Você não consegue ficar com essa boca fechada, não é? —Sean disse, puxando uma faca grande com uma lâmina curva verde escura da bainha em sua cintura.

— É melhor acabar logo com isso. —Arland arrancou o manto e o jogou de lado. Seu rosto enrugou em um grunhido feio, mostrando suas presas.

Mais cinco vampiros se levantaram. Isso não terminaria bem.

— Fique atrás de mim, —Sean me disse.

Uma figura com um manto marrom esfarrapado pulou na mesa atrás dos vampiros, puxou uma espada de sangue e uma adaga para fora, correu para o vampiro em pé mais próximo e cortou a cabeça dele.

Os vampiros rugiram.

O espadachim desconhecido se moveu pela sala, correndo sobre as mesas, cortando e fatiando como um redemoinho. Todos se moveram de uma só vez. Pessoas gritaram, puxaram armas e derrubaram mesas.

Alguns correram para os fundos, outros nos atacaram. Sean correu para a frente, abrindo caminho entre os atacantes.

Um vampiro agarrou o manto esfarrapado do espadachim desconhecido e o puxou. O manto se soltou, revelando Maud vestida em uma armadura Syn, seu curto cabelo preto balançou. Ela caiu de joelhos na mesa e enterrou a adaga na garganta dele. Sangue espirrou no rosto dela. Maud puxou a adaga para fora com um pequeno puxão, rolou sobre a mesa, assim que outro vampiro a quebrou com um golpe de sua clava de sangue, ela cortou o rosto do vampiro com sua espada.

Ao meu lado, Arland estava paralisado.

Estendi a mão e empurrei seu queixo, fechando sua boca. — Arland!

Ele olhou para mim, como se acordasse de um sonho.

Apontei para Maud. — Ajude a minha irmã!

Por meio segundo, atordoado, ele me encarou, e então tirou sua clava de sangue, rugiu e rasgou a massa de corpos como um touro furioso.

Eu agarrei o punho do *Chicote de Energia*[30] na minha mão direita e o apertei. Um fino filamento flexível deslizou dele, tocando a ponta no chão. *Havia Maud. Havia Sean e Arland. Onde estava a pequena Helen?*

Eu me movi para frente, abrindo caminho pela briga até onde Maud estava antes de iniciar a luta. Uma vampira me atacou, sua boca se abriu, sua arma levantada para matar.

Sean jogou o atacante de lado e se virou para mim.

Eu sacudi meu pulso. O filamento se acendeu em amarelo brilhante e o Chicote de Energia cortou a vampira que se aproximava. Ela uivou, o corte profundo quase dividiu seu peito em dois instantaneamente. Balancei o chicote novamente—ela não iria se recuperar dessa lesão de qualquer maneira—e sua cabeça rolou para fora do pescoço. Esse era o problema com um Chicote de Energia. Uma ferida no tronco quase sempre significava uma morte lenta e dolorosa.

Continuei me movendo.

Uma cadeira voou em minha direção. Eu me abaixei e corri direto para um vampiro. Ele me agarrou, empurrando meu pescoço para a boca. Segurei a ponta do filamento do Chicote com a mão esquerda—a luva que eu usava era a única coisa que o Chicote não iria cortar—e golpeei o rosto do vampiro com o filamento do Chicote esticada. A correia cortou o capacete e os ossos, e a metade superior do crânio do vampiro caiu no chão. O corpo caiu e me puxou com ele. Rolei para o lado, me arrastei por debaixo de uma mesa, fiquei em minhas mãos e joelhos e vi uma pequena forma sob outra mesa à distância.

— Helen!

A pequena criatura debaixo da mesa se virou para mim. *Encontrei você.*

Eu me arrastei por debaixo da mesa e fiquei em pé. Na minha frente vampiros entraram em confronto, todos eram vampiros locais—sempre que havia uma grande briga, as pessoas aproveitavam para acertar contas pessoais. Eu sacudi meu Chicote, alongando-o. Ele fez um estalo elétrico agudo. Uma vez que se ouvia esse estalo, nunca mais esquecia. De repente, o caminho na minha frente ficou limpo. Eu corri pela abertura, caí de joelhos e puxei Helen de debaixo da mesa. Ela se agarrou a mim, uma menina de cinco anos com cabelos

claros e os olhos verdes redondos de um vampiro.

— Tia Dina!

Ela lembrou de mim! — Estou aqui.

Eu me mexi, apoiando seu peso com o meu braço esquerdo. Um vampiro nos atacou. Helen silvou, puxou uma faca e o atacou. O vampiro se inclinou, desviou da faca de Helen e balançou sua clava na nossa direção. Sean se jogou na minha frente, segurando a clava no meio do golpe. O vampiro se esforçou. Sean o cortou, a lâmina verde fatiando a armadura como uma faca afiada através de uma pera.

— Siga-me.

Eu o segui através da luta. No meio do caminho para a porta de entrada, Maud apareceu ao meu lado, suas lâminas ensanguentadas.

— Arland! —Sean rugiu, sua voz superando a cacofonia da luta.

Eu me virei e vi o Marechal, coberto de sangue, berrando como um touro, enquanto sua clava reduzia armaduras e ossos a uma polpa sangrenta.

— Arland! —Gritou Sean novamente.

O Marechal nos viu e então se virou. Nós saímos pela porta da frente e corremos para o transporte escuro e brilhante de Arland. As portas se abriram— Arland deve ter ativado o controle remoto—e Sean saltou para o assento do piloto e começou a ligar os interruptores.

Maud subiu no banco do passageiro e entreguei Helen para ela.

Um amontoado de vampiros saiu pela porta. O amontoado se desfez, revelando Arland rosnando, presas à mostra.

Ele balançou a clava e quebrou o crânio de um atacante, agarrou outro pelo pescoço com a mão esquerda, estalou o pescoço e o jogou de lado como uma boneca de pano. As sobrancelhas de Maud subiram. Ela parou por um segundo, enquanto deslizava Helen para as restrições do assento. — Quem diabos é ele?

— Lorde Marechal da casa Krahr.

Eu caí no assento ao lado dela.

Arland atacou o último atacante, correu para o transporte e pulou para o assento ao lado de Sean. A minúscula câmera esférica fechou a cabine atrás dela.

Uma multidão gritando explodiu para fora das portas e correu para o nosso transporte espacial.

— Você sabe pilotar, lobisomem? —Arland gritou.

— Apertem os cintos. —Sean puxou uma alavanca.

O transporte voou para o céu.

Minha irmã abraçou a filha para ela.

— O que aconteceu? Onde está Melizard? Onde está seu marido?

— Melizard está morto, —disse Maud, com os olhos assombrados. — Ele liderou uma revolta contra sua Casa. Eles o despiram de todos os títulos e posses e nos enviaram para Karhari. Oito meses atrás, Melizard tomou uma decisão errada e foi morto.

— Nós matamos os assassinos de volta, —Helen me disse.

— Sim, minha flor. —Maud acariciou o cabelo da filha, um sorriso misterioso em seus lábios. — Sim nós os matamos.

Capítulo 3

O transporte atracou. Arland, ainda sentado no seu assento, encarou Sean, examinando-o.

— Onde aprendeu a pilotar os transportes espaciais da Sagrada Anocracia?

— Wilmos, —disse Sean. — Um velho lobisomem em *Baha-char*. Eu devia um favor a ele por causa da armadura que ele me deu, então trabalhei como mercenário por algum tempo. Wilmos me deu um curso intensivo.

Arland fez um barulho curto que era o equivalente um *‘rumm’* vampiro, mas soou muito como um rosnado profundo.

As portas do transporte se abriram. Três vampiros esperavam, dois homens e uma mulher. Um deles, um homem mais velho, carregava uma pilha de toalhas finas.

Arland saiu, pegou uma das toalhas e limpou o rosto. A toalha saiu ensanguentada.

— Tire-nos daqui antes que eu sucumba à tentação e inicie um bombardeio cinético desse lixo de planeta, —Arland rosnou.

A vampira se curvou e decolou, emitindo comandos em seu comunicador.

O outro vampiro verificou seu tablet. — Meu Senhor, seus ferimentos ...

— Vocês precisam de atenção médica? —Arland nos perguntou.

— Não, —Maud e eu dissemos ao mesmo tempo.

Arland olhou para Sean. Sean balançou a cabeça.

— Leide Dina, posso ter um minuto de sua atenção? —Arland perguntou.

Maud estava à minha direita e eu peguei um lampejo de pânico em seus olhos. Foi muito breve, mas fez meu estômago revirar. Minha infância teve poucas verdades inabaláveis, mas uma delas era que minha irmã mais velha não tinha medo de nada. Maud nunca recuava e nunca pedia ajuda. Quando eu era criança e alguém criava algum problema comigo, era Maud que eu chamava, porque depois que ela falava com eles, nunca mais se mentiam comigo.

O vampiro com o tablet tentou novamente. — Seus ferimentos ...

— São mínimos, —disse Arland. — Leide Dina?

— Claro.

Nos afastamos algumas dezenas de metros. Olhei para Maud. Helen estava de pé ao lado dela, abraçando a sua perna. Minha irmã parecia pronta para sacar a espada a qualquer momento.

— Você não me disse que sua irmã era casada com um Cavaleiro da Sagrada Anocracia.

— Eu sinto muito. Estava focada em resgatar ela e minha sobrinha.

— Não estou chateado, —disse Arland, olhando para Maud e franzindo a testa. — Mas não gosto de ser enganado.

— Não foi minha intenção enganá-lo. —*Sim, foi. Uma mentira por omissão ainda era uma mentira.* Eu teria dito a ele qualquer coisa para tirar Maud e Helen de lá e não queria arriscar que a política dos vampiros interferisse nisso. — Eu não tinha certeza da situação da minha irmã. Lamento se isso causará problemas entre a Casa Krahr e a Casa Ervan ...

— O que? —Arland recuou. — Não. Não me importo com o que a Casa Ervan pensa. Se eu colocar um quarto da nossa frota, ainda será três vezes maior do que todo o exército que a Casa Ervan possui. Não estou falando sobre isso. Estou falando sobre ... —Ele acenou com a mão, tentando encontrar as palavras certas.

— Lorde Arland, às vezes falar claramente ajuda.

— Espada, —ele disse. — Ela tem uma espada de sangue.

— Sim, ela tem. —Para onde ele estava indo com essa conversa?

— Ela matou quatro vampiros e mutilou outros dois.

Eu assenti. — Sim, ela fez. —E aparentemente ele perdeu tempo contando os feitos de Maud na luta.

— Ela está usando uma armadura Syn de vampiro. Essa armadura foi personalizada e a costura do lado esquerdo é recente. Quando alguém sela um corte na sua armadura enquanto ainda está no seu corpo, é preciso mover a ferramenta de vedação de fora para dentro, criando um padrão em relevo, apontando em direção ao centro do corpo como pode ser visto na armadura de sua irmã. Assim parece mais natural e permite avaliar o risco de colapso estrutural se os nanofios dentro da armadura estiverem comprometidos. Quando se sela a armadura com ela fora do corpo, o padrão é invertido, porque quando passamos pelo processo de vestir a armadura, a tendência é repará-la movendo a ferramenta do centro do corpo para fora.

— Que?

— Não importa. O que quero dizer é que ela reparou sua própria armadura. Não achou seguro tirá-la, e fez isso enquanto a usava. Isso requer habilidade e experiência. Um movimento em falso, e ela poderia ter se ferido criticamente.

Ah, Maud. — Não vejo onde você quer chegar.

Arland passou a mão pelos cabelos, exasperado. — De minhas interações com a esposa de meu primo, sempre achei que as mulheres da Terra eram criaturas delicadas, poderosas a sua maneira, mas não como as mulheres da Sagrada Anocracia quando se trata de proezas marciais. A esposa do meu primo não usa armadura Syn nem carrega armas de sangue.

Fiz uma anotação mental para apresentá-lo a uma luta feminina do campeonato de *MMA*[31] na próxima vez que ele visitar a pousada. — Lord Marechal, não tenho idéia de que tipo de mulher é a esposa de seu primo. Assim como vampiras a todos os tipos de mulheres humanas. Por exemplo, não gosto de violência, mas matarei para proteger minha família e meus hóspedes.

— Sim, mas eu acreditava que você era uma exceção devido à sua posição única.

— Eu não sou uma exceção. A maioria das mulheres da Terra fará o que for necessário para proteger seus entes queridos e, embora nossa cultura seja menos bélica que a sua, existem mulheres guerreiras humanas. Maud sempre foi muito boa com armas e nunca hesitou em usá-las. Tenho certeza de que, ao ser casada

com um guerreiro pertencente a uma Casa da Sagrada Anocracia, ela teve que lutar pela honra da Casa mais de uma vez. Ser exilada em Karhari, onde precisou defender a si própria e à minha sobrinha, provavelmente aprimorou suas habilidades, portanto, se não se importar com alguns conselhos, trate-a como trataria qualquer lutadora habilidosa vampira. Será mais seguro para todos os envolvidos.

Arland olhou para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez. *Sim, a princesa que você estava esperando vestia armadura e matava dragões. Sinto muito.*

— Lorde Arland, minha sobrinha está coberta de sangue. Se não se importa, eu gostaria de levá-la para minha cabine, onde posso dar um banho nela.

— É claro, —ele disse.

Voltamos para Maud, Sean e Helen. Minha irmã procurou meu rosto, esperando. Sob nossos pés, o chão estremeceu um pouco quando a enorme nave acelerou em direção ao portal que nos catapultaria incontáveis bilhões de quilômetros através da galáxia.

— Vamos lá, —eu disse a ela. — Lorde Arland me proporcionou, com muita cortesia, uma cabine muito grande. Vamos nos limpar.

******

A cabine que Arland providenciou para mim não era apenas espaçosa, era luxuosa e decorada com um lindo esquema de cores cinza-azulado, azul e rosa, que eu copiaria descaradamente na próxima vez que um vampiro visitasse à Pousada. A porta atrás de nós se fechou.

Eu me virei e abracei Maud. Ela me abraçou de volta.

Helen agarrou meu manto. — Abraços.

— Abraços. —Soltei Maud e a peguei. — Como você se lembra de mim? A última vez que te vi, você era muito pequenininha. —Eu segurei meu polegar e indicador cerca de uns cinco centímetros de distância.

Helen riu, mostrando suas presas. — Mamãe me mostrou fotos. Ela disse que se ela morresse, você cuidaria de mim.

Toda a diversão saiu de mim.

— Eu vou cuidar de você, —eu disse. — Sempre. E começaremos com um

banho agora.

— Com água?

Eu nem queria saber por que ela perguntou isso.

— Com toda a água que quiser, —disse Maud. — Toda a água de todos os tempos.

Eu a carreguei no colo até o banheiro. Havia uma enorme banheira no meio do banheiro, chumbada no chão para que não se movesse quando a nave manobrasse.

Liguei a água. Helen tirou as roupas. Sujeira e sangue se misturaram em uma espécie de pasta que destruiu o tecido além do ponto de conserto.

— Dina, —disse Maud.

— Acho que as roupas dela são uma causa perdida, —eu disse.

Helen pulou na banheira e espirrou. Redemoinhos escuros espalharam-se através da água. Maud tinha um olhar muito estranho no rosto, meio dor, meio felicidade.

— Lave seu cabelo, bebê, —disse minha irmã, agarrou meu braço e me puxou para fora do banheiro.

— O que foi?

— Dina, não quero criar problemas para você. Vocês podem nos deixar em qualquer lugar fora do território da Sagrada Anocracia.

— Do que está falando?

Sua voz era calma, mas urgente. — Melizard desonrou sua Casa. Eles não apenas o exilaram, mas removeram todos os vestígios de sua existência da árvore genealógica. É como se ele nunca tivesse nascido, eu nunca fui sua esposa e Helen nunca foi sua filha ou um filho da Casa Ervan. Dois terços dos exilados enviados para Karhari morrem nos primeiros três anos. Antes de nos enviarem, implorei, —sua voz falhou e ela engoliu em seco, — implorei de joelhos a mãe de Melizard, pedi que ela cuidasse de Helen, para que nossa filha não tivesse que se exilar conosco. Aquela cadela me olhou diretamente nos olhos e ordenou a seus guardas que tirasse os estranhos de sua casa. Não posso voltar para a Sagrada Anocracia.

— Não estamos voltando para Sagrada Anocracia.

— Eu não quero criar problemas entre você e seu vampiro. Coloquei você

em uma posição delicada e sinto muito. A Casa Krahr é uma das Casas mais poderosas. —Ela levantou as mãos. — Olhe para esta nave. Não quero estragar as coisas para você.

— Isso não é um problema.

Na banheira, Helen mergulhou e reapareceu, rindo.

— Dina, eu vi o rosto dele quando vocês dois estavam conversando.

— Você o impressionou. O primo dele é casado com uma humana e Arland tem um estranho fascínio pelas mulheres da Terra. Ele acabou de descobrir que nem todas nós somos flores delicadas. Arland estava me explicando fascinado a sua proeza de ter selado a sua armadura vestida nela. Ele estava tentando entender como você conseguiu isso.

Maud franziu a testa. — Não há nada entre vocês dois?

— Não.

— Então como? —Ela levantou os braços, apontando a nave.

— Pedi um favor a ele. Ele se ofereceu, na verdade.

— O Marechal da Casa Krahr simplesmente se ofereceu para usar a sua nave de guerra e me resgatar porque você pediu a ele?

— Sim.

Ela olhou para mim. — Por quê?

— Ele é um hóspede frequente da Pousada e sentiu-se obrigado a ajudar. Pouco tempo atrás hospedamos uma Conferência de Paz que salvou muitas vidas de vampiros e resultou muito lucro para a Casa Krahr. Além disso, ele é um homem gentil.

— A Pousada? Você encontrou mamãe e papai?

A dor me apunhalou direto no coração. — Não. Minha Pousada. Gertrude Hunt.

Ela olhou para mim, seu rosto em branco.

— Sou Estalajadeira, —disse a ela. — Nós não estamos indo para a Sagrada Anocracia. Estamos voltando para a Terra, para minha Pousada. Estamos indo para casa.

Todo o sangue foi drenado do rosto de Maud. Ela olhou para mim como se não entendesse, então seu lábio tremeu e minha irmã chorou.

******

É incrível a quantidade de sujeira que pode sair de uma menina. Quando finalmente arrancamos Helen do banho, a água estava marrom lamacenta. Nós a secamos com uma toalha e a vestimos em uma das minhas camisetas. Ela bocejou, enrolou-se nas cobertas macias e estendeu as mãos. — Punhais.

Maud entregou seus dois punhais em bainhas escuras. Helen abraçou os punhais e adormeceu. Maud a cobriu gentilmente com um cobertor.

Tirei uma camiseta e um jeans da minha mochila. Maud era mais alta que eu uns cinco centímetros e tinha um corpo diferente do meu. Nós duas tínhamos a bunda e os quadris de mamãe, mas as pernas de Maud eram mais musculosas e os ombros mais largos. Eu ofereci as roupas a ela.

— Tive que adivinhar o tamanho. Vá se limpar. —Eu disse a ela. — Vou ficar de olho nela.

Maud tocou o local em sua armadura onde o brasão da Casa de seu marido deveria estar e fez uma cara feia. — Velhos hábitos.

Eles lhe arrancaram o brasão quando expulsaram ela e o marido da Casa Ervan.

Ela dobrou o braço esquerdo, deslizou para o lado uma placa da armadura de aparência volumosa, pelo menos dois tons mais claro que o resto das placas de cor de carvão que formavam a armadura e digitou um código. Se Arland visse isso teria um ataque cardíaco pela total ineficiência do sistema na armadura de Maud. Era como tentar digitar comandos em um computador, exceto que, no lugar do teclado, tinha uma máquina de escrever antiga e precária, com metade das letras faltando.

Alguns segundos se passaram. Maud arreganhou os dentes. — Funcione, maldito seja. —Ela bateu o braço em uma divisória. Com um leve sussurro, a armadura Syn se abriu, separando-se em pedaços individuais. Maud arrancou o peitoral, os protetores de pulso, as ombreiras, as mangas, um a um, juntando-os em uma pilha contra a parede, até que ficou somente vestida em um macacão azul escuro. O macacão já tinha visto dias melhores—os cotovelos estavam surrados. O cheiro de suor, sangue e corpo humano que não tinha sido lavado por muito tempo se espalhou pela quarto. Eu torci o nariz.

— Estou fedendo? —Ela perguntou.

— Não. Você cheira a um lírio fresco no meio de uma lagoa cristalina.

Ela mostrou a língua para mim, pegou as roupas e desapareceu no banheiro.

Alguém bateu na porta, gentilmente, quase se desculpando.

— Aberta, —eu disse. A porta da cabine deslizou para cima, revelando um vampiro carregando uma caixa redonda preta com cerca de meio metro de altura e um metro de diâmetro.

— Com os cumprimentos do Lorde Marechal, —ele disse e partiu.

Pareceu uma eternidade antes que Maud finalmente saísse do banheiro. As roupas se encaixaram nela o suficiente, e se eu ignorasse o olhar em seus olhos que dizia ter visto muita coisa ruim, quase poderia fingir que era a velha Maud na minha frente, antes que nossos pais desaparecessem e Klaus se perdesse na vastidão estrelada do Cosmos. Exceto pelo cabelo dela. A última vez que nos vimos, Maud tinha uma longa cachoeira de cabelos até a cintura, como a maioria das mulheres vampiras. Ela amava o cabelo dela.

Maud viu a caixa de ferramentas.

— Arland lhe enviou um kit de reparo de armadura, —eu disse a ela.

— Quão atencioso. —Sua voz tinha um toque de gelo. Ela olhou para caixa e sorriu.

— O que foi?

— Acabei de perceber que não preciso mais usar a armadura. —Ela fez uma pausa. — Mas provavelmente devo consertá-la de qualquer maneira. Nunca se sabe.

Ela se sentou de pernas cruzadas no chão em frente ao kit e tocou sua superfície polida. A caixa se dividiu em pétalas curvadas a partir do centro, iluminadas por dentro por um suave brilho pêssego. O kit se abriu como uma flor, seu centro deslizou para cima, transformando-se e abrindo-se em uma torre de prateleiras contendo pequenas ferramentas intrincadas e vários frascos de cristal cheios de líquidos coloridos: *vermelho, preto, perolado e pêssego.*

Maud puxou o peitoral da armadura para perto, pegou um pano de uma das prateleiras, borrifou uma solução perolada e esfregou na armadura. Sujeira e poeira se dissolveram quase instantaneamente, revelando o material preto da armadura por baixo.

Havia um tipo de ritmo hipnótico nisso: *passe o líquido, aguarde um momento enquanto a solução evapora, esfregue-o.*

— O que aconteceu com seu cabelo?

— Cortei no dia em que nos jogaram em Karhari. Era muito difícil mantê-lo limpo. A água é preciosa em Karhari. Não há quase nenhuma na superfície. Chove bastante durante a estação chuvosa, mas a crosta superior do planeta é uma rocha porosa. Toda a água da chuva penetra e se acumula nos rios subterrâneos. Eles perfuram o solo para extrair a água, da mesma maneira como extraímos o petróleo. Quando a água passa pela rocha, é contaminada por alguns sais desagradáveis e precisa ser purificada ... encurtando a história, a água em Karhari é muito cara.

Isso explica.

— Sempre conseguimos ganhar dinheiro suficiente para nos manter hidratados, —disse ela. — E a carne era fácil de encontrar. Os *Burs* são violentos quando provocados, mas são bem estúpidos também.

— Do que vocês viviam?

— Contratos.

Ela terminou de limpar a armadura, pegou um escâner da prateleira e passou por cima do peitoral. Ele fez um toque musical suave. Ela colocou de volta, selecionou um instrumento fino em forma de agulha na prateleira e tocou cuidadosamente em uma das extremidades. Filamentos finos brilhando na cor de pêssego desenrolaram da ponta da agulha e deslizaram através da área danificada no material da armadura, reparando-o.

— Exilado ou não exilado, Melizard ainda era filho de um Marechal. Todo esse treinamento e experiência valeram alguma coisa, e eles não nos tomaram nossas armaduras, nossas armas ou nossas habilidades. Então, viajávamos de casa em casa, de loja em loja, e aceitávamos qualquer trabalho disponível. Normalmente postos de guarda ou vagas de forças de segurança privadas. Trabalhamos em uma empresa de mercenários por um tempo e estava quase tudo bem. —Maud olhou para mim. — Ainda era horrível, mas a empresa tinha uma base murada, tínhamos nosso próprio quarto e podíamos ir trabalhar sabendo que Helen estaria a salvo. Éramos muito requisitados e o pagamento era decente para os padrões de Karhari.

— O que aconteceu? —Eu tinha uma forte suspeita de qual seria a resposta.

— O que sempre aconteceu. —Ela parecia amarga e cansada. — Melizard.

Maud digitou um código em um pequeno terminal dentro do kit. Os filamentos ficaram verdes claros e tricotaram a armadura para trás, desta vez reparando os amassados.

— Ele esperou cerca de seis meses até achar que tinha conseguido apoio suficiente e começar a organizar uma rebelião. Melizard não gostava do tipo de trabalho que estávamos fazendo e, achava que se estivesse no comando, conseguiria trabalhos melhores para ele e para os outros e as coisas seriam mais justas. Essa era sua palavra favorita. *Justiça.* Não bastava ser respeitado e ganhar uma vida decente. Ele tinha que estar no comando e não queria esperar por isso.

— Então expulsaram vocês? —Imaginei.

— Eles *o* expulsaram. Disseram-me que Helen e eu poderíamos ficar.

— Mas você não ficou.

Ela olhou para mim por um segundo. — Não. Não fiquei.

O Melizard que eu conhecia era o perfeito filho mais novo: *ofuscantemente bonito, espirituoso, carismático, com um sorriso brilhante, do tipo que lhe dizia imediatamente que podia confiar nele porque ele era um bom homem, mesmo que algumas vezes ele não fosse tão bom assim.* Ele era o filho do Marechal da Casa Ervan, bonito, rico, uma lenda no campo de batalha quando conheceu Maud, o tipo que jovens vampiras sonham. Maud se apaixonou por ele com força, mas ela negou essa paixão por um bom tempo. Eu tinha dezesseis anos quando eles se conheceram. Melizard a cortejou por dois anos. Maud era como um cisne. Era difícil ganhar a lealdade dela, mas uma vez que se conquistava isso, era para toda a vida.

— Foi isso que aconteceu com a casa Ervan?

Ela assentiu. — Algo parecido. Depois que fomos expulsos da empresa de mercenários, eu disse a ele que era a última vez. Que ele não se importava comigo ou com Helen, e tudo o que ele tinha eram essas ambições idiotas que nos levaram ao meio de uma terra devastada, mais de uma vez. Se ele fizesse isso mais uma vez, ficaria sozinho. Melizard me jurou que resolveria as nossas vidas. Ele fez tudo o que pôde: *prometeu, implorou, sorriu aquele sorriso encantador, exceto que eu já não acreditava mais nele*.

— Então por que ficou com ele?

Ela olhou para Helen dormindo debaixo das cobertas. E instantaneamente eu soube a resposta. Helen deve ter adorado o pai com todo o seu coraçãozinho. Melizard era muito amável, bonito e engraçado. Levaria anos para ela descobrir que ele era na verdade um pai terrível.

Maud inspecionou o reparo da armadura. Era como se a área danificada nunca estivesse lá. Ela mordeu o lábio inferior, girando a armadura sob a luz de

um lado para o outro e passou para outra área danificada.

— Depois disso, a Casa Kor o contratou, —disse ela. Para ser o sargento deles. Eles estavam em uma disputa de território com outra Casa, e o conflito estava ficando feio. Eles não me quiseram, contrataram apenas Melizard. Precisavam de alguém habilidoso em táticas, com alguma notoriedade, e precisavam dele rápido, porque a outra Casa estava sendo muito ofensiva. Melizard aceitou o trabalho. Ele treinou os soldados, revisou todo o exército e fez o que sempre fazia quando o colocavam no campo de batalha: *destruiu seus inimigos.* A outra Casa percebeu que Melizard tinham que ser eliminado.

— Eles o mataram?

— Não. —Maud fez uma pausa e olhou para mim. — Ofereceram a Melizard o dobro do dinheiro. A Casa oponente não queria que ele lutasse por eles. Só queriam que ele se afastasse do conflito.

— Ele não aceitou, certo?

— Não. O idiota aceitou o dinheiro.

— Você está falando sério?

— É como se aquele planeta lentamente o deixou louco, corroeu sua alma pedaço por pedaço. Eu nem o reconhecia mais. Ele pegou o dinheiro sujo e teve a audácia de me dizer que fez isso por mim e por Helen. Que eu, a horrível bruxa que sou, o acusei de não cuidar de sua esposa e filha, que quando aceitou o dinheiro, estava pensando em nós duas e como ficaríamos se ele morresse em batalha.

Tentei reconciliar o Melizard de minhas memórias com esse que Maud descrevia e não consegui.

— Segundo ele, a Casa Kor não tinha chances de vencer o conflito e que todas as vitórias até ali tinham sido temporárias. Mas Melizard os treinou muito bem e acabaram vencendo o conflito. A Casa Kor descobriu depois o que aconteceu, contrataram uma gangue de assassinos e nos rastrearam em outra província. Eles combinaram com uma Casa local para oferecer um emprego lucrativo a Melizard e quando meu marido mordeu a isca, o mataram. Eu presenciei tudo.

Sua voz perdeu toda emoção, como se estivesse falando de algo completamente sem importância.

— Eu deveria ter ido com ele, mas no último minuto Melizard me disse para ficar para trás, quase como se tivesse tido uma premonição. Helen e eu

estávamos deitadas em uma colina próxima quando o cortaram em pedaços enquanto ele ainda estava vivo e depois queimaram o corpo dele. Eles colocaram a cabeça em uma estaca e a colaram na parede da sede da Casa.

— Helen viu?

— Não. Eu cobri os olhos dela. Mas ela viu a cabeça. Não havia como contornar isso. —Maud olhou para ela. — Ela me surpreende. É minha filha. Saiu de mim. Eu estava lá. Mas há momentos em que ela faz coisas estranhas e eu não sei se é estranho humano ou estranho vampiro. Este foi um desses momentos. Você acha que uma criança tão jovem não seria capaz de entender a morte, mas de alguma forma ela descobriu que seu pai não voltaria e que uma dívida de sangue tinha que ser paga. Pensei que ela ficaria de coração partido, e ficou por alguns dias, então se recuperou como se nunca tivesse acontecido. Talvez seja porque Melizard passava tão pouco tempo com ela nos últimos dois anos. Ele quase sempre estava trabalhando. Ela se acostumou com a ausência dele. Eu não sei como funciona a cabeça dela.

Eu também não. Eu era a filha caçula. Não convivi com outras crianças pequenas, uma criança de cinco anos era um novo território para mim. — O que aconteceu depois que ele morreu?

— Uma dívida de sangue precisava ser paga. Então eu os encontrei, um por um, e matei todos eles. Levou a maior parte desses últimos oito meses.

Essa era minha irmã. Ela viu o marido ser assassinado e depois caçou seus assassinos contra probabilidades impossíveis, o tempo todo tentando proteger a filha, e descreveu tudo isso como se estivesse descrevendo um passeio a um supermercado na terça-feira.

— Quando terminei, eu tinha uma lista de um quilômetro e meio de comprimento de parentes uivando por vingança e duas propostas de casamento. —Maud pegou outro pano do kit, borrifou um líquido preto nele e poliu o peitoral.

— E você não aceitou as propostas? —Eu pisquei para ela.

— Não quero mais nada com vampiros. O inferno congelará antes que eu deixe qualquer um deles em algum lugar perto de mim ou Helen. São todos iguais. De qualquer forma, não havia futuro em Karhari. Você era minha última esperança.

— Por que enviar uma mensagem por um *Ku*? —Eu perguntei.

— Bem, eu não tinha muitas opções, —disse ela. — E este *Ku* estava

pegando carona no navio de um Árbitro.

— Sério? —Por que tive um pressentimento estranho sobre isso?

— Um Árbitro parou em uma loja onde Helen e eu estávamos escondidas.

— O que? —Não poderia ser.

— Não faço ideia do que ele estava fazendo em Karhari. Nunca vi um Árbitro de perto antes. Homem bonito, cabelos loiros dourados. Andava com uma bengala.

George. Assim como eu suspeitava. O homem que orquestrou a Conferência da Paz.

— De qualquer forma, ele parou na minha mesa e disse que eu parecia com alguém que ele conheceu na Terra e como era estranho ver alguém como eu e Helen naquele lugar miserável. E eu disse que era da Terra e ainda tinha família no planeta. Ele me disse que não iria à Terra tão cedo, mas que estaria parando nas proximidades para deixar alguns clientes e que um *Ku*, que pegava carona com ele, trabalhava em entregas, por isso, se eu escrevesse uma mensagem, ele daria um jeito de que ela chegasse à minha família. Foi um tiro no escuro. Nunca pensei que iria funcionar.

George sabia exatamente quem Maud era. Claro que sabia. Provavelmente iria querer algo em troca, se não agora, depois. Aquele homem nunca fazia nada sem calcular todas as variáveis. E eu não me importava. A partir de agora, George poderia voltar a frequentar livremente a Pousada pelo resto da vida dele.

— Obrigada por vir me buscar. —Ela estendeu a mão para mim e eu a abracei.

— Vai ficar tudo bem, —eu disse a ela como nossa mãe costumava me dizer quando tudo estava sombrio e tudo que eu podia fazer era chorar.

— Vai ficar tudo bem, —minha irmã repetiu e me abraçou de volta.

Capítulo 4

Andava de um lado para o outro diante do portal circular do tubo de transporte. Chegaríamos a qualquer momento ao ponto de alcance da Terra. Quando isso acontecesse, o espaço vazio definido pelo portal ficaria vermelho-sangue, entraríamos no tubo e estaríamos em casa. Se a casa ainda estivesse de pé.

Maud e Helen foram ao riacho para ver os peixes coloridos, mas não antes de Maud me dizer que eu havia me transformado em nossa mãe e depois riu disso. Pelo menos ela ainda podia rir.

— Se você continuar andando, seus sapatos começarão a sair fumaça devido ao atrito, —disse Sean.

Quase pulei. Não o ouvi se aproximar atrás de mim. Eu me virei e lá estava ele, vestindo seu jeans habitual e uma camiseta, barbeado. Seu cabelo ainda estava um pouco úmido. Deve ter acabado de sair do banho. A mochila pesada repousava sobre suas costas, a pequena mochila estava em suas mãos. A armadura subcutânea que ele ganhara de Wilmos havia encolhido e se transformado em tatuagens em forma de redemoinhos, as bordas escuras do desenho apareciam debaixo das mangas e acima da gola.

— Oi.

— Oi, —ele disse.

Lembrei que nem sequer o agradeci ontem. Acabei pegando Maud e me afastando, depois não saí da suíte durante toda a viagem de volta. Não que isso fosse muito tempo—cerca de doze horas—mas mesmo assim.

— Obrigada por me ajudar a resgatar minha irmã.

— Não há de que.

Ajudaria se eu parasse de olhar para ele como uma idiota.

— Como ela está?

— Maud? —*Sim, sobre quem mais ele estaria perguntando? Ugh*. — Ela é resiliente.

— Olhe para ela, —Sean murmurou.

Quando se pega uma criança e a segura, é natural dobrar um pouco o corpo de lado e colocar a criança apoiada em um dos seus quadris. Nas fotos, vi minha mãe fazendo isso comigo e com Maud quando ela nos segurava. Quando peguei Helen, inconscientemente fiz a mesma coisa. Maud segurava Helen para ela poder ver melhor os peixes, mas seus quadris estavam perfeitamente retos. Ela apoiava todo o peso da filha com os braços e Helen não era leve. Eu não tinha ideia de qual era o peso médio para uma menina de cinco anos, mas Helen provavelmente tinha uns dezoito, talvez vinte quilos. É difícil dobrar o quadril enquanto se estar usando armadura. Maud se portava como um vampiro.

— Ela vai superar, —eu disse, mas queria me convencer disso.

Sean não disse nada.

— Você vai descer aqui, conosco? —*E por que acabei de perguntar isso?*

— Para onde eu iria? —Ele perguntou.

Eu parecia uma idiota espetacular hoje. Tinha que chegar na Pousada. A minha preocupação estava me deixando louca.

— Não sei, —eu disse. — A Galáxia é infinita. Um certo lobisomem me disse uma vez que queria abrir os olhos e vê-la.

— Eu vi.

— Descobriu alguma coisa interessante?

Os olhos de Sean brilharam em âmbar. — Aprendi que, às vezes, o que se procura não é tão importante quanto o que se deixa para trás.

Meu rosto ficou quente. *Acabei de corar?* Esperava que não. — O que você deixou para trás?

Oh, eu era muito idiota.

Ele abriu a boca.

As portas na parede oposta se abriram e Arland marchou para fora. Ele estava em sua armadura completa. Sua clava de sangue pendia na cintura. Arland carregava uma bolsa preta grande pendurada nos ombros e uma bolsa igualmente grande na mão direita. Outro vampiro, de cabelos castanhos-avermelhado e alguns anos mais jovem, o seguia, com uma expressão angustiada no rosto.

Arland parou na minha frente. Ele não olhou para Maud. Maud fingiu que não o viu.

— Leide Dina.

— Lorde Arland. Obrigada novamente por resgatar minha irmã e por nos deixar voar nesta incrível nave.

— Isso não foi nada, —disse ele. — Eu queria cobrá-la uma promessa que fez a mim.

Que promessa? Quando? Onde? — Sim?

— Você me disse uma vez que eu sempre seria bem-vindo em sua Pousada.

Oh, isso. — Claro.

Arland sorriu, mostrando a ponta de suas presas. — Ando me sentido ... estressado.

— Estressado, meu Senhor?

— Estressado devido à grande quantidade de problemas da Casa. Encontro-me dobrado sob o peso de responsabilidades avassaladoras.

Sean riu. — Você vive para essa merda.

Arland o ignorou bravamente. — Desejo um retiro. Uma breve pausa dos muitos problemas que exigem minha atenção. Acredito que mereço.

O vampiro de cabelos castanhos deu um passo à frente. — Lorde Marechal, seu tio foi muito específic ...

Arland mostrou suas presas um pouco mais. — Meu tio está claramente preocupado com o meu bem-estar.

O vampiro parecia que alguém tinha esbofeteado seu rosto com um peixe.

— Ele conhece as muitas pressões que enfrento e ficará feliz em saber que tomei medidas para remediar minha condição estressante, não é mesmo, *Knight Ruin*?

— Sim, meu Senhor, —o vampiro de cabelos castanhos disse, resignado. — Lorde Soren ficará feliz.

Lorde Soren surgiu em minha mente em toda a sua robusta, carrancuda glória de vampiro mais velho. — Eu não sabia que o Sargento Cavaleiro conhecia o significado da palavra feliz.

— Seu exterior grisalho esconde um coração gentil.

Knight Ruin quase engasgou no ar.

— Pode passar o tempo que quiser em Gertrude Hunt, meu Senhor. Estaremos honrados com a sua presença.

— Está decidido então.

O portal do tubo de transporte ficou vermelho.

— E já chegamos. Que sorte. —Arland entrou na luz vermelha.

Sean riu baixinho e o seguiu.

Maud se aproximou, trazendo Helen pela mão. — Você vai deixá-lo ficar na Pousada?

— Claro. —Considerando que ele atravessou metade da galáxia com a sua nave militar por causa dela, era o mínimo que eu podia fazer.

Maud não disse nada, mas eu pude ver o suspiro em seu rosto.

— É uma grande Pousada, —eu disse a ela. — Você dificilmente o verá.

Ela sorriu para mim. — Eu tinha razão. Você se transformou em mamãe.

— Por favor. —Revirei os olhos.

Ela pegou sua bolsa, apertou a mão de Helen e entrou na luz vermelha.

Eu a segui.

A vertigem me apertou. Uma estranha sensação de voar, mas sem se mover, passou por mim, reorganizando todos os meus órgãos, e então eu caí na grama do pomar. O amanhecer coloria o céu de um rosa pálido. Contra o cenário claro do dia, Gertrude Hunt se destacava, com toda a sua arquitetura esquisita, mas cativante do *estilo vitoriano*[32]: *as varandas salientes em lugares estranhos, as colunas, a marquise, os beirais, o alpendre, as janelas excessivamente ornamentadas, e eu adorava cada centímetro dela.*

As árvores tremeram, me cumprimentando. A magia pulsou de mim pela casa até os limites da propriedade e a Pousada rangeu, reconectando-se a mim. Se Gertrude Hunt fosse uma gata, ela teria arqueado as costas e esfregado contra meus pés, ronronando.

Ainda inteira. Nada fora do lugar. Fiz uma contagem mental dos seres lá dentro: *Caldenia, Orro, Fera e o gato sem nome.* Todos estão presentes e contabilizados. *Oh, ufa. Ufa.*

Maud se inclinou, fechando os olhos por um segundo. — Odeio essas coisas.

Ao lado dela, Arland estava em pé, como uma imóvel e grandiosa montanha em forma de vampiro, imune a coisas tolas como náuseas. Infelizmente para ele, minha irmã ignorou completamente a sua presença e o seu estômago de ferro. Maud balançou a cabeça, provavelmente tentando sacudir os últimos ecos de mal-estar do tubo de transporte, endireitou-se e viu Gertrude Hunt.

— Dina, ela é adorável.

Helen ficou boquiaberta no pomar.

A porta dos fundos se abriu e Fera saiu correndo pelo gramado, o pêlo preto e branco voando em todas as direções.

Os olhos de Helen se arregalaram e ela se escondeu atrás de Maud. Fera pulou em meus braços, lambeu meu rosto, se soltou e correu em círculos, incapaz de conter sua alegria canina.

— É um cachorro, —disse Maud. — Lembra das fotos?

— O nome dela é Fera, —eu disse a Helen. — Ela é uma menina muito legal. Se vocês ficarem amigas, ela irá protegê-la e mantê-la segura.

O chão ao meu lado se abriu e meu manto apareceu, o liso cinza. A Pousada estava se certificando de que eu não sairia novamente. Peguei e vesti o manto. *Viu? Está tudo bem. Estou em casa.*

— Sua expressão ficou diferente, —disse Helen, olhando para mim.

— É porque ela é uma Estalajadeira, —disse Maud. — Esta casa é mágica e Dina a governa. Ela é muito poderosa dentro da Pousada.

— Você também é uma Estalajadeira, —eu disse a ela. — Você se sente um pouco diferente depois que chegou aqui?

Helen assentiu.

— Isso é porque você é minha sobrinha. A Pousada vai ouvi-la, se for gentil com ela.

Helen se virou e escondeu o rosto nos jeans de Maud.

— É demais, —disse minha irmã, alisando os cabelos da filha. — Está tudo bem, minha flor. Tudo vai dar certo. Estamos em casa.

Sean estava indo embora com suas malas.

— Sean, —eu gritei.

Ele se virou e continuou andando para trás.

— Venha tomar café da manhã com a gente.

— Que horas?

— Às sete. —Orro sempre servia café da manhã às sete. O mínimo que eu podia fazer era oferecer um café a Sean.

— Estarei lá.

Ele se virou e continuou andando. Sean nunca me disse o que deixou para trás.

Eu o observei se afastar, suspirei e virei para Gertrude Hunt.

A porta dos fundos se abriu.

— Gertrude Hunt lhe dá as boas-vindas, Lorde Arland, —falei. — Por favor, me acompanhem até seus quartos.

******

Maud cruzou os braços e examinou o quarto. O chão e as paredes eram de pedra clara. Esticado ao lado da cama, um tapete felpudo marrom escuro e reconfortante, com listras avermelhadas. Uma grande janela do chão ao teto se abria para o pomar. Iluminarias de vidro fosco em forma de tulipas invertidas pontilhavam as paredes. Junto a parede, uma cama simples, coberta com lençóis brancos e travesseiros macios.

O quarto de Maud na Pousada de nossos pais era um ambiente escuro, cheio de livros, armas e esquisitices que trazíamos das excursões a *Baha-char* ou que ganhávamos ocasionalmente de algum hóspede. Papai costumava brincar dizendo que Maud nunca saiu da fase da caverna. O quarto que ela acabou de fazer poderia pertencer a qualquer um dos castelos de vampiros. Ela acrescentou alguns toques humanos—as linhas eram mais suaves e menos geométricas—mas, no geral, se recebermos grandes delegações de vampiros, eu a farei arrumar seus aposentos.

— Eu te disse, —falei. — Como andar de bicicleta.

Ela fez uma cara feia. — Estou enferrujada.

E estava mesmo. Levou quase meia hora para Maud descobrir o que queria e quando ela empurrou sua magia a Pousada se moveu lentamente. Maud não estava cem por cento conectada a Gertrude Hunt. *Tudo bem. Ficaria com o tempo.*

— Mamãe? —Helen enfiou a cabeça pela porta. — Eu fiz o meu quarto.

Escolhi quartos conjugados para elas.

— Mal posso esperar. Deixe-me ver. —Maud se apressou.

Eu segui e parei na porta. Helen tinha feito um lago. O quarto inteiro estava revestido de pedra e preenchido com cerca de trinta centímetros de água. Um caminho de pedra levava ao meio do lago, onde uma grande árvore se dobrava para formar uma estrutura em forma de meia-lua, um C invertido. Uma pequena cama descansava na curva inferior da meia-lua, coberta com lençóis pretos, almofadas pretas e um cobertor rosa felpudo. Janelas pequenas e estreitas perfuravam as paredes escuras, mostrando um vislumbre do pomar nos três lados. Helen deve ter desejado ver o pomar por todos os lados, então ela fez sem perceber a Pousada burlar a física. Papai sempre dizia que era muito mais fácil ensinar uma criança a ser uma Estalajadeira do que um adulto, porque a criança

não tinha noções preconcebidas sobre o que era possível. Helen manteve as janelas pequenas, no entanto. Provavelmente as árvores para ela ainda eram um pouco assustadoras.

— Eu não conseguir fazer os peixes. —O rosto de Helen parecia triste.

— A Pousada não pode fazer peixes, —eu disse a ela. — Mas vamos sair e comprar alguns, está bem?

— Está bem.

Magia inundou a minha mente. — Hora do café da manhã.

Eu as conduzi escada abaixo. Na cozinha, Orro corria de um lado para outro. Helen já o tinha visto e não piscou um olho. Por alguma razão, ela achava as árvores assustadoras, mas um ouriço monstruoso de dois metros de altura com espigões de um metro de comprimento e garras afiadas era perfeitamente normal.

Caldenia já estava sentada. Seu cabelo cinza platinado era impecável, assim como a maquiagem e o vestido verde brilhante. Ela parecia, em cada centímetro, uma tirana galáctica pronta para a refeição da manhã.

— É quem eu penso que é? —Maud murmurou ao meu lado.

— Sim. Ela é uma hospede vitalícia.

— Lembro-me de quando íamos acampar e você não passava da água na cintura no lago porque estava convencida de que havia amebas comedoras de cérebro lá dentro. É como se eu nem te conhecesse mais. Quando você perdeu a cabeça?

— Quando mamãe e papai desapareceram. Você estava casada e longe. Klaus queria continuar procurando por eles. Não sobrou nada para mim. Então a Assembléia me deu esta Pousada. Estava inativa por muito tempo e precisava de hóspedes.

— Sinto muito, —disse Maud.

— Eu sou uma Demille. —Sorri para ela. — Nós sempre resolvemos. A propósito, não esqueci que você me jogou naquele lago. Vai ter troco ainda.

— Pode vir.

— Arland está descendo as escadas, —eu a avisei. Reabri a ala de vampiros que construí durante a Conferência da paz. A Pousada ainda não havia absorvido a ala, então Arland tinha toda a suíte palaciana para si.

Ela se virou sutilmente.

Eu segui Arland com minha magia enquanto ele descia as escadas e caminhava pelo corredor escondido de nós pela parede. Ele emergiu na sala da frente e finalmente entrou na cozinha. Arland não estava vestido em sua armadura, o maior sinal de confiança de um Cavaleiro vampiro. Usava calças pretas largas e uma túnica marrom texturizada dobrada nos antebraços. Seu cabelo loiro estava descuidadamente puxado para trás em um rabo de cavalo na nuca. Arland não era apenas bonito, ele era impressionante e, quando sorria, era o tipo de sorriso que podia intimidar uma frota de vampiros. Ele também tinha um corpo construído como um super-herói: *ombros enormes, braços definidos e um peito poderoso, cintura estreita, abdome plano e pernas longas.* Vê-lo caminhar em nossa direção era uma bela experiência.

Olhei para minha irmã. Nada. Fria como um iceberg.

— Mãe! —Um sussurro urgente disse atrás de nós.

Eu me virei. Helen estava segurando o gato sem nome. O enorme *Maine Coon*[33], que eu havia resgatado de uma gaiola de vidro no Petshop, me encarava com olhos levemente assustados, claramente sem entender como essa pequena criatura humana se atrevia a agarrá-lo. — Ele tem presas, —disse Helen.

— Isso é um gatinho, —disse Maud. — Seja cuidadosa. Eles têm garras afiadas.

— Qual o nome dele?

— Ele não tem nome, —eu disse a ela. Ainda não tinha escolhido um. — Quer saber, você pode nomeá-lo.

Os olhos de Helen ficaram quase tão grandes quanto os do gato. — Posso?

— Sim.

— Vou chamá-lo de *Olasard*, aquele que caça malfeitores e devora suas almas.

O Devorador de Almas me lançou um olhar confuso.

Olhei para Maud.

— Não havia muitos livros infantis, —disse ela. — Melizard costumava recitar as sagas heroicas para ela.

Um puxão de magia me disse que Sean estava se aproximando da porta. Entrei na sala da frente e abri para ele. Sean não se incomodou em trocar de roupa. Ainda usava jeans e uma camiseta. Por alguma razão, eu gostava dele

vestido assim.

— Oi novamente, —eu disse, me sentindo estranha, sem motivo. — Entre. Nós temos comida.

— Obrigado por me convidar.

Nós fomos para a cozinha. Normalmente Caldenia, Orro e eu comemos nossas refeições juntos em uma pequena mesa de café da manhã, mas, já que agora estávamos em maior número, estendi a cozinha para acomodar a grande mesa de madeira que a Pousada retirou do armazenamento. Rústica, feita de uma antiga porta, que em algum momento deve ter pertencido a uma igreja ou uma antiga fazenda do Texas, foi selada com várias camadas de resina até brilhar.

Nós nos sentamos à mesa. Orro preparou um café da manhã tradicional americano: *torres de panquecas empilhadas, com manteiga derretendo no topo, crepes finos como papel, recheados de morangos, tortas de maçã minúsculas, do tamanho de muffin, com treliças delicadas de massa por cima, batatas raladas fritas, montes de bacon e linguiça, e três tipos de ovos, estrelado, mexidos e cozido com gemas moles.* Orro olhou tudo ao redor, me encarou, dando-me o olhar da morte, e se retirou para a cozinha. Mais tarde, eu receberia uma palestra sobre não avisá-lo com antecedência de que hóspedes extras estariam chegando.

— Sua Graça, *Caldenia ka ret Magren*, —eu disse. — Minha irmã Maud e sua filha Helen.

— *Letere Olivione*. —Minha irmã inclinou a cabeça. — Estamos honradas com a sua presença.

— Honrado é uma palavra muito séria, minha querida. —Caldenia mostrou seus dentes afiados. — Sou apenas uma tranquila exilada agora, ninguém importante.

Maud colocou ovos, um crepe, um pedaço de salsicha e um pedaço de bacon no prato de Helen.

— Sua presença real eleva qualquer lugar com sua magnificência. —Disse Arland. — Um diamante bruto que brilha cada vez mais.

— Meu querido rapaz, senti sua falta. —Caldenia tomou um gole de chá.

Helen mordeu um pedaço de bacon, experimentando-o. Seus olhos se arregalaram, olhou para a travessa cheia de bacon no meio da mesa e a agarrou. Ao mesmo tempo, do outro lado da mesa, Arland também agarrou a travessa. Eles se encararam um de frente para o outro. Um confronto de vampiros.

Helen franziu o rosto, mostrando suas pequenas presas, desafiando Arland.

Arland mostrou suas presas assustadoras de volta, seus olhos divertidos.

Um som baixo e minúsculo veio da garganta da minha sobrinha. — *Auraurrauraur.*

— Helen! —Maud virou-se para ela. — Não rosne à mesa.

Arland recostou-se, fingindo estar assustado. — Feroz.

Helen riu, sua risada borbulhando. — *Auraauraur.*

Arland fingiu estremecer.

Helen riu de novo, pegou sua xícara e a jogou na parede. A xícara quebrou, chamando a atenção de todos. Olhei de volta para Helen, sua cadeira estava vazia. A travessa de bacon desaparecida.

Sean não se segurou e gargalhou.

— Que garotinha encantadora, —disse Caldenia, os olhos brilhando.

Maud parecia perdida. — Eu ... ela nunca ...

— A menina tem um domínio inato de táticas. —Arland sorriu.

Magia me tocou, anunciando um visitante. *Humm. Em plena luz do dia?* Vindo do noroeste, não da rua. Eu teria que encontrá-lo nos estábulos.

Ainda não tinha desfeito a estrutura que montei na Pousada para a Conferência, principalmente porque estava muito cansada. Muitas coisas na Pousada precisavam ser escondidas do público lá fora e para isso era preciso muita energia. Desmontar toda a estrutura levaria tempo e esforço. A curto prazo, manter essas estruturas na Pousada consumia menos energia do que desmontá-las. Deixei para resolver isso depois do Natal.

— Com licença. —Peguei o prato de Helen, adicionei uma das pequenas tortas de maçã, entrei na sala da frente e levantei a toalha verde da mesa lateral. Três pares de olhos me encararam: *um canino, um felino e um meio humano.* Segurei o prato. Foi arrancado das minhas mãos. Larguei a toalha e me dirigi aos estábulos pelo corredor.

Sean saiu da cozinha e silenciosamente me seguiu. Eu o deixei me alcançar.

— Problemas?

— Visitantes, —eu disse.

Caminhamos para os portões dos estábulos.

No terreno, por trás da pequena área do solo *sagrado dos Otrokars*[34], uma espiral verde cortava o ar, desenrolando-se de um único ponto e formando um funil. A escuridão soprou na boca do funil e se retirou, levando a espiral com ele. Uma criatura estranha pousou na grama. Com um metro e meio de altura, estava sobre duas esquisitas pernas de metal que terminavam em cascos de metal. As pernas eram uma bagunça de metal velho amassado, engrenagens, pequenas luzes e tubos finos canalizando uma substância branca leitosa. Uma corcova bulbosa se projetava de suas costas. Um manto esfarrapado, envolto sobre a corcunda, escondia a maior parte do corpo. Duas mãos enormes com enormes garras de metal pendiam das aberturas do manto e, como as pernas, consistiam em uma união caótica de diferentes partes. O pescoço dobrado e enrugado da criatura, feito de uma substância alienígena semelhante a borracha, parecia muito longo. Um capacete que lembrava levemente a máscara de um médico medieval na época da *Peste*[35] escondia o rosto do alienígena. Três *'olhos'* geométricos de alta tecnologia, amarelos pálidos e redondos, perfuravam o capacete. A coisa toda parecia a obra de alguém que tirou um monte de lixo de um ferro velho cósmico e montou uma criatura vagamente humanoide.

Um *Hiru*. Eu não sabia que algum deles havia sobrevivido.

A coisa nos viu e virou, rangendo. Um líquido grosso esguichou nas engrenagens, rosado e oleoso. O corpo mecânico estremeceu, moeu e se moveu, o metal protestando. O vento trouxe seu odor nocivo em nossa direção e eu quase vomitei.

Ao meu lado, Sean ficou completamente imóvel.

— Que diabo é isso?

— Isso é um *Hiru*. Eles são completamente inofensivos, mas a maioria das criaturas da galáxia os acham repugnantes. Por favor, tente não vomitar.

O *Hiru* lentamente se dirigiu a nós e parou a um metro e meio de mim.

Eu abaixei minha cabeça e sorri. — Bem-vindo a Gertrude Hunt.

Algo guinchou dentro do *Hiru*, como unhas em um quadro-negro.

Não estremeça. Não vomite. Não ofenda o hóspede.

Uma voz de tenor surgiu, calma e triste. — Eu tenho uma proposta para você.

— Será um prazer ouvi-la. Por favor siga-me.

O *Hiru* entrou nos estábulos, um passo esforçado de cada vez.

******

Conduzi o *Hiru* para a sala da frente. Fazer qualquer outra coisa seria um insulto. Helen ainda estava debaixo da mesa. Minha sobrinha ficou muito quieta.

Maud nos encontrou na porta da cozinha. Ela viu o *Hiru* e sorriu.

Nem um estremecimento, nem um piscar de olhos, nada que indicasse que achou algo desagradável sobre o hóspede.

— Gostaria de compartilhar nossa refeição? —Eu perguntei.

— Não. Não consumo compostos à base de carbono.

— Existe algum alimento específico que eu possa providenciar para você?

O *Hiru* balançou a cabeça. As engrenagens rangeram. — Obrigado por sua gentileza. Não será necessário.

Em toda a minha vida eu só tinha visto dois *Hirus*. Um se hospedou na Pousada dos meus pais e o outro vi nas ruas de *Baha-char* em uma das minhas visitas.

Criaturas de toda a galáxia ficavam o mais longe possível dos *Hirus* e não apenas porque os achavam repugnantes. Ficar ao lado de um *Hiru* era tão perigoso quanto encontrar um inimigo em avanço no campo de batalha.

Concentrei-me e puxei parte da parede, moldando-a para caber o corpo do *Hiru*. — Por favor, sente-se.

O *Hiru* dobrou seu corpo como um humano faria para se agachar e cuidadosamente se sentou no novo assento. Helen puxou a ponta da toalha para o lado, espiou, espirrou e desapareceu de volta debaixo da mesa.

— Você disse que tinha uma proposta para mim?

— Sim.

Eu não tinha certeza se era culpa de seu tradutor ou se eram as suas verdadeiras emoções, mas tudo o que ele dizia parecia triste.

— Você precisa de privacidade para esta conversa?

— Não. Isso também diz respeito ao lobisomem.

Sean, que havia encostado silenciosamente junto à parede entre mim e o *Hiru*, alertou-se. — Por quê?

— Ela pode precisar de ajuda, —disse o *Hiru*.

— Estou ouvindo, —eu disse.

— Vocês conhecem nossa história? Conhecem os *Draziris*?

Uma rápida olhada para Sean me disse que ele não conhecia.

— Tela, por favor. Arquivos sobre o conflito *Hirus* versus *Draziris*, —falei para Pousada.

Arland se juntou a Maud na porta. Eles ficaram lado a lado, cada um na metade da porta, ignorando completamente a presença um do outro.

Uma tela deslizou do teto. Nele, um sol alaranjado escuro, mais escuro que o nosso, queimava, cercado por doze planetas.

— Os *Hirus* viviam aqui, no sexto planeta. —Acenei com meus dedos, e a imagem se aproximou, focando um pequeno planeta. Parecia uma bola de fumaça escura, sua atmosfera cheia de fuligem brilhando fracamente com verde fluorescente. — Eles eram uma civilização antiga, capazes de realizar viagens interestelares, mas minaram seu sistema e os sistemas estelares circundantes em busca de recursos. Os *Draziris* vivem aqui.

A imagem diminuiu o zoom, e uma segunda estrela muito parecida com o nosso sol apareceu. Sete planetas a orbitavam, o quinto era uma esfera vermelha escura, verde e azul.

— Os *Draziris* são uma civilização relativamente jovem, uma *teocracia*[36] bélica com uma religião baseada na admissão à vida após a morte depois de uma vida inteira de serviço e caridade. Eles são capazes de viagens interestelares apenas a um século. O planeta dos *Hirus* foi a primeira parada deles.

O planeta morto dos *Hirus* se expandiu na tela, ocupando metade dela.

— Não sabemos por que os *Draziris* declararam uma guerra sagrada contra os *Hirus*. Os *Draziris* são moderadamente *xenófobos*[37], assim como a maioria das teocracias, mas desde que começaram a interagir com o resto da galáxia e, embora se mantenham isolados, não tentaram exterminar mais ninguém. Sabemos que os *Draziris* invadiram o sistema estelar *Hiru* e detonaram algum tipo de dispositivo que causou uma reação em cadeia na atmosfera do planeta.

— Milhões morreram em uma hora, —disse o *Hiru*.

— Logo depois, o *Protopresbítero*[38] dos *Draziris* proclamou os *Hirus* como uma abominação. Os *Draziris* passaram os próximos cinquenta anos caçando os *Hirus* restantes pela galáxia. Dizem que um *Draziri* que mata um *Hiru* tem lugar garantido na vida após a morte.

— Só restam mil de nós, —disse o *Hiru*. — Nossa espécie será extinta nos próximos vinte ciclos se não encontrarmos uma maneira de nos reproduzirmos. Para acasalarmos e criarmos nossos jovens, certas condições devem ser atendidas. Não podemos atender essas condições enquanto estamos sendo caçados. Apelamos à Arbitragem, mas os *Draziris* se recusaram a nos deixar em paz.

E nada poderia ser feito sobre isso. Eu escondi a tela de volta na parede.

— Vocês não podem pedir refúgio? —Perguntou Sean.

— Já pedimos, —disse o *Hiru*. — O sistema *Yaok* nos permitiu instalar em seu território. Eles nos prometeram proteção. Enviamos os primeiros cinquenta colonos, mas os *Draziris* invadiram o sistema e nos exterminaram.

— Eles sofreram perdas espantosas, —disse Arland. — Lembro-me de ler sobre isso quando criança. Quase duzentos mil soldados *Draziris* morreram para conseguirem matar cinquenta *Hirus*. Nossos manuais de estratégia utilizam o episódio como um relato preventivo sobre os custos da vitória.

— Não estamos seguros, —disse o *Hiru*.

— Você está seguro aqui, —eu disse a ele.

— Sim, —disse Sean. — Está.

As feições de Sean eram sombrias. *Auul*, o planeta de seus pais, também fora destruído, não por um inimigo, mas por seus próprios ancestrais. Os lobisomens de Auul destruíram seu belo planeta ao invés de entregá-lo ao inimigo.

— O Árbitro a quem solicitamos ofereceu uma solução, —disse o *Hiru*.

— Nós entregaremos tudo o que temos. Todos os tesouros que possuímos. Pagaremos o preço em conhecimento. Tudo o que somos e tudo o que éramos, desistiremos livremente.

— Não entendi, —eu disse.

— Nós contratamos o Arquivarius, —disse o *Hiru*. — Sabemos que o Arquivarius nos dará uma solução.

Oh, uau!

— O Arquivarius está desmembrado, —disse o *Hiru*.

Sean e Arland olharam para mim.

— O Arquivarius é um ser *multi-indivíduos*[39], —expliquei. — Uma

Colmeia, uma mente coletiva, possuidora de uma incrível riqueza de informações sobre o Universo. Para que o conhecimento de um Arquivarius seja compartilhado, todas os membros individuais que constituem o Arquivarius devem estar reunidos em um único local. Eles fazem isso muito raramente e se reúnem apenas por um breve momento. O Arquivarius responderá perguntas, mas é muito seletivo sobre quais perguntas aceitará responder e o preço está além do que a maioria das civilizações galácticas podem pagar.

— Os *Draziris* não podem saber ou descobrir nossos planos, —disse o *Hiru*. — Eles tentarão nos impedir de reunir os membros do Arquivarius. Também não temos um lugar seguro para reuni-los. O Árbitro sugeriu que você nos mantivesse seguros.

— Esse Árbitro era um homem humano? Cabelo loiro claro?

— Sim. —O *Hiru* assentiu.

George. George era implacável, astuto, calculista, porém também era compassivo. George não poderia resolver o problema dos *Hirus*, mas não conseguiria ficar parado e vê-los morrer, então os enviou para mim. Era uma barganha implícita. Ele me ajudou a resgatar minha irmã. Por sua vez, esperava que eu ajudasse os *Hirus*. O Árbitro nunca me pediria para fazer isso. Nunca esperaria que eu retribuísse o favor. Ele deixou a escolha para mim.

— Meu povo fará um esforço para reunir, aqui na sua Pousada, os Arquivarianos. Mas nem sempre será possível. Alguns podem precisar ser resgatados de outros mundos. Tudo precisará ser mantido em segurança. Desejamos usar sua Pousada. Imploramos que nos ajude.

Era exatamente o que pensava. Partia meu coração dizer não, mas eu não podia aceitar. Simplesmente não podia.

— Minhas mais profundas desculpas, mas a segurança da minha Pousada é minha prioridade. Estou vinculada pelas Leis dos Estalajadeiros. Essas leis determinam que eu mantenha meus hóspedes em segurança, em primeiro lugar. O que você está propondo—resgatar os Arquivarianos—exigiria que eu deixasse a pousada sem vigilância. Nem se quer também sou capaz de fazer esses resgates. Sou uma Estalajadeira. Minha magia só é poderosa aqui, na Pousada. Este é o meu lugar.

— Vimos você resgatar sua irmã. Nós a observamos. Sabemos que é capaz.

George deve querer ajudá-los desesperadamente. Eu queria ajudá-los.

— Não posso. Fazer isso tornaria a Pousada um alvo para os *Draziris* e eles

não cumprirão o Tratado da Terra. O segredo da existência de outras vidas galácticas deve ser mantido. Quebra meu coração dizer não, mas devo. Eu sinto muito.

— Os tesouros que demos foram os nossos bens mais valiosos, —disse o *Hiru*. — Nossos livros. Nossos conhecimentos. Nossas imagens. Nossos segredos. Tudo o que nos faz um povo. Estamos morrendo. Toda nossa cultura foi dada em pagamento. Ela é muito valiosa. Rara. O Arquivarius premia as raridades.

Mordi meu lábio.

— Rara o suficiente para nos dar duas, —disse o *Hiru.*

— Duas o que? —Maud perguntou.

— Respostas a duas perguntas, —disse o *Hiru*. — O Árbitro nos contou. — Ele levantou a mão. Um painel em seu antebraço deslizou para o lado e uma imagem translúcida se formou acima dele, tecida pelas minúsculas luzes amarelas: *a foto dos meus pais desaparecidos, a que eu pendurei na parede da sala da frente.*

— Ajude-nos, —disse o *Hiru*. — E poderá fazer a sua pergunta.

Capítulo 5

O silêncio reivindicou a sala.

Maud estava olhando para mim. A Pousada era minha, então cabia a mim responder.

— Você pode nos dar tempo para pensar na sua proposta?

O *Hiru* assentiu. — Meu tempo é curto, mas vou aguardar até o início do próximo ciclo de luz.

Tínhamos até a manhã seguinte para decidir.

— Siga-me por favor.

Eu o conduzi pelo corredor, formando um novo quarto no andar de baixo enquanto caminhávamos. Pouco se sabia sobre os *Hirus*, a única coisa que minha mãe me disse foi que reproduzir o ambiente nativo dos *Hirus* estava além da capacidade de qualquer Pousada. Gertrude Hunt poderia criar quase tudo com a minha vontade e os recursos adequados, mas algumas coisas, como calor intenso, por exemplo, estavam fora dos limites. As Pousadas podiam lidar com

pequenas chamas controladas, como lareiras e poços de fogo, mas chamas de grande escala as colocavam sob estresse indevido.

De acordo com minha mãe, o ambiente dos *Hirus* exigia uma combinação muito específica de gases, pressão e gravidade, e simplesmente não conseguiríamos reproduzi-lo. Um *Hiru* nunca estava verdadeiramente confortável em lugar algum, mas eles gostavam de água. Quando um deles se hospedou na Pousada dos meus pais, minha mãe fez para ele um quarto com paredes *índigo*[40] e uma piscina profunda no fundo do quarto. Essa tinha que ser a minha melhor aposta.

O *Hiru* se moveu atrás de mim, sua marcha lenta, ponderada e esforçada. Todas as galáxias amavam a tecnologia em todas as suas versões. Uma armadura de guerra de alta tecnologia ou uma *espada bastarda*[41], não importava—uma vez inventada, alguém, quase imediatamente, a aperfeiçoaria. Os *Hirus* eram a exceção gritante a essa regra. Não havia nada elegante ou eficiente neles. Eram desajeitados e lentos, como se algum gênio louco tivesse tentado construir um robô com as coisas que havia encontrado em um ferro-velho, mas morreu antes que pudesse melhorar seu projeto após seu primeiro protótipo quase funcional. Até seu tradutor era tão antigo que falhou em associar *'manhã'* com *'início do ciclo de luz'*.

Mas, mesmo o tradutor sendo antiquado, a emoção estava lá. Havia muita tristeza em sua voz. Eu tinha que fazer melhor do que um quarto azul vazio.

Fechei os olhos por um momento e tentei o meu melhor para sentir a criatura andando ao meu lado. Se eu fosse ele, o que eu precisaria?

Eu gostaria de beleza. Gostaria de ter esperança, tranquilidade e, acima de tudo, segurança. Mas o que era beleza para um *Hiru*?

— Conte-me sobre o seu planeta natal? —Eu perguntei.

— Não há palavras.

Claro que não há, mas hoje não era o meu primeiro dia como Estalajadeira de uma Pousada. — Conte-me sobre o céu.

O *Hiru* fez uma pausa. — Colorido, —ele disse. — As cores fluíam umas sobre as outras. Rios de cores brilhantes contra um céu azul escuro.

Mamãe havia chegado perto com o índigo. — Vermelho, amarelo?

— Vermelho sim. Lavanda. E luzes. —O *Hiru* levantou lentamente sua enorme mão de metal e a moveu. — Pequenas faíscas de luz atravessavam o céu até o horizonte.

— Nuvens?

— Sim. Como redemoinhos altos, girando.

Chegamos à porta. Empurrei-a com a ponta dos dedos.

O quarto redondo se estendia, subindo três andares. No topo, um turbilhão de nuvens girava muito lentamente, uma projeção em *3-D*[42] fluindo no teto. Uma *aurora boreal*[43] impregnava-a de luz, alternando entre roxo escuro, vermelho, rosa, turquesa e bela e brilhante lavanda. Minúsculos caminhos de pontos brilhantes giravam, flutuando suavemente através das projeções das nuvens. As paredes do quarto, de pedra índigo escura, ofereciam dois assentos moldados para acomodar o corpo do *Hiru*. No centro do quarto, logo abaixo do céu havia uma piscina de água, com seis metros de diâmetro, redonda e profunda o suficiente para submergir o *Hiru* até o queixo do capacete.

— Aproveite sua estadia.

O *Hiru* não respondeu. Ele estava olhando para o céu. Lentamente, ponderadamente, se dirigiu a piscina, as engrenagens em seu corpo de metal rangendo. Ele desceu no primeiro degrau da escada da piscina, meio metro na água. O brilho da aurora boreal brincou com o metal de seu traje. O *Hiru* deu outro passo, avançando mais fundo na água. A água cobriu seu corpo, ele se virou e deitou na água, flutuando, com o rosto voltado para o céu.

Saí e deixei a porta se fechar atrás de mim. Sorri em satisfação. *Acertei em cheio.*

Um soluço silencioso atravessou as paredes do quarto atrás de mim. *Congelei.* Outro soluço, triste e torturado, o som de um ser em luto.

Toda a minha satisfação evaporou.

Ele estava sozinho na galáxia, um dos últimos mil, tudo o que restava de sua espécie, e agora chorava na minha Pousada.

Afastei-me na ponta dos pés, de volta à sala da frente. Maud estava sentada no sofá. Arland optou por ficar onde estava, na porta. Sean não havia saído do seu lugar, perto da parede.

— Você conhece um Árbitro? —Maud perguntou.

— Tanto quanto qualquer um pode conhecer George. Ele é um cara complicado. —E tinha acabado de me fazer um enorme favor.

— É o mesmo que conheci em Karhari?

— Provavelmente. —Tinha que ser George. Só ele olharia para essa

situação e descobriria uma maneira de ajudar a mim e aos *Hiru* ao mesmo tempo.

— Você vai aceitar a oferta? —Perguntou Sean.

— Nós seríamos tolas se não aceitássemos, —disse Maud. — Não poderíamos pagar uma pergunta ao Arquivarius nem se trabalhássemos todos os dias pelo resto de nossas vidas.

Maud não estava errada. George nos dera um presente único na vida, mas veio acompanhado de condições muito perigosas.

— Nosso irmão e eu procuramos nossos pais por anos, —eu disse. — Não encontramos nenhuma pista. O Arquivarius tem uma enorme riqueza de conhecimentos. Se alguém sabe o paradeiro de nossos pais, esse alguém é ele.

— Sinto um *‘mas’* chegando, —disse Maud.

— Enfrentaremos os *Draziris*. Mais cedo ou mais tarde eles aparecerão. Colocaremos a Pousada em risco de ser exposta e os hóspedes podem ser feridos.

Maud esfregou o rosto.

Pensei no *Hiru* no quarto, chorando baixinho com a lembrança do céu de seu planeta. Você teria que ser completamente insensível para dizer não. Se a Pousada não tivesse outros hóspedes ... não, nem mesmo assim. Seria irresponsabilidade. Às vezes, meu trabalho exigia que eu fosse insensível. Eu sabia a coisa certa a fazer, então por que isso me embrulhava o estômago?

— Além disso, não temos mão de obra, —eu disse.

— Você me tem, —disse Sean.

— Eu aprecio sua disponibilidade, mas você não trabalha na Pousada.

Sean tirou a carteira da calça, pegou um dólar e entregou para mim.

Certo. — O que devo fazer com isso?

— Contrate-me.

— Terei o maior prazer em ajudar, —disse Arland.

— Você é um hóspede, —disse Maud.

— Estou em um retiro, —disse ele. — Tentando melhorar meu estado físico e mental. Um pouco de exercício é bom para o corpo. Pelo que sei uma Estalajadeira deve atender às necessidades de seus hóspedes. Eu preciso de uma batalha.

— Sei que não irão me perguntar, —disse Caldenia, vindo da direção da cozinha. — Porque aparentemente sou, como diz o ditado, *picadinho de rins*[44].

— Fígado, —eu disse.

— Obrigada, minha querida. Picadinho de fígado. No entanto, gostaria também de alguma emoção. A vida pode ser terrivelmente sem graça sem um pouco de tempero, principalmente nas épocas festivas.

Só Caldenia chamaria a ameaça de uma invasão interestelar de *'um pouco de tempero'*.

O telefone tocou. Enfiei o dólar no bolso da calça jeans por baixo do manto e fui atende-lo.

— *Dina*, —Brian Rodriguez disse, sua voz vibrando com o estresse. — *Ainda bem que atendeu.*

— Senhor Rodriguez, o que há de errado?

O Senhor Rodriguez nunca me pediu nada. *Por favor, não seja o Ku, por favor, não seja o Ku ...*

— *A sua região pega os canais de TV de Dallas?*

— Quais?

— *Qualquer canal.*

Cobri o telefone com a mão. — Tela. Imagens do canal de TV da *WFAA8 de Dallas*[45].

Uma tela deslizou da parede, piscou e se acendeu. A imagem de um trecho de uma rodovia, mostrada do céu, claramente filmada de um helicóptero, apareceu. Carros da polícia aceleravam pelo asfalto, os faróis acesos. Diante deles, uma luz clara em formato oval deslizava a uma velocidade imprudente, ziguezagueando entre os veículos.

— *Quer saber, Jim, estamos muito distante,* —disse uma voz masculina através de algum microfone. — *Vamos tentar nos aproximar mais, mas até agora não conseguimos ver a natureza deste veículo. Ainda estamos muito longe, então tentaremos chegar mais perto e ver se conseguimos entender o que está por trás dessa luz. Vamos ver o que vai acontecer, pois esse veículo continua descendo a estrada aqui.*

— *Sabemos o quão perigosas são essas corridas em alta velocidade,* — disse uma jornalista. — *Seja em uma rodovia ou em ruas dentro da cidade, Principalmente quando se tem uma luz tão forte que obscurece o veículo, isso não pode ser seguro. Está claramente cegando os policiais que estão perseguindo essa pessoa. Pode imaginar o que é dirigir com essa luz batendo no para-brisa?*

Sean xingou.

Ah não. Por favor não. Deixei muito claro a Wing quando ele foi embora da pousada antes de irmos buscar Maud. Muito claro. Eu disse para se hospedar na Casa Feliz e se comportar ou então ir embora do planeta.

— *Bem, como podemos ver, Jean, a polícia não está seguindo muito de perto. Na verdade, eles estão dando muito espaço a esse motorista, tentando impedir que ele entre em pânico e faça algo imprudente ...*

— *Lamento pedir um favor,* —disse Rodriguez. — *Mas este é um dos meus hóspedes. Um Ku. O nome dele é Wing.*

Droga!

— *Ele entrou na minha Pousada na noite passada, saiu pouco antes do nascer do sol e agora temos essa bagunça acontecendo. Não tenho ideia para onde ele está indo.*

Eu sabia exatamente para onde ele estava indo. Estava descendo a Rodovia Interestadual 45, vindo em minha direção. Ele estava voltando para Gertrude Hunt.

— Graças a Deus alguém equipou sua Hoverbike com um ofuscador diurno, —disse Rodriguez.

Olhei para Sean.

Ele levantou as mãos e murmurou: — Era tudo o que você tinha na garagem.

— A minha Pousada foi o último lugar que ele se hospedou, —disse Rodriguez. *— Ele não fechou sua estadia.*

Wing ainda era um hóspede da Casa Feliz. Se Wing fosse pego, o Senhor Rodriguez seria levado ante a Assembléia, e a Assembléia não seria gentil.

— Ele está correndo pela estrada em sua direção e tem metade do Departamento de Polícia de Dallas atrás dele. Está prestes a alcançar os limites da cidade e os policiais estaduais irão se envolver. Não consigo alcançá-lo rápido o suficiente. Teríamos que ser mais rápidos do que ele para agarrá-lo. Qualquer veículo que tivéssemos que usar para atingir esse tipo de velocidade atrairia muita atenção à luz do dia, e os canais de notícias estão gravando freneticamente tudo. Existe alguma maneira de você me ajudar?

******

— Por que diabos colocou um ofuscador na *Hoverbike*?

Sean e eu nos sentamos na traseira de um caminhão da *Ryder*[46] que alugamos quarenta minutos atrás. Acoplamos um Projetor de Fótons no caminhão, dirigimos até aqui e o estacionamos no acostamento, bem longe da estrada, na lateral da Rodovia Interestadual 45. À nossa frente, a rodovia seguia, completamente vazia.

— Porque ele não tinha um e é um *Ku*. —Sean apoiou os braços nos joelhos e checou o telefone.

— Havia refratores na garagem. E um projetor de fótons.

— Eu não vi essas coisas, mas, mesmo que tivesse visto, não teria colocado na *Hoverbike* dele.

— Por que não?

— Porque ele é um *Ku*. Nós costumávamos usá-los como batedores em Nexus. Os *Kus* mal seguem regras simples e pilotam como maníacos. Se por acaso entrasse naquela cabeça dura que sua *Hoverbike* agora poderia ficar

invisível, ele andaria livremente na luz do dia. Teríamos um monte de confusão em todas as principais Interestaduais depois que ele terminasse de se divertir. Coloquei o ofuscador na moto e disse a ele que era apenas para emergências e se ele o usasse, a polícia iria vê-lo e o caçaria.

Colocado dessa maneira, eu tinha que concordar. Wing era uma ameaça. Ele não causaria apenas acidentes. Causaria muitos acidentes graves. As pessoas se machucariam, possivelmente morreriam.

Sean rosnou baixinho. — Arland está ignorando minhas mensagens.

— Você já tentou enviar uma carinha de beijo?

Sean olhou para mim por um momento.

— Talvez ele não esteja interessado em você.

Ele tocou no pequeno fone de ouvido em sua orelha. — *Acabou de passar por Madisonville*[47]. Os policiais colocaram barreiras *fura-pneus*[48] na pista, mas é claro que Wing passou por elas, já que está voando a meio metro acima do solo. Ele deve entrar no nosso alcance em cerca de dois minutos.

A Tropa Estadual do Texas devem ter pensado que, eventualmente, o veículo desconhecido ficaria sem combustível, porque todas as ações deles indicavam que haviam resolvido capturá-lo. Eles também bloquearam a estrada nas duas direções em torno de Madisonville, e tivemos que passar pelo bloqueio. Prendi a respiração o tempo todo. Um Projetor de Fótons podia fazer maravilhas tornando o nosso caminhão invisível, mas não conseguia acobertar o som. Toda vez que o caminhão passava por um bloqueio, eu me segurava.

Passamos por oito carros da polícia e um helicóptero. A polícia havia retirado prestativamente os helicópteros de notícias *‘por interesse da segurança públic*a’, então pelo menos agora não precisaríamos nos preocupar com os repórteres.

Peguei meu telefone e disquei para Arland. Eu dei a ele um dos celulares sobressalentes que guardamos para os hóspedes e mostrei como usá-lo. Ele não parecia entusiasmado.

Biiip.

Biiip.

Biiip.

Vamos, Arland.

Biiip.

— *Isso é um comunicador ridículo,* —disse a voz de Arland no telefone.

Coloquei ele no viva-voz.

— *Que graça tem em deslizar e pressionar? Por que não é simplesmente ativado por voz?*

— O *Ku* estará ao nosso alcance em um minuto e quarenta e cinco segundos, —eu disse a ele.

— *Entendido.* —Ele desligou.

O celular poderia ser uma tecnologia ridícula, mas era mais seguro que as transmissões de rádio.

Liguei para minha irmã. Ela atendeu no primeiro toque.

— Um minuto e meio.

— *Entendi,* —ela disse.

Bati meus dedos no chão de madeira da traseira do caminhão. Funcionaria. Era um plano simples, e dependia da coisa que os vampiros faziam melhor, caçar. Arland capturaria o *Ku,* minha irmã cuidaria da polícia e nós seríamos o transporte de fuga.

— Você vai ajudar o *Hiru*? —Perguntou Sean.

— Eu quero.

— O que está impedindo-a?

— Seria um pesadelo logístico. Exigiria que eu saísse da Pousada, provavelmente as pressas. Os *Draziris* nos atacariam com força, e não acho que eles se importem em ser discretos. Como Estalajadeira, devo evitar situações que coloque a Pousada em risco de exposição.

— *Hum,* —ele disse. — E qual é o verdadeiro motivo?

— Esses são os verdadeiros motivos.

— Eu vi seu rosto, —disse Sean. — Você quase chorou quando o *Hiru* contou a história dele.

Lá se vai a minha cara inescrutável de Estalajadeira. — Só porque me sensibilizei com a história dele, não significa que não posso avaliar objetivamente a situação.

Ele não disse nada.

À minha esquerda, à distância, um ponto escuro apareceu no céu,

aumentando rapidamente. *Um helicóptero.*

— Três ... dois …

— Um, —disse Sean.

Uma esfera branca envolveu o helicóptero. Maud havia disparado uma Bola-paralisante.

A esfera se expandiu, ficando cinza e mais densa no ar. Uma segunda explosão aconteceu, também uma enorme luz branca ofuscante, próxima ao chão da estrada. As Tropas Estaduais haviam atravessado as minas de Bolas-paralisantes que implantamos minutos atrás. A frota de carros da polícia acabara de ficar temporariamente cega.

A explosão solidificou, perdendo seu brilho. A primeira esfera desceu em direção ao chão, puxada como ferro é puxado por um ímã. A frota de veículos da polícia parou suavemente, com o helicóptero pousando muito devagar em algum lugar, *esperava que não fosse em cima da tropa da polícia*. A esfera os manteria paralisados por até seis minutos, apenas o tempo suficiente para adormecer todos dentro dos carros e depois se dissiparia no ar vazio. A tecnologia *'Bola-paralisante'* foi desenvolvida há alguns séculos por um cartel galáctico criminoso especializado em sequestros. Custou um braço e uma perna para mim. Eu estava assistindo duzentos mil créditos em munição ir embora. Isso era boa parte dos lucros da Conferência da Paz. *Dois passos para frente, um passo para trás*. Mas mesmo assim, eu ainda sairia ganhando.

Esperava que as minas funcionassem como deveriam. *Não seja pega, Maud. Não seja pega.*

Pulei do caminhão, corri para o lado, subi na cabine e apertei o interruptor do Projetor de Fótons, uma bugiganga do tamanho de uma geladeira que tínhamos amarrado à cabine do caminhão. Se alguém estivesse nos observando da estrada agora, veria um caminhão da Ryder surgir de repente do nada.

Um piloto solitário apareceu em uma moto planador antigravitacional de aparência monstruosa, puxando uma rede atrás dele. Arland, pilotando uma *Cre-cycle*[49] arrastando a *Hoverbike* e o *Ku* atrás dele em uma rede preta. Freou e parou na minha frente.

— Embalado e entregue.

Wing olhou para mim com olhos aterrorizados.

Atrás de Arland, um segundo *Cre-cycle* acelerou em nossa direção. *Maud*. Meu coração bateu forte no meu peito. Ela estava inteira. Estava tudo bem. Tudo

estava bem.

Sean pulou no chão, puxou a rampa retrátil e a abaixou no calçamento. Arland pilotou o *Cre-cycle* até o caminhão, arrastando o *Ku* atrás dele. Puxei uma cápsula do meu bolso.

— Não! —Wing gritou.

— Sim. Você está muito encrencado.

Enfiei a cápsula debaixo do nariz da criatura e a quebrei. O gás verde evaporou e a *Ku* desmaiou.

— Legal, —disse Sean. Ele e Arland agarraram a rede que prendia Wing e a sua *Hoverbike* e a jogaram no caminhão.

— Infelizmente, isso não funciona na fisiologia humana. Caso contrário, o oficial Marais teria sido um problema muito menor.

Maud parou, o grande canhão Bola-paralisante pendurado por cima do ombro e entrou no caminhão da Ryder, estacionando seu *Cre-cycle* próximo ao de Arland. Entreguei a ela mais duas cápsulas. — Se Wing se mexer, drogue-o.

Ela assentiu.

Sean bateu a porta do caminhão com força. Corri para a cabine, abri a porta, subi e digitei o código no Projetor de Fótons. A luz azul pálida da unidade piscou. Pulei e dei alguns passos para trás, tomando cuidado para andar em linha reta.

O caminhão da Ryder desapareceu. Se você olhasse com muita atenção, podia ver uma leve ondulação no ar, mas precisava ficar a poucos metros de distância.

— Funcionou? —Perguntou Sean invisível.

— Funcionou. —Voltei direto e quase levei um susto quando o caminhão ressurgiu a meio metro na minha frente. Subi no banco do passageiro. Sean manobrou e tirou o caminhão do acostamento, entrando na estrada e ganhando velocidade.

— Como estamos indo? —Perguntou Sean.

Chequei meu telefone. — Mais dois minutos antes que os efeitos da Bola-paralisante se dissipem. Vinte e três minutos antes do Projetor de Fótons ficar sem bateria.

Ele pisou no acelerador. O caminhão agitou e rolou. Éramos apenas eu e ele

na cabine. Essa coisa toda não era apenas arriscada, era imprudente. Se fôssemos apanhados, haveria um inferno a pagar.

Sean permaneceu o tempo todo concentrado na direção. Ele não disse nada para me tranquilizar. Apenas projetava tranquilidade e competência. Tinha a sensação de que, se uma espaçonave subitamente aparecesse no céu e disparasse contra nós, Sean de alguma forma puxaria uma arma enorme, atiraria nela e continuaria, com a mesma expressão calma em seu rosto. Mesmo que Sean não estivesse aqui, eu teria feito tudo sozinha, mas agora estava feliz por tê-lo comigo.

— Você perguntou o verdadeiro motivo da minha recusa a proposta do *Hiru*, —eu disse.

— Sim, perguntei.

— Maud. E Helen. Acabei de resgatar minha irmã e minha sobrinha depois que elas viveram no inferno. Maud merece um pouco de paz e sossego.

— Sua irmã parecia muito animada quando você a entregou o canhão de Bola-paralisante.

— Eu sei. É disso que tenho medo. Se eu colocar a Pousada em perigo, ela estará na linha de frente cortando as cabeças.

— A escolha deve ser dela, —disse Sean.

O alarme do meu celular tocou. Eu desliguei. A frota de policiais na estrada e o pessoal do helicóptero estavam prestes a acordar.

— Eu sei que a escolha é dela. A culpa acabou bagunçando a cabeça do meu cunhado. Melizard foi responsável pelo exílio, a estadia forçada naquele planeta o fez perder a cabeça. Pelo que Maud me contou, ele ficou desesperado e já não pensava com clareza e, por fim, traiu a Casa que o contratou e a Casa o matou. Se Maud fosse uma humana comum teria tentado sair do planeta ou estabelecer uma rede de segurança para ela e Helen. Em vez disso, minha irmã declarou uma guerra de sangue, perseguiu por meses os assassinos de Melizard e os matou um por um.

— Como uma vampira de verdade, —disse Sean.

— Sim. Aqui não é a Sagrada Anocracia. Nós estamos na Terra. Esta é a casa dela agora. Vai levar tempo para Maud se lembrar de como é ser uma humana novamente. Não vou fazer escolhas por ela e nem dizer o que ela deve fazer. Só não quero empurrá-la para outra luta sangrenta tão cedo, depois de tudo o que passou. Quero dar a minha irmã uma chance de se adaptar à humanidade.

—Suspirei. — Os *Draziris* são implacáveis. Eles farão o possível para matar o *Hiru*. Você passou por ... coisas. Como lida com isso?

— Não posso falar por sua irmã, —disse Sean. — Todo mundo lida com isso à sua maneira. As pessoas dizem que você precisará de paz e sossego para superar. Quando se estar no meio de uma guerra, onde tudo é morte e sangue, acaba pensando também assim, acaba sonhando com essas coisas. E então você volta para casa.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Parece que estou fingindo, —continuou ele. — Levanto-me, aceno para os vizinhos, vou ao supermercado, abasteço meu carro. O tempo todo estou fingindo ser outra pessoa e me preocupando em não falar algo que não devo.

— Sean ... —Eu não tinha ideia de que ele se sentia assim.

Ele olhou para mim, seu rosto resoluto, seus olhos claros. — Paz e tranquilidade não me ajudam, porque o que está errado não é o que estar a minha volta. É o que está dentro de mim. O que fizemos agora é o mais normal que eu senti desde que cheguei em casa.

Estendi a mão e peguei sua mão. Ele desviou o olhar da estrada e olhou para mim. Seus olhos captaram a luz, suas íris âmbar brilhou dourado. — E isto. —Ele apertou minha mão. — Isso parece normal. É como voltar para casa.

Sirenes soaram atrás de nós. Ele ainda segurava minha mão, seus dedos fortes envolvendo os meus. Lembrei-me dele se afastando de mim no portal entre os mundos. Naquela época Sean queria ver a galáxia e devia um favor a Wilmos. Ele passou pelo portal e se foi, e eu fiquei no jardim, me abraçando. Os hóspedes iam embora e nós permanecíamos. Esse era o fato da vida de um Estalajadeiro. Meus pais desapareceram, meu irmão foi procurá-los e desapareceu, Maud se casou ... Mas Sean estava de volta. Ele estava no caminhão comigo, segurando minha mão e não parecia querer soltá-la.

— Devagar, —eu disse. — Estamos chegando.

Passamos uma placa de sinalização para *Leona*[50].

As sirenes nos perseguiram, ficando cada vez mais altas. Olhei pelo retrovisor lateral. Os carros da polícia estavam logo atrás de nós. Meio minuto e eles bateriam direto na parte de trás do nosso caminhão.

— Vire à direita, —eu disse a ele.

Sean soltou minha mão e saiu da estrada pelo acostamento. O caminhão

balançou de um lado para o outro, lutando com o terreno irregular, e entrou em uma estrada estreita de acesso. A frota de Policiais Estaduais passou por nós correndo, zunindo de fúria.

Sean riu baixinho, uma risada feliz de lobo.

— Não volte para Wilmos. —Saiu sem querer, não planejei, pelo menos não assim, mas agora que comecei tinha que terminar. — Fique aqui comigo. Pelo menos por um tempo.

— Vou ficar, —ele prometeu.

Eu desviei o olhar.

Ele acelerou um pouco mais.

— Continue indo por esse caminho, —eu disse a ele. — vamos sair perto do *Buc-ee*[51].

— Adoro o Buc-ee, —disse Sean.

Todo mundo adorava o Buc-ee. Uma cadeia de enormes postos de gasolina que também funcionavam como restaurantes e centros de viagens, o Buc-ee oferecia de tudo, desde doces a cinquenta tipos diferentes de carne seca e até mercadorias temáticas do Texas. Eles estavam sempre cheios de carros e viajantes que desfrutavam de fácil acesso às bombas de gasolina e banheiros limpos. Tudo o que tínhamos que fazer era passar pelas frotas e barreiras policiais estaduais que guardavam a saída e se misturar à multidão.

Finalmente, o Senhor Rodriguez me deve um favor em vez do contrário.

— Por que você quer ajudar o *Hiru*? —Eu perguntei a Sean quando entramos no enorme estacionamento.

— Porque alguém explodiu o planeta deles e os estão caçando até a extinção. Alguém precisa fazer algo sobre isso. Além disso, tenho certeza de que você aceitará a proposta deles e se envolverá, não quero que lide com tudo sozinha.

— O que te faz ter tanta certeza de que eu aceitarei a proposta?

Ele sorriu para mim, se transformando no velho Sean Evans. A transformação foi tão repentina que pisquei para ter certeza de que não estava imaginando.

— Você é uma coração mole.

— O que?

— Você é do tipo que sai do conforto de um carro no meio de uma tempestade com seu melhor vestido para poder tirar um cachorro molhado da estrada. Você ajuda as pessoas, Dina. É isso que você faz, e os *Hirus* precisam de ajuda.

— Eu sou uma pessoa sensata, —disse a ele.

— Vou te dar até hoje à noite, —disse ele. — Você nem vai esperar as vinte e quatro horas para responder ao *Hiru*. Aposto meu braço direito nisso.

******

Sean subiu com o caminhão na minha garagem e parou por um momento, pensando em algo.

— O que foi?

— Estou aqui me perguntando se sua irmã matou Arland lá atrás.

— Ela matou?

Ele inclinou a cabeça, ouvindo. — Não. Eu ainda ouço os dois. Droga. Oh, bem, um homem pode sonhar.

Nós estacionamos o caminhão. Saí e abri a traseira. Maud pulou na grama do jardim, protegida da rua pela maior parte do veículo. O rosto dela era uma máscara fria e neutra.

Arland puxou o *Ku* e a *Hoverbike* até a borda do caminhão. Eu acenei minha mão. Longos tentáculos flexíveis irromperam do chão, envolveram Wing e seu transporte e os arrastaram para baixo. — Leve-o para os estábulos, — murmurei. — E mantenha-o lá.

Arland pulou do caminhão. — Gostei bastante da aventura. Obrigado por esta diversão agradável.

— Obrigada pela sua ajuda.

Arland sorriu, exibindo suas presas afiadas e entrou na Pousada.

Fechei o caminhão e acenei para Sean. Ele ligou o caminhão novamente e o manobrou tirando da garagem. Sean devolveria o caminhão e voltaria dirigido o carro que deixamos na locadora.

Fera explodiu pela portinha de cachorro e pulou nos meus braços. Eu a abracei, mas ela estava muito agitada, então a coloquei no chão e ela foi embora

cheia de alegria canina, enfiando o rabo entre as pernas para correr mais rápido.

— Onde está Helen? —Maud franziu o cenho.

— Na cozinha. —Eu acenei. Uma janela se abriu na parede. Helen estava precariamente empoleirada em um banquinho acima de uma panela grande. Alguém tinha resgatado um dos meus velhos aventais, aquele com girassóis, e vestido nela. Helen estava mexendo o conteúdo da panela com uma grande colher. Tentáculos da pousada pairavam nos dois lados dela, prontos para pegá-la se ela caísse.

Peguei meu telefone do bolso e tirei uma foto.

— Ele a colocou para trabalhar? —Maud ficou olhando.

Orro disse algo em sua voz grave.

Helen assentiu e jogou algo na sopa e gritou: — Sim, chef!

— Me dê esse celular! —Minha irmã pegou o telefone da minha mão e começou a tirar fotos.

Maud não conseguiu sentir a filha na cozinha. *A habilidade voltaria. Tinha que voltar.* Ela viveu anos na Pousada de nossos pais e nunca teve problemas para se conectar a ela.

— Então, o que você e o vampiro conversaram no caminhão? —Eu perguntei.

— Nada.

— Nada do tipo uma conversinha fiada ou nada mesmo?

— Nada, porque mantive minha boca fechada. Nós não conversamos. Não tenho interesse em vampiros. Já tive o suficiente deles por toda a vida.

Eu sorri para ela.

— Você já decidiu o que vai fazer com os *Hirus*? —Ela perguntou.

— Ainda não.

— Papai aprovaria, —disse ela. — Ele nunca conseguiu resistir a uma história triste e não há ninguém mais triste do que os *Hirus*.

— Já mamãe não, —eu disse.

— Mamãe também. Depois que o primeiro *Draziri* aparecesse na porta e a ameaçasse.

— Teria pena de qualquer *Draziri* que tentasse ameaçar mamãe. —Se tinha

alguém que poderia fazê-los repensar uma invasão na Terra, seria nossa mãe.

Mamãe e papai. Esse era o objetivo da Pousada. Foi por isso que voltei à Terra e pendurei o retrato deles na sala da frente. Planejei transformar Gertrude Hunt no tipo de Pousada inundada de hóspedes. Mais cedo ou mais tarde, um deles reconheceria meus pais e me contaria o que aconteceu com eles. A galáxia era enorme e as chances de isso acontecer eram pequenas, mas era tudo que eu tinha.

— O que acha que eu deveria fazer?

Maud apertou os lábios, fingindo estar profundamente pensativa. — Acho que deve fazer o que acha certo.

— E você disse que fui eu que me tornei mamãe!

Maud dirigiu-se para a porta da cozinha. — Não jogue essa decisão para mim. A Estalajadeira aqui é você.

Revirei os olhos e a segui até a cozinha.

— Mamãe!

Helen pulou do banquinho, correu pela cozinha e pulou nos braços de Maud. Seria um salto incrivelmente alto para uma criança humana de cinco anos de idade.

— Peguei você, bonitinha! —Maud torceu o rosto.

Helen torceu o dela e elas esfregaram o nariz.

— Sou chef de sopas, —anunciou Helen.

— Sub-chef, —Orro rosnou da despensa.

— E eu tenho que dizer *'sim, chef'* bem alto.

Elas eram tão fofas. Esse não seria um adjetivo que eu normalmente associaria à minha irmã. *Como eu poderia estragar isso?* Mas, então, a verdade feia permanecia: *os Hirus precisavam de ajuda e precisávamos encontrar nossos pais.* Maud e eu não tínhamos conversado seriamente sobre isso, mas nós duas sabíamos o que não foi dito. Esta era a nossa melhor chance de encontrar mamãe e papai. E se eu deixasse minha irmã sentir que eu estava hesitando porque me preocupava com a segurança dela, ela me esfolaria viva.

— Quando você e Klaus apareceram naquela época para me dizer que a Pousada dos nossos pais havia desaparecido, eu estava em uma situação diferente. —Maud jogou Helen para cima e a pegou. Helen gritou e riu. — Eu

era a esposa do filho de um Marechal, que estava fazendo seu caminho para o posto de Marechal. Meu mundo estava muito definido. Eu sabia para onde estávamos indo e como chegaríamos lá. Tinha meu marido e sua Casa, todos os outros Cavaleiros que serviam com ele e o respeitavam. Tínhamos amigos. Éramos admirados, eu, Melizard e nosso lindo bebê.

— E agora?

— E agora descobri a verdade. Maridos podem deixar de te amar. Amigos podem te trair. Mas quando se está presa em um buraco do inferno longe de casa, só sua família moverá o céu e a terra para te salvar. Precisamos encontrá-los, Dina. Nossos pais fariam isso por nós.

A Pousada tocou duas vezes, rápido. *Bem, estava demorando.*

— Quem é? —Maud perguntou.

— Policial local. —Fui direto para a porta.

— Amigável?

— Não.

— Ele sabe sobre nós?

— Sabe. Simplesmente não pode provar.

Eu me recompus, abri a porta e sorri para o policial Marais através da tela. Ele não sorriu de volta. Marais geralmente não estava de bom humor ao meu redor. Barba feita, de cabelos curtos e escuros e na casa dos trinta anos, o policial Marais me olhou pela porta de tela como se eu já estivesse na parte de trás de sua viatura com algemas. Fera se espremeu na minha frente e soltou um latido cauteloso.

— Policial Marais. Que prazer.

— Demille.

Meu pai sempre me dizia que todas as pessoas tinham magia. A maioria nunca descobriria que tinha, porque nunca se atreveria a fazer nada fora do comum. Mas em alguns indivíduos talentosos, a magia borbulhava na superfície de qualquer maneira. O policial Marais era um desses borbulhantes. A intuição dele era sobrenatural. Marais marcou a Pousada como um lugar onde coisas estranhas aconteciam e nos vigiava obstinadamente. Foi assim que ele acabou se envolvendo em uma briga com alguns Cavaleiros vampiros. Previsivelmente, os vampiros acertaram sua viatura com um machado de sangue, e o policial Marais acabou capturado, amarrado como um cervo em meus estábulos. E enquanto

isso, eu me virava ao avenço tentando falsificar as imagens da câmera de segurança da viatura e reparar os danos do seu veículo, em uma tentativa desesperada dele não conseguir provar que nada disso aconteceu.

Consegui substituir com êxito as imagens da câmera de segurança e os vampiros repararam a viatura de Marais, escondendo todos os vestígios do dano. Infelizmente, quando se precisa de um vampiro engenheiro para consertar um motor de combustão interna e ele diz que isso será uma abominação, e repará-lo violará seu juramento de não causar dano a natureza, ele quer dizer exatamente isso. Durante a última visita do policial Marais, ele compartilhou comigo que dirigiu seu veículo de um lado para o outro em Houston, quilômetros e quilômetros, por uma semana inteira sem precisar abastecer o carro.

Abri a porta de tela. — Por favor entre.

O policial Marais deu um passo cuidadoso para dentro, mas ficou na porta. Virei-me para Maud e Helen, que estava escondida atrás das pernas da mãe.

— Esta é minha irmã, Maud, e minha sobrinha, Helen.

Maud sorriu para ele. Helen silvou e partiu como um foguete para a cozinha.

— Essa criança acabou de silvar para mim? —O policial Marais piscou.

— Sim, —disse Maud. — Ela está fingindo ser uma gata. As crianças fazem isso.

— Como posso ajudá-lo desta vez? —Eu perguntei.

— Houve uma perturbação aqui há três dias. As pessoas relataram barulhos altos e perda de energia.

— Sim eu lembro. Alguém estava pilotando uma moto muito barulhenta. — *E eu não via a hora de arrancar o couro desse ‘alguém’.*

— Você viu a moto? —Sua expressão me disse que ele só estava cumprindo o roteiro.

— Não.

— Está ciente de que uma perseguição em alta velocidade ocorreu hoje na Interestadual 45?

— Sim?

— Você está envolvida nisso?

— Não.

— Essa perseguição teve alguma coisa a ver com a perturbação aqui?

A competência do policial Marais era desperdiçado no Departamento de Polícia de Red Deer. Quase não tínhamos nenhum crime. Em uma cidade maior, com a intuição que ele tinha, resolveria os casos da cidade muito rapidamente.

O policial Marais me encarou com o sério olhar policial. Eu fiz o meu melhor para não me acovardar.

— Esta é a parte em que vai me perguntar o que está acontecendo aqui?

— O que está acontecendo aqui? —Marais perguntou.

— Estamos pensando em conceder asilo a um alienígena que é vítima de uma cruzada religiosa, —eu disse a ele. — Temos um vampiro e um lobisomem do nosso lado, mas não temos certeza se a ajuda deles será suficiente.

Marais guardou o bloco de notas. — Avisa-me se você ver ou ouvir algo incomum, senhorita.

Uôu! Agora eu sou senhorita. — Pode deixar, policial.

Ele saiu e, embora eu pudesse senti-lo, puxei a cortina para o lado da janela da frente e me certifiquei de vê-lo entrar em sua viatura—com motor modificado agora—e se afastar.

— Policial honesto, —disse Maud. — Um problema dos grandes. Eu sinto muito por você.

— Oh, você não sabe da missa a metade. Quer vir conversar com o *Ku* comigo?

— Na verdade, pensei em tomar um banho. —Ela sorriu.

— Você deve.

— O que quer dizer com isso? Está dizendo que eu estou fedendo?

— *Ui,* tão sensível. —Mostrei minha língua a ela e fui para os estábulos, Fera me seguindo.

Wing e sua Hoverbike, ainda presos na rede, jaziam no amplo corredor entre as baias. Ele me viu se aproximar, seus olhos redondos e brilhantes. Sentei em um banco e olhei para ele.

— Sinto muito, —disse ele.

Pedir desculpas era um passo na direção certa. — Você colocou em risco a Pousada. Criou problemas para o Senhor Rodriguez. Quase se matou. O que acha que esses policiais fariam com você se o pegassem?

Ele abaixou a cabeça o máximo que pôde, tentando parecer humilde.

— O que era tão importante que o fez sair à luz do dia?

Ele piscou os olhos. — Um presente.

— Que presente?

Ele lutou na rede.

Eu acenei. Um canhão estreito desceu do teto e disparou uma pulsação de luz azul na rede. Ele se soltou.

O *Ku* levantou-se e abriu um grande compartimento em sua *Hoverbike*. Enfiou a mão lá dentro e tirou uma *flor-do-natal*[52] vermelha brilhante. Estava crescendo em um vaso envolto em papel alumínio.

— É isso?

Ele assentiu.

— Você roubou?

— Eu comprei.

— Com o que você pagou?

Ele enfiou a mão no bolso do cinto e me mostrou um punhado de pequenas gotas de ouro em forma de lágrimas. *Bem, alguém na Terra teve sorte hoje.*

— Por quê?

Ele se agachou no chão acima da flor-do-natal, com a voz baixa. — Lembra de casa.

— Você sente falta de sua casa?

Ele assentiu.

Minha raiva justificada evaporou. O universo era muito grande e o *Ku* era muito pequeno. — Porque foi embora de sua casa?

— Aventuras, —disse ele.

— Você pode voltar?

Ele assentiu. — Quando eu for um herói.

— Sabe, trazer a mensagem da minha irmã para mim foi bastante heroico, —eu disse a ele.

— Insuficiente. —Ele levantou os braços, desenhando um grande círculo. — Grande herói.

Ele olhou para mim como se estivesse esperando que eu confirmasse que seu objetivo era algo digno.

— Todo mundo tem um sonho, —eu disse. — Você é corajoso e gentil. Será um grande herói um dia.

O *Ku* sorriu para mim, mostrando uma boca cheia de dentes assustadores de dinossauro.

— Enquanto isso, você vai ficar aqui na Pousada, —eu disse a ele. — Não tente sair. A Pousada não vai deixar. Vamos arranjar um bom lugar para sua flor e colocar um pouco de água nela. Você sabia que tem flores-do-natal brancas também?

******

Criar um quarto para um *Ku* era infinitamente mais fácil do que era para um *Hiru*. Já tinha feito alguns antes de ser uma Estalajadeira, quando ainda morava na Pousada dos meus pais. Escolhi um tema simples de paredes de madeira, trançadas em ripas de madeira. O quarto tinha três níveis, *sendo o primeiro o andar principal, o chão do segundo estava coberto de almofadas e o terceiro, um cantinho aconchegante com uma rede ao lado da janela que o deixava olhar para a rua.* Adicionei algumas cordas de cipó e um *balanço de videira*[53]. Quando chegamos à porta do quarto, Gertrude Hunt já havia tirado as plantas do armazenamento, guirlandas de trepadeiras e um balanço cumprimentaram Wing quando ele entrou. Ele abraçou com mais força a flor-do-natal, subiu a corda até o terceiro andar e deitou na rede. Experimentar todas as cordas e o balanço o ocuparia por pelo menos algumas horas.

Eu tinha acabado de instalá-lo quando a magia soou na minha mente. O toque era mais forte que o normal. Fiquei intrigada por um momento e então me ocorreu. *Senhor Rodriguez.*

Olhei pela janela do corredor. Uma van branca sem janelas esperava pacientemente no início da garagem. Quando fui visitar o Senhor Rodriguez, fiz a mesma coisa. Pisei nos jardins da Pousada dele e esperei. Quando ninguém veio me expulsar, entrei. Não sabia qual era a etiqueta adequada, mas ficar sentada aqui, fazendo-os esperar, não parecia a coisa mais educada a se fazer.

Desci as escadas, saí e acenei para a van. Ele manobrou, virou e entrou na minha garagem. Senhor Rodriguez saiu. Tinha cinquenta e poucos anos, pele bronzeada e cabelos escuros, com um toque grisalho. Uma barba aparada cobria

sua mandíbula.

— Dina.

— Senhor Rodriguez. Eu dei um passo à frente e nos abraçamos. Provavelmente isso também era uma quebra de etiqueta, mas eu não me importava.

Uma versão mais jovem do Senhor Rodriguez saltou do veículo no lado do passageiro.

— Meu filho, Tony, —disse Senhor Rodriguez.

Apertamos as mãos. Tony parecia ter mais ou menos a minha idade, com os mesmos cabelos e olhos escuros de seu pai.

— Por favor entrem. —Eu os conduzi para a sala da frente. — Você gostaria de um chá gelado?

— Eu gostaria, se não for incomodo, —disse Senhor Rodriguez.

Eu os conduzi pela cozinha até o pátio. Tony não falou com Orro, mas ele definitivamente olhou em sua direção.

Coloquei-os na varanda dos fundos, voltei para pegar o chá e tive que me esquivar quando Orro quase me derrubou com uma bandeja. A bandeja continha uma jarra de chá gelado, três copos de gelo e um prato cheio de aperitivos minúsculos, pequenos bolinhos dourados fritos de caranguejo, cobertos com um pouco de molho branco e cebola verde.

— Obrigada, —eu murmurei e levei a bandeja para fora.

— É uma Pousada muito bonita, —disse Senhor Rodriguez.

— Obrigada. —Servi o chá e me sentei.

Senhor Rodriguez e Tony pegaram um aperitivo e mastigaram.

Experimentei um. Comer a comida de Orro era o mais próximo possível do *nirvana*[54] que alguém chegaria sem precisar de uma iluminação espiritual.

— Deu tudo certo? —O senhor Rodriguez perguntou.

— O melhor possível, —eu disse e bebi meu chá. Como dizer isso sem parecer ofensiva ou julgadora. — Acabei de instalá-lo em seu quarto. Ele parece confortável.

— Por que ele saiu? —Tony perguntou.

— Ele queria uma flor. Ela o lembrou de casa.

— Ah, —disse o Senhor Rodriguez. — Ele provavelmente está na *Jornada Heroica.*

— Ele disse isso. —Assim que eles saíssem, eu pesquisaria mais sobre isso.

— Os *Kus* são uma sociedade de caçadores-coletores, —disse Rodriguez a Tony.

Tony olhou para mim com a paciência sofrida de um filho adulto que sabia que uma palestra educacional estava chegando e que não havia como escapar.

— Eles podem se destacar entre seu povo sendo um grande caçador ou um grande artesão. Aqueles que não conseguem ser nem uma coisa nem outra, às vezes, decidem partir na *Jornada Heroica* pela galáxia. Eles devem realizar uma grande ação e trazer provas para seu povo. Isso trará muita honra à família dele.

Tony e eu educadamente bebemos nosso chá.

— Não me importo de hospedá-lo, —eu disse. — Ele parece confortável aqui e, na verdade, tenho muito pouco em andamento, não me importo de ficar de olho nele. Nós só temos mais três hóspedes no momento, então ele não incomodará ninguém.

— Eu pensei nessa possibilidade, —disse Senhor Rodriguez. — Por isso trouxe as coisas dele na van.

— Há algum Oporiano hospedado aqui? —Tony perguntou.

Os Oporianos eram basicamente uma versão maior do *Ku*. Embora viessem de um planeta diferente, pareciam notavelmente semelhantes. O problema era que eles achavam os *Kus* saborosos.

— Não. Aqui só há nossa hóspede permanente, um vampiro e um *Hiru*.

— Um *Hiru*? —Senhor Rodriguez sentou-se mais reto. — Eles são raros.

— Sim, foi uma surpresa.

— Como você preparou o quarto dele? Se não se importa que eu pergunte. O senso comum aconselha ambientes pretos e sem janelas, mas sempre tive dúvidas sobre isso.

— É um pouco difícil de explicar. Eu posso te mostrar se quiser.

Eu acenei para a Pousada. Uma tela desceu da parede e a imagem do quarto do *Hiru* apareceu nela, com suas nuvens brilhantes. A Pousada sempre gravava imagens pouco antes de um hóspede entrar no quarto, por isso eu tinha um registro do quarto pronto.

Senhor Rodriguez olhou para a imagem. — Acha que tem como eu ver? Pessoalmente?

Ele não estava pedindo para ver o verdadeiro quarto do *Hiru*. Isso comprometeria a privacidade do hóspede. — Ficarei feliz em reproduzi-lo novamente.

Três minutos depois, estávamos em uma réplica exata da suíte do *Hiru*. Tony mergulhou a mão na piscina. Senhor Rodriguez olhou para as nuvens, o rosto iluminado pelo brilho delas.

— Por que o céu? —Ele perguntou.

— Pareceu ser o certo. O hóspede gostou. Ele adora flutuar e olhar para o céu.

Flutuar olhando para o céu foi a única coisa que o *Hiru* fez nas últimas horas.

Senhor Rodriguez franziu a testa. — Não sei se alguém já lhe disse isso, mas você tem um dom.

Oh, uau. Esse era o maior elogio que um Estalajadeiro poderia dar a outro.

— Obrigada.

Ele olhou de volta para o céu. — Algo a se pensar.

— É claro que, com um *Hiru* se hospedando aqui, há a ameaça de *Draziris*, —eu disse. — Qual é a posição da Assembléia dos Estalajadeiros sobre os *Draziris*?

— Está preocupada em haver repercussões contra você se continuar a fornecer um refúgio ao *Hiru*?

— Não, mas os *Draziris* trazem um risco maior de exposição. Eles não se importam em cumprir o tratado.

— Isso não é problema seu, —disse Senhor Rodriguez.

— Pai, —disse Tony.

— Desculpe, isso soou muito mais rude do que eu pretendia. —Senhor Rodriguez pareceu arrependido.

— Somos cinco filhos, —disse Tony. — Ele lida conosco o dia todo, é difícil desligar o modo pai.

— O que eu quis dizer é: os *Draziris* são os únicos responsáveis pelas ações que cometerem. Você, como uma Estalajadeira, tem apenas um objetivo

principal—manter seus hóspedes em segurança. Essa é a base de quem somos. Você escolheu aceitar um *Hiru* como seu hóspede. Agora é sua responsabilidade e dever fazer o que for necessário para mantê-lo seguro. Mesmo que os *Draziris* escolham invadir o planeta por causa disso, o lapso de julgamento deles não é problema seu. Sua obrigação é apenas com seu hóspede. A Assembléia sabe disso. Os *Draziris* não serão a primeira ameaça que enfrentamos e não serão os últimos. Nós não nos escondemos.

Certo. Foi bom que esclarecemos isso.

— Mas é bom avisá-los sobre o perigo eminente de uma invasão, —disse Senhor Rodriguez. — Ajudarei você a redigir uma mensagem para a Assembléia. É o mínimo que posso fazer. Se precisarmos conter um evento em grande escala, será melhor se estivermos preparados.

— Obrigada. Gostaria de ficar para o jantar?

— Você está brincando comigo? —Tony disse. — Claro.

— Ao que parece, nós gostaríamos. —O Senhor Rodriguez sorriu.

Eu os conduzi até a sala.

Perigoso ou não, certo ou errado, o *Hiru* era meu hóspede. Essa parte não havia dúvidas. Eu faria o que fosse necessário para mantê-lo seguro.

O que eu ainda não tinha ideia era se aceitaria sua proposta.

******

Decidimos comer na varanda. O inverno no Texas tinha mais variação de humor do que um *adolescente emo*[55], e já que o dia se tornou assustadoramente quente e belo, parecia uma pena desperdiçá-lo.

Orro tinha corrido pela cozinha por horas, fatiando, degustando e jogando especiarias dentro das panelas, o cheiro que vinha de lá me fez babar.

O Senhor Rodriguez e seu filho estavam sentados do lado de fora, conversando com minha irmã, Arland e Caldenia. Eu podia ouvir a risada de Arland na sala da frente. Ele parecia um tigre rindo. Helen e Fera corriam pelo gramado. Encontrei uma *Spin ball*[56] na garagem. A esfera do tamanho de uma laranja ziguezagueava na grama, dando voltas selvagens e mudando de cor, e Helen e Fera estavam se divertindo muito perseguindo-a. Eles convidaram o *'Devorador de Almas'*, mas ele recusou e agora os observava da janela,

escandalizado.

A princípio, Wing se recusou a sair porque encarar o Senhor Rodriguez era muito assustador, mas o aroma da comida de Orro finalmente chegou ao seu quarto, e ele também correu para a mesa. Senhor Rodriguez fingiu não vê-lo.

Todo mundo estava aqui, exceto uma pessoa.

Fui para a cozinha e liguei para o celular de Sean.

— *Sim?*

— O que vai fazer para o jantar?

— *Qualquer coisa.*

Ele provavelmente iria comer sozinho em uma cozinha vazia. Eu não o via sair do bairro com muita frequência. Ele provavelmente nem tinha mantimentos. Imaginei Sean sentado sozinho em sua mesa, olhando para um pedaço de queijo mofado.

— Estamos tendo um grande jantar. Você é mais do que bem-vindo aqui.

— *Eu poderia ir.*

— Gostaria disso.

— *Então eu estarei aí.*

Sorri, guardei o telefone, fui pelo corredor e bati na porta do *Hiru*.

— Entre, —disse uma voz baixa.

A porta se abriu e eu entrei. O *Hiru* estava na piscina. Mergulhado até o pescoço.

— Estamos jantando. Sei que você não consome nossa comida, mas vim convidá-lo para nos acompanhar.

— É muita gentileza da sua parte, mas minha aparência deixa os outros desconfortáveis.

Ele sabia. — Eles vão se acostumar.

— Prefiro não incomodar.

— Então não vou pressioná-lo. Na Terra, mostramos nossa amizade compartilhando nossa comida. Sua presença não é um fardo. Estamos felizes em tê-lo conosco. Se mudar de idéia, pode se juntar a nós.

— Obrigado.

Senti Sean atravessar o limite, fui encontrá-lo e o levei à mesa. Ele decidiu sentar em uma cadeira na minha frente. Todos sentaram-se, incluindo Orro. Levou algumas refeições para Caldenia e eu convencê-lo de que preferíamos que ele se juntasse a nós nas refeições, em vez de ficar na cozinha sozinho, nos observando devorar os resultados de sua magia culinária. Ele finalmente condescendeu em fazer uma distinção entre refeições casuais e formais.

O banquete estava incrivelmente delicioso. Os pães recém-assados disputavam espaço com peito de frango defumado, tão macio que se desfez sob a pressão do garfo. Grandes tigelas ofereciam saladas refrescantes, a primeira feita com pepino, tomate, abacate e cebola verde, aromatizada com uma deliciosa mistura de óleo e vinagre, e a segunda com *cranberries*[57], espinafre e algum tipo de molho de mel que me transformou em uma completa glutona.

No meio da refeição, o *Hiru* apareceu. Ele não se sentou à mesa, mas puxei uma enorme cadeira de vime e ele descansou nas proximidades. O *Hiru* não disse nada. Ele apenas assistiu enquanto conversávamos, ríamos e comíamos. Isso era melhor do que ficar sozinho em um quarto escuro.

— Se eu der mais uma mordida, vou morrer, —Tony declarou, mas prontamente comeu mais peito.

Sean, que o observava como um falcão durante a maior parte da refeição, finalmente abriu um sorriso.

— Terminei! —Helen anunciou.

— Podem me dar licença? —Maud a corrigiu.

— Podem me dar licença, —recitou Helen.

Maud abriu a boca e mudou de idéia. — Sim, você pode.

Ela pegou a Spin ball de baixo da mesa e a jogou no gramado. Fera disparou de debaixo da mesa como se Shih-Tzu tivesse sido disparado de um pequeno canhão. O *Hiru* os observou correr pelo gramado.

A magia da Pousada me tocou. Alguém cruzou os limites. Três, dois vindo do leste e um do sul. Empurrei minha magia. Ao redor do gramado, as raízes da pousada tremeram um pouco abaixo da superfície, esperando.

O intruso vindo do sul serpenteou pela minha entrada, demorando um pouco. Seus dois comparsas deslizavam silenciosamente, movendo-se camuflados ao longo dos limites da Pousada em direção ao gramado onde Helen estava brincando. Eles eram bons em se esconder. Eu deveria conseguir vê-los daqui, mas o terreno da Pousada parecia completamente vazio. A julgar pelo

padrão de seus movimentos, os invasores se aproximaram e depois se afundaram no chão.

Sean olhou para mim, seus olhos escuros. Ele os ouviu ou sentiu o cheiro deles. Balancei minha cabeça levemente.

— Por favor, dê-me licença.

Peguei minha vassoura, fui para a porta da frente e agitei meus dedos. Uma tela deslizou da parede, mostrando uma criatura humanoide andando pela entrada da casa, vestida com um longo casaco preto, que brilhava enquanto caminhava para a frente. Fileiras de cintos prendiam as mangas do casaco. Seu capuz estava levantado, seus cabelos claros—quase brancos— derramavam-se dele.

Interessante. Eu nunca tinha sentido um hóspede assim antes.

Abri a porta da frente, deixando a porta de tela fechada, apoiei-me na minha vassoura e esperei.

A criatura não andava, planava como um dançarino gracioso, suavemente.

Isso não é um bom sinal.

A Pousada tocou a minha mente. A tela se dividiu, mostrando duas figuras sombrias, uma deitada na grama e a outra agachada atrás de uma árvore. Cada uma carregava uma arma, que as câmeras da Pousada destacava em branco nas imagens. Cano longo com o punho curvado. Eles carregavam rifles de dardos. Um único tiro de um dardo pode paralisar e às vezes matar, se o peso do alvo for baixo o suficiente. Um dardo não penetraria no metal do *Hiru*. Os rifles eram para nós.

O intruso me alcançou. A casa o escondeu da rua. Ele abaixou o capuz. Sob pouca luz, você poderia confundi-lo com um humano. Um humano bonito e angelical. Sua pele tinha um tom dourado e parecia suave, como veludo. Seus cabelos eram de um branco puro, sem vestígios de grisalho ou loiro, as pontas dos fios eram pretas. Suas sobrancelhas também eram brancas, grossas, emplumadas, mas pontas dos fios pareciam que tinham sido tocadas com carvão preto. Olhos grandes olhavam para mim sob as sobrancelhas, as íris turquesas brilhavam como duas águas-marinhas. Linhas prateadas brilhantes marcavam sua testa, curvando-se em um padrão complexo, incorporado em sua pele. A ponte do nariz era proeminente, não tinha a curvatura natural que os humanos possuem. Reto e triangular, estreitava-se no final, formando um bico. Uma arrogante boca e uma mandíbula de aspecto humana, com um contorno tão perfeito que poderia ter sido esculpida em pedra, completavam seu rosto.

Se alguém o encontrasse em um boate ou o visse caminhando a noite, mal iluminado pelas luzes da rua, pensaria: *'Que homem bonito'*. Mas ele estava parado a poucos metros de distância, iluminado pelo sol do entardecer. Essa pele, que parecia perfeita, não era uma *epiderme*[58] lisa como a nossa, mas uma pele coberta de uma penugem muito curta e grossa. O que parecia ser cabelo à primeira vista era uma massa de penas finas e delicadas. *Um Draziri*. Uma das castas mais importantes também, a julgar pelo padrão das linhas na testa.

— Boa noite, —disse ele, sua voz culta e clara. Ao contrário do *Hiru*, o *Draziri* obviamente tinha acesso a tecnologia cara.

— Boa noite.

— Eu desejo um quarto.

— Não temos um disponível no momento.

Ele piscou, seus cílios emplumados tocando suas bochechas. — Segundo as minhas fontes sua Pousada tem poucos hóspedes e amplas acomodações.

— Se você conhece a política dos Estalajadeiros, deve saber que nos reservamos o direito de escolher nossos hóspedes. No momento, infelizmente, não posso fornecer um quarto a você. Talvez outro dia.

— Eu exijo um quarto, —disse ele.

— Existe uma Pousada maravilhosa em Dallas, a apenas algumas horas daqui.

Os dois *Draziris* deslizaram um pouco mais no terreno da Pousada.

— Eu sei que um *Hiru* está aqui, —disse ele, sua voz baixa, mas carregada de ameaça.

— Volte por onde veio. —*Pegue a dica.*

— Deixe-me entrar. Acabará rapidamente.

— O *Hiru* está além do seu alcance.

— Você tem uma bela Pousada, —disse ele. — Posso ouvir outros hóspedes e uma criança brincando no jardim

Filho da puta. Eles matariam Helen. Esse era o plano. Atirar em Helen e trocar seu corpo morto pelo *Hiru.*

— Sua situação é difícil, —disse ele. — Ao longo da minha vida liderei muitos ataques. Alguns foram fáceis e rápidos ou lentos e complicados. Há outros seres no jardim que poderiam acidentalmente entrar no meio do fogo

cruzado. E uma criança. Que criança adorável. Seria uma pena se ela se machucasse.

Os outros dois *Draziris* se moveram em direção ao jardim. Raízes afiadas da Pousada dispararam de baixo para cima, empalando os dois invasores. Não ouve som. Nem gritos. Eu os puxei com minha magia. As raízes afundaram no chão, levando os dois corpos com eles.

A conversa acabou.

As raízes surgiram atrás dele com um farfalhar.

O *Draziri* se virou e viu dois cadáveres suspensos acima do solo, cada um com uma raiz grossa e afiada da Pousada perfurando a boca e saindo pela parte de trás do crânio.

— Você está certo. Minha sobrinha é uma criança adorável. Seria uma pena se algo acontecesse com ela.

O *Draziri* olhou para mim, sem piscar. — Você é arrogante. Vou ter que te ensinar humildade.

Eu senti Sean atrás de mim.

— Pelo jeito você não fez sua lição de casa. Este é o meu domínio. Aqui eu possuo o ar que você respira.

— Eu sempre consigo o que quero. De um jeito ou ...

— Fora!

A minha magia o lançou, como se tivesse sido puxado por uma mão invisível, fazendo-o voar da entrada da garagem, atravessando a cerca e o jogando no chão do meio da rua. Um caminhão passou rugindo na rua, ameaçando atropelá-lo. O *Draziri* saltou para fora do caminho, e como um tecido negro cortando o ar da noite, desapareceu do bairro de Avalon.

— Deveria ter matado também o branco assustador, —disse Wing atrás de mim.

— Agora sei como ele é, melhor um diabo que conheço do que um desconhecido. —Me virei.

Wing estava na porta da cozinha. As penas de sua crista estavam tão achatadas contra sua cabeça que pareciam molhadas. Ele estava apavorado.

— Você conhece os *Draziris*?

O *Ku* assentiu. — Eles não matam porque estão com fome. Matam porque

gostam.

— Você está seguro aqui na Pousada, —eu disse a ele.

— Nós agora temos imagens dele, —disse Sean. — Descobriremos seu nome e o que o move.

Mexi no bolso da minha calça jeans, peguei o dólar que Sean havia me dado e ofereci a ele. — Você está contratado.

— Você sabe como negociar, —ele disse e pegou o dólar.

— Eu sei. —Coloquei meu braço em torno de Wing. — Vamos lá, ainda não terminamos o jantar.

Lá fora, todos na mesa olhavam para mim. Helen sentou-se no colo de Maud.

— Eles me encontraram, —disse o *Hiru* em voz baixa. Um terrível tom de fatalidade ressoou em sua voz. Ele parecia um ser que estava olhando a morte certa.

Eles encontraram um mundo de dor, foi o que encontraram, eu garantiria isso. — Gertrude Hunt aceita sua proposta. Concederemos o refúgio do Arquivarius.

Poderia ouvir um alfinete cair.

— Por quê? —O *Hiru* perguntou finalmente.

— Porque ninguém ameaça a mim ou a meus hóspedes em minha casa. Eles não podem chegar aqui e me intimidar, nem ameaçar machucar a minha família e matar meus hóspedes. Essas criaturas precisam aprender o que a palavra *não* significa, e eu vou ensiná-los quantas vezes for necessário até que eles entendam.

Ninguém disse nada.

Arland estendeu a mão, espetou um monte de peito com o garfo e o colocou no prato. Caldenia sorriu sem abrir os lábios e cortou o frango com um único e preciso golpe de faca.

— Vamos nos divertir, minha flor, —disse Maud a Helen.

Helen mostrou suas duas pequenas presas.

— Sobremesa! —Orro anunciou. — Peras assadas com creme expresso de *mascarpone*[59].

— Vou querer repetir, —disse Tony.

Capítulo 6

Fechei os olhos e imaginei a Pousada. Quando alguém entrava em Gertrude Hunt pela porta da frente, via uma sala de recepção perfeitamente comum. Diretamente em frente à entrada, na parede, pendia o quadro do retrato dos meus pais. Era inevitável. Qualquer um que entrasse na Pousada, viria o retrato. Durante a Conferência da Paz, formei um corredor atrás da parede, movendo o retrato ligeiramente para trás. Quem passasse por esse corredor chegava ao final dele, onde estaria o retrato, e depois poderia escolher virar para à direita ou à esquerda. Uma das duas opções levaria às escadas que levavam à ala da Sagrada Anocracia e a outra levaria a ala da Horda Esmagadora da Esperança. Ambas as alas tinham acesso direto ao Grande Salão. De acordo com a ciência humana, eu manipulava o espaço de maneiras que não deveria ser possíveis, mas a Pousada era seu próprio microcosmo, atravessando fronteiras dimensionais e emaranhando o tecido do espaço.

Em minha mente, usando a magia, empurrei o Grande Salão de volta, colocando-o mais fundo na extensão da Pousada. Os corredores, que levavam ao Grande Salão, se estenderam para manter a estrutura de entradas e saídas. Três, metros, seis, quinze ... Bom o suficiente. Alcancei a sala do núcleo da Pousada que pulsava bem abaixo de mim, e a puxei para cima. Um estrondo profundo estremeceu através da Pousada quando o chão se abriu e as paredes da sala do núcleo deslizaram para o seu novo lugar diretamente atrás da parede que ficava o quadro do retrato dos meus pais. Senti os cabos e fios deslizarem através das paredes, remontando os equipamentos da sala. A parede sob o retrato se abriu, se desmanchando como se fosse líquida e se refez, formando uma porta. Um tentáculo de madeira pegou o retrato antes que ele caísse e o levou para dentro da nova sala. Eu o segui.

A nova sala era um círculo perfeito, suas paredes eram de um bege suave. Em tempos de necessidade, a Pousada enviava imagens das câmeras externas para as telas que cobriam as paredes, dando-me uma visão de 360 graus do terreno da Pousada. No centro da sala, um tronco de madeira estava exposto, com uma textura listrada que lembrava mogno e pinheiro. Um ramo vivo da Pousada, uma artéria do seu coração. Esta era a Sala de Guerra, o coração das

defesas da Pousada.

Pisei no tronco. Magia esperava, expectante. Fechei os olhos e deixei permear meus sentidos. Meu poder se estendeu, conectando, fluindo para os galhos mais distantes de Gertrude Hunt. Se eu tivesse asas, é assim que seria espalhá-las.

O vínculo entre a Pousada e o Estalajadeiro era muito maior do que o vínculo entre um servo e um mestre ou animal de estimação e seu dono. Nosso vínculo existia em *simbiose*[60].

Quando um Estalajadeiro morria, a Pousada ficava adormecida, caía em um sono profundo. A cada ano que passava sem vínculo, a Pousada se enfraquecia um pouco mais, até finalmente petrificar e morrer. Quando eu encontrei Gertrude Hunt, seu sono era tão profundo e ela estava tão longe que não tive certeza se poderia acordá-la.

O vínculo funcionava nos dois sentidos. Poucos Estalajadeiros sobreviveram à destruição de sua Pousada. Muitos morreram. Outros enlouqueceram. A Pousada faria qualquer coisa pelo Estalajadeiro, e o Estalajadeiro tinha que proteger a Pousada com sua vida. E é exatamente isso que eu faria.

As defesas da Pousada mudaram quando eu as realinhei. A última vez que usei a Sala de Guerra foi quando Caldenia chegou a Pousada. Precisei configurar Gertrude Hunt para repelir um pequeno exército de caçadores de recompensas que veio atrás dela. Os caçadores de recompensas eram na verdade um exército de soldados individuais—apesar do grande número deles—todos trabalhavam por eles mesmos, sozinhos. Não confiavam um nos outros e não estavam interessados em unirem seus esforços. As listras metálicas na testa do líder *Draziri* significava que ele provavelmente liderava seu próprio Bando, um Clã. Os Bandos eram altamente organizados e disciplinados. Os *Draziris* atacariam em equipe. E eles provavelmente não tentariam capturar o *Hiru* como os caçadores de recompensas tentaram capturar Caldenia. Assassinar um *Hiru* seria um triunfo religioso para eles. Eles tentariam violar as defesas da Pousada e se aproximariam prontos para matar qualquer um.

Testei as imagens das câmeras, girando-as lentamente. A noite havia chegado, mas a tecnologia da Pousada precisava de muito pouca iluminação para gravar imagens nítidas A vista do pomar, os jardins, os carvalhos, a rua, o *Ford F150*[61] de Sean ...

A caminhonete de Sean. Ele disse algo sobre pegar uma mala com algumas

mudas de roupas e saiu pouco antes do Senhor Rodriguez e Tony irem embora.

Seria uma curta viagem, já que a casa dele ficava na mesma rua, mas a caminhonete estava totalmente carregada e coberto com uma lona. As molas da caminhonete rangeram quando Sean a manobrou pela entrada da garagem e atrás da Pousada.

Sean saiu da caminhonete. Ele usava calça preta e uma justa camisa de tecido balístico, cinza escuro e preto, projetada para impedir o impacto cinético de uma bala e um tiro de baixa potência de uma arma de energia. *Algo que valia a pena olhar mais de perto.*

Acenei com os meus dedos e a Pousada aumentou o zoom, expandindo a imagem para toda a parede à minha frente. O tecido balístico se agarrava a Sean como uma luva, traçando os contornos dos ombros largos e das costas poderosas. Alguns homens tinham costas musculosas, mas uma cintura mais larga, então pareciam quase retangulares. A diferença entre os ombros de Sean e sua cintura estreita era tão acentuada que suas costas afunilavam em uma forma quase triangular em direção a sua cintura. Suas pernas eram longas, seus braços musculosos. Eu gostava da maneira como ele se movia, rápido, seguro de si, mas com uma graça natural que homens muito fortes às vezes não tinham. Havia algo perigoso nele e em seus movimentos calculados e cuidadosos. Algo que dizia que, se a violência ocorresse, sua resposta seria instantânea e letal, e por mais idiota que fosse, eu poderia observá-lo o dia todo ...

— Então, o que há entre você e o lobisomem? —Minha irmã perguntou ao lado do meu ouvido.

Eu pulei de susto.

Não a ouvi entrar. Pior, não a senti entrar.

— Nada.

— *Hum*, —disse Maud. — É por isso que você estava aqui, suspirando em frente a uma tela gigante.

— Eu não estava suspirando. —*Sim, sim, eu estava*.

— Você estava prendendo a respiração, Dina.

— Eu não estava.

Maud estudou a tela. — Até que ele é gostosinho.

— Gostosinho? —Não havia nada gostosinho em Sean.

— Precisa de mais um pouco de ... —Maud afastou as mãos.

— Mais um pouco de que?

— Músculos. Massa. Eu gosto de homens ... muito grandes.

— Ele é grande o suficiente. —Sean tinha mais de um metro e oitenta de altura. — E é muito forte.

— Oh, não duvido que ele seja forte e muito rápido também. Mas ... maior.

Eu olhei para ela. — Pensei que você tinha superado sua fixação pelos vampiros.

— Eu não disse nada sobre vampiros. Apenas gosto de homens maiores.

— Claro, *hum-rum.*

Sean retirou a lona, revelando caixas e armas. Ele colocou uma arma comprida e estreita no ombro e pegou uma caixa que parecia ter engolido a luz de tão preta.

Maud olhou para a tela. — É um *Fuzil Sniper Espectral*[62] que ele está carregando?

— *Hum.* Parece um modelo recente também.

As armas Espectrais usavam um campo eletromagnético em vez de uma reação química para lançar projéteis. À prova de falhas e quase completamente desprovidas de peças móveis e potencialmente defeituosas, os Fuzis Espectrais disparavam balas em torno de 300m/s, um pouco abaixo da velocidade do som, evitando a expansão sônica, mais conhecida como estalo de bala. Esse tipo de arma era completamente silenciosa.

Maud estava observando atentamente uma forma retorcida em cima da caminhonete. — Você não tem uma unidade HELL?

— Tenho duas e alguns lasers de *estado sólidos*[63], conectados por um computador a uma rede de defesa. Mas Sean não sabe disso.

— Ah, —disse Maud. — Ele trouxe um Laser Líquido de Alta Energia para protegê-la. Que amorzinho.

— Cale a boca, —eu disse a ela.

— Sério, esse é um equipamento muito caro.

Ela estava certa. Lasers Líquidos eram como computadores. Quanto menores, mais caros eram, e a unidade portátil no caminhão de Sean estava muito fora do meu orçamento.

Minhas duas unidades eram do tamanho de um carro de porte médio e ambas tinham pelo menos dois séculos de idade. Comparadas à elegante besta moderna de Sean, eram antiguidades, mas mesmo velhas, ainda davam socos infernais.

— Roupas projetadas, casaco de camuflagem, armas de pulso … Ele tem armas suficientes para enfrentar uma pequena guerra. Como pôde pagar por tudo isso? Ele é secretamente um príncipe? Você está namorando um Senhor das Armas Galáctico? Ele tem um pai rico ou possivelmente irmão?

— Não! Ele não é um príncipe, nem Senhor das Armas, é filho único, seu pai é um advogado e não é rico. Sean trabalhou como mercenário e foi muito bem pago.

— Então vocês estão namorando.

— Eu não disse isso. —Tecnicamente, ir para um encontro não era estritamente qualificado como namoro.

— Sean e Dina sentados em uma árvore. *B-e-i-j-a-n-d-o* ...

— Vou te dar um soco.

Sean olhou para cima. Eu podia jurar que ele me ouviu, exceto que a Pousada era à prova de som. Eu me concentrei e projetei minha voz para fora da Pousada.

— Ei.

— Ei, —ele disse. Sean não se assustou, apesar de eu ter falado com ele do nada.

— Você precisa de uma mão com todo esse equipamento?

— Ah, claro que ele precisa totalmente da sua mão com o equipamento dele, —Maud sussurrou.

Eu pisei no pé dela, mas ela foi rápida, então só consegui alcançar as pontas dos dedos do pé.

Não havia como apenas projetar minha voz. Eu também projetava os sons ao meu redor.

— Você tem um arsenal? —Ele perguntou.

— Sim.

— Posso ter acesso a ele?

— Acesso total, —Maud sussurrou e bateu os cílios.

— Sim, —eu disse a ele, abrindo um túnel no chão ao lado dele. — Entre no ... —se eu dissesse meu túnel, Maud não seria capaz de se controlar. — ... Caminho subterrâneo que acabei de fazer. A Pousada vai levar as armas para lá.

— Quando eu terminar de guardar essas coisas aqui, queria fazer uma visita a *Baha-char*, —disse ele. — Preciso falar com Wilmos.

— Certo. Vou abrir o portal para você, mas poderia me fazer um favor e levar Orro com você? Ele quer algum tipo de tempero estranho e eu não quero que ele vá sozinho.

— Levo sim.

Ele sorriu para mim, seu olhar cheio de malícia, e então desceu o túnel.

Assisti a Pousada engolir o caminhão inteiro, puxando-o para a garagem e me virei para minha irmã. — Te odeio.

— Você viu como ele sorriu? —Maud perguntou. — Acha que ele me ouviu? Eu não estava projetando a voz.

— Sim, ele te ouviu. Meus vizinhos do outro lado da rua te ouviram. Você não sabe sussurrar.

— Você está corando? —Maud perguntou.

— Aqui! —Abri uma escada para o sótão de armas no corredor e apontei para ela.

— Desde que você se meteu onde não foi chamada, agora poderia verificar os canhões de pulso em vez de mim. Faça-se útil.

— Sim, *mamãe.* —Maud parou na porta e se virou novamente, olhando para a Sala de Guerra. Sua voz ficou calma e melancólica. — Traz de volta memórias.

Sim, traz. Quando eu trouxe a Sala de Guerra das profundezas de Gertrude Hunt pela primeira vez, a reformulei para parecer com a Sala de Guerra da Pousada de nossos pais. Mamãe nos fez fazer incontáveis exercícios em uma Sala de Guerra como esta.

— Vamos encontrá-los, —eu disse.

— Sim, —ela disse. — Nós vamos.

Maud subiu a escada do sótão. Eu suspirei e fui jogar água fria no meu rosto. Eu estava corando, e todo o meu rosto parecia que ia pegar fogo.

******

Vinte minutos depois, assisti Sean e Orro atravessar o portal para o brilho do sol de *Baha-char*. Sean vestiu um casaco esfarrapado, escondendo o rosto em um grande capuz. Orro, por outro lado, manteve a cabeça erguida, mas todos os seus espigões tremiam levemente, prontos para serem levantados a qualquer momento. Eu duvidava seriamente que os *Draziris* os atacariam lá, mas se o fizessem, se arrependeriam.

Voltei para a cozinha. Na ausência de Orro, Arland havia trazido uma sacola cinza, que agora estava ao lado dele em uma cadeira, e estendido a armadura na mesa da sala de jantar. Ele apagou as luzes. Apenas as duas iluminarias de mesa estavam acesas, seu brilho quente era suave e amarelo amanteigado. Um kit semelhante ao que ele enviou a Maud estava sobre a mesa, aberto, com o conteúdo iluminado por um brilho pêssego.

Os pequenos frascos de vários líquidos brilhavam fracamente com o reflexo da luz. Uma melodia tocava baixinho no kit, os sons de sinos de prata e o canto medido de vozes femininas, calmante, mas misterioso, como se estivesse tecendo alguma magia secreta.

Helen estava sentada no canto, silenciosamente fascinada.

— Não já passou da sua hora de dormir? —Eu perguntei.

— Não. —Ela bocejou. — Não estou com sono.

— Deixe-a ficar, —disse Arland, sua voz calma. — Lembro-me de sentar e observar minha mãe. Os cheiros e as luzes são reconfortantes.

Eu sentei na cadeira. Era realmente reconfortante assisti-lo. Havia uma qualidade meditativa e sem pressa em seus movimentos, como se ele estivesse passando por um ritual que havia feito centenas de vezes antes. A luz brilhava em seu rosto de perfil e nos longos fios do seu cabelo loiro que escapavam de seu rabo de cavalo. Ele estava certo. Helen provavelmente viu seu pai ou minha irmã reparando a armadura deles assim.

Por um tempo ele trabalhou em silêncio. A cabeça de Helen caiu. Ela suspirou e colocou a cabeça na mesa sobre os braços. Os olhos dela se fecharam. Ela ainda não estava dormindo. Eu podia ver seus cílios tremendo. Mais alguns minutos e eu deixaria a Pousada levá-la para a cama.

— Você conhece Sean Evans, minha Senhora? —Arland perguntou calmamente.

— Assim como eu te conheço. —Na verdade, eu conhecia Sean melhor. Ele compartilhou seus segredos comigo. Arland não.

— Não acredito que ele seja quem diz ser, —disse Arland.

— O que te faz pensar isso?

Arland levantou a mão com uma pequena ferramenta e desenhou uma linha imaginária. Começou baixo, subiu e nivelou em arco. — Essa é uma trajetória padrão de voo do planeta para a sua órbita.

Ele abaixou a ferramenta e desenhou uma segunda linha. Desta vez, continuou baixo, acelerado e curvado bruscamente, disparando. A trajetória era quase completamente inversa. — Foi essa trajetória que Sean Evans fez.

— Eu não entendi.

— A segunda trajetória acelera fortemente a nave antes da drástica escalada atmosférica. É menos confortável para os passageiros e mais difícil no transporte público.

Eu poderia dizer que realmente não foi muito confortável. Naquele momento, quando saímos fugidos do planeta Karhari, parecia que um rinoceronte estava no meu peito.

— Só existe um lugar onde essa trajetória é absolutamente necessária. As anomalias atmosféricas ali tornam o voo imprevisível e inseguro, por isso é necessário atingir a velocidade e a aceleração adequadas em baixa altitude antes de percorrer a atmosfera o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, essa trajetória assegura um caminho livre, sua nave não seguirá direto para uma anomalia que de repente poderia se formar acima do seu transporte espacial.

— E onde é esse lugar? —Eu sabia a resposta.

— Nexus, —disse Arland.

Isso foi o que eu pensei.

— Não sei o que Evans contou a você o que fez, mas perguntei a ele onde havia aprendido a voar.

— Eu estava lá. Lembro. Ele disse que Wilmos o ensinou.

Arland assentiu. — Eu verifiquei nossos bancos de dados. Wilmos não é desconhecido para minha Casa. Dou a você minha palavra, como Cavaleiro da Sagrada Anocracia, que Wilmos Gerwar conhece a trajetória adequada e padrão para um voo de subida e descida entre o planeta e a sua órbita.

— Você acha que Sean esteve em Nexus.

Arland assentiu. — Os Mercadores empregaram muitos mercenários.

— Seria uma coisa tão ruim se ele estivesse lá?

— Nexus mudou as pessoas, —disse Arland. — Estou preocupado apenas com a sua segurança.

— Nesse caso, ela deveria se preocupar com você também, —disse Maud da porta. — Afinal, você lutou duas vezes lá, Lorde Marechal.

Arland levantou a cabeça e a estudou.

Minha irmã entrou e colocou a armadura dela na mesa. A parede da Pousada se abriu e o kit de reparo que Arland havia lhe dado escorregou. Ela pegou a caixa pesada e a colocou sobre a mesa.

— Eu sou um Cavaleiro. Fui condicionado a lidar com os rigores da guerra desde a infância.

Maud abriu a armadura, os olhos semicerrados sob os cílios longos enquanto a examinava. — Você ficaria surpreso quantos Cavaleiros quebram sob os rigores da guerra, meu Senhor. Eles quebram e fogem, enquanto a sua honra morre atrás deles.

— Eu não fujo, minha Senhora.

Maud arqueou a sobrancelha.

Se eu não soubesse, juraria que ela era uma vampira.

— Eu fugi, meu Senhor. E faria novamente, se as circunstâncias exigissem. A honra não pode manter minha filha viva, mas eu posso.

— Há uma diferença entre fugir cegamente por sua vida e uma retirada estratégica, porque a batalha está perdida, —disse Arland, pulverizando uma solução perolada em sua armadura.

— Às vezes é muito difícil dizer a diferença entre os dois. —Maud bateu no kit que se abriu como uma flor. Ela selecionou uma ferramenta estreita com os dedos longos e elegantes e concentrou-se em encontrar alguma falha imperceptível no ombro direito.

Os olhos de Arland se estreitaram. — Embora, se eu estivesse usando sua armadura, fugiria em qualquer das duas circunstâncias, minha Senhora. Isso é um painel manual no seu *avambraço*[64]?

Maud fez uma careta.

— Seu brasão foi danificado?

— Foi arrancado da minha armadura quando a Casa Ervan exilou a mim e meu marido, meu Senhor. Você leu sobre isso nos arquivos.

— Parece muito certa sobre isso, minha Senhora.

Ela lançou um olhar rápido para ele. — Um Cavaleiro condicionado a lidar com os rigores da guerra, como você, garantiria saber exatamente quem ele colocaria a bordo de sua nave de guerra.

Arland abriu sua bolsa, tirou uma caixa preta e a colocou perto de sua armadura. Quadrada, quinze por quinze centímetros, a caixa era completamente inteira. Sem costura, sem linha marcando o local onde a tampa se encaixa. Apenas uma caixa sólida que parecia absorver a luz de tão escura.

Os olhos de Maud se arregalaram. Arland voltou a trabalhar em sua armadura. Maud também.

Algum tipo de comunicação estranha de vampiros estava ocorrendo aqui.

— Exilar uma criança é sem precedentes, —disse Arland.

— Sim, —concordou Maud, fazendo valentes esforços para ignorar a caixa.

— O que levou a essa decisão?

Minha irmã sorriu. — Talvez um dia eu lhe conte Lorde Marechal.

— Independentemente dos motivos, você foi injustiçada. A criança foi injustiçada. Não há tantas crianças na Sagrada Anocracia, não podemos nos dar o luxo de abandonar uma dessa forma. Especialmente uma tão talentosa quanto Helen.

— É muito gentileza sua.

— Talvez me permita pedir uma pequena gentileza sua em troca, —disse Arland. — Permita-me corrigir uma pequena parte da injustiça.

Ele empurrou a caixa preta na direção de Maud, como se a caixa não fosse nada importante.

Isso era melhor do que uma novela.

Maud tocou o topo da caixa. A tampa abriu parte por parte. Ela mergulhou os dedos nela e retirou um brasão. Diferentemente do brasão de Arland, que mostrava um Krahr estilizado rosnando, em vermelho sobre preto, esse brasão era todo em preto e branco. Um brasão sem Casa. Eu já os vi antes. Os vampiros que deixavam suas Casas os usavam. Funcionavam exatamente como os brasões

padrões das outras Casas: *controlavam a armadura, enviavam sinais que se comunicavam com navios e redes defensivas e armazenavam informações.*

Maud encarou o brasão como se fosse um diamante.

— Obrigada.

Arland inclinou a cabeça e voltou para a sua armadura.

A magia da Pousada soou na minha cabeça. Os *Draziris* estavam de volta.

Levantei. — Temos visitas.

******

Começou como um único toque, um intruso roçando a fronteira dos terrenos da Pousada. Ele tocou o limite, testando-a, e depois meia dúzia de intrusos explodiram, se movendo rapidamente. Os *Draziris* não estavam brincando. Bom, porque eu também não.

Atravessei a porta da Sala de Guerra e pisei no tronco de madeira. Wing estava no quarto dele e Helen no dela. Maud a levou para o andar de cima. *Perfeito*. Um barulho profundo soou através de Gertrude Hunt, um som alto e impossível de ignorar, janelas e paredes externas sendo trancadas. Minha voz percorreu a Pousada, ecoando por todos os cômodos.

— Gertrude Hunt está sob ataque. Estamos trancados até novo aviso. Peço desculpas pela inconveniência.

Brotos finos e flexíveis espiralavam nas bordas do tronco de madeira em que eu estava, formando uma treliça de sessenta centímetros. Levantei minha vassoura. Ela se dividiu em mil fios azuis brilhantes que riscaram meu manto, aderindo à minha pele e à treliça da Pousada. Isso faria a minha conexão com Gertrude Hunt mais rápida.

As paredes ao meu redor desapareceram, transformando-se em uma grande tela única, me dado uma visão das imagens em 360 graus do terreno da Pousada.

Ao longe, ao norte, seis esferas do tamanho de laranjas flutuavam cerca de um metro e meio do chão, lentamente entrando no meu território. Uma rápida vistoria me disse que elas estavam equipadas com explosivos.

A magia mudou dentro de mim, anunciando outra intrusão. *Há, querido! Pensou que eu não te notaria*. O Comandante *Draziri,* tinha muito a aprender sobre o poder de um Estalajadeiro.

Caldenia entrou pela porta, carregando uma taça de vinho. Eu sorri para ela e puxei sua poltrona preferida que subiu pelo chão da Pousada. Ela se sentou e sorriu de volta para mim, piscando os dentes desumanamente afiados.

Minha irmã e Arland chegaram à porta ao mesmo tempo. Eles teriam colidido, mas anos de polidez enraizados em Arland assumiram o controle e ele parou sem problemas, deixando Maud entrar na sala primeiro. Minha irmã carregava a sua espada. O Marechal da casa Krahr usava armadura.

Maud olhou para Caldenia. — Sua Graça? Não se sentiria mais confortável em seus aposentos?

— Bobagem, minha querida. —Os olhos de Caldenia brilhavam. — Adoro ver Dina trabalhar.

— Eles implantaram Esferas Batedores, —disse Arland, observando o punhado de batedores robóticos serpenteando no meu território. — Estão tentando mapear o alcance do seu poder. Uma maneira cara de fazer isso.

— Cara e sem sentido, —disse Maud. — Todas elas estão ao alcance do poder de Dina desde os últimos seis metros antes das fronteiras. Se ela quisesse já as teria destruindo antes dos limites da Pousada.

Fechei os olhos e me concentrei na extensão do terreno da Pousada. Uma área do lado oeste se destacou para mim, aumentando cada vez mais a imagem na minha mente. A medida que a imagem focava mais de perto o mato crescia, as folhas individuais da grama se tornaram uma floresta e, dentro dessa floresta, um fileira de dez formigas corria em direção à Pousada.

Analisei as formigas quando as senti cruzando o limite da Pousada e joguei os resultados na tela para que os outros pudessem vê-la. Uma formiga individual expandiu, entrando em grande foco, girando na tela, a análise rolando ao lado de sua imagem, listando informações complexas. Eu estava olhando para uma obra-prima da tecnologia ciborgue: *um inseto vivo carregando cerca de um milhão de nanorobôs*[65]. Silenciosas, praticamente indetectáveis por todos, exceto pelos escâneres mais avançados, as formigas foram feitas para alcançar Gertrude Hunt e liberar sua horda de minúsculos robôs, capazes de tudo, desde vigilância até sabotagem. Os *Draziris* não tinham ideia de que a arquitetura da Pousada era fluida e mudava conforme a minha vontade. Eles estavam tentando mapear Gertrude Hunt, procurando pontos fracos.

Arland arreganhou os dentes. — Bastardos inteligentes.

— Não tão inteligentes quanto pensam, —murmurei.

Magia me puxou. Abri uma segunda tela na parede. O *Hiru* apareceu nela.

— Em que posso servi-lo? —Eu perguntei.

— *Entendo ... que essa não é a melhor hora.* —A voz do *Hiru* parecia tensa. — *O primeiro Arquivariano chegou à Terra.*

Isso não é bom. — Onde?

O *Hiru* levantou a palma da mão direita. Um pequeno mapa de Red Deer apareceu, um pequeno ponto brilhante marcando uma das ruas. *Estacionamento Walmart*. Bem, pelo menos o primeiro membro do Arquivarius não chamaria tanta atenção.

— Como é a aparência dele?

O *Hiru* tocou a palma da mão e apareceu uma projeção de um homem de trinta e poucos anos, pele marrom, cabeça careca e rosto inteligente. As feições dele não demostrava emoção alguma. Algo nele gritava *'alienígena'* tão alto que praticamente socaria os sentidos de qualquer um que o visse. Levei um momento para descobrir o porquê. O rosto dele não tinha poros. Não havia rugas, nem pequenas imperfeições e variações de tons na pele, que seria natural em um rosto humano comum. Ele parecia de plástico. O efeito era muito estranho. Mas na escuridão passaria por um humano.

— O Arquivariano deve ser resgatado, —disse o *Hiru*. — Imediatamente.

Sem pressão. As formigas ainda estavam a duzentos metros de distância. As esferas flutuavam perigosamente perto do ponto em que se tornariam um problema.

— O resgate pode ter que esperar.

O *Hiru* se inclinou para frente, sua voz ofegante. — *O Arquivariano não pode manter sua forma nas condições ambientais desse planeta. Precisa estar submerso em gás inerte para se conter.*

Gás inerte significava uma câmara de *argônio*[66]. Moleza para mim, mas apenas possível na Pousada.

— O que acontecerá se ele perder a forma? —Eu perguntei.

— *Ele é um ser de energia.*

Isso não é bom. Não é nada bom. A liberação de energia pode significar qualquer coisa, desde explosão, luz brilhante até completa desintegração do continuo *espaço-tempo*[67] local.

— *Ele deve ser resgatado. Arriscamos tudo.* —O desespero vibrou na voz do *Hiru*.

Teria sido excelente se ele tivesse dado essa informação mais cedo. — Quanto tempo ainda temos?

— *Trinta e quatro minutos.*

Merda. Abri um cronômetro na parede e o programei para trinta e quatro minutos.

— Muito bem, —eu disse. — Como o Arquivariano reconhecerá meu pessoal?

— *Leve isto.* —O antebraço esquerdo do *Hiru* se abriu, revelando um pequeno transmissor do tamanho e da forma de uma caneta. — *Ele reconhecerá seu sinal.*

E os *Draziris* também, se colocarem dois e dois juntos.

Argumentar sobre isso agora nos faria perder o tempo que não tínhamos. Depois que acabarmos com esse ataque inicial, o *Hiru* e eu teremos uma conversa.

Eu assenti e interrompi a comunicação.

— Vou cuidar disso, —disse Maud.

Amo muito minha irmã. — Pegue meu carro. É à prova de balas. O *Walmart* fica a apenas sete ou oito minutos daqui.

— Minha Senhora, —disse Arland, e levei um segundo para registrar que ele não estava falando comigo. — Ficaria honrado em ajudar.

— Posso lidar com isso sozinha, —disse Maud.

— Leve o vampiro, minha querida, —disse Caldenia. — Nunca se sabe quando podemos precisar de músculos.

As sobrancelhas de Maud se uniram.

Puxei as imagens da rua Street. À primeira vista, tudo parecia normal. Felizmente, a Pousada gravou a rua nas últimas quatro horas. Levou apenas algumas frações de segundo e uma análise comparativa para revelar os contornos de quatro *Draziris* na tela, cada um envolto em uma capa camuflada de alta tecnologia. A capa imitava o ambiente da mesma forma que um camaleão imitava a cerca e os arbustos com uma precisão meticulosa. Eles devem ter alguma maneira de bloquear o calor também, porque seus corpos não apareciam

nas imagens de infravermelho.

Os *Draziris* esperavam nas sombras, dois ao lado da cerca do Senhor Ramirez e dois do outro lado da avenida Camelot que levava ao bairro de Avalon. Eles tiveram um golpe de sorte—o Senhor Ramirez saiu para sua reunião semanal de boliche e levou o cachorro com ele.

— Quanta cobertura você pode me dar? —Maud perguntou.

— Posso lhe dar um *'Cuidado de Mãe'*, —eu disse.

— Isto deverá ser o suficiente.

— A saída não será um problema, —disse Arland. — Mas o retorno pode apresentar uma pequena dificuldade.

Trinta minutos. Tínhamos que decidir agora.

Arland estava certo. Os *Draziris* não esperavam que alguém saísse da Pousada agora, mas esperariam a volta deles. Meu alcance era limitado e eu estava vinculada pelas leis dos Estalajadeiros. Não poderia fazer nada que chamasse muita atenção fora da Pousada. Os *Draziris* emboscaria o veículo no caminho de volta. Um tiro certeiro, de uma das muitas armas galácticas, e minha irmã, Arland e o Arquivariano virariam pó.

Um raciocínio rápido ocorreu atrás dos olhos de Maud. Ela se virou para o vampiro. — Lorde Arland, é uma honra aceitar sua oferta generosa.

Arland deu a ela seu melhor sorriso. O sorriso bateu em Maud como ervilhas secas na parede.

Minha irmã se concentrou, sua magia fluiu. Eu senti a Pousada se mover em resposta a ela. O teto acima de nós se abriu e as chaves do carro caíram na palma da mão dela.

— Eu te disse, —falei. — Como andar de bicicleta. Não se esqueça de pegar com *Hiru* o dispositivo de reconhecimento.

Ela se virou e correu. Arland a seguiu.

As esferas robôs estalaram em uníssono, preparando-se para explodir. Eu sorri e abri um portal na realidade do espaço-tempo. Por um instante, uma planície laranja brilhou sob um céu roxo, uma visão que não podia ser encontrada em nenhum lugar da Terra. O portal dimensional engoliu as esferas. As minas robóticas desapareceram, transportadas para um planeta a milhares de anos-luz de distância. Não havia como retornar de Kolinda.

Deixei as formigas se aproximarem.

— Você está brincando com eles, querida, —disse Caldenia.

— Estou deixando que pensem que ainda têm um ás na manga.

— Eu concordo. —Ela sorriu, seus olhos brilhando de prazer.

A imagem da garagem apareceu à minha esquerda. Maud acelerou o motor do carro. Arland estava sentado no banco do passageiro, com um canhão de pósitron na mão.

Puxei a magia, moldando-a.

— O que é um *'Cuidado de Mãe'*? —Perguntou Caldenia.

— Você verá.

A magia envolveu-me, firme e pronta. A Pousada rangeu.

Maud acenou através do para-brisa, avisando-me que estava pronta. Empurrei a minha magia.

O portão da garagem desapareceu. Um túnel no chão feito de terra, pedra e raízes da Pousada surgiu, curvando por baixo no calçamento e virando à direita na rua.

Maud acelerou. Meu carro disparou pelo túnel como uma bala de canhão e explodiu no calçamento da rua. Os *Draziris* olharam para ele, surpresos demais para dispararem qualquer ataque. Fechei o túnel e o dissolvi. A coisa toda levou dois segundos. Da rua, a Pousada parecia mais uma vez normal, como estava alguns momentos atrás.

O cronômetro marcava vinte nove minutos. *Boa sorte, Maud.*

— Nossa mãe usava essa estratégia para fornecer segurança adicional aos hóspedes de alto risco que precisavam sair da Pousada, —eu disse.

— Sua mãe é uma mulher notável, —disse Caldenia. — Agora, o que faremos com as formigas?

— Acho que elas estão se divertindo muito andando sem parar sem ir a lugar algum, —eu disse. — Devemos deixá-las continuar assim.

Caldenia se inclinou para a frente e viu como eu quebrei as leis da física para manter as formigas em movimento, mas sem saírem do lugar. O solo abaixo delas movia-se sutilmente, um grande pedaço do gramado rastejando para trás ao mesmo tempo em que elas caminhavam para frente. Dos monitores, o chão pareceria perfeitamente parado. Eventualmente, quem as estivesse monitorando descobriria que as formigas não estavam mais perto da casa do que estavam há

dez minutos atrás, mas isso me daria algum tempo.

Quinze minutos depois, as formigas finalmente se viraram, tentando sair da armadilha e eu as joguei no lixo de Kolinda.

Treze minutos.

Do outro lado da rua, um *Draziri* abandonou a sutileza, pulou na cerca de madeira e correu por ela pela direita com uma graça de tirar o fôlego, fora do alcance das minhas armas silenciosas. Outra criatura disparou na direção oposta. O resto seguiu o exemplo, dividindo-se em dois grupos. Estavam cobrindo o bairro, metade para a esquerda e metade para a direita, sem terem certeza por qual direção o veículo de Maud retornaria.

Lancei duas sondas. As minúsculas câmeras riscaram a rua, rastreando os *Draziris* e a tela dividida mostrava dois grupos invasores. O da esquerda abrigava-se ao lado da rua Timber, uma rua tranquila que era a mais nova adição ao bairro de Avalon. Cheios de casas e uma escola primária. O grupo à direita se agachava na cerca logo atrás da curva da estrada. Um, dois, três, quatro ... Oito de cada lado.

Eles tinham uma tropa muito maior do que eu esperava. Definitivamente, oito eram demais e, pelo que eu tinha visto até agora, os *Draziris* estavam bem armados. Precisava decidir como Maud entraria de volta a Pousada. Ela poderia se aproximar da Pousada pela direita, voltando exatamente por onde saiu, ou pela esquerda, depois de percorrer algumas ruas paralelas.

Se aproximar pela direita era a única opção segura. À esquerda, as casas na rua Timber eram bastante povoadas. Não havia como uma luta não ser notada, e algumas das armas de energia que os *Draziris* carregavam atravessariam tijolos e cimentos como faca na manteiga. Teríamos mortes entre os civis.

À direita, uma cerca de pedra circulava a maior parte do bairro, fornecendo pelo menos alguma proteção para as casas. Mas a rua Street fazia uma curva suave um pouco depois da Pousada. Não conseguiria atirar em linha reta daqui. Eu tinha algumas armas que podiam fazer curvas, mas elas funcionavam através do rastreamento do calor dos corpos e os *Draziris* estavam mascarando os deles.

Magia me tocou. *Sean e Orro.*

— Aqui, —eu convoquei.

Sean apareceu no portal que abrir dentro da Sala de Guerra, com uma pequena bolsa nas mãos. Ele se aproximou de mim.

— Minha irmã e Arland foram buscar o primeiro Arquivariano, —eu disse.

— E esse cronômetro? —Perguntou Sean.

— Prazo para o Arquivariano assumir sua verdadeira forma.

— Que forma é essa?

— Energia. Há oito *Draziris* esperando a volta deles em cada lado da rua. Ambos os grupos estão longe demais para serem alcançados por qualquer uma das minhas armas silenciosas. Eu tenho um *Needler*[68], mas seus dardos se guiam pelo calor do corpo e *Draziris* não estão aparecendo no meu escâner infravermelho. Qualquer outra coisa chamará muita atenção.

Meu celular tocou e eu atendi. A voz da minha irmã ecoou pela Sala de guerra.

— *Nós o temos.*

Eu sabia que ela conseguiria.

— *Quer que eu volte da mesma maneira?*

Ela tinha que voltar da mesma maneira, mas pela direita entraria em uma emboscada. Mesmo se eu jogasse o túnel o mais longe possível, não seria suficiente. Os *Draziris* atacariam o carro antes mesmo de chegar ao túnel.

Eu teria que usar os morcegos da caverna, que ficava no fundo dos terrenos da Pousada, como um escudo vivo.

Meu coração se espremeu em uma pequena bola. Os morcegos faziam parte da Pousada e eu sacrificaria até o último para salvar minha irmã, mas não seriam suficientes. Eu não tinha como trazê-la em segurança.

Sete minutos. Tinha que dar a ela uma resposta.

— Deixe-me fazer a minha parte, —disse Sean.

— Há oito deles de cada lado.

Sean olhou para mim com olhos que eram puro lobo, e eu percebi que não importava quantos deles havia. Ele ainda iria lá fora.

— Sim, —eu disse a Maud. — Volte da mesma maneira.

Ela desligou.

— Esquerda ou direita? —Ele perguntou.

— Direita.

— Preciso do Fuzil Espectral.

— Dê a Sean tudo o que ele precisar, —eu disse a Gertrude Hunt.

Sean largou a bolsa e saiu da Sala de Guerra. Eu o segui pelas câmeras da Pousada. Ele saiu pela porta da cozinha e se transformou em uma forma sombria na tela. Sean largou o casaco e tirou a faca curva com uma lâmina verde. Seus olhos brilharam em âmbar incandescente, refletindo a luz da lua. Ele levantou a mão e o Fuzil Espectral caiu nela. Sean correu pelo gramado em direção às árvores, rápido e silencioso como um fantasma, e desapareceu na floresta, passando pelo alcance dos meus escâneres.

Puxei a imagem de uma das minhas sondas, expandindo-a para ocupar a maior parte da parede diretamente à minha frente. Os *Draziris* se posicionaram na longa cerca de madeira, agachando-se como assustadores anjos camuflados. Eles não tinham muita escolha em esconderijo. A cerca corria cerca de quatrocentos metros acima, pela rua.

Um veículo rugiu na estrada. Eu fiquei tensa.

Uma caminhonete branca passou trovejando por nós. Não era Maud.

Três minutos.

O primeiro *Draziri* à direita caiu como uma pedra. Sean havia disparado com o seu Fuzil Espectral. O segundo *Draziri*, logo atrás do primeiro, caiu em silêncio.

Os *Draziris* restantes saltaram da cerca e correram para o outro lado da rua. A noite se iluminou com lampejos de luz alaranjados enquanto eles descarregavam suas armas de energia.

Sean aterrissou no meio deles, rápido, muito chocantemente rápido. Ele estripou o terceiro Draziri com um corte preciso de sua faca, inverteu a lâmina e cortou a garganta do quarto invasor. Sangue pulverizou.

Os *Draziris* restantes giraram, revelando lâminas curtas de metal brilhante e atacaram, torcendo e pulando como se estivessem dançando. Sean os cortou, entrando no caminho certo como se soubesse onde estariam antes de se moverem.

Dois *Draziris* saíram do grupo à esquerda e correram, passando pela minha área de alcance, em direção à luta. *Ah não, vocês não*. O Canhão de Pulso de curto alcance disparou uma vez, seu feixe invisível atravessando a área. Dois cadáveres fumegantes caíram no chão.

Os atacantes de Sean estavam sendo reduzidos um a um, mas um último *Draziri* se movia como não tivesse peso algum, lançando-se em um turbilhão de cortes e golpes e desviando para longe de Sean antes que a sua lâmina verde

pudesse alcançá-lo.

O celular tocou. A voz de Arland encheu a Sala. — *Estamos à três ruas.*

Oitenta segundos.

Na tela, uma das lâminas do *Draziri* cortou o lado de Sean. Meu coração pulou na minha garganta. Sean enterrou sua faca no peito do *Draziri,* a puxou com um impulso afiado e pulou na desgrenhada floresta do Texas, na direção da fronteira com a Pousada.

— Limpo, —eu disse e abri o túnel na rua. Ele engoliu o carro. Maud entrou na garagem, o carro parou. O Arquivariano saiu tropeçando.

Um tanque cilíndrico disparou do chão, cercando-o. O topo do tanque fechou. Vapor de argônio encheu o interior.

Dez segundos.

Nove.

Cinco.

Três.

Dois ...

Um.

O Arquivariano olhou para minha irmã de dentro do tanque, sua forma ainda humanoide.

Conseguimos.

Sean.

Corri para fora da Sala de Guerra e atravessei o gramado e a floresta a leste.

Esteja bem. Por favor, esteja bem.

Ele cruzou a fronteira e o vi correndo em minha direção. Nós colidimos e eu joguei meus braços em torno dele. Por um segundo ele ficou lá, como se não tivesse certeza do que fazer e então me abraçou.

— Você está bem? —Eu sussurrei.

— Agora estou, —disse ele.

******

O problema com todos os homens, e lobisomens em particular, era sua maneira ímpar de lidar com as situações. Sean via o corte nas costelas como um arranhão. Eu via como uma ferida aberta feita por uma lâmina monomolecular capaz de cortar a armadura de lobisomem e contaminar seu corpo com microrganismos extraterrestres e possivelmente venenosos. Discutimos e chegamos a um meio termo. Ele me permitiu esterilizar e selar a ferida, e prometi parar de ameaçar trancá-lo.

— Estou curiosa, —disse Maud, quando terminei. — Você sempre ameaça as pessoas que tentam ajudá-la ou ele é especial?

— Ele não é o único, —Arland ofereceu. — Ela já ameaçou me afogar no esgoto uma vez.

— O Lorde Marechal mereceu. —Larguei o instrumento cirúrgico e examinei minha obra. A ferida foi reduzida a uma cicatriz vermelha fina como o cabelo. Considerando o quanto a bioengenharia dos lobisomens era desenvolvida, provavelmente curaria rápido. Em alguns dias, você nem conseguiria dizer que alguém tentou matá-lo.

Estávamos na sala da frente. Havia lugares suficientes para todos e eu baixei três telas em lugares diferentes para observarmos os arredores. Na tela da frente, os seis *Draziris* restantes estavam recuperando cuidadosamente os corpos de seus mortos. Eles tinham dado à Pousada um amplo espaço, usando ruas secundárias para contorná-la e ficar fora do alcance das minhas armas. Não deveriam ter se preocupado com isso. Como Estalajadeira, meu trabalho era responder a ameaças, não iniciar um ataque. Uma vez terminado o confronto, o inimigo estava em segurança. Contanto que eles não tentassem atirar na Pousada, eles podia desfilar na frente o dia todo.

Sean vestiu a camiseta de volta. Eu não me importaria se ele tivesse ficado sem ela por mais alguns minutos, mas com minha irmã aqui, eu pagaria um inferno se ela me flagrasse olhando para Sean mais tempo do que devia ou apreciando suas largas costas musculosas. Ou analisando seu abdômen. Olhei de perto seu abdômen enquanto trabalhava no corte, mas não faria mal dar uma segunda olhada.

— Você encontrou o que procurava em *Baha-char*? —Eu perguntei.

— Sim. —Sean tirou um pequeno chip de dados quadrado do bolso e ofereceu a mim. Tirei-o dele, puxei um terminal na parede e conectei o chip nele. A superfície do terminal engoliu o chip. O rosto do *Draziri* que veio falar

comigo apareceu na tela central.

Levantei. — Deixe-me chamar o *Hiru* para isso.

Entrei nas profundezas da Pousada, passando pelos aposentos do *Hiru*, até uma câmara estreita protegida por uma porta. Uma série de nichos esperava na parede, o primeiro ocupado com um tanque de argônio. O *Hiru* estava parado, olhando para a criatura humanoide dentro.

Lutei uma valente batalha contra o odor. O nariz humano geralmente se adaptava com os odores e parava de reconhecê-los quando exposto a eles por vários minutos, mas o cheiro do *Hiru* praticamente destruía essa regra. Apenas pura força de vontade me impediu de vomitar. O *Hiru* não percebeu, absorvido em observar o tanque.

— O que vê? —Eu perguntei.

O estranho alienígena suspirou, sua voz triste. — O futuro.

Observamos o primeiro membro do Arquivarius descansar no chão em transe. Eu perguntei se era necessário algo mais, mas o *Hiru* me disse que o tanque era suficiente.

— Existe nichos suficientes, —disse o *Hiru*, apontando para a parede. — Há dez.

— Quantos precisará?

— Nove.

Isso significava que ainda tínhamos que resgatar oito membros da Colmeia. Eu esperava por dois ou três.

— Você deve nos informar melhor da próxima vez, —eu disse. — Precisamos saber com antecedência onde o próximo membro aparecerá e quando. Se não nos der informações suficientes, os *Draziris* chegarão neles primeiro ou talvez não possamos resgatá-los a tempo.

— Vou tentar, —prometeu o *Hiru*. — Meu povo está tentando garantir que os Arquivarianos estejam seguros, mas as coisas são complicadas. Eles precisão se manter escondidos.

E qualquer *Hiru* que aparecesse atrairia os *Draziris* como mariposas para uma chama.

— Estamos prestes a revisar as informações sobre os *Draziris* que nos atacaram. Quer se juntar a nós? Sua opinião pode ser valiosa.

O *Hiru* não respondeu.

Eu esperei. Tinha a sensação de que ele queria ficar bem aqui, guardando o tanque.

— Eu vou, —disse ele finalmente.

Eu o levei de volta para a sala da frente e vi quando todos se esforçaram para manter o conteúdo do estômago no lugar. Ele parou em um canto, longe de todos. Orro assistia da porta da cozinha. Sua Graça estava sentada em sua poltrona de sempre.

— Estamos prontos agora, —eu disse a Sean.

— O nome dele é Kiran Mrak za Ezara za Krala-Kric, —disse Sean.

— Isso é um grande nome, —disse Arland.

— A sociedade *Draziri* é segregada em Bandos, —eu disse. — Um Bando geralmente consiste em um líder, sua família e os servos que escolhem servi-los. Quanto melhor o líder, maior o Bando. Alguns Bandos têm milhares de membros, outros apenas uma dúzia. Os nomes *'Kiran Mrak'* na nossa língua se traduz para *'o Primeiro Pássaro do Bando Especial'*. Não entendi o significado da última palavra.

— Espectros, —disse Sean.

— Grandes aspirações, —disse Maud.

— O nome foi escolhido muito antes de Kiran nascer, —disse Sean. — Ele controla cerca de trezentas famílias e um exército de duzentos a trezentos mercenários. Kiran poderia ter um exército muito maior, mas é exigente na contratação. Não é um Bando grande, mas é rico, —continuou Sean. — Bando Espectros joga sujo. Kiran assumiu o comando no lugar do pai há doze anos e tem trabalhado bastante.

— Qual é a natureza dos negócios dele? —Arland perguntou.

— Tráfico de armas, espionagem, mas principalmente assassinatos. Esse último lhe trouxe um grande problema. —Sean olhou para mim. — Pode passar para a próxima imagem para mim?

— Próxima imagem, —eu disse.

Um novo *Draziri* apareceu na tela, este era velho, sua pele flácida e enrugada, seus longos cabelos de penugens eram vermelho escuro. O desenho estilizado de um pássaro dourado com quatro asas abertas estava gravado em sua testa.

— Um Onizeri? —Eu murmurei. — Ele matou um Sumo Sacerdote?

Sean assentiu.

Uau.

— Pensei que a sociedade deles era uma teocracia, —disse Arland.

— É, —Sean disse a ele. — Os Sumos Sacerdotes são tão bem guardados que é quase impossível matá-los. Quando há procura por alguém que aceite matá-los, o pagamento é sempre exorbitante. Normalmente, ninguém aceita o serviço e, se o aceitar, o Bando não pode mais voltar para o seu mundo.

— Então, se tornam renegados, —disse Caldenia.

Eu me assustei. Caldenia estava tão quieta que esqueci sua presença lá.

— Eu não sabia que Wilmos intermediava assassinatos, —eu disse.

— Ele não faz, —disse Sean. — Wilmos negocia as habilidades dos mercenários. Ele não anda nas sombras, mas sabe para onde olhar. Kiran Mrak se tornou um nome bastante conhecido em certos círculos.

— Quanto dinheiro ele ganhou com esse assassinato? —Maud perguntou.

— O suficiente para comprar muitos brinquedinhos caros, —disse Sean. — Mas acredito que ele não fez isso por dinheiro.

— Fez por orgulho, —disse Caldenia.

Sean assentiu. — Kiran é o único conhecido nos últimos duzentos anos que conseguiu tal feito. Antes de Kiran, o último assassino de um Onizeri foi Rookar Mrak za Ezara za Krala-Kric.

— Um parente, —disse Caldenia.

— Bisavô, —disse Sean.

— Então, é uma tradição familiar, —disse Arland. — Uma vez a cada duas gerações, eles matam um homem Sagrado apenas para dissuadir alguém de pensar que não são mais comprometidos com o crime, assassinato e blasfêmia.

— Basicamente, —disse Sean. — Algumas famílias estão com o Bando há gerações. Eles são muito bons no que fazem. Os *Draziris* que matei lá fora hoje à noite foram contratados. Havia apenas um membro do Bando entre eles e ele conseguiu me ferir, me deixando um lembrete de levá-los a sério.

— Em resumo, fomos alvejados por uma organização criminosa *Draziri* especializada em assassinato e disposta a assassinar seus próprios Sacerdotes. —*Isso estava ficando cada vez melhor.*

Maud se recostou e riu.

Eu olhei para ela.

— Você não faz nada pela metade, —disse ela.

— Pergunta. —Arland levantou o dedo indicador. — Ele é excomungado?

— Aparentemente os *Draziris* não excomungam, eles condenam, —disse Sean.

— Existem apenas duas maneiras pelas quais Draziris podem entrar no céu e receber suas asas na vida após a morte. A primeira, é preciso uma vida exemplar e muitas contribuições financeiras. A segunda requer ...

— A morte de um *Hiru*, —disse o *Hiru* em voz baixa.

— Sim, —disse Sean. — Kiran está oficialmente condenado ao inferno pela igreja de sua espécie, onde, de acordo com os textos sagrados *Draziris*, ele cairá na escuridão pela eternidade, enquanto cobras de fogo rasgarão seu corpo em pedaços, alimentando-se eternamente dele. Todo mundo dentro de seu Bando está condenado com ele. Todos os seus servos, cônjuges, filhos, todo mundo irá para um inferno sem fim, a menos que o Bando mate um *Hiru*. Se eles conseguirem matar um, todos os membros do Bando, mesmo aqueles que já morreram em busca dos *Hirus*, serão elevados ao céu.

— Essa é uma crença muito distorcida, —disse Arland.

Quando um vampiro chegava a achar alguma religião distorcida, definitivamente havia problemas. — Então, ele está desesperado.

Sean assentiu. — Desesperado, hábil e bem armado. Seu povo está motivado. Será difícil matá-lo.

Maravilha.

— Há um lado positivo nisso tudo, —disse Maud. — Não precisamos nos preocupar com uma invasão em grande escala.

— Por quê? —Eu perguntei.

— Porque o Bando Espectro quer ser o único a matar o *Hiru.* Eles não irão atrás de ajuda. Caso contrário, correm o risco de perder o alvo para algum outro Bando. Vão nos enfrentar por conta própria.

Pequeno consolo. Eu me virei para o *Hiru*. — Você tem alguma outra informação para nos dar? Algo que poderia nos ajudar?

— Eles não irão parar por nada até que me mantem, —disse o *Hiru*. — Vão

correr pelo fogo. Não há obstáculo que se possa colocar no caminho deles que os deterá.

A sala ficou em silêncio.

— Não uso fogo, —eu disse. — É difícil de controlar e a Pousada não gosta. Mas sou excelente em criar um Campo de Vácuo.

Sean olhou para mim.

Arland tossiu. — Um Campo de Vácuo requer um reator nuclear de alta eficiência.

— Ou uma Pousada com uma Estalajadeira competente, —disse Maud.

— Você pode fazer isso? —Sean me perguntou.

— Eu já fiz, —eu disse a ele. — Cobrir a Pousada com ele assim que você voltou.

Arland abriu a boca e fechou sem dizer uma palavra.

Um Campo de Vácuo, também conhecido como Campo de Força era difícil de manter, mas a área que eu precisava cobrir era relativamente pequena e a Conferência de Paz havia fornecido à Pousada energia suficiente para manter o Campo nos próximos dias.

— O Campo de Vácuo irá barrar matéria orgânica, inorgânica ou projéteis baseados em energia, —eu disse. — Não irá danificá-los, mas também não os deixará passar. Estejam cientes de que nenhum de vocês pode deixar o local da Pousada. Acho que deveríamos encerrar a noite. Durmam bem. Estarão seguros aqui.

Maud me abraçou e foi para a cama. Arland acenou para mim e foi para o quarto dele. O *Hiru* também foi embora.

Caldenia levantou-se da poltrona e se aproximou de Sean. — Me faça uma gentileza. Traga-me tudo o que puder sobre Kiran Mrak e seus seguidores. E eu quero dizer tudo.

Sean assentiu.

— Boa noite.

— Boa noite, Sua Graça.

Ela seguiu seu caminho. Orro também desapareceu. Éramos apenas eu e Sean agora. Ele se levantou e caminhou em minha direção, parando a poucos centímetros de distância.

— Você me prendeu na Pousada, —disse ele.

— É para sua própria segurança.

— Está preocupada com a minha segurança? —Havia uma sugestão de um sorriso escondido nos cantos da boca dele.

Meu coração estava acelerado. Muita coisa aconteceu esta noite. Eu não estava com medo—não exatamente—mas a ansiedade me consumia. Tive que nos proteger dos *Draziris*, resgatar um dos membros do Arquivarius e manter tudo isso em segredo. Queria parar de pensar nisso por algumas horas.

Sean estava na minha frente, tão perto que se eu estendesse a mão, tocaria nele. Seria tão bom tocá-lo. Seria ainda melhor leva-lo para a cama. Ele me abraçaria. Eu sabia exatamente como seria. Seguro, quente e certo. Se Sean se deitasse comigo, eu esqueceria tudo sobre os *Draziris* e os *Hirus*.

Encontrei seu olhar. Havia uma floresta em seus olhos, uma madeira escura e profunda e, à beira, um lobo aguardava, esperando que eu o chamasse.

Seria tão fácil. Um passo, e eu poderia correr minhas mãos pelo peito dele até seus ombros. Jogaria meus braços em volta dele e o beijaria, e ele viria comigo.

Eu queria Sean porque realmente o desejava ou queria porque estava com medo e exausta e queria me sentir segura? Eu não sabia. Não tinha certeza. Precisava ter certeza.

Eu era uma Estalajadeira. Eu sempre tive isso sob controle. Salvar Maud realmente me afetou. Agora não era hora de perder o controle. Sean merecia melhor. Eu merecia melhor.

— Boa noite, Sean.

O lobo desapareceu de volta na floresta de seus olhos. — Poderia ter sido, —disse Sean.

Capítulo 7

Sentei na minha cozinha, bebendo minha primeira xícara de café. Não havia nada parecido com a primeira xícara de café. Por alguma razão, sempre tinha um sabor extra delicioso.

A luz da manhã atravessava as janelas. Nenhuma nuvem pontilhava o céu claro. Seria um lindo dia quente, um daqueles dias maravilhosos no Texas em que a natureza esquecia que era inverno e fingia que era maio.

Eu já tinha feito minhas tarefas pela manhã. Verifiquei o perímetro. Os *Draziris* tentaram fazer um buraco no meu Campo de Força durante a noite, mas não chegaram a lugar algum. Então verifiquei Sean. Ele estava acordado, mas permanecia no quarto e eu não quis incomodar. Fui um pouco rude ontem à noite e não sabia como contornar isso, então o evitei e fui libertar o pobre Wing.

Eu o prendi sem cerimônia em seu quarto na noite passada. Sendo uma criatura pragmática, Wing decidiu brincar com sua TV e passou a metade da noite assistindo a vários programas. Todos os filmes de *Indiana Jones*[69] e a série *Cops*[70] eram aparentemente seus favoritos. Eu não tinha certeza do que pensar sobre isso. Conversei com ele sobre os *Draziris* e o Campo de Força e ele foi mexer na garagem. Senti que lutas corpo-a-corpo não era algo que Wing desejava. Em um planeta povoado por enormes criaturas pré-históricas, os *Kus* eram predadores de nível inferior que buscavam segurança em bandos. Sua cultura era rica em muitas lendas de grandes guerreiros que, sozinhos, derrubaram enormes presas, mas na realidade essas presas eram bem menores e eles sabiam disso. Os *Kus* caçavam em grandes grupos, seguiam grandes predadores, capturavam presas feridas ou fragilizadas e as derrubavam. Ele pediu permissão para mexer na garagem e eu o deixei.

Saboreei meu café. No balcão, Orro batia algo em uma tigela, segurando o batedor com suas garras. À mesa da cozinha, Caldenia tomava um gole de sua primeira xícara de chá, um sorriso satisfeito no rosto.

Arland entrou na cozinha. Ele estava no seu *'modo Terra'*, uma camiseta branca folgada e calça escura. Sua juba loira estava amarrada em um rabo de cavalo. Arland carregava sua clava de sangue.

— Senhorita Dina, Sua Graça, Orro, bom dia a todos, —disse Arland.

Caldenia inclinou a cabeça. Orro grunhiu alguma coisa.

— Você vai a algum lugar, Lorde Marechal? —Eu perguntei.

— Eu estava pensando em fazer alguma atividade aeróbica. Para a minha saúde. Afinal, estou em um retiro.

A intenção de Arland era fazer uma grande exibição para os *Draziris*, que provavelmente estavam nos observando do lado de fora do terreno da Pousada. Lógica vampira em todo seu esplendor: *se não pode atacar diretamente, tente*

intimidar. Arland estava perfeitamente seguro enquanto estivesse dentro do Campo de Vácuo.

— Seria útil se eu providenciasse alguns objetos para adicionar variedade ao seu exercício?

Acenei para a Pousada. Um monte de armas de prática surgiu no gramado, erguendo-se do chão como cogumelos. Cordas, machados, espadas e punhais de todas as formas e tamanhos aguardavam penduradas nos suportes de armas, cada arma feita de uma substância resistente, semelhante a borracha, imitando o peso e as dimensões das armas reais. Elas não cortariam, mas ainda machucariam. Maud uma vez correu atrás de mim com uma dessas espada de borracha porque eu derramei pó *Kool-Aid*[71] em seu condicionador. Maud sempre amou seus cabelos. Ela colocava o condicionador e ficava do lado de fora da piscina por uma hora para *'condicionamento profundo'*. Aprendi duas coisas importantes naquele dia: *o corante vermelho do Kool-Aid não sai facilmente dos cabelos e as espadas de borracha doem.*

E agora, Maud cortara curto seus lindos cabelos.

Arland sorriu. — Senhorita Dina, você supera as minhas expectativas, como sempre.

— O prazer é meu. —Os suportes de armas tinham pelo menos duzentos anos, mas as armas dos vampiros não haviam mudado muito, pelo que percebi.

Ele marchou para o quintal, largou a clava, pegou uma *Alabarda*[72] do suporte e a girou.

Eu me virei e lavei minha xícara de café.

— Ele é um moço muito gentil, —disse Caldenia.

Arland certamente parecia ser muito gentil, mas no momento em que o visse cortar a cabeça de um outro vampiro com um único golpe, a gentileza ganharia uma nova perspectiva. — Você acordou cedo, Sua Graça.

— Está um dia adorável e estamos sitiados. Há criaturas aí fora tentando nos matar. —Os olhos dela brilhavam de excitação. — Não é maravilhoso?

Quem mais pensaria assim? — Eles não terão sucesso.

— Claro que não, minha querida. Pretendo garantir que não. A propósito, apenas para o caso de um dos cadáveres pousar nos terrenos da Pousada, os Draziris são deliciosos.

— Realmente, Sua Graça?

— A carne deles é suculenta, mas sem sabor, —disse Orro. — Eles têm gosto de pequenas aves e absorvem facilmente o sabor do molho.

— Você já cozinhou *Draziri*?

— Claro! —Ele se levantou a toda a sua altura. — Eu era um *Chef Red Cleaver.* Cozinhei muitos seres!

Eca. Esqueça o que eu perguntei.

— Nunca entendi por que você acha a ideia de comer criaturas *sencientes*[73] tão perturbadora, Dina, —disse Caldenia. — Afinal, não é canibalismo. Não há riscos à saúde, desde que o prato seja preparado adequadamente.

Eu me virei para a janela. — Uau, olhe para esse sol. Não é incrível?

Caldenia riu baixinho.

Olasard ronronou aos meus pés, arqueou as costas e esfregou a cabeça no meu tornozelo. Eu me agachei e o acariciei, coçando atrás de suas orelhas. Ele ronronou mais alto.

Sua tigela ainda estava cheia, então a sua afeição felina agora era verdadeira.

Helen entrou na cozinha, silenciosa como um fantasma, sentou no chão aos meus pés e acariciou Olasard. Ele esfregou o rosto nela. Ela riu.

— Sua mãe ainda está dormindo?

Ela assentiu. — Eu sou sorrateira.

— Ninguém diz.

— E feroz. —Ela me mostrou suas presas.

— Essas são presas afiadas.

Ela assentiu e mordeu o ar.

— Assustadoras, —eu disse a ela.

— Eu não vou te morder, tia Dina. Você é legal.

Do lado de fora, Arland girou um enorme *martelo ambidestro*[74] e soltou um grunhido. Helen abandonou a mim e a Olasard e foi até a porta dos fundos.

Arland mudou para uma espada. Ele ficou parado, a espada pressionada para baixo, então todo o seu corpo se moveu ao mesmo tempo, dando um golpe violento no céu. Arland cortou na direção oposta, depois inverteu com poder devastador. Seus pés se moviam muito pouco, apoiando-o nos contra-ataques

fantasmas e adicionando impulso quando ele queria afundar todo o peso de seu grande corpo no golpe. Seus ataques ocorreram em uma sucessão controlada e precisa.

Helen o observava como um gato observa um pássaro. Se eu não a deixasse sair, ela começaria a miar como um. Abri a porta. Helen saiu e sentou-se na varanda, hipnotizada.

— Ela é uma criança vampiro, —Caldenia murmurou.

Diga-me uma coisa que não sei.

— Ela vai se ajustar, —disse Maud atrás de mim.

Quase pulei. Eu sabia da localização de todos os hóspedes da Pousada, mas rastrear Maud me exigia um pequeno esforço e, como eu poderia escolher não prestar atenção a um hóspede em particular, tomei a decisão de parar de rastrear Maud ontem a noite. Seguir Helen era uma necessidade, porque ela era uma criança, mas minha irmã era da família. Meus pais pararam de nos rastrear ativamente quando nos tornamos adolescentes, o que não significava que mamãe não pudesse nos achar com precisão quando estávamos com problemas. Mas papai e ela nos deram nossa privacidade, então eu dei a Maud a privacidade dela e agora ela se aproveitou para se esgueirar atrás de mim.

— Quanto tempo está aí?

— Por um tempo, —disse ela. Maud estava olhando em minha direção, o que também lhe permitia observar secretamente Arland pela porta de vidro. E, apesar de todo o esforço que estava fazendo para fingir não vê-lo, Maud o observava.

— Vamos ver o que você é capaz, —disse Arland a Helen.

Helen permaneceu na varanda.

— Vamos. Ou está com medo?

Helen mostrou os dentes.

Arland apontou para ela. Minha sobrinha permanecia na varanda.

A porta se abriu quando Maud fez a Pousada movê-la. Ela caminhou para a varanda.

— Helen, mate-o, —disse minha irmã.

Minha sobrinha pegou uma adaga de borracha do suporte e foi para a grama, pé sobre pé, encalçando como um gato. Arland ergueu os ombros. O

contraste era ridículo. Ela era pequena, ele era enorme, ela tinha uma pequena adaga e ele estava segurando uma espada enorme, mas os dois se entreolhavam com expressões idênticas em seus rostos, como dois tigres se encarando na fronteira de seus territórios. Esperando. Medindo a distância com o olhar. Procurando por um ponto de fraqueza.

O ataque veio com velocidade ofuscante. Helen correu para frente. A adaga cortou a frente da coxa de Arland e ela correu de volta ao redor dele, cortando suas panturrilhas. Arland soltou um rugido dramático e caiu de joelhos. Helen deu um salto e cortou sua garganta. Foi tão rápido e preciso que parecia que ela fez isso dezenas de vezes. Eu esperava que fosse treinando. Tinha que ser treinando e não praticando a coisa real.

Arland caiu no chão, convenientemente rolando de costas. Helen colocou o pé no peito dele, ergueu a adaga e soltou um rugido de vampiro.

Eu devia ficar orgulhosa ou horrorizada? Não conseguiu decidir.

— Bom trabalho, —disse Maud.

Arland agarrou o tornozelo de Helen. Ela se esquivou gritando e correu para a varanda.

Ele se sentou, com um grande sorriso no rosto.

— Como você pode ver, minha filha não precisa de nenhuma instrução sua, —disse Maud.

— Alguma instrução não faria mal a ela.

Não, Arland. Não, não faça isso.

— É mesmo? —Maud perguntou.

Arland se levantou. — Sua filha é uma vampira.

— Meio vampira.

Ele balançou sua cabeça. — Ela tem presas. Os humanos a verão como uma vampira. Os vampiros a verão como uma vampira.

O olhar no rosto de Maud ficou amigável, quase aquecido. Se eu estivesse no lugar de Arland, correria agora.

— E há algo errado com a maneira que treino minha filha com presas?

Maud deu um passo casual em direção ao suporte de armas.

Sean entrou na cozinha e ficou ao meu lado. — O que eu perdi?

— Minha irmã está prestes a dar uma surra em Arland.

No gramado, Arland recostou-se. — Mesmo para uma criança vampira tão jovem, um desafio lançado é um desafio respondido.

Maud ponderou as armas. — O que você está implicando?

— Uma criança vampira adequadamente treinada não teria esperado permissão para matar, —disse Arland.

E ele apenas continuava cavando a própria sepultura.

Sean abriu a porta da cozinha.

— Onde você vai? —Eu sussurrei.

— Quero um lugar na primeira fila para isso.

Eu o segui para o lado de fora e nos sentamos nas cadeiras.

— Ela é muito obediente. Você diz sente, ela senta. Você diz espere, ela espera.

A cada palavra, mais profundo ficava o buraco.

— A criança deve ser guiada pelo instinto. Helen deveria ser uma *rassa* na grama. Em vez disso, ela é uma *goren*[75] na varanda.

E ele acabou de dizer à minha irmã que a filha dela não era um lobo, mas um cachorrinho treinado.

Eu me preparei.

Maud puxou uma espada do suporte tão rápido que parecia que a arma havia se materializado na mão dela. Ela balançou. Toda a pretensão de doçura desapareceu de seu rosto.

— Talvez você queira me dar também algumas instruções.

— Se você desejar. —Arland pegou uma clava de treino.

Minha irmã atacou. Eles entraram em choque. Em um momento, Arland estava de pé e, no outro, cambaleou para trás, balançando a cabeça, uma marca vermelha da lâmina da espada de borracha estava estampada no lado do rosto.

Sean riu.

Maud aproveitou o momento atordoado de Arland. Arland balançou a clava como se fosse leve como um palito de dente e aparou a espada de Maud, golpeando sua lâmina para a direita. Ela enfiou o punho esquerdo na garganta dele. Ele girou para longe dela, sufocando, mas ainda revidando.

Maud se abaixou sob o balanço dele e enfiou a lâmina da espada na axila dele.

— Ai, essa doeu, —Sean e eu dissemos ao mesmo tempo.

Arland rugiu, suas presas à mostra.

Maud dançou ao seu redor e o golpeou nas costelas. Ele afastou a lâmina da espada com o braço esquerdo e a chutou. Minha irmã voou, rolou na grama e se recompôs agachada, voltado atacá-lo em uma velocidade incrivelmente rápida.

A espada e a clava tamborilavam, colidindo. Arland e Maud atravessaram o gramado, batendo um no outro. Sean e eu assistíamos a tudo, estremecendo quando um deles grunhia de dor.

Helen estava sentada aos meus pés, absorvida pela violência da luta. Ela era muito pequena e nosso mundo ficou muito violento de repente.

— Você sabia que *Draziris* tem gosto de frango? —Eu perguntei.

Sean olhou para mim, como se duvidasse da minha sanidade naquele momento. — Não fazia ideia.

— Orro me disse, —eu disse a ele. — Estamos cercados por aves assassinas.

Sean estendeu a mão e pegou a minha mão. Eu o deixei.

— Temos tudo sob controle, —disse ele. — Tudo vai dar certo.

Tanto minha irmã quanto Arland brilhavam de suor. As armas de borracha não foram projetadas para cortar, mas de alguma forma os dois sangravam devido a alguns arranhões rasos. Eles dançavam pelo gramado para frente e para trás, de um lado para o outro no terreno.

— Não vão demorar muito, —disse Sean. — Estão ficando cansados.

Arland bloqueou a espada de Maud. Ela inverteu o aperto, segurando a lâmina e o golpeou com o cabo da espada. O golpe bateu bem entre olhos dele.

Arland caiu.

— Renda-se! —Minha irmã rosnou.

Arland explodiu do chão, levantando-a no ar como um touro, e a empurrou contra uma árvore. As costas de Maud bateram na casca, seus pés a dez centímetros do chão. Ele a prendeu lá.

Se eu interferisse, haveria um inferno a pagar.

— Renda-se, minha Senhora. —Arland arreganhou os dentes um centímetro do pescoço dela.

Ela olhou para ele. — Eu não me rendo.

O chão sob os pés de Arland se abriu e o engoliu até os joelhos. Ele a soltou. Maud caiu, pegou sua espada e foi embora.

Suspirei e deixei Arland sair do buraco.

Maud jogou a espada no suporte e pisou na varanda.

— Você trapaceou, —eu disse a ela.

— Certo, certo. —Ela entrou na casa e bateu a porta atrás dela.

Puxei minha mão de Sean.

Arland se esticou, estremecendo, pegou a clava de treino e caminhou até a varanda. Vergões vermelhos cobriam sua pele pálida. Parecia que alguém havia batido nele com um saco de batatas.

Helen ficou na ponta dos pés e deu um soco no estômago de Arland.

— Ai, —ele disse.

Helen sibilou, sorriu e correu para dentro.

O Marechal da Casa Krahr abriu a boca.

Eu me preparei.

— Sua irmã é magnífica, —disse Arland.

******

Maud, a Magnífica, encheu a boca de água e cuspiu sangue na pia do banheiro. Eu prestativamente estendi uma toalha para ela. Ela se olhou no espelho. — Não.

— Como preferir.

Ela se virou e pegou a toalha. — Eu estava falando comigo mesma.

— Ah? *‘Não’*, não haverá mais combates ou *‘não’*, Arland Krahr não é um sexy vampiro e seduzi-lo seria uma péssima idéia? —Recuei para o caso de precisar me esquivar de um golpe.

Ela esfregou o rosto com a toalha. — *‘Não’*, não vou me deixar levar novamente. Além disso, Dina, seduzindo? Você está passando muito tempo com Caldenia.

— Helen gosta dele. Ela deu um soco no estômago dele depois que você saiu.

— Deveria ter mirado mais baixo.

A Pousada tocou, me informando que o *Hiru* pedia minha atenção.

Acenei minha mão. Uma tela se abriu na lateral da parede. Nele, o *Hiru* se inclinou para a frente, seu chiado mecânico rápido e alto.

— *O segundo membro do Arquivarius!*

— Onde e quando? —Eu perguntei.

— *Ele é incapaz de alcançar a Terra. Está em Baha-char aguardando ser resgatado.*

— Onde ele está em *Baha-char*? —Maud perguntou. — É um lugar grande.

— *Ninth Row, depois do local dos Mercadores da Morte. O membro chegará em um tanque de argônio em quinze minutos e precisará ser retirado de Aka Lorvus, um Atravessador. O localizador que entreguei a vocês captará o sinal.*

— Obrigada. Você vai se juntar a nós no café da manhã?

O *Hiru* fez uma pausa. — *Você não precisa continuar me convidando. Sei que minha aparência lhe causa desconforto.*

— É uma reação instintiva e dura apenas alguns instantes. Somos mais que nossos instintos.

— *Vou considerar,* —disse ele. — *Mas posso ficar no meu quarto.*

— Compreendo. Irá me dizer seu nome, pelo menos?

Um longo silêncio se estendeu.

— *Sunset*[76], —disse o *Hiru* finalmente. — *Meu nome é Sunset.*

— É um nome bonito.

Ele cortou a conexão.

Acenei e a tela subiu. Pelo menos tínhamos um tempo maior dessa vez.

— Deixe-me resgatar o Arquivariano, —disse Maud.

Era a escolha mais lógica. Se eu deixasse a Pousada, o Campo de Força cairia. A Pousada não ficaria indefesa, mas por que correr o risco?

— Você resgatou o primeiro. Odeio que esteja fazendo todo o trabalho.

Maud acenou com a toalha. — Somos uma equipe. Olha, eu vou arrastar aquele idiota loiro comigo e estaremos de volta em pouco tempo.

— Você poderia levar Sean.

Ela balançou a cabeça. — Não. Arland é um burro arrogante, agressivo, cabeça de touro ...

— Me conte tudo, não esconda nada.

— ... mas parece ser muito impressionante em armadura e bate como um *aríete*[77]. Lutei mais nesses últimos anos do que em toda a minha vida. Já derrotei vampiros que eram maiores, mas depois de brigar com ele, meus braços pareciam que iriam cair. Se eu levar Arland, não precisarei lutar. As pessoas irão olhar para aquela muralha ambulante vindo na direção delas e saíram do caminho, e se alguém não o fizer, ele os esmagará com sua clava até que não haja mais nada, exceto mingau de sangue. Dina, eu não estive em *Baha-char* há anos, mas já fui para lá mais vezes que você. Deixe-me fazer isso.

— Certo.

— Vou pegar minha armadura. Quero testar o novo brasão de qualquer maneira.

Ela partiu, marchando em direção aos aposentos de Arland. Um momento depois, ouvi a voz dela. — Lorde Marechal? Gostaria de um passeio?

Sim ele gostaria. Na verdade, eu tinha a sensação de que ele ficaria muito empolgado com isso.

******

Dez minutos depois, observei Maud e Arland passarem pelo portal no final do corredor direto para o brilho do sol do Mercado Galáctico. O portal se fechou atrás deles. Fera gemeu baixinho nos meus pés.

— Eu sei. Eles vão ficar bem.

Suspirei e rastreei mentalmente meus hóspedes. Helen estava na garagem com Wing, o *Hiru* estava em seus aposentos, o primeiro membro do Arquivarius em sua cápsula, Sean e Caldenia conversavam na varanda dos fundos, e Orro, previsivelmente, permanecia na cozinha. Todo mundo contabilizado.

Sobre o que Caldenia e Sean conversariam? Fui em direção à varanda dos fundos. Fera correu na minha frente.

Sean estava sentado à mesa, uma série de peças espalhadas diante dele em uma lona verde. Sem dúvida, as partes se encaixariam em algum tipo de arma mortal. Caldenia tomava seu Mello Yello sentada em uma cadeira de balanço. Fera balançou o rabo para mim do seu lugar em uma cadeira ao lado de Sean. Virei as costas para as árvores, caso alguém lá fora decidisse ler meus lábios.

— Temos um segundo resgate, —eu disse. — Em Baha-char. Maud e Arland foram buscá-lo.

— Quanto tempo eles têm? —Perguntou Sean.

— O Arquivariano chegará em Baha-char em uma cápsula de argônio, então temos mais tempo.

Sean assentiu e voltou a mexer nas peças.

— É um belo dia, —disse Caldenia. — Você deveria levar sua sobrinha e seu cão adorável para passear perto do limite do Campo de Força.

Olhei para ela.

— Também precisa usar equipamentos que nos permita ouvir qualquer conversa que você possa ter. —Sua Graça tomou um gole de sua bebida.

Oh. — Será que Kiran Mrak quer conversar?

— Ele não sabe nada sobre você. Você é um mistério. Confie em mim, minha querida. Se ele é bom no que faz, ele quer conversar. Não desperdiçará a oportunidade de coletar informações sobre você.

Sean enfiou a mão na bolsa e puxou uma pequena caixa de plástico com uma tampa transparente e uma camada de eletrônicos complexos embutidos no fundo branco. Um adesivo cor da pele do tamanho de uma moeda estava dentro. Eu peguei a caixa. Poderia fazer minha voz ressoar de qualquer lugar dos terrenos da Pousada, mas ele teve o trabalho de encontrar um equipamento para mim e eu o usaria. Abri a caixa e toquei o adesivo com o dedo. Imitou imediatamente meu tom de pele, misturando-se tão completamente que não consegui mais vê-lo.

— Onde devo colocar isso?

— No seu ouvido funcionará melhor, —disse ele.

Toquei o adesivo no local logo abaixo da orelha direita. Ficou preso. Luz verde pálida pulsava através da caixa.

— Dê a ele o mínimo de informação possível, —disse Caldenia. — Não seja óbvia nas suas perguntas ou ele irá parar de falar. Mas provoque-o, querida.

Se você sentir algum respingo de emoção dele, use-o e teste-o para ver se consegue uma reação.

— Vamos, Fera! —Eu disse em estéreo, um som saindo da minha boca e outro da caixa.

O *Shih-Tzu* pulou da cadeira e ela e eu fomos em direção à beira do Campo de Força.

Andei ao longo da fronteira. Fera me seguiu, parando para cheirar pedaços de grama aleatórios e fascinantes galhos. Peguei um e joguei para ela. Ela correu atrás, um borrão preto e branco. Olhei para cima e vi Kiran Mrak. Ele estava a menos de trinta centímetros de distância do limite, envolto em uma capa que imitava perfeitamente os arbustos ao seu redor. O Campo de Vácuo barrava projéteis, mas permitia som e luz. Eu não o ouvi se aproximar. Se eu estivesse fora do meu território, ele teria me matado e eu teria morrido sem saber o que aconteceu.

Ele olhou para mim, seus olhos turquesa requintadamente bonitos. Dei um passo para o lado. Ele deu outro, refletindo perfeitamente meus movimentos, como se fosse um reflexo mágico, exceto que ele se movia com o tipo de graça que eu nunca poderia realizar. Eu ainda não conseguia ouvir seus movimentos.

Caminhamos ao longo da fronteira do Campo de Força.

Havia uma beleza nos *Draziris*, uma elegância e um ar sobrenatural. Quando se olhava para um, era como conhecer uma criatura mística de alguma lenda.

Fera trouxe o galho de volta, viu o *Draziri*, mas ela não sentiu o cheiro dele e não parecia alarmada. Joguei o galho novamente e ela saiu em disparada.

— Shi-Tzu-Chi, —Kiran disse em sua voz baixa e melodiosa. — Adoráveis, mas criados para matar.

— Às vezes as coisas não são como parecem.

— Percebo isso agora. —Ele afastou o capuz do rosto e jogou a capa por cima do ombro. Por baixo, usava uma túnica cinza suave, com bordas pretas. Uma espada repousava sobre sua cintura. Seus longos cabelos brancos caíam em uma cachoeira perfeitamente reta. As linhas prateadas que identificavam seu Bando brilhavam na testa.

— Uma pequena fêmea em uma casa velha, em um planeta remanescente, possuidora de um poder além da imaginação. Você possui uma áurea quase lendária. Um achado sagrado da pré-história.

— Exceto que as buscas sagradas geralmente têm um objetivo digno e heroico. Você está tentando matar um ser que não lhe causou nenhum dano.

— Ele é uma abominação, —disse Kiran. — Deve morrer.

— Explique-me uma coisa, —eu disse. — Você mata por dinheiro.

— Sim.

— Você também mata por orgulho e pelo desafio disso.

— Sim.

— Mas você não é religioso. Você não mata pelo bem da sua igreja. Por que o súbito interesse pelos *Hirus*?

— Você não me conhece.

— Um crente em sua fé não teria matado um Sacerdote de sua igreja.

Ele sorriu, revelando dentes afiados que nunca pertenceriam à boca de nenhum humano. — Sumo sacerdote.

E foi ele quem me chamou de arrogante.

Nós caminhamos um pouco mais.

— O nome dele é Sunset, —eu disse.

Kiran inclinou a cabeça para olhar para mim.

— O *Hiru* que você está tentando matar. Ele tem um nome Tem consciência.

— Você é muito ingênua em pensar que isso deve fazer a diferença para mim. Matei centenas de seres.

— Você não matará este.

— Matarei, —ele me prometeu. — Você não pode manter esse Campo de Força para sempre.

Verdade. Mais uma semana e começaria a sobrecarregar a Pousada. — Eu posso mantê-lo por tempo suficiente. Por que não procurar um alvo mais fácil?

— Porque os *Hiru* são raros. Encontrar outro levará tempo.

— Você tem pouco tempo?

— Não.

Resolvi atirar no escuro. — Alguém muito próximo a você está morrendo. Matar o *Hiru* salvará você e ele do inferno eterno.

Ele não respondeu.

Com quem ele se importaria o suficiente? Sean e eu tínhamos examinado minuciosamente os arquivos que ele trouxe de Wilmos. Kiran não era casado.

— Sua senhora?

Um leve toque de escárnio tocou sua boca.

— É sua mãe. Mekrikzi.

Algo cruel passou pelos olhos dele. Lutei contra o desejo de recuar.

— Minha mãe é uma mulher notável, —disse ele calmamente. — Ela não passará um único momento no inferno e você não tem o direito de manchar o nome dela com sua boca suja.

Isso é ótimo. Agora eu tinha uma boca suja. Bem, se isso não era um respingo de emoção, eu não sabia o que era. — Posso entender agora porque você não tem esposa.

— E por que seria?

— No nosso planeta temos um termo que usamos para designar machos como você.

— E qual seria?

— Garotinho da mamãe.

Ele sorriu de novo. Não havia humor no sorriso, apenas uma exibição viciosa de dentes estranhos. — Todo mundo tem uma fraqueza. Todos temos pessoas próximas a nós. Eu vou encontrar a sua.

— Você deveria procurar meus pais, —sugeri. — Diga-me tudo o que encontrar sobre eles.

O sorriso vacilou um pouco. — Você tem amigos. Família.

— Eles estão todos nesta Pousada. Todo mundo com quem me preocupo está aqui.

— Eu vou peneirar sua vida. Vou encontrar todos os hóspedes que já ficaram na sua Pousada.

— Comece com a Khanum da Horda esmagadora de Esperança e seus guerreiros de elite. Se eu fosse você faria uma visita surpresa a eles e soltaria algumas ameaças vagas enquanto pudesse. Eles amam esse tipo de coisa.

Ele parou. Seu lindo rosto ficou selvagem. — Quando isso acabar, vou queimar sua casa até o chão, colocar uma corrente de escravo em volta do seu pescoço e arrastá-la para fora daqui. Você sofrerá por anos e, quando eu me satisfizer com toda crueldade e perversão que minha mente puder inventar, venderei o resto lamentável que sobrará de você pelo melhor lance.

Sua capa brilhou e ele desapareceu no mato.

Suspirei. — Vamos lá, Fera.

Terminamos nossa caminhada e voltei para a varanda. Sean montou uma arma de aparência perversa. Caldenia estava em sua terceira lata de Mello Yello.

— Bem, foi isso. —Eu me sentei em uma cadeira. — Não descobri nada de útil, exceto que *Freud*[78] adoraria entrevistá-lo e que ele aparentemente planeja em me torturar.

— Pelo contrário, minha querida. —Caldenia colocou a lata no chão. — Descobrimos muito.

— O que você quer dizer?

— Você ouviu, mas não escutou. Deve aprender a escutar, Dina.

Nas profundezas da Pousada, o portal para *Baha-char* se abriu. Senti Maud, Arland e mais ninguém. *Merda*.

— O que foi? —Sean estava de pé.

— Eles voltaram. Sozinhos.

A porta se abriu na minha frente e eu corri para a cozinha e depois para a sala, Sean e Caldenia atrás de mim. Maud e Arland emergiram do corredor. Cogumelos, cascas de frutas e lixo cobriam as armaduras. Um lodo amarelo pegajoso não identificável manchava o peitoral de Arland e pedaços de alguns circuitos quebrados estavam grudados nele. Cinzas brancas enchiam os cabelos de Maud. Arland estava tremendo de raiva. Maud parecia pronta para arrancar a cabeça de alguém. O fedor de lixo podre encheu a sala e eu engasguei.

— O que aconteceu? —Perguntei tentando não respirar o fedor. — Onde está o Arquivariano?

Maud jogou a espada no chão e cuspiu uma única palavra. — Muckrats!

******

— Vocês deixaram Muckrats levar o Arquivariano? Estão loucos? —*De todos os … Como puderam … Argh!*

— Eles já estavam lá! —Maud acenou com os braços. — Eu juro!

— Leide Maud está certa, —disse Arland. — Quando chegamos, a loja do Atravessador tinha acabado de ser saqueada.

— O Atravessador devia dinheiro aos Muckrats, —acrescentou Maud. — Deixou de pagar a última prestação, então os Muckrats examinaram seu carregamento e levaram o Arquivariano.

Coloquei a mão no meu rosto. De todas as criaturas, tinha que ser os Muckrats.

— Por que eles levariam o Arquivariano? —Sean perguntou, sua voz calma.

— As luzes, —eu disse.

— O que quer dizer? —Perguntou Sean.

— O tanque de argônio provavelmente é grande, ornamentado e deve ter luzes piscando.

— Nós os perseguimos, —disse Arland. — E então tentamos barganhar. Quando a negociação falhou, tentamos invadir o complexo deles.

— Vocês passaram por dentro de um compactador de lixo? —Perguntou

Sean.

Arland deu a ele um olhar vazio.

— Não é culpa dele, —disse Maud. — Arland foi corajoso e tentou. Eu também tentei. Jogaram lixo em nós e depois ácido. —Ela se agachou, pegou sua espada do chão e se levantou, tudo em um movimento fluido, e enfiou a espada debaixo do meu nariz.

A lâmina parecia uma vela meio derretida.

— Dois anos. —A voz de Maud tremia, e eu não sabia dizer se era de desespero ou indignação. — Eu tenho essa espada há dois anos. Ela salvou minha vida. Olhe para isso.

— Você não precisa se preocupar, minha Senhora, —disse Arland calmamente. — Garanto que você terá uma nova lâmina, adequada à sua habilidade, antes do anoitecer.

Eu suspirei. Espernear e gritar não resolveria nada, apesar que me faria sentir muito melhor. Mas não tínhamos tempo a perder.

— Voltamos para cá o mais rápido possível, —disse Maud.

— Ainda acredito que um ataque prolongado poderia ter produzido alguns resultados, —disse Arland.

— Não, Maud está certa. —Tirei meu manto e peguei as chaves do gancho na porta. — Não se pode lutar contra Muckrats. Também não se pode argumentar com eles. Podemos somente negociar. Maud, preciso que defenda a Pousada. Os *Draziris* provavelmente não atacarão. Estamos em plena luz do dia.

— Onde você vai? —Perguntou Sean.

— Para o Walmart!

— Eu vou com você. Kiran está obcecado por você. Não conte que ele seja racional.

Abri a boca ... Levaria mais tempo para discutir e não tínhamos tempo.

Pelo que eu sabia, a essa altura os Muckrats estariam abrindo o tanque de argônio enquanto conversávamos. Além disso, Sean estava certo. Depois da nossa última conversa o líder Draziri tornou nosso conflito algo pessoal.

— Certo. —Eu me virei para Maud. — Segure a Pousada. Por favor.

— Entendi, —disse ela.

Enfiei os pés nos sapatos que havia deixado na porta da frente e corri para a

garagem. Sean me seguiu. Pulei no banco do motorista, ele pegou o do passageiro e me forcei a sair da garagem casualmente e entrar na rua a uma velocidade razoável, em vez de sair como uma motorista de *Nascar*[79]. Ninguém nos atacou. Ninguém nos seguiu.

— O que são Muckrats? —Perguntou Sean.

— Corvos da galáxia. Eles têm uma fortaleza em *Baha-char*.

Dez minutos depois, atravessávamos as portas do Walmart. Fui direto para o corredor de brinquedos.

— O que está procurando? —Perguntou Sean.

— Procure a coisa mais irritante que puder encontrar. Qualquer coisa barulhenta, com luzes piscantes e partes móveis complicadas.

Examinei os brinquedos. As opções eram poucas. Pensei que haveria mais, mas com o feriado de Natal se aproximando, as estantes de brinquedos estavam quase vazias.

Espere. Puxei uma caixa da prateleira. *Martelo Eletrônico Musical.*[80] Uma variação do *Bate-Monstro*[81], com ovos de plástico com carinhas nas cores brilhantes da Páscoa aparecendo e um martelo para bater neles. *Por favor, diga-me que há uma demonstração* ... Lá estava, no final do corredor, onde outro exemplar do brinquedo estava preso a uma corda. Quatro botões na parte inferior. Apertei um. Música horrivelmente alta soou no brinquedo. Por enquanto, tudo bem. Peguei o martelo de plástico verde e apertei o botão de demonstração. O ovo azul apareceu. Eu bati e acendeu por dentro uma luz estroboscópica indutora de convulsões e deu um gemido de sirene de polícia. Eu bati outro ovo. O chiado de um primata cortou meus tímpanos. Perfeito. Peguei a caixa e saí do corredor, quase correndo para Sean.

Mostrei a caixa para ele. — O que você encontrou?

Ele ergueu uma engenhoca de aparência bizarra que lembrava um cruzamento entre um secador de cabelo e um megafone com uma série de luzes ao longo de sua armação de plástico.

— Que raio é isso?

— É uma *pistola de peido*[82].

— Uma o quê?

Sean apertou o gatilho. As luzes se acenderam dramaticamente e a arma fez um barulho alto de peido. — Uma pistola de peido. De desenhos animados. Você

disse algo irritante.

Ele apertou o gatilho novamente. A pistola peidou. Uma mulher com uma criança no carrinho olhou para nós. A boca de Sean se esticou lentamente em um sorriso.

— Certo, tudo bem. —Acelerei em direção ao caixa.

Um peido.

— Você vai parar de fazer isso?

Outro peido.

— Sean! Quantos anos você tem, cinco?

Ele riu baixinho.

A fila do caixa rápido estava vazia. *Milagre dos milagres*. Coloquei minha caixa na esteira. Sean fez o mesmo.

A caixa, uma mulher gorda mais velha, sorriu para nós. — *Ahh.* Vocês são um casal tão fofinho comprando brinquedos. Está gravida?

O que?

— Sim, estamos, —disse Sean e colocou o braço em volta de mim.

Eu o mataria.

— Sem alianças? —A caixa passou a pistola de peido pelo leitor. — É melhor arranjar esse casamento rápido.

De todas as coisas ... passei meu cartão e digitei minha senha no teclado. *Por isso quase não vinha ao Walmart.*

O cartão passou. Sean pegou os dois brinquedos e saímos.

— Boa sorte, vocês dois! —A caixa nos desejou.

Assim que saímos pela porta, eu me virei para Sean. — Será que dá para levar isso a sério? O futuro de uma espécie inteira está em risco.

— Sim, vamos salvá-los com uma pistola de peido.

— Não!

Peido.

Ugh.

Quinze minutos depois, corri para a Pousada. Gertrude Hunt parecia bem. Maud estava na Sala de Guerra. Enfiei a cabeça. — Alguma novidade?

— Eles tentaram enviar uma sonda e eu a destruí, —disse ela. — Vá, Dina! Vá, estamos bem.

A Pousada deixou cair meu manto de Estalajadeira, marrom escuro com uma bainha esfarrapada, aos meus pés. Vesti-o, tirei uma sacola do armário e o abri. Sean colocou os brinquedos na sacola e eu devolvi para ele. Se alguém pudesse impedir que fosse roubada, esse seria Sean. O portas no final do longo corredor se abriram, derramando o brilho do sol de *Baha- char* na Pousada. Passamos pela Portal.

O calor tomou conta de mim. Pisamos nos blocos amarelos que revestiam o beco. Edifícios erguiam-se de ambos os lados, construídos com arenito e decorados com azulejos coloridos, com quinze andares de altura, cada um, uma bagunça de varandas, terraços e pontes.

Árvores, trepadeiras e flores prosperavam nas jardineiras, adicionando um alívio bem-vindo da uniformidade do arenito. Bandeiras bordô, turquesa e dourado fluíam com a brisa. Acima, no céu púrpura, a gigantesca metade de um planeta de cor lavanda, supervisionava tudo, pedaços dele flutuando pela massa principal como luas disformes.

Corri para fora do beco, Sean ao meu lado. Entramos na rua e uma diversidade de seres nos recebeu. Criaturas de todas as formas e tamanhos caminhavam, rastejavam, pairavam, pisoteavam e deslizavam entre os edifícios, procurando nas barracas e lojas dos comerciantes por algo em particular que não podia ser comprado em nenhum outro lugar. A rua respirava e falava em mil vozes.

Caminhamos por entre as criaturas e paramos diante de um grande edifício, com a porta retangular escura. Sean fez uma cara feia. Não era o seu lugar favorito. *Merdaa, eu deveria ter pensado nisso antes de trazê-lo comigo.* Nuan Cee, um dos poderosos Mercadores de *Baha-char*, foi quem contratou Sean para se tornar Turan Adin. Sean provavelmente estava sendo atingido agora com todos os tipos de lembranças que tentava esquecer.

— Sinto muito, —eu disse a ele. — Mas precisamos da ajuda dele.

— A ajuda dele nunca vem sem um preço.

— Eu sei.

— Nós poderíamos simplesmente voltar, pegar Arland e invadir o lugar ...

Eu me aproximei dele e o beijei. Era para ser um beijo rápido, um roçar dos meus lábios nos dele, mas no momento em que nos tocamos, a emoção correu

através de mim. A lembrança de como era beijar Sean Evans destruiu meu raciocínio. Joguei cautela ao vento e o beijei com força. Minha língua lambeu seus lábios. Ele abriu a boca e eu provei Sean. Era como beber fogo.

Nós nos separamos. Abri meus olhos e vi a floresta profunda em seus olhos e um lobo feroz cicatrizado olhando para mim. Ele estava perto, muito mais perto do que nunca.

Sean passou o braço em volta da minha cintura e me puxou em um abraço. Um pouco de emoção correu através de mim. Fui capturada e não me importei. Sean estudou meu rosto, inclinou-se e sua boca fechou na minha. Ele me beijou de volta, profundo, deliberado, me seduzindo ali mesmo na rua. Eu não queria que isso parasse.

Sean quebrou o beijo e virou a cabeça.

Uma criatura emergiu da porta. Grande, desgrenhado, com longos pêlos pretos, braços enormes terminando em dedos com garras e um rosto monstruoso cheio de presas, nada na Terra parecia com isso.

— O Mercador os receberá, —a criatura entrou.

— Nós devemos entrar, —eu sussurrei.

Ele me deixou ir devagar.

Seguimos o guarda-costas até o saguão alto forrado de ladrilhos cinza. Uma cachoeira fluía da parede oposta, caindo em um lago estreito. Aqui e ali, plantas de todas as tonalidades, do roxo e magenta ao verde esmeralda, floresciam em vasos ornamentados. Uma mesinha de vidro vulcânico esperava no meio da sala. Sentei-me em um sofá roxo macio ao lado da mesinha. Sean permaneceu de pé.

Uma cortina à direita se abriu e uma criatura parecida com uma raposa com pouco mais de um metro e meio de altura, criminalmente fofa e coberto de jóias, caminhava em duas pernas. Abri minha boca e esqueci de fechá-la. Eu esperava Nuan Cee. Esse era ...

— Cookie?

A pequena raposa abriu os braços e correu para mim. Eu o abracei.

— O que você está fazendo aqui? —Perguntou Sean.

Cookie estendeu a mão para abraçá-lo. Sean o abraçou de volta.

Cookie torceu as orelhas de lince. — Tio está viajando a negócios. Eu estou no comando até ele voltar.

Ele deu um passo atrás e formalmente manteve as mãos juntas. Com seu pêlo arenoso e olhos azuis brilhantes, ele era quase fofo demais para ser levado a sério. No entanto, Cookie era do Clã Nuan e subestimá-lo seria mortal.

— Então, o que o grande Nuan Cee pode fazer por você? —Cookie perguntou.

— Precisamos da sua ajuda para negociar com Muckrats, —eu disse. — Eles pegaram um tanque de argônio com uma criatura dentro dele como um meio de pagamento de uma dívida de um Atravessador. Precisamos recuperar o tanque.

— O que irá oferecer em troca?

— Um favor, —eu disse. Eu não tinha mais nada.

Os olhos azuis de Cookie se estreitaram. — Aceitarei isso. Em troca, os chamarei em tempos de necessidade.

— Negócio fechado, —eu disse.

Cookie esfregou as patas. — O que você trouxe para negociar com os Muckrats?

******

Peido.

Peido.

Peeeeeeeido.

— Você pode parar de fazer isso?

Cookie riu e balançou a pistola de peido.

Machos e peidos. Qualquer espécie, qualquer planeta, não importava.

Andamos pela área sombria de *Baha-char*. As ruas eram estreitas aqui, as cores mais opacas, os dosséis gastos. Fuligem se instalou nas portas. Os comerciantes se resguardavam dentro de suas lojas com as armas ao seu alcance. Sean examinou a rua com o olhar. Eu me senti cansada. Cookie pulava para cima e para baixo sem se importar com o mundo, como se estivesse no meio de um prado ensolarado. Possivelmente porque a monstruosidade enorme, que lhe servia como guarda-costas, nos seguia, respirando no meu pescoço, mas provavelmente porque suas jóias o identificava como um descendente de um Clã

Mercador. Prejudicar um membro dos Mercadores significava assinar sua própria sentença de morte.

Viramos a esquina. Sean parou. Muros altos de pedra erguiam-se de ambos os lados, cercando uma área do tamanho de um campo de futebol. Diretamente à nossa frente havia uma enorme parede de metal, reforçada por placas de aço retangulares gigantes. Placas menores estavam dispostas ao longo da parede, com trilhas de ferrugem e ácido estendendo-se sobre o metal. O enorme portão no centro, ao nível do solo, era grande o suficiente para dois elefantes passarem lado a lado.

Cookie esfregou as mãos. — Afastem-se, por favor, e não digam nada.

Ele levantou a pistola de peido e apertou o gatilho.

Uma pequena placa na parede se abriu para o lado a cerca de quinze metros do chão.

Cookie pegou o outro brinquedo musical e bateu com o martelo. Luzes e barulhos horríveis saindo do brinquedo quebraram o silêncio.

Mais placas nas paredes se abriram.

Cookie levantou as mãos e falou na linguagem chilreante dos Muckrats. Ele acenou com os braços. Andou de um lado para o outro. Andou mais um pouco enquanto discursava.

Cookie levantou a pistola de peido e soltou outra rajada de som. Ele bateu com o martelo no outro brinquedo eletrônico. Falou de novo, depois ficou em silêncio.

Uma pergunta curta veio da parede. — *Chichi-chichi*?

Cookie recomeçou um segundo discurso. Ficou na ponta dos pés, levantando os braços o máximo que podia e desenhou um grande círculo. Ele colocou os braços atrás das costas e deu a volta. Então esperou.

A fortaleza permaneceu quieta.

— Ainda acho que deveríamos atacar, —Sean sussurrou.

— Silêncio.

Outro chilrear.

Cookie virou-se para mim. — Posso pegar seu sapato?

Tirei um dos meus tênis.

Um coro de gritos ultrajados emanou da fortaleza.

— O outro pé, —disse Cookie baixinho.

Tirei o tênis esquerdo. Cookie o levantou como se fosse um tesouro e o depositou junto com a pilha de brinquedos.

Um barulho de metal ecoou pela fortaleza, seguido por batidas rápidas. Os portões se abriram e uma horda de Muckrats saiu. Com cerca de um metro e oitenta de altura, pareciam doninhas que de alguma forma andavam de pé e desenvolveram mãos de macacos. Seus pêlos elegantes variavam do marrom enferrujado ao preto, e usavam curtos *kilts de couro*[83] adornados com luzes. Eles saíram dos portões, arrastando a enorme cápsula de argônio. A cápsula foi depositada no chão. Um Muckrat mais baixo jogou uma pilha de moedas de ouro ao lado do tanque, outro adicionou um rato morto do tamanho de um gato pequeno e um terceiro colocou uma parte eletrônica complexa nele.

O líder dos Muckrats apontou para a pilha. — *Chi*?

Cookie fez um ótimo show inspecionando os produtos. — *Chi.*

O líder do Muckrats pegou meu tênis e o levantou sobre sua cabeça.

— *Chiiiiiiiiiii!*

Os Muckrats explodiram em gritos. Os brinquedos desapareceram e a horda correu de volta para a fortaleza, como se fosse sugada por ela. As portas de metal se fecharam.

Sean pegou uma moeda de ouro da pilha. — São *Dobrões Espanhóis*[84]*?*

— Sinto muito pelo sapato, —disse Cookie, triste, enquanto seu guarda-costas colocava a cápsula de argônio no ombro como se não pesasse nada, — mas eles não abriram mão disso.

Capítulo 8

— Você não vai me carregar. —Tirei o tênis direito e comecei a descer a rua.

— Você não tem ideia do que há nessa rua. —Sean torceu o nariz. — É nojento.

— Então vou encontrar um comerciante de sapatos e comprar um novo par.

— Você sabe que eu poderia carregar três de você e isso não me atrasaria?

— Você sabe que nem se quer consegue lidar com uma de mim? Três de mim seria demais.

Sean abriu a boca.

— Estou andando, —eu disse a ele. — Não me matará andar descalça por alguns quarteirões.

Sean murmurou algo baixinho.

— Ouvi isso, —eu disse a ele. Na verdade eu não ouvi o que realmente ele disse, mas ele não precisava saber disso.

Andar descalça nesta parte de *Baha-char* era uma má idéia. Os grandes blocos quadrados que calçavam as ruas ao ar livre, aquecidos pelo sol, estavam muito quentes, o que me forçou a beirar as margens da rua, próximo aos prédios, onde o lixo e a sujeira haviam acumulados, empurrados para as laterais pelo vento e pelo interminável vai-e-vem de compradores. Olhar para o chão para ter certeza de não pisar em nada que pudesse cortar meus pés, ficou rapidamente cansativo. Mas deixar Sean me carregar não era uma opção. Eu tinha que preservar alguma dignidade. Além disso, ser carregada por ele seria ... bom. Tinha a sensação de que ia gostar, e ainda não estávamos fora de perigo. Eu não precisava estar distraída por estar tão perto dele, pelo menos não até voltarmos à segurança da Pousada.

Olhava para cima de vez em quando só para garantir o caminho que estávamos tomando. No final do quarteirão, uma loja suja sob uma tenda verde e manchada exibia um letreiro de neon que anunciava CALÇADOS em sete idiomas. Uma concha colorida, parecida com a de um caracol de jardim, com um metro e oitenta de altura e em tons de vermelho brilhante, marrom escuro e amarelo limão, esperava na porta da loja.

— Olha, sapatos!

Acelerei para a tenda. O comerciante, um *Took*, sentiu que uma cliente se aproximava e esticou todo o pescoço enrugado para fora de sua concha de caracol. Cookie esfregou as mãos.

— Só preciso de um par de sapatos, —eu disse a ele.

— Claro, —respondeu a raposinha. — Desde que consiga o melhor preço.

O interior da tenda continha uma pilha enorme de sapatos feitos de todos os tipos de materiais para todos os tipos de pés. Também cheirava a todos os tipos de pés, mas eu não me importei. Procurei, tentando encontrar algo feito para humanos. Sean parou na frente da loja, observando a rua. O guarda-costas

felpudo de Cookie parou ao lado dele.

Vasculhei os sapatos. *Grande demais, pequeno demais, viscoso demais, feito para alguém que tinha pés parecidos com os de um elefante, outros muito pontiagudos ... Esse par não era tão ruim*. Levantei as duas sandálias, pouco mais que solas com um cordão de contas baratas.

— Quanto?

Os tentáculos do Took vacilaram. — Dois créditos.

— Dois créditos! —Cookie cambaleou para trás e caiu, como se tivesse levado um soco. — É um ultraje! Você está tentando nos matar?

Merda. Esqueci que ele estava conosco. Tinha que cortar isso agora, antes que se transformasse em um show de barganha. — Dois créditos é ...

— Criminoso! —Cookie anunciou.

Os olhos de lula do Took brilharam, mudando de cor de vermelho escuro para verde brilhante. — Este é um couro Okariano genuíno!

Cookie arrancou as sandálias das minhas mãos e acenou com elas. — Sim, do traseiro genuíno de um Nifrook Okariano. Você sentiu o cheiro dessas sandálias?

— O odor acrescenta personalidade!

— Personalidade? —Cookie arreganhou os dentes. — Minha amiga não está interessada em personalidade. Você não vê que ela é uma mulher jovem e atraente de sua espécie? Se ela usar esses sapatos, teremos de cobrar uma compensação por todos os companheiros em potencial que esse odioso calçado repelirá.

Os olhos do *Took* se estreitaram. — Um crédito e três quartos.

— De fato, se comprássemos esses sapatos, o resto da sua pilha teria um cheiro melhor. Você deve nos pagar pelo serviço de remover essas sandálias de sua loja.

— O que?

— Você me ouviu. Agora isso! —Cookie levantou meu tênis direito no ar. — Isto sim é um sapato.

Suspirei e fui ficar ao lado de Sean.

— Eu deveria ter acabado de andar descalça. Agora ele discutirá até que as galinhas comecem a nascer dentes.

Sean não respondeu. Ele estava olhando a rua, de volta por onde viemos. Olhei nos olhos dele e vi Turan Adin lá. Os pelos da minha nuca ficaram em pé.

— O que foi?

— Estamos sendo perseguidos.

— *Draziris*?

— Não sei.

Quando um lobo dizia que estava sendo perseguido, apenas tolos o ignoraria. Calei a boca. Os sentidos de Sean eram muito mais nítidos que os meus, e distraí-lo agora era uma ideia idiota. Coloquei minha luva e puxei o chicote de energia do bolso interno do meu manto.

A rua de ambos os lados estava vazia. A brisa fraca que geralmente movia o ar pelas ruas semelhantes a desfiladeiros de *Baha-char* parou. O ar ficou quente e opressivo. Estremeci. Algo parecia muito errado.

— E não volte mais aqui! —O Took trovejou atrás de mim.

Cookie emergiu com as sandálias e as colocou na minha mão, juntamente com uma moeda. — Aqui estão as sandálias e meio crédito. Dei a ele o seu sapato direito como parte do pagamento.

— Obrigada. —Coloquei as sandálias nos pés.

— Eu tinha que me redimir por ter perdido seu outro sapato na negociação com os Muckrats. —Cookie sorriu.

— Vamos embora, —disse Sean calmamente.

Nós corremos pela rua. Cookie começou a pular, mas logo depois a diversão saiu dele. Ele agora caminhava silenciosamente, rápido e discreto sob patas de veludo.

Olhei por cima do ombro. A rua ainda estava vazia. A escuridão parecia reunir-se atrás de nós. Minha frequência cardíaca acelerou. Talvez fosse minha imaginação, talvez não, mas não estava disposta a me arriscar. Estávamos quase correndo agora.

Demos uma última volta e emergimos em uma das ruas principais. O barulho da multidão tomou conta de mim. Eu exalei. Percorremos o tráfego, com o guarda-costas monstro de Cookie aparecendo na retaguarda.

Olhei para trás novamente. Nada além da multidão.

Respire fundo. Respire fundo. Quase em casa.

O rosto de Sean pareceu relaxar um pouco. Bom.

Mais dois quarteirões e entraríamos no beco que levava ao portal da Pousada.

Magia subiu pela minha espinha, gelada e viscosa. Eu recuei. Era repugnante, mas parecia quase ... familiar? Como …

A multidão à nossa frente diminuiu a uma velocidade alarmante. Criaturas fugiram, escapando para as lojas e becos laterais. A rua esvaziou, deixando uma criatura solitária em pé na frente do nosso beco.

Quase dois metros de altura, usava um manto esfarrapado com o capuz levantado. O manto parecia muito com o meu, exceto maior, com um capuz mais fundo e mangas mais largas. Tinha que ser uma coincidência. A galáxia tinha um milhão de mantos. Era altamente possível que dois deles fossem cortados e costurados de maneira muito semelhante.

Apertei o cabo do chicote de energia, liberando a fina correia. A ponteira bateu no chão, crepitando no calçamento.

Ao meu lado, Cookie tirou uma faca da bainha, escondida entre suas jóias.

Sean olhou para o guarda-costas desgrenhado de Cookie. — Ele está em perigo.

A criatura mostrou suas presas. Uma mão enorme pousou no ombro de Cookie.

O animal puxou a raposa pequena, girou e correu pela rua, carregando Cookie e a cápsula de volta por onde viemos, cada uma de seus pisadas gigantescas era como o golpe de uma marreta no chão. Os gritos indignados de Cookie desapareceram.

Sean pegou sua faca verde.

A criatura vestida com o manto esperava entre nós e o beco. Não havia outro caminho para o portal da pousada. Tínhamos que passar por ele.

— Dina? —Sean perguntou calmamente. — O que ele é?

— Eu não sei.

A criatura levantou o braço esquerdo, expondo uma mão humanoide, pálida e murcha, com grossas garras amareladas. As veias em seu braço pulsavam. Eu senti a magia se reunir em torno dela, repugnante e contaminado. Se essa magia tivesse um corpo, seria um cadáver podre. Mas o padrão como ela fluía, o núcleo fundamental ... O choque tomou conta de mim.

— É um Estalajadeiro.

— Um que?

— Está corrompido de alguma forma. Temos que matá-lo. É uma abominação.

Uma esfera de energia pura disparou dos dedos da criatura, uma bola de raio laranja do tamanho de uma toranja. Sean pulou para cima e para frente, mas a esfera passou por ele, mudou a trajetória e se curvou em minha direção. Eu não conseguiria fugir dela.

Sean puxou uma arma de dentro da roupa e atirou, correndo contra a criatura. O ar em torno da figura encapuzada ondulou. Projéteis de pulso eletromagnéticos eram os mais mortais da galáxia, e a criatura desconhecida estava bloqueando-os.

A esfera de energia disparou em minha direção.

Bati nela com o meu chicote de energia.

A esfera explodiu.

Uma névoa branca me afogou. A onda de choque de magia reverberou através dos meus ossos e explodiu no meu peito, como se meu coração fosse estourar. Engasguei e vomitei no chão. Sean saltou da lateral de um prédio e aterrissou atrás da criatura. Ele pulou, rápido demais para ser visto, apontando a faca nas costelas da figura encapuzada. Um raio o chicoteou. Sean voou como se tivesse levado um soco enorme.

Ah não, você não. Cerrei os dentes e cambaleei para frente, meu chicote queimando com energia.

Uma segunda esfera de energia se formou nas garras da criatura. Ele atirou em mim. Balancei meu chicote, cortando a esfera. Energia explodiu em mim. Calor e dor queimaram meu peito e estômago. Meu manto pegou fogo. Eu o rasguei, tentando afastá-lo da minha pele.

O corpo de Sean tremulou e um lobisomem enorme apareceu no calçamento, alto, musculoso, com ombros enormes e mãos enormes armadas com garras de cinco centímetros.

A criatura encapuzada girou em sua direção. O lobisomem arreganhou as presas e investiu contra o Estalajadeiro corrompido, esfaqueando-o tão rápido que a faca se transformou em um borrão verde.

Um raio explodiu do Estalajadeiro e chamuscou o pêlo do lobisomem, mas

ele continuou esfaqueando em um frenesi.

Puxei o manto por cima da cabeça. A pele do meu peito ardia como se alguém tivesse passado um ralador de queijo em mim, mas não me importei. Corri para eles.

Os pêlos nos braços de Sean se enrolaram. O cheiro de pêlo queimado poluiu o ar.

A figura vestida girava, tentando evitar a faca. Pedaços de seu manto tremulavam no ar. Sean havia conseguindo golpeá-lo algumas vezes.

O Estalajadeiro atacou Sean com a mão murcha, as garras pingando magia. Sangue jorrou do peito do lobisomem.

Toquei meu chicote, sentindo a mudança da magia da criatura em resposta. O chicote de energia estalou, ricocheteando no ar vazio a cinco centímetros de sua cabeça. Rápido. Bati o chicote novamente. De alguma forma, ele deslizou para o lado. *Não faz mal. Você não conseguirá se esquivar para sempre.*

Sean cortou as costas da criatura.

Magia explodiu de dentro do manto. A onda de explosão me levantou do chão. Voei, fui lançada como um monte de terra em um redemoinho e bati as costas em um prédio. *Ah, doeu. Doeu muito.*

Sean bateu na parede acima de mim e deslizou ao meu lado no meio de madeira quebrada e tecido rasgado.

A criatura juntou os braços. Uma torrente de energia disparou de suas mãos, uma lança apontada para nós.

Eu me levantei e me empurrei na frente de Sean. O chicote não pararia a lança. Iríamos morrer.

Eu era uma Estalajadeira.

Larguei o chicote e a luva, peguei um pedaço de corrimão quebrado e o segurei na minha frente como um cajado, concentrando toda aminha magia nele. Não era a minha vassoura, era apenas um bastão, mas eu era uma Estalajadeira, inferno, e ele não mataria Sean.

A lança de energia me atingiu e rebateu sobre o bastão, um raio laranja se partiu e queimou em turquesa, onde tocou o bastão e minha magia. Minha pele ficou dormente. Era como se alguém tivesse afundado pequenos ganchos em minhas veias e os puxado, tentando arrancá-los do meu corpo.

Isso doe.

A criatura encapuzada arqueou as costas, sentido o peso da minha magia. O manto ficou totalmente preto, como se a cor tivesse sido sugada para fora do tecido. A bainha esfarrapada começou a se desmanchar. A torrente de magia corrompida me atingiu com mais força.

Deus, doe. Doe, doe, doe ...

Meu corpo inteiro tremeu do esforço. A dor envolveu cada vértebra na minha espinha e apertou, moendo cartilagem e ossos até o nada. Parecia que meus braços estavam sendo arrancados das órbitas dos meus ombros.

Um grito estranho e sobrenatural cortou meus ouvidos. A criatura encapuzada estava gritando.

Provei sangue na minha boca.

Eu não aguentaria segurá-lo muito mais tempo. Eu ...

Um fluxo de projéteis martelou a criatura pelo lado esquerdo. O ar ao redor do Estalajadeiro corrompido se ondulou, tentando segurar os projéteis antes deles atravessarem e atingir o corpo da criatura. A torrente de energia enfraqueceu. O foco da magia dele mudou para se proteger dos projéteis.

A agonia estava transformando meu cérebro em mingau. Cerrei os dentes e dei um passo à frente, empurrando a torrente para trás. Um passo. Mais um passo.

A criatura encapuzada deu um passo para trás.

Sim!

Ele deu outro passo, curvando-se sob o esforço de se proteger da enxurrada de projéteis e da minha magia.

Sean saiu de trás de mim, com a faca na mão.

Eu gritei e afundei tudo o que tinha no meu bastão. O bastão se abriu da mesma forma que as vassouras dos Estalajadeiros fazem. Uma lâmina afiada se formou no topo. Empurrei-o para dentro da torrente, até que a lâmina apontou diretamente para o Estalajadeiro corrompido, cortando a corrente de energia.

A magia da criatura saiu dela em uma semi-esfera laranja, tentando protegê-la da minha magia e dos projéteis. Sean apareceu atrás dele. A faca cintilou e o Estalajadeiro corrompido desabou em um monte mole.

A pressão da magia suja desapareceu.

Caí de joelhos e deitei no chão. À minha esquerda, um lobisomem mais

velho e grisalho abaixou uma metralhadora de aparência bizarra. *Obrigada Wilmos*. Cookie parou de pular para cima e para baixo ao lado dele e correu na minha direção.

Sean me pegou do chão. — Você está bem?

Eu assenti. Não conseguia nem falar.

Seus lábios roçaram os meus e ele me pegou do chão gentilmente como se eu fosse a coisa mais importante do mundo.

******

Minha boca finalmente obedeceu. — A cápsula?

— *Na minha loja*, —disse Wilmos. Ele estava olhando para mim como se eu estivesse morrendo.

Sean começou a descer a rua na direção do portal da Pousada.

— Não!

— Dina, você está gravemente queimada. Precisa da Pousada para curá-la.

— Pegue a cápsula.

— Depois.

— Não.

— Não discuta comigo. —Ele não levantou a voz. Não parecia diferente. Mas seu tom fez as palavras cortantes como uma faca. Era impossível continuar discutindo. Eu ainda tentei. Falar exigia esforço e resistência que eu não tinha.

— Falhei uma vez. Não posso ... entrar na Pousada sem a cápsula. O hóspede ... confia em mim. Por favor. Por favor, Sean. Por favor.

Ele rosnou, sua boca de lobo arreganhando os dentes.

— Por favor.

Wilmos olhou para ele.

— Vamos levar a cápsula, —disse Sean.

— Corpo do Estalajadeiro ...

— E o corpo, —disse ele, a fúria rosnando em sua voz. Seu olhar me fixou. Era direto e frio. Um olhar de lobo. — Nenhuma outra palavra até chegarmos à Pousada. Feche os olhos e descanse.

A última coisa que vi foi o guarda-costas de Cookie pegando o corpo do Estalajadeiro desconhecido. Deitei minha cabeça no ombro de Sean e fechei os olhos, vagando em estágios de consciência e inconsciência, mas presa em um lugar doloroso e meio confuso. Meu peito ardia.

Tempo se estendeu, longo e viscoso.

A magia da Pousada me tocou. Senti o ar fresco na minha pele—passamos do calor de *Baha-char* para minha casa. As paredes da Pousada estalaram e tremeram em pânico. Gertrude Hunt estava gritando. Abri os olhos e sorri quando vi o rosto aterrorizado da minha irmã.

— Estou bem. Tudo vai ficar bem.

Os tentáculos da pousada me envolveram e afundei nas profundezas de Gertrude Hunt, onde o coração pulsante da Pousada esperava por mim. Ela abriu e me abraçou.

Fechei os olhos e finalmente adormeci.

******

— Tia Dina vai ficar bem? —Helen perguntou.

Abri meus olhos. Helen e Maud estavam juntas na escuridão suave. Maud usava sua armadura. Uma espada pendurada na bainha no quadril. Os olhos de Helen eram grandes e redondos.

Ao meu redor, tentáculos de madeira lisa se entrelaçavam em um pilar, me segurando entre o chão e o teto. A força vital da Pousada fluía através deles, envolvendo-me no calor curador, e os tentáculos brilhavam, iluminadas de verde por dentro. Fracas luzes azuis flutuavam ao meu redor, nascidas de pura e espessa magia. O ar cheirava fresco aqui. Limpo e cheio de vida.

Eu já tinha estado aqui duas vezes. A primeira foi quando acordei Gertrude Hunt de seu sono profundo. Sentei-me bem aqui com as mãos no coração, convencendo-a voltar à vida. Na segunda vez foi quando usei muita energia fora da Pousada. Sean me carregou de volta até aqui, eu estava quase morta. A Pousada então me curou, como agora.

Eu me agitei, verificando a magia dentro dos tentáculos. Forte. Muito mais forte do que quando fui curada pela primeira vez. Não devo ter gastado tanta magia quanto pensei. Ou talvez estivesse subestimando Gertrude Hunt.

— Tia Dina vai ficar bem, minha flor, —disse Maud. — Ela está descansando.

— Ela está acordada, —eu disse.

Fera saltou da escuridão e Helen correu em minha direção e abraçou o pilar de tentáculos de madeira que me segurava.

A Pousada suspirou ao meu redor. Foi um suspiro feliz e contente.

— Sinto muito, —eu sussurrei. — Vou tentar não fazer isso de novo.

— É melhor você ter certeza de não fazer isso de novo, —Maud rosnou.

Os tentáculos se separaram, deixando-me pisar no chão. Fera lambeu meus pés, caiu de costas e depois se afastou, correndo em círculo como se seus sentimentos caninos a tivessem superado. Agachei-me e abracei Helen.

— Você tem flores no peito, —disse minha sobrinha.

Olhei para baixo. A Pousada havia curado minhas queimaduras—elas não eram profundas—e a pele estava lisa, mas fracas cicatrizes permaneceram. Elas não pareciam flores. Pareciam redemoinhos pálidos. E provavelmente não desapareceriam. Eu estava permanentemente marcada.

— Não parece tão ruim, —disse Maud.

Olhei para ela.

— Oh, pelo amor de ... pare de agir como se seus seios estivessem pegando fogo. Estão ótimos. Nada que uma loção bronzeadora não conserte.

Ela caminhou em minha direção, me abraçou e me entregou um manto.

Coloquei-o.

Fera corria pelos meus pés. Helen gritou e a perseguiu.

— Como está tudo?

— Sunset ficou muito feliz em receber outro membro do Arquivarius. A Pousada se recusou a aceitar o corpo do *‘seja-lá-o-que-é-aquilo’*, e então tivemos que embalar aquela coisa em um recipiente de plástico e selamos. Essa foi a única maneira de Gertrude Hunt parar de surtar. Precisamos analisá-lo, tentei mais cedo, mas a Pousada não me deixou chegar perto e me trancou fora do laboratório onde colocamos o corpo. As aves tentaram um ataque direto logo após o anoitecer. Eu deixei aquele idiota vampiro e seu lobisomem cuidar deles. Acho que Sean está um pouco perturbado. Ele cortou a cabeça dos *Draziris* invasores e as pendurou em estacas no quintal.

Suspirei. — Você pode vê-los da rua?

— Não. Foco, Dina. Estou lhe dizendo que seu namorado decapitou seus inimigos e enfiou os crânios deles em paus, e tudo o que importa é que seus vizinhos possam vê-los.

— Ele está bem?

— Fisicamente sim. Mentalmente ... não me interpretem mal, as cabeças penduradas são uma tática eficaz. Mas ainda assim—perturbadora. Em alguns momentos, quando se olha nos olhos dele, algo olha para você de volta.

— É um lobo, —eu disse a ela.

— Um que?

— É um lobo na floresta escura.

Maud suspirou. — Você vê um lobo. Eu vejo cidades queimando. Há algo muito perturbador sobre ele. Algo inquietante. Eu já passei pelo inferno antes. Conheço esse olhar, Dina. Não é tarde para mudar de idéia.

— Eu gosto dele.

Maud revirou os olhos.

— O Lorde Marechal entregou?

— Entregou o que? —Ela perguntou.

— Você sabe o que. Ele prometeu uma espada para você. Acho que suas palavras exatas foram*: 'Garanto que você terá uma nova lâmina, adequada à sua habilidade, antes do anoitecer.'*

Ela fechou a boca com força e sacou uma espada de sangue da bainha.

— É uma boa espada?

— É requintada. —Ela parecia que acabou de provar um limão. — Ele mandou descer da nave. Fez um show enorme para entregá-la. Um Cavaleiro de armadura completa com faixas vermelhas chegou e se ajoelhou na minha frente para apresentá-la.

Eu gostaria de ter visto a cara dela na hora.

— Tentei recusar.

Arland podia ser extremamente persistente quando era do seu interesse. — E aí?

— Ele deixou claro que era um presente de sua Casa. Se eu não aceitasse,

ofenderia toda a Casa Krahr. Eu não poderia nos colocar nessa posição. Procurei a classificação da Pousada enquanto você estava se recuperando. Vocês possuem duas estrelas e meia.

— A Pousada ficou inativa por um longo tempo.

Maud acenou com a mão. — O que quero dizer é que a Casa Krahr endossou publicamente Gertrude Hunt. Seria perigoso e ingrato ofendê-los.

Ela aceitou. Claro que fez.

— Deixei claro que retribuirei esse presente na primeira oportunidade. Não gosto dele, —disse Maud. — Ele é teimoso, altivo e insiste em fazer as coisas do jeito dele.

— Percebe que todos esses adjetivos são sinônimos?

— Eu não gosto dele, Dina. Tenho uma responsabilidade com minha filha. Não correrei o risco de a reinserir em uma sociedade que a jogou fora como lixo. Chega de vampiros. Vamos. Temos trabalho a fazer.

Respirei fundo. O Campo de Vácuo se encaixou. Eu estendi minha mão. Uma vassoura subiu do chão e prendi meus dedos em volta dela, sentindo a madeira gasta e quente. Estava em casa. Era hora de acalmar um lobo selvagem e examinar um cadáver corrompido.

******

O lobo me esperava na varanda do segundo andar, no mesmo local que o encontrei no meio da noite. Parecia há muito tempo, mas foram apenas alguns dias. Saí para a varanda, Fera rodando em volta dos meus pés.

Sean encostou-se na parede do lado esquerdo da porta. Ele me viu. Seus olhos brilharam âmbar, captando a luz. Ele não disse nada. Aparentemente, cabia a mim iniciar a conversa. Era justo. Minha missão quase o matou, e sem ele eu teria morrido naquela rua de *Baha-char*.

Ouvi dizer que você matou algumas criaturas e empalou a cabeça delas. Vim verificar se você está se sentindo bem ... Provavelmente era melhor começar com algo simples.

— Oi.

— Quando estamos na Pousada, confio em você com a minha vida, —disse ele. — Quando estamos do lado de fora, precisa confiar em mim com a sua.

— Eu confio.

— Isso significa que quando eu disser corra, você corre. Você não discute. Não choraminga. Você faz o que eu digo, ou nós dois morremos.

Ah! Era esse tipo de conversa. Cruzei meus braços.

Ele me encarou. — Confio em você para fazer o seu trabalho. Você tem que confiar em mim para fazer o meu.

— Eu confio em você. Não confio é nas suas prioridades.

Eu queria estender a mão e arrancar essa expressão dura como pedra do rosto dele.

— Minha prioridade é garantir que você sobreviva.

— Exatamente. Minha prioridade é manter meus hóspedes em segurança. Nem sempre são a mesma coisa.

— O *Hiru* estava seguro na Pousada, —disse Sean. — Sua insistência em trazer a cápsula porque queria impressioná-lo ...

— Eu não queria impressionar ninguém. Era sobre compromisso. Prometi recuperar o Arquivariano. Tinha que voltar com ele.

— ... colocou você, eu, Cookie e Wilmos em perigo. Em vez de me concentrar em trazê-la à segurança da Pousada e depois voltar e recuperar o tanque na loja de Wilmos, tive que me preocupar com você e o tanque ao mesmo tempo.

— Sinto muito por infligir esse fardo horrível a você. —Eu me arrependi no momento em que as palavras saíram da minha boca.

— Isso também colocou em risco todos na Pousada. Se você tivesse morrido, Maud não seria capaz de segurar os *Draziris*. O *Hiru* morreria.

— Minha irmã teria feito muito bem.

Fera latiu aos meus pés, insegura, mas sentindo o clima agitado suficiente para me fornecer apoio canino. Sean a ignorou.

— Eu tenho habilidades e conhecimentos que você não tem. Mais do que isso, tenho experiência.

— Eu também.

— Já vi você matar, —disse ele. — Você mata apenas quando precisa. De todas as respostas a uma ameaça que você enfrenta, matar alguém é a sua última opção. Para mim, não é uma escolha. É instinto. Não penso nisso. Vejo uma

ameaça e a neutralizo. De nós dois, estou mais preparado para lidar com um ataque fora da Pousada.

— Isso não faz você parecer mais confiável.

— Isso me manteve vivo. E, se você me deixar, vou mantê-lo viva. Farei tudo o que puder para garantir que sobreviva.

— Acredite ou não, de alguma maneira consegui sobreviver por todos esses anos sem a sua ajuda.

— Ou você confia em mim ou não. Decida, Dina. Do contrário, não faz sentido eu estar aqui. Não posso fazer o meu trabalho se você se recusar a seguir minhas orientações quando necessário. Estou caindo fora. Deixe-me saber o que decidir.

Ele pulou da varanda.

Ótimo.

— Lobisomem idiota.

Fera choramingou.

— Quieta, —eu disse a ela e caminhei de volta para o andar de baixo. Ele tinha razão. Um de nós gerenciava a Pousada e o outro matou centenas de seres *sencientes.* De nós dois, ele era um assassino muito melhor e um guarda-costas muito melhor do que eu. Em *Baha-char* Sean havia tomado uma decisão e eu deveria ter confiado nele. Eu sugeri que seguiria a liderança dele quando o contratei por um dólar. Em vez disso, fiz o que tinha que fazer para garantir que Sunset não perdesse a confiança na minha capacidade de Estalajadeira. Era realmente necessário ou fiz por orgulho? Eu não queria pensar nisso.

A minha conversa com Sean não aconteceu do jeito que eu esperava.

Um cheiro delicioso permeava o andar de baixo, flutuando na brisa. Cheirava a ... frango.

Ah não.

Entrei na cozinha.

— Orro! —Minha voz cortou o ar como uma faca.

Ele levantou a cabeça de uma panela e virou-se para mim.

— Você está cozinhando *Draziri*?

Os espigões levantaram em suas costas.

— Não minta para mim. Pensei que tinha deixado perfeitamente claro. Não vou tolerar ...

Orro abriu o forno e arrancou uma assadeira grande. Nele, deitado em uma bandeja, uma ave de tamanho médio, assado em uma perfeição marrom-dourada.

— Pato assado, —disse Orro. — Com creme de trigo sarraceno e recheio de maçã.

Merda.

Ele se ergueu em toda sua estatura, ocupando a cozinha de algum modo, pairando como um lendário porco-espinho demoníaco.

— Em todos os meus anos, desde que eu era um humilde aprendiz, mal alto o suficiente para alcançar uma panela no fogão, só quebrei o código da cozinha uma vez. Quando permitir que um prato saísse da minha cozinha sem provar primeiro. Nunca havia quebrado antes desse episódio, nunca voltei a quebrar depois. O código é minha vida, minha religião e minha consciência. Sem ele— Orro rasgou o ar com suas garras—sou apenas um simples selvagem.

Não havia como parar. Eu era a única culpada de ter provocado essa situação, tinha que aguentar agora as consequências.

— Levante-se cedo e chegue cedo ao trabalho, —entoou Orro. — Mantenha suas facas afiadas. Nunca toque nas facas de outros chefes. Mantenha-se limpo, assim como também sua cozinha e seus ingredientes. Nunca deixe um prato sair de sua cozinha sem prová-lo. Conheça seus ingredientes. Respeite as criaturas no seu balcão de preparação, honre suas vidas. Conheça seus clientes. Cozinhe as preferências de seu cliente, não as suas. Nunca sirva um prato que prejudique a saúde ou o espírito dos clientes. Nunca se conforme em ser o segundo melhor. Nunca pare de aprender. Estas são as pedras fundamentais de tudo o que sou. Elas são o firmamento do meu universo.

Ele parou em cima de mim.

Eu assenti.

— Sou algum vagabundo que você encontrou nas ruas cozinhando ratos em uma panela enferrujada?

Ah, pelo amor de ...

— Honestamente acha que eu desceria tanto ao ponto de prejudicar seu espírito, servindo-lhe um ser *senciente?* Pensa tão pouco de mim?

— Peço desculpas.

Ele passou a mão com garras sobre os olhos em uma pose que deixaria qualquer ator de Shakespeariano orgulhoso. — Vá. Apenas ... vá.

Eu fugi da cozinha antes que ele decidisse continuar com o discurso.

Até agora briguei com Sean e Orro. Do jeito que o dia estava indo, se eu me demorasse o suficiente passeando pela Pousada, provavelmente ofenderia mortalmente Caldenia. Claramente, havia apenas um lugar onde eu poderia estar em segurança agora. Abri o chão e desci as escadas para o laboratório.

O cadáver da criatura corrompida estava sobre a mesa do laboratório. Quando Maud disse *'envolto em um recipiente de plástico'*, entendi que eles o colocaram em um saco de plástico.

Eles não fizeram. Uma caixa retangular de plástico transparente me cumprimentou, com três metros de comprimento e um metro e vinte de largura. O cadáver estava dentro dele, como uma versão louca de Branca de Neve dormindo em um caixão de vidro.

Como ... Oh. Maud deve ter enfiado o cadáver em uma caixa de contenção feita de material inerte transparente de plástico *PVDF*[85]. A Pousada tinha uma seção inteira cheia delas no armazenamento. Elas eram de todos os tamanhos e costumavam ser usadas para colocar objetos estranhos em quarentena, fornecer micro habitats para pequenos hóspedes aquáticos e geralmente guardarem objetos quando baixa condutividade térmica e alta resistência à corrosão química eram obrigatórias. O PVDF não conduzia eletricidade, era impermeável à maioria dos ácidos e resistia à radiação. A câmara de argônio que usei para o Arquivariano era feita de PVDF.

Maud deve ter encontrado o local de armazenamento, ou Gertrude Hunt havia desenterrado um grande recipiente em resposta ao estresse. Mas prender o cadáver no referido contêiner não provou ser suficiente. De alguma forma, a Pousada conseguiu envolver a caixa de contenção em mais plástico.

Estendi a mão e toquei. A Pousada rangeu em alarme. *Não, não era plástico. Resina transparente.* A Pousada tinha secretado resina e selado a caixa em volta dela. Vinte centímetros de sua própria seiva embalava a caixa do cadáver.

Eu teria que me esforçar para obter uma amostra e Gertrude Hunt lutaria comigo a cada passo do caminho. Podia sentir isso.

— Temos que obter uma amostra, —eu disse.

As paredes do meu pequeno laboratório tremeram como se cobras invisíveis

deslizassem logo abaixo de sua superfície.

— Temos que fazer isso, —eu disse.

As paredes tremeram.

— Sei que você está com medo. Compreendo. Mas você tem que ser corajosa. —Toquei na parede. — É perigoso. Devemos descobrir o que é antes que nos machuque ou a outros Estalajadeiros e outras Pousadas. Estarei com você a cada passo. Não vou deixar isso te machucar. Eu o parei uma vez quando estava fora da Pousada. Vou pará-lo de novo. Juntas somos mais fortes.

A Pousada não respondeu. Sentei-me em silêncio e gentilmente acariciei a madeira. Ela se moveu sob meus dedos como um gato arqueando suas costas. Eu poderia ter forçado Gertrude Hunt a responder. A Pousada obedecia ao seu Estalajadeiro. Eventualmente, chegaria um momento em que eu teria que impor minha vontade. Todo Estalajadeiro enfrentava esse desafio mais cedo ou mais tarde. Mas forçar a obediência da pousada era um último recurso, usado apenas para preservar a vida quando nenhuma outra maneira se apresentava. Testemunhei meus pais fazendo isso apenas duas vezes, e isso custou muito para eles e para nossa Pousada.

— Sei que estou pedindo muito. Mas precisamos descobrir o máximo que pudermos para nos preparar. Se houver mais deles, se vierem atrás desse, não podemos estar despreparados.

Silêncio.

O cadáver da criatura monstruosa estava esperando. Mesmo morto, havia algo sinistro nele, quase como se uma sombra escura o envolvesse, permeando o corpo e as roupas. Um fantasma nascido do frio vazio entre as estrelas. Estava imóvel, mas consciente. Podia ser minha imaginação, mas eu senti como se estivesse me observando.

Eu estava dentro da minha Pousada, onde nada poderia me machucar a menos que eu permitisse, e ainda assim essa coisa me dava arrepios. Eu não queria abrir sua prisão transparente. Mas se eu não fizer e ele atacar novamente, a responsabilidade pelas vidas que podem ser perdidas cairá sobre meus ombros. Eu era uma Estalajadeira. Eu tinha um dever.

— Nós podemos fazer isso. Juntas.

Silêncio.

Eu esperei.

O chão do laboratório se abriu. Um pequeno recipiente de plástico levantou-se do chão.

— Obrigada.

Levantei minha vassoura e canalizei minha magia nela. Ela se abriu, o cabo se fragmentando para expor o núcleo azul elétrico de pura magia. Eu segurei acima da resina.

— Pronta?

Uma raiz escorregou do chão, curvando-se para pairar acima da minha vassoura. Uma gota pegajosa de resina se formou na ponta, crescendo até o tamanho de uma laranja grande.

Coloquei a vassoura em cima do bloco endurecido de resina e empurrei minha magia. O núcleo azul afundou na seiva, queimando seu caminho. Esperei. Não havia pressa. Espirais de fumaça ondulavam no local da broca.

Um quarto perfurado do caminho.

Metade.

Três quartos.

Precisávamos apenas de uma pequena amostra do corpo, apenas o suficiente para executar as análises e varreduras básicas.

Quase lá.

A vassoura afundou na resina e encontrou a forte resistência da caixa de plástico. Empurrei suavemente. Um único e pequeno furo derreteu na caixa de plástico.

A sombra negra que eu senti subiu em direção à vassoura, cobrindo os poucos centímetros de espaço entre o corpo e a parede superior da caixa de plástico em um piscar de olhos.

Magia suja apertou minha vassoura e subiu em espiral. Um poder fétido, frio e aterrorizante fluía através da vassoura, tentando sair.

Agarrei minha vassoura com as duas mãos e lutei de volta, enviando minha magia através dela.

A sombra se curvou, serpenteando em torno da ponta brilhante da vassoura. Não tinha rosto, não tinha substância, mas lá estava, ali mesmo, lutando comigo. Queria sair.

Eu senti sua fome furiosa. Queria devorar a mim e a Gertrude Hunt e tudo o

que estava dentro.

Derramei meu poder na vassoura. *Não. Você não vai conseguir sair.*

A sombra aguentou por um momento torturante ... e quebrou. Apunhalei a vassoura no corpo. Um grito estridente atravessou minha mente como o som de metal contra metal. Eu perfurei a sombra novamente. Ela gritou e gemeu, chicoteando em minha mente.

Não na minha Pousada. Não enquanto estiver viva.

Apunhalei e golpeie, até que finalmente a sombra afundou profundamente no corpo e se escondeu lá.

Transformei a ponta da vassoura em uma pinça e a levei até o corpo, cortei uma pequena amostra de carne e puxei a vassoura para fora, depositando a amostra no recipiente de plástico e fechando a tampa. No momento em que a vassoura saiu de dentro da caixa, a Pousada pingou resina na abertura que fizemos, selando a sombra lá dentro. Luzes verdes e vermelhas brilharam quando a Pousada examinava a amostra.

Eu esperei, observando o cadáver, esperando por qualquer sinal do retorno da sombra.

Um sinal sonoro anunciou a conclusão da análise de DNA. Foi muito rápido. Sequenciar uma criatura alienígena deveria levar muito mais tempo. Virei para a tela e vi os resultados.

Gelo disparou através de mim, do topo da minha cabeça até os dedos dos pés.

— Vamos precisar de outra caixa de plástico.

Dez minutos depois, Maud entrou no laboratório. — Achei você.

Ela caiu na cadeira, cruzando as pernas longas. — Helen disse que ouviu um grito estranho, então procurei por toda parte e não encontrei nada.

— Como foi esse grito?

— Ela disse que parecia um *Shrieker* da noite. É um pássaro feio. Bem, mais réptil do que pássaro, na verdade. Soa como unhas em uma lousa.

Ou metal contra metal.

Ela acenou com a cabeça em direção ao cadáver envolto em plástico, selado em resina, e agora, além disso, envolto em uma caixa de plástico maior e selada novamente. A Pousada ainda estava derramando seiva nela.

— Você não acha que está exagerando?

Perfurei a tampa do recipiente da amostra e derramei líquido roxo viscoso nele.

— Isso é *Carnyte*?

— Sim.

Acenei minha mão. A parede na minha frente se abriu em um portal, revelando uma paisagem desolada. Joguei o frasco de amostra nele. A parede da Pousada se refez, mas permaneceu transparente. O frasco caiu e explodiu em um fogo vermelho sem fumaça. Carnyte era uma das piores coisas já inventadas na galáxia. Queimava quase tudo, rasgando moléculas.

— Tuuuudo bem, —disse Maud, estendendo a palavra. — Importa-se de compartilhar?

O fogo vermelho ainda queimava do outro lado do portal.

— Sequenciei o DNA.

— Isso foi rápido.

— Houve uma correspondência no banco de dados.

Maud olhou para mim. — Você está me dizendo que isso é ... era humano?

Apontei para o cadáver. — É Michael.

Ela fez uma careta. — Michael …?

— Michael Braswell.

Maud respirou fundo.

Eu acenei para a tela. A foto de um Estalajadeiro o preencheu, um homem de trinta anos, rosto com feições tranquilas, cabelos castanhos claros, olhos azuis.

Viramos e olhamos o fogo vermelho ao mesmo tempo. Era mais fácil vê-lo queimar do que enfrentar que eu havia matado a abominação que costumava ser o melhor amigo do meu irmão.

Capítulo 9

— Como isso é possível? —Maud caminhou ao redor do corpo.

— Eu não sei.

Era muito perturbador. Eu não queria pensar nisso. Precisava, mas não queria. Quando eu tinha doze anos, decidi frequentar o ensino *médio regular*[86]. Durei uma semana. Eu queria desesperadamente ser aceita, mas em vez de fazer amigos, acabei sendo a garota estranha. O clima no ensino médio era cruel. Todo mundo lá era uma bola de insegurança e hormônios, que percebi muito tarde, e eles estavam prontos para atacar qualquer alvo que se destacasse no grupo. Minha família me amava muito. Eu era uma garota protegida. Nem imaginava que as pessoas lá foram pudessem ser tão más.

Quando liguei para a casa na última sexta-feira da minha gloriosa experiência no ensino médio, chorando e com o cabelo pingando purê de batata, meus pais não estavam em casa. Klaus cuidava da Pousada e não podia sair. Foi Michael quem veio me buscar em sua enorme caminhonete. Ele estava planejando passar o final de semana com Klaus, mas, em vez disso, dirigiu de volta por três horas para a Pousada de seus pais, me levando com ele, porque eu ainda não conseguia enfrentar minha família. Quando chegamos na Pousada de seus pais tomei um banho, jantei com sua família e fingi que aquela sexta-feira nunca tinha acontecido. Foi Michael quem me trouxe de volta para casa na manhã seguinte e me disse que tudo ficaria bem.

Agora ele estava morto e seu corpo era um anfitrião para algo terrível demais para descrever.

— Ele disse alguma coisa? Ele te reconheceu? —Maud perguntou.

— Se reconheceu, com certeza teve uma maneira interessante de mostrar isso.

— Será que está relacionado ao Arquivarius? Aos *Draziris*?

— Eu não sei.

Maud parou e olhou para mim. — Qual o próximo passo?

— Precisaremos reportar isso à Assembléia. —Essa parte era fácil.

Maud voltou a caminhar. — E eles irão vir buscá-lo? Por favor, diga-me que eles irão vir buscá-lo.

— Eventualmente virão.

Minha irmã parou novamente. — Quanto tempo dura esse *‘eventualmente’?*

— Eu não sei. Só posso entrar em contato com a Assembléia a noite. —As regras para contatos de emergência não eram apenas rigorosas, elas eram

draconianas. Uma transmissão perdida poderia revelar a existência das Pousadas, de modo que o contato não poderia durar mais que trinta segundos e a transmissão teria que ser enviada de acordo com o cronograma fornecido a todas as Pousadas no início do ano. Eu já tinha verificado antes, quando ainda estava decidindo se aceitaria a proposta do *Hiru*. Meu horário de contato de emergência era às 23h07, *horário Central*[87].

— Ainda está vivo, —eu disse.

— O que?

— Temos que guardá-lo, mas há algo ... corrompido que ainda está vivo dentro do corpo. Algo que quer sair.

— Como? É uma criatura? Um parasita?

— Eu não sei. Me atacou quando coletei a amostra. Eu tive que golpeá-lo várias vezes para fazê-lo recuar. O grito que Helen ouviu veio dele.

Maud xingou. Ela e eu olhamos para o caixão de resina.

— Do que isso teria medo? —Ela perguntou.

Esfreguei meu rosto. — Não há como saber, a menos que o analisemos e Gertrude Hunt não me deixará fazer isso. Forçar a Pousada a colher mais amostras está fora de questão. Não estamos preparados para fazer esse tipo de análise com segurança e não deixarei que essa corrupção nos infecte.

— Fogo? —Maud meditou.

— Acho difícil. Teria que ser muito quente e as chamas teriam que durar um longo tempo. A Pousada não gosta de chamas. Pode lidar com um pequeno incêndio ou até uma fogueira lá fora, mas chamas dessa intensidade aqui dentro são uma má idéia. Não, precisamos de algo forte, mas viável a longo prazo.

Nós olhamos para a caixa de plástico novamente.

— Ácido, —dissemos ao mesmo tempo.

Levei vinte minutos para construir uma câmara de pedra e encher a maior caixa de contenção que tínhamos com ácido clorídrico. Selamos o caixão de resina dentro de outra caixa menor e o suspendemos em cima do ácido. Não era uma solução perfeita. Eu preferiria ter o despejado em algum planeta desconhecido, mas eu seria responsável pelo que despejasse e não queria arcar com o fardo de acabar descarregando esse horror em ninguém.

Depois que o caixão foi suspenso, ajustei os alarmes. Se ele se movesse uma fração de centímetro, a Pousada gritaria na minha cabeça e eu o jogaria

dentro do ácido. Nós nos retiramos para o laboratório, onde fiz a Pousada me mostrar a câmara em uma grande tela. Sentei e assisti. Se a coisa tentasse sair depois que fomos embora de lá, eu queria vê-lo. Maud sentou-se ao meu lado.

Nenhuma de nós disse nada.

— A Assembléia notificará a família, —eu disse.

Pensar em olhar para a Senhora Braswell enquanto eu lutava para explicar o que o filho dela havia se transformado me deixava enjoada.

— Eles devem, —disse Maud.

Nós olhamos o tanque um pouco mais. Nada se mexeu. A Assembléia dispunha de muitos recursos. Alguns Estalajadeiros se especializaram em pesquisas e possuíam laboratórios de última geração. E, claro, havia os *Ad-hals*. Quando os filhos de hospedeiros cresciam, eles tinham três caminhos para escolher. Muitos de nós deixávamos o planeta e nos tornávamos Viajantes, vagando pelo Grande Além. Dos que ficavam, alguns desistiam da vida de Estalajadeiro e se juntavam à sociedade humana comum, levando uma vida normal. Mas se escolhêssemos permanecer em nosso mundo, poderíamos nos tornar um Estalajadeiro, herdando a pousada de nossos pais ou, muito raramente, sendo transferido para uma nova Pousada. Ou poderia também se tornar um *Ad-hal*. Era uma palavra antiga e significava *'segredo'*, os *Ad-hals* serviam como executores da Assembléia e, por extensão, do Senado Galáctico na Terra. Meu poder estava ligado à Pousada. O poder de um *Ad-hal* vinha de dentro deles. Quando as coisas davam muito erradas, terrivelmente, catastroficamente erradas, um *Ad-hal* era chamado para lidar com isso. Os *Ad-hals* não tinham piedade. Eles avaliavam a situação e aplicavam a punição. Ter a visita de um nunca era um bom sinal.

Talvez a Assembléia envie um *Ad-hal* para levar o corpo de Michael.

— Vou velar a alma dele essa noite, —disse Maud.

— Eu o matei.

— Não, você o libertou. Precisa recuperar suas forças, —ela disse. — Ele merece ser velado.

— Certo.

Minutos passaram.

Maud finalmente falou. — Como estão as coisas entre você e Sean?

— Bem.

— *Hum-rum!* Quer falar sobre isso?

— Não.

— Estou bem aqui.

— Maud ... —Comecei, mas me segurei.

— Esse é o meu nome. Não tenha pressa, não vou a lugar nenhum.

— Você acabou de passar por ... muitas coisas. Acabou de enterrar seu marido. Não quero despejar meus problemas sentimentais em você.

— Nunca pensei que você encontraria alguém que estivesse dentro, —disse Maud.

— *Dentro?*

— Dentro do nosso mundo. Entre nosso pequeno círculo de Estalajadeiros. Sempre pensei que você iria sair desse mundo e ter uma vida normal com alguém, eu não sei, alguém chamado Phil.

— Phil? —Eu pisquei.

— Sim. Um contador ou um advogado. Que você teria um casamento perfeitamente normal e filhos perfeitamente normais, onde sua maior preocupação seria garantir que as outras mães da *APP*[88] não superassem você na festa do dia dos professores.

Eu pisquei. — Primeiro, como você sabe sobre o dia dos professores? Por acaso frequentou a escola em algum momento da sua vida e eu não sei desse detalhe?

Ela suspirou. — Você acreditaria em mim se eu dissesse que os vampiros têm o dia dos professores?

— O que se leva para a festa do dia dos professores vampiros?

— Armas, —disse Maud. — Geralmente pequenas facas. Ornamentadas e caras.

— Você está brincando comigo.

— Não. Há muita etiqueta envolvida na decisão do valor exato de uma faca para levar ... certo, sim, eu estou brincando com você. Eles levam lanches. Levam lanches para a festa do dia dos professores vampiros. E material escolar extra é muito apreciado. Não importa quão avançada é a civilização, as crianças ainda preferem desenhar nas pedras com giz colorido.

— Por que achou que eu iria me casar com alguém normal?

— Porque você era uma adolescente resmungona antes de eu ir embora.

Eu a encarei.

— Você era, —disse Maud. — Era tudo *eu, eu, eu. Ah, estou tão chateada que tenho que morar nesta casa mágica e ninguém me entende*. Você não queria nada com a Pousada. Convencê-la a fazer suas obrigações era como arrancar dentes. Tudo o que você queria era sair da Pousada, frequentar o ensino médio e sair com os amigos.

— Eu tinha apenas dezoito anos. E eles não eram amigos, eram inimigos.

Maud sorriu. — Sempre pensei que acabaria sendo uma Estalajadeira.

— Sempre pensei que você seria uma *Ad-hal*. —Sorri, mas eu não estava brincando. Ela faria uma excelente *Ad-hal.*

— Você acha que sou cruel o suficiente.

— *Humm.* Você tem crueldade de sobra.

Ela suspirou. — Em vez disso, sou uma viúva de um Cavaleiro desonrado, enquanto você tem uma Pousada e tenta namorar um lobisomem homicida perturbado.

— Você poderia ter sua própria Pousada. —Não seria fácil, mas Maud nunca desistia de nada, tudo para ela era um desafio.

Ela balançou a cabeça. — Não, não acho que isso esteja no meu destino Dina. Tenho orgulho de você e de tudo que fez para chegar até aqui, mas não é para mim. Fui a esposa de Melizard por seis anos. Sou boa em lutar. Aprendi a ser boa em manobras políticas. Se me derem um campo de batalha ou um salão de baile cheio de pessoas que querem cortar minha garganta, eu sei o que fazer. Mas ficar sentada em uma Pousada, tentando atender às necessidades de uma dúzia de hóspedes, com todos eles querendo algo de uma só vez, mantendo a coisa toda em segredo do mundo exterior, não é para mim. Seria como lutar com os braços amarrados.

Meu coração afundou. — Isso significa que você não ficará comigo aqui, em Gertrude Hunt?

— Isso significa que não quero minha própria Pousada. Eu vou ficar com você, Dina. Contanto que me queira aqui.

— Bom. Porque senão eu teria que chutar sua bunda.

— Me perdoe, —disse ela. — Mamãe e papai desapareceram, você me procurou, e eu estava muito envolvida em meus próprios problemas. Me perdoe,

eu não a ajudei.

Emoção tremia em sua voz.

— Você era casada e tinha acabado de ter um bebê.

— Não é uma desculpa. Você é minha irmãzinha. Precisava de mim e eu não a ajudei. Não é isso que as irmãs mais velhas fazem.

— Eu não estava sozinha. Klaus estava comigo.

Ela limpou os olhos úmidos. — Onde ele está agora?

— Quem sabe. —Suspirei.

— Acha que ele está com problemas?

— Klaus? Nosso irmão Klaus? Não. Mas antes de partir, ele me prometeu que voltaria quando descobrisse algo sobre mamãe e papai. Você sabe como ele é.

— Ele não vai voltar a menos que tenha descoberto algo. —Maud pareceu resignada.

— Homens.

— Sim.

— Bem, eu estou aqui agora. Conte-me sobre o seu lobisomem.

Ela não disse, mas eu ouvi na voz dela. Maud odiava ser tratada como vítima. Ela não queria que qualquer concessão fosse feita para ela. Queria ser a irmã mais velha novamente. Eu a encontraria no meio do caminho.

— Estou ... em conflito. E nós brigamos.

— Sobre o que foi a briga?

— Gastei muita magia protegendo a mim e a ele dessa coisa. —Eu acenei a cabeça para a tela. — Depois, Sean quis me trazer direto para a Pousada e eu o fiz voltar para buscar o tanque com o Arquivariano.

— Defina *‘eu o fiz’*.

— Lamentei, implorei para ele voltar e pegar.

— Você implorou? Você?

— Acho que sim. Acho que também acabei ameaçando não abrir o portal da Pousada sem o tanque. Não era minha intenção ameaçar, mas acabei fazendo. Foi tudo muito confuso. Então Sean voltou para buscar o Arquivariano na loja de Wilmos. Agora ele está chateado. Ele me deu um ultimato: *ou eu o deixo fazer o*

trabalho dele ou ele vai embora. Ele diz que é um assassino treinado e eu não.

— Ele tem razão. Você sabe como ele recebeu seu treinamento?

— Sim.

— Você vai me dizer?

— Não. Não é minha história para contar.

Ela suspirou. — Justo. Posso te dizer o que vi hoje à noite. Passei os últimos anos entre soldados profissionais, que vão ao campo de batalha porque é o trabalho deles. Quando eles matam, fazem isso de forma eficiente e rápida. Quando acumulam treinamento e experiência suficientes, o fazem instintivamente, como respirar. Esses soldados veem as coisas em preto e branco, porque tons de cinza os matariam e, eventualmente, isso não os atormentam mais. Eles são de diferentes origens, diferentes personalidades, podem ser humanos, vampiros ou Otrokar, mas mais cedo ou mais tarde as suas mentes se adaptam a um lugar onde o desapego das emoções governa. É uma maneira deles sobreviverem, porque matar outros seres semana após semana não é algo natural para eles.

Ela fez uma pausa.

— Certo, —eu disse só para ter algo a dizer.

— Seu lobo não é como esses soldados. Ele mata, porque uma parte da natureza dele precisa disso. Ele é um predador, Dina.

— Você o faz parecer um maníaco. Ele não se deleita com isso.

— Eu não disse que é. Ele não é cruel. Mas quando Sean chega ao campo de batalha, ele não vê um inimigo. Vê presas. Ele não é emocionalmente desapegado. Muito pelo contrário, ele é totalmente comprometido com a batalha. Hoje à noite, Sean puniu, quebrou ossos, os fez gritar e depois cortou a cabeça deles e os colocou em uma lança.

— Ele passou por muita coisa.

Maud assentiu. — Eu sei. Estou tentando explicar algo que sinto e é difícil. Apesar da forma como os filmes e livros fazem parecer, quando a gente está em perigo em um campo de batalha e alguém está tentando nos matar, a gente não para e pensa o que pode ou não pode fazer. Apenas age. Mata o inimigo o mais rápido possível, porque essa é a nossa única opção. Sean é ... ele não é assim. Ele é ativo. Ele não se rende a essa resposta instintiva de lutar ou fugir. Eu o observei cortar os *Draziris*. Ele olhou para eles por meio segundo, formulou um

plano e o seguiu. Todo ele está totalmente envolvido, até mesmo a parte emocional que a maioria das pessoas desligam.

— O que você está tentando dizer?

Maud suspirou. — Quando você foi me resgatar, seu primeiro instinto foi pegar Helen no colo. Por quê?

— Parecia uma coisa natural a se fazer. Eu poderia correr mais rápido carregando-a do que ela poderia correr sozinha. Poderia protegê-la.

— No momento em que você a pegou, nem você nem ela podiam responder efetivamente às ameaças. Você adicionou mais de vinte quilos à sua carga. Você também tirou a única vantagem que ela tinha: *a mobilidade*. Helen é rápida e boa em se esquivar, mas não conseguiria se esquivar enquanto você a carregava.

— Bem …

— Sim.

Ela tinha razão. Eu não gostava, mas Maud estava certa.

— Você conseguiu chegar a saída porque, quando Sean a viu pegando Helen no colo, ele começou a abrir um caminho para você chegar até à porta. Ele não disse nada. Apenas recompensou as consequências da sua ação. Seus instintos nem sempre estão certos em uma luta, Dina. Mas os dele sempre estarão. Coloque-o em qualquer exército, e em algumas semanas Sean estará liderando, porque soldados profissionais o verão lutar e saberão que ele sobreviverá. É algo que qualquer guerreiro pode sentir. É uma coisa de cérebro de lagarto. Se eu tivesse uma estratégia planejada e achasse que era o melhor plano do mundo, e ele me dissesse para mudar, eu faria, porque Sean tem algo que eu não tenho. Então, quando você estiver em perigo e ele lhe disser para fazer algo, faça.

— Eu não gosto de ultimatos.

— Nem eu. Mas ele tinha um motivo para lhe dar um. Acredito que ele te ama, Dina. Ele tem medo de te perder.

Eu a encarei.

— Se você está em perigo e o atrapalha, ambos podem morrer. Não estou lhe dizendo nada que ainda não saiba. Por isso você deu esse dólar a ele. Qual é realmente a razão de você resistir a essa relação?

Fechei os olhos.

Ela esperou.

— Tenho medo de que ele vá embora. —*Pronto. Coloquei para fora*. — Eu odeio esse sentimento.

— Por quê?

— Porque pareço carente e desesperada.

Maud bufou. — Você é a pessoa menos carente que conheço.

— Quero que ele fique aqui e administre a Pousada comigo. Quero acordar todos os dias e vê-lo na cama comigo. E eu mal o conheço. Nós tivemos um único encontro. Estou assim tão solitária, Maud? Porque eu quero todas essas coisas com ele, mas não sei se ele quer o mesmo e não tenho o direito de querer tanto. Você sabe o que significa ser um Estalajadeiro. Estamos vinculados a nossas Pousadas.

— Você acha que por se sentir solitária, se agarrou ao primeiro que apareceu, —disse ela. — Você se apegaria a Arland em vez de Sean?

— Não.

— Está vendo?

— Você demorou dois anos para decidir que amava Melizard.

Ela bufou novamente. — E veja o quanto isso me fez bem. Não me arrependo, porque agora tenho Helen. Mas não foi a melhor decisão. Quem se importa com encontros? O que importa é o que acontece quando os dois estão sob pressão juntos, isso é o que importa. Ele arriscou sua vida por você. Ele se dispôs a lutar pelos *Hirus*, porque viu o quanto injusto é a história deles. Ele é gentil mesmo quando está chateado? Ele ainda faz a coisa certa quando tudo se transforma em merda?

Ele vendeu a própria vida aos Mercadores em um contrato vitalício para impedir que eu morresse. — Sim.

— Então fale com ele. Diga a ele como se sente. Nada mata mais rápido qualquer coisa do que a falta de diálogo. Confie em mim, eu sei. Foi assim que meu casamento morreu.

O rosto dela estava neutro. Sem emoção. Nenhum tremor em sua voz. Ela amava tanto Melizard, o seguiu pela galáxia até um planeta alienígena, onde se moldou na esposa perfeita de um Cavaleiro vampiro. E tudo terminou tão mal.

Eu queria abraçá-la, mas Maud se sentou rígida, com as costas retas. Nenhuma demonstração de fraqueza.

Uma tela se abriu na parede. Os traços estranhos do *Hiru* o preencheram.

— O que posso fazer por você? —Eu perguntei.

— *O terceiro Arquivariano chegará à Pousada em cinco minutos,* —disse o *Hiru*. — *Por favor, remova o Campo de Força.*

******

Atravessei as parede da Pousada com meus sentidos. Sean esperava na varanda dos fundos.

— Sean, —eu sussurrei. — Preciso da tua ajuda.

Eu o senti se mover em minha direção.

— *Oh Sean* ... —Maud sussurrou cantarolando e revirando os olhos.

Olhei para ela. — Você quer chamar Arland ou devo?

— Chame-o, —disse ela.

Atravesse novamente a Pousada com os meus sentidos. Arland estava na cozinha, com Helen. Provavelmente consertando sua armadura novamente.

— Lorde Marechal, —eu disse. — Poderia ter a sua presença na Sala de Guerra?

Menos de um minuto depois, Sean entrou a passos largos pela porta. Arland estava apenas alguns passos atrás. Helen sentada em seu ombro como um papagaio. Maud abriu a boca e a fechou.

— O terceiro Arquivariano chegará a Pousada em quatro minutos e dez segundos, —eu disse. — Precisarei remover o Campo de Vácuo. Estão prontos?

— Claro. —Arland gentilmente colocou Helen no chão.

— Sim, —disse Sean.

E lá se foi o ultimato dele.

— Para o Arquivariano chegar aqui precisará abrir um portal onde ele esta, —disse Maud. — Se eu fosse um *Draziri*, tentaria detoná-lo no momento em que o visse.

— O portal será aberto nos terrenos de trás, —eu disse. Cada Pousada listava as coordenadas oficiais para as chegadas designadas. A nossa ficava nos fundos, onde a casa bloqueava a vista. — Devemos preservar o Arquivariano a todo custo. Nós precisamos de um plano. Sean?

Um raciocínio calculado ocorreu nos olhos de Sean. — Os *Draziris* estão posicionados ao redor da Pousada no lado arborizado. Eles estão vigiando o local.

— Você quer estruturar nossa defesa em torno do portal? —Arland perguntou.

— Não, —disse Sean. — Não quero defender nada.

Arland refletiu sobre isso. Suas sobrancelhas loiras se uniram. Maud sorriu como um lobo e puxou sua nova espada de sangue.

— Se eles te virem, vão focar em você, —Sean me disse.

— Ele está certo, —confirmou Arland. — Você é um alvo de alta prioridade. Eliminando-a, as chances de matar o *Hiru* aumentam substancialmente.

— Quão segura você estaria em campo aberto? —Sean me perguntou.

— Perfeitamente segura, desde que eu esteja na propriedade da Pousada. — Eu poderia bloquear qualquer projétil cinético e a Pousada poderia absorver a maioria dos bombardeios de energia com a minha direção. — Você quer que eu pouse de isca lá fora?

— Sim, —disse Sean. — A Pousada tem algo que poderia bombardear áreas fora dos limites do seu território?

— Você pode ser mais específico?

— Uma arma que não chame a atenção da rua, mas seja perigosa o suficiente para espalhar os *Draziris*.

Gertrude Hunt era muito mais forte do que costumava ser. Ainda assim, seus recursos eram limitados.

— A arma tem que ser precisa?

— Não, —disse Sean. — Contanto que tenha um impacto.

Foi a minha vez de sorrir. — Se você quer impacto, eu darei um.

Uma sombra curta caiu na porta.

— Wing? —Eu perguntei.

O *Ku* entrou em nosso campo de visão. Sua crista emplumada estava completamente achatada em sua cabeça. Ele estava apavorado.

— Eu luto.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Eu luto, —disse o *Ku*. — Quero ajudar.

Ele não estava olhando para mim. Estava olhando para Sean.

— Podemos precisar de você, —Sean disse a ele.

******

O sol estava se pondo. O crepúsculo descia sobre o Texas, tornando as árvores, até então inofensivas, em sombrias e torcidas. Abri a porta da cozinha, retirei o Campo de Força e saí para o quintal, Fera à minha direita e Wing, armado com uma das armas de Sean, uma pistola curta e simples, à minha esquerda. Perguntei a Sean que tipo de arma era essa e ele me disse que era o equivalente espacial de uma *espingarda de cano curto*[89].

Caminhamos até o meio do gramado. Eu parei. O solo moveu-se e deslizou sob mim. Por um momento tenso, nada aconteceu. Então uma saraivada de projeteis, de energia e cinéticos, atravessou o crepúsculo, vindo de um semicírculo irregular. *Aí estão vocês.*

Raízes saíram do chão, levantando uma parede de terra para me proteger do pior do ataque. A vassoura se abriu na minha mão e eu a mergulhei no chão. Magia saiu de mim.

O gramado se abriu. Três pedras do tamanho de uma máquina de lavar explodiram no chão. Eu as agitei com minha magia. As pedras rolaram em direção aos *Draziris*. Wing disparou, sua pistola cuspindo projéteis azuis pálidos. Os projéteis aterrissaram nas árvores e no mato, expandiram-se como balões de água e explodiram silenciosamente em rajadas de luz azul brilhante. O brilho iluminou as formas fugazes dos *Draziris*, espalhados pelo mato. As pedras os perseguiram, girando ao longo da fronteira.

Uma espiral roxa escura surgiu retorcendo-se acima do solo, diretamente sobre as coordenadas de entrada da Pousada. Vários *Draziris* pularam de cima das árvores, tentando evitar minhas pedras, rápidos como o vento, como se dançassem no ar, correndo em direção ao vórtice do portal em formação.

Eu empurrei minha magia. A grama entre o vórtice e a fronteira entrou em erupção e expeliu Arland em plena armadura de batalha. O Marechal da Casa Krahr rugiu e atacou os *Draziris* que vinham de todos os lados. Ele os derrubou como uma bola de boliche, a clava balançando. Um único golpe enviou um

Draziri voando para o terreno da Pousada. As raízes enrolaram em torno de seu corpo e o lançaram através das árvores de onde veio.

Arland rugiu alto, furioso e assustador. Um *Draziri* o esfaqueou e o cortou e Arland o rasgou, imune ao medo e à dor. A clava de sangue não parava de golpear, esmagando crânios e quebrando ossos. Eu não conseguia ver, mas sabia que, no escuro, atrás da luta de Arland, minha irmã e Sean batalhavam contra outros *Draziris*, cada um de um lado da floresta, encurralando-os como as duas lâminas de tesoura.

O vórtice do portal estava quase completo.

Um grito rasgou a noite. Outro. Os *Draziris* corriam de um lado para o outro, em pânico.

O vórtice expeliu um membro do Arquivarius. Uma cápsula de argônio subiu do gramado. A criatura entrou na cápsula e a Pousada os afundou no chão. *Peguei ele.*

Uma segunda forma pairou dentro do vórtice, uma forma grotesca e desajeitada. Outro *Hiru* estava chegando.

Um grande projétil disparou, vindo de dentro da floresta. Na fração de segundo que sobrevoou o território da Pousada em direção ao portal, minha magia identificou o que era. Abri um portal em seu caminho, rasgando o tecido da existência do nosso mundo. O míssil atravessou o portal e acelerou sobre um oceano laranja, colidindo nas águas alienígenas. O oceano de Kolinda rugiu. Uma montanha de água e vapor explodiu para cima, desabrochando como uma horrível flor.

O pânico passou por mim, uma reação atrasada do meu corpo ao que acabou de acontecer. Suor gelado encharcou minha pele. Meu coração batia tão forte que parecia que poderia quebrar minhas costelas. Os músculos do meu pescoço se apertaram com tanta força que a vertigem me agarrou.

Fechei o portal antes que a onda de explosão pudesse nos alcançar.

O *Hiru* pousou na grama. O vórtice do portal se dissolveu no ar vazio. Empurrei as raízes, protegendo o novo hóspede dos *Draziris* e deixando Gertrude Hunt levá-lo embora para o subsolo.

Maud pulou para dentro dos limites da Pousada. Um momento depois, Arland emergiu da floresta, arrastando corpos com ele, enquanto Sean, peludo com seus pêlos cinzentos desgrenhados, com presas e garras como um pesadelo demoníaco, movia-se ao redor do Cavaleiro vampiro, cortando os *Draziris*.

Arland socou um oponente com o punho esquerdo. Sean pegou o *Draziri* caindo e o esfaqueou. Outro atacante atacou as costas de Sean e Arland enfiou a clava nele.

Juntos, Sean e Arland se afastaram da floresta em direção à Pousada. Arland estava respirando com dificuldade, sua clava pingando sangue. Dentes e cortes marcavam sua armadura. O pêlo no ombro direito de Sean estava molhado e preto à luz da noite. Eu não sabia dizer se era o sangue dele ou de outra pessoa.

Passo.

Mais um passo.

Eles atravessaram os limites. Coloquei o Campo de Força no lugar.

Sangue pingava na bochecha de Maud devido a um corte no couro cabeludo. Terra manchava seu rosto. Ela me viu olhando e sorriu, seus dentes completamente brancos.

Ao redor das árvores estava cheio de cadáveres. Um, dois, três ... sete ...

— Eu reconheço isso, —disse Arland calmamente, quase para si mesmo. — Lutei contra isso ...

Sean se endireitou. Seu pêlo desapareceu, seu corpo desmoronou de volta à sua forma humana. Lentamente, ele limpou a lâmina da faca verde na coxa.

Arland girou para ele. Seu olhar encontrou a faca. Um músculo estremeceu em seu rosto. Sean não disse nada.

O canto da boca de Arland tremia de raiva.

O Marechal da Casa Krahr mostrou suas presas e atacou Sean.

Sean se esquivou, suave e rápido, como se ele fosse uma sombra e não um ser físico.

Arland girou novamente e errou.

— Você! —Arland rugiu. — Lute comigo, *oryh*. Lute comigo!

— Não, —disse Sean e largou a faca.

Eu dei um passo à frente. Sean balançou a cabeça.

Eu poderia parar isso, mas se o fizesse, não seria resolvido. Eles tinham que encontrar uma solução sozinhos.

— Lute comigo ou morra!

— Você é *meu* amigo, —disse Sean e levantou as mãos.

Arland balançou a clava. Sean não se esquivou. O golpe o pegou no estômago. Sean voou para trás.

Arland correu em direção a Sean, seus olhos terríveis e aquecidos com uma fúria incontrolável.

Maud pulou em seu caminho e o abraçou. — Pare!

Ele continuou, carregando-a como se ela não pesasse nada.

— Pare, Marechal! —A voz de Maud implorando. — Ele está desarmado. Ele é *seu* amigo. Não haverá honra nesta morte.

Arland diminuiu a velocidade.

— Honra, —Maud repetiu, as mãos em volta do rosto dele, olhando diretamente nos olhos dele. — *'Quem derrama seu sangue para defender minhas costas na batalha é meu irmão. Vou vigiá-lo enquanto ele me protege.'*

A razão apareceu nos olhos azuis de Arland. Ele se afastou dela, levantou a cabeça para o céu noturno e rugiu.

— Estalajadeira, —uma voz familiar chamou.

Eu virei. Kiran Mrak estava na fronteira. Atrás dele, seus homens do Bando esperavam, alguns com penas negras, outros azuis brilhantes e vermelhos intensos.

Eles me encaravam com ódio aberto.

— Não dei a ordem para o míssil, —disse ele.

— Você disparou uma arma nuclear, —eu disse. Seu Bando quebrou o tratado. Haverá repercussões. Não há retorno.

— Havia divergências em minha equipe. Parece que é algo que você e eu temos em comum. —Kiran Mrak levantou a mão esquerda. Ele estava segurando a cabeça cortada de um *Draziri*. — Eu lidei com o meu. É sua vez.

Virei as costas para ele. Ele riu.

— Eu não mato aqueles com quem me preocupo, —eu disse por cima do ombro.

— Você é fraca.

— Você mata sua própria família. Lealdade é uma via de mão dupla.

Ele riu de novo.

Eu continuei andando.

Wing marchou para mim, olhou para os Draziris atrás de mim, virou-se e deliberadamente chutou a terra na direção deles.

Sean se levantou e pegou sua faca.

Arland levantou a clava e caminhou em direção à casa. Maud caminhou ao lado dele, o braço dela envolvendo o dele.

Sean estava me esperando. Eu corri até ele. — Você está machucado?

— Uma costela quebrada, —disse ele. — Vai curar. Ele se conteve.

De onde eu estava não parecia que Arland se conteve. — Vamos. Vou te ajudar com sua costela. Nós precisamos conversar.

— Sim, —ele disse. — Precisamos.

Quando entrei na cozinha, Caldenia sorriu para mim, claramente encantada.

— Muito bem, querida. Disse a coisa certa.

— Estou feliz que você aprove, Sua Graça.

— Uma criatura como Kiran Mrak governa porque ele tem o mandato de seu povo. Seus seguidores são sua base. Quebre a base e ele desabará. — Caldenia juntou os dedos das mãos. — Isso será deliciosamente divertido.

Eu me virei para os dois *Hirus*. Sunset estava na frente e o recém-chegado atrás, como se Sunset estivesse protegendo o novo hóspede. Eu tinha a sensação de que, se os *Hirus* não fossem tão volumosos, o novo hóspede estaria nos espreitando por cima do ombro dele. Teria ajudado saber antes da batalha que um segundo *Hiru* estava chegando. Abri minha boca para dizer isso a eles.

O novo *Hiru* apontou para mim. — É ela? —Sua voz era suave, triste e feminina.

— É ela, —disse Sunset. — Ela é a esperança.

******

Parei no meio da sala vazia, um círculo de dois metros de diâmetro de suave luz turquesa marcava o chão ao meu redor, identificando os limites da área de gravação. Eu usava minha túnica azul com o capuz abaixado e segurava minha vassoura na mão.

Levou algum tempo para acomodar os dois *Hirus*. Eu não tinha certeza se os *Hirus* tinham sexo, mas se eles fossem humanos, eu teria identificado o nosso

novo hóspede como uma fêmea. Ela era menor que Sunset, sua voz triste era mais aguda e, quando o outro *Hiru* falou dela, seu equipamento de tradução usou *‘ela’* como pronome de identificação.

No entanto, a galáxia era um grande lugar. Embora o padrão de *dois gêneros*[90] e *dimorfismo sexual*[91] ocorressem com muita frequência entre muitas espécies, era apenas uma das inúmeras configurações para procriação e sexo. Os *Garibus* tinham três sexos e seis gêneros, os machos *Alluis* eram menores e mais frágeis que as fêmeas, e os *Parakis* formavam uma bola de acasalamento, onde todos passavam por um processo de muda de três estágios, durante o qual trocavam de sexo duas vezes. Quando um desses seres visitou a Terra, seu equipamento de tradução lutou para atribuir pronomes aos gêneros em uma tentativa de adaptar a fala alienígena e torna-la compreensível para nós humanos, geralmente com resultados hilariantes. Então, eu não tinha certeza se o novo *Hiru* era realmente fêmea, mas desde que Sunset se referiu a ela como *‘ela’*, eu também passei a tratá-la como *‘ela’*. Depois que a levei para ver os Arquivarianos, ela me disse seu nome. Ela se chamava *Moonlight-on-the-Water*[92].

Moonlight amou o quarto de Sunset. Ela atravessou a porta e ofegou um pouco. Ele a alcançou e eles caminharam em direção à piscina juntos, seus braços de metal se tocando. Foi aí que os deixei, flutuando na piscina e olhando para o teto nublado.

Os *Hirus* se acomodaram, fui procurar minha irmã e a encontrei na cozinha, colocando cuidadosamente o café que ela havia preparado em uma caneca meio cheia. Ela deu de ombros e me disse que Arland precisava disso. E então levou a caneca para o quarto dele. Pensei em dizer a Maud que a última vez que o Marechal da Casa Krahr tomou café, ele tirou a roupa e correu ao redor do meu pomar em plena luz do dia, exibindo os presentes que a deusa dos vampiros lhe deu, até Sean finalmente o resgatar, mas ela zombou de mim quando chamei Sean, então decidi deixá-la descobrir sozinha a maravilha que era Arland bêbado. Ela colocou uma quantidade muito medida de café, então talvez Arland conseguisse manter suas roupas.

Verifiquei Helen. Ela dormia no quarto dela com o gato enrolado nos seus pés. Verifiquei Wing. A batalha o abalou e ele reencenou suas ações heroicas para mim, como uma forma de confirmar que elas fossem verdadeiramente heroicas. Confirmar o heroísmo demorou um pouco mais do que o esperado. Eram 22h40 e o meu horário programado de comunicação com a Assembléia estava se aproximando.

A tensão torcia os músculos do meu pescoço. Esta seria a terceira vez na minha vida que falaria com à Assembléia. Na primeira vez, fiquei ao lado de meu irmão, enquanto Klaus solicitava à Assembléia que ajudasse a encontrar meus pais. Naquela época, não ouvimos nenhuma resposta por mais de um mês, após o qual a Assembléia expressou suas condolências e nos informou que não descobriram nada em suas investigações. Na segunda vez, pedi a eles a minha própria Pousada. A resposta chegou em doze horas com o nome da Pousada e o endereço de Gertrude Hunt.

Passei a mensagem em minha mente mais uma vez, era a sexta ou sétima vez que fazia isso. A mensagem estava corretamente redigida: *sem nomes, sem endereços, nada que pudesse ser ligado a mim se fosse de algum modo descodificado por terceiros.* Eu não deveria estar tão nervosa, mas a tensão me apertava como uma armadilha de urso e se recusava a ir embora.

Sean entrou na sala, a parede atrás dele se fechando assim que entrou. Eu o convidei. Ele queria verificar o terreno primeiro, o que em seu discurso significava que queria explorar os *Draziris* e ver quantos danos conseguimos causar. Pedi-lhe que me encontrasse quando terminasse e disse à Pousada que lhe mostrasse o caminho da sala. Esperava falar com ele antes de enviar a mensagem, mas já era tarde demais. Teríamos que conversar depois. De qualquer maneira, era melhor assim. Eu não estava em condições de falar até que a mensagem fosse enviada.

O escâner ligou, banhando-me na luz e deixando meu cabelo loiro brilhante. Quase pulei. Programei o escâner para 22:40, mas isso me assustou mesmo assim. Eu estava muito tensa.

A luz focou em mim.

A galáxia gerou muitas línguas, mas uma delas era mais antiga que a maioria, tão antiga que quase foi esquecida, exceto pelos Estalajadeiros e aqueles como nós. Abri a boca e as palavras do Antigo Galáctico rolaram da minha língua como uma música tão antiga quanto as estrelas.

— Saudações à Assembléia. Trago dois assuntos ao conhecimento de vocês. Primeiro, dois dos meus hóspedes são Hirus. Hoje à noite, os Draziris que cercam minha Pousada dispararam um míssil nuclear no terreno da Pousada. Para salvar a vida de meus hóspedes, eu o dirigi para fora do mundo. Lamento profundamente a perda de vidas resultante e espero que nenhum ser senciente tenha sido prejudicado como resultado. Não preciso de assistência no momento.

Pronto. Fiz uma notificação formal de que o tratado havia sido violado. A

bola estava na quadra deles agora. Eu incluí as coordenadas da explosão nuclear e eles poderiam ver as evidências por si mesmos.

— Segundo, fui atacada por um inimigo desconhecido em Baha-char. Era uma criatura sombria e corrompida. Com a ajuda de amigos, foi derrotado e eu o trouxe para minha Pousada, onde a corrupção tentou deixar seu anfitrião e infectar a mim e a própria Pousada. O cadáver está contido, mas não sei quanto tempo durará a contenção. Antes de selar o corpo, tirei uma amostra de DNA e uma correspondência foi encontrada no banco de dados. O corpo pertence a um Estalajadeiro, um amigo da minha família. Anexei as evidências para a análise de vocês.

A luz azul mudou para anil profundo quando o escâner codificou minha mensagem, recolhendo dados e imagens que anexei a uma bagunça caótica decifrável apenas por protocolos de descodificação feita por outros Estalajadeiros.

Um relógio digital apareceu na parede. Trinta segundos para o meu horário de comunicação encerrar. Eu condessei a mensagem de forma que terminasse antes do prazo. Vinte segundos.

Dez.

A luz do escâner pulsou em branco. A comunicação foi encerrada.

— E agora? —Perguntou Sean.

— Agora a Assembléia tem que decidir o que fazer. Eu fiz a minha parte.

— Como isso funciona? —Ele perguntou. — Eles consultam todos os Estalajadeiros?

— Eles podem, se o assunto for uma mudança na política Estalajadeira. Isso quase nunca acontece. Na maioria das vezes, coisas desse tipo são discutidas entre os responsáveis das vinte e cinco Pousadas mais antigas ou mais fortes do planeta. Acho que o Senhor Rodriguez faz parte dessas vinte e cinco. Quando meus pais ...

Eu quase disse ‘*quando meus pais estavam vivos’*. Afastei o pensamento. Não conseguia pensar assim. Eles estavam vivos agora. Até que eu visse evidências de suas mortes, evidências irrefutáveis, tinha que pensar neles como vivos e procurá-los.

— Quando a Pousada dos meus pais estava ativa, meu pai e minha mãe compartilharam um único voto entre os vinte e cinco. Meu pai era excepcional e sua contribuição era valorizada.

— Quando lhe darão alguma resposta? —Ele perguntou.

— Impossível dizer. —A parede se abriu na minha frente, abrindo para um longo corredor. Entrei e Sean se juntou a mim. — Eles podem optar por enviar alguma resposta de volta, podem agir sem me avisar ou podem me ignorar.

— Isto não parece ser um sistema muito eficiente, —disse Sean. — Se você precisar de ajuda e pedir, não há como saber se vai conseguir.

— Cada Estalajadeiro é um mundo para si mesmo, —eu disse. — É assim que sempre foi. Houve momentos na história em que falamos em uma só voz, como quando banimos uma espécie da Terra por grande desconsideração do tratado.

Um túnel se abriu e nós caminhamos para uma ampla varanda coberta. Em um patamar mais baixo havia um *poço de fogo*[93] no centro e um círculo de sofás ao seu redor, coberto de almofadas brilhantes. Uma chaleira esperava, pendurada em um gancho em um poste de metal. Sean ergueu as sobrancelhas.

— O antigo aposento dos Otrokars?

Eu assenti. — Não sei por que, mas sentar perto do fogo faz me sentir melhor.

O poço de fogo ainda não estava aceso. Sean pegou um isqueiro da mesinha e o acendeu. A chama laranja quente lambeu a lenha. A estopa no centro da pilha pegou fogo, estalando. As chamas se espalharam, engolindo as toras. O calor se espalhou pela varanda.

Peguei a chaleira pendurada no gancho cerimonial e pendurei-a no trilho de metal acima do fogo.

Sean sentou na minha frente nos travesseiros brilhantes. — A Khanum aprovaria.

Eu assenti. Era assim que os Otrokars faziam seu ritual de chá por centenas de anos.

— Como estão suas costelas? —Perguntei.

— Não é tão ruim quanto poderia ter sido. —Sean sorriu.

— Eu tenho uma enfermaria, você sabe. Não é tão boa quanto o que os Mercadores tinham, mas tenho certeza de que você pode usá-la ...

— Estou bem.

Eu inalei. A água ferveu, tirei a chaleira do fogo, pendurei-a de volta no

gancho e joguei as folhas nela. Chá no inverno era a melhor ... *Oh*. Lembrei-me de algo que me atingiu como um trem. Talvez eu estivesse enganada por um dia ou dois ... Não. Eu estava certa. Senti vontade de chorar.

— O que foi? —Ele perguntou, focado em mim.

— É Natal.

Sean fez uma careta.

— Hoje à noite é Natal. Eu não decorei uma árvore. Não providenciei presentes. Não decorei a Pousada. Não fiz nada. —Eu não conseguia esconder o desespero da minha voz. — Perdi o Natal.

Era uma coisa boba, mas tive que me esforçar para conter as lágrimas.

Ele se aproximou, sentou-se ao meu lado e colocou o braço em volta de mim.

Não era assim que eu planejava essa conversa. Planejei uma discussão formal e desapegada. Em vez disso, me inclinei contra ele, porque seus olhos me disseram que ele entendeu.

— É apenas uma data no calendário, —disse ele, acariciando meu ombro levemente com os dedos. — Ainda podemos ter o Natal.

— Não seria o oficial.

Ele balançou sua cabeça.

— Helen não se importa que não seja exatamente em 25 de dezembro. Caldenia não se importa. Orro usará qualquer desculpa para cozinhar um banquete. Sua irmã poderia curtir um Natal. Ela não tem um há muito tempo. Vamos pegar uma árvore, decorar, embrulhar presentes e matar qualquer *Draziri* que tentar interferir ...

Enfiei minha cabeça em seu peito duro. Ele me segurou mais forte.

— O que há de errado comigo?

— Estresse residual de combate, —disse ele. — Um Estalajadeiro corrompido quase a matou e, em seguida, um assassino idiota atirou em você, tudo em vinte e quatro horas.

— Quando você aprendeu o Antigo Galáctico?

— Cerca de três ou quatro meses na turnê do Nexus. Não havia muito o que fazer além de lutar e esperar a próxima luta. Li muitos manuais e guias rápidos. Isso me impediu de enlouquecer. Sou uma enciclopédia ambulante de

conhecimento aleatório.

Soltei um longo suspiro lento. Ele esfregou minhas costas.

— Mais cedo você me disse que estava *‘caindo fora’*.

— Para onde eu iria? —Ele perguntou-me.

Eu me inclinei contra ele e nos sentamos em silêncio por um tempo em frente ao fogo. Não havia renúncia em Sean. Nenhuma suavidade em seu corpo. Era todo músculos duros e ossos, envoltos em força predatória. O lobo desconfiado e solitário trotou para fora da floresta escura para se deitar junto ao fogo, porque eu estava aqui. Ele nunca abandonou quem ele era. Ele ainda tinha dentes afiados e olhos ardentes, não domesticado, mas satisfeito em se comportar para que eu não o expulsasse. Isso me fez querer ir até a cozinha e trazer algo para ele comer.

Eu havia preparado uma conversa lógica e convincente, mas tudo isso parecia estúpido agora. — A Pousada precisa estar em primeiro lugar, —eu disse. — A segurança dos hóspedes sempre antes da segurança do Estalajadeiro.

Ele não disse nada.

— É uma vida estranha. Depois de se vincular com a Pousada, você nunca poderá realmente sair. Mesmo se o fizer, ainda sentirá a força do vínculo. Algumas pessoas veem esse tipo de vida como uma armadilha e mal podem esperar para se livrar disso. Pode ficar cansativo quando não houver hóspede. Por outro lado, quando há hóspedes, pode ficar tão ocupado que mal se consegue dormir. Às vezes, os hóspedes querem coisas irracionais. Alguns deles escutam você explicar o perigo e depois correm direto para ele. Mas essa é a vida de um Estalajadeiro. Cuidar da Pousada. Manter a Pousada e os hóspedes seguros. Os hóspedes vão embora e o Estalajadeiro fica. Sempre.

Ele ainda não dizia nada.

Eu respirei fundo. — Foi isso que escolhi. Certo ou errado, estou aqui. Esta é a minha casa.

Por que era tão difícil dizer? Eu só tinha que colocar para fora. Mesmo que ele se levantasse e fosse embora, pelo menos eu saberia onde estava a nossa relação.

— Se você decidir ser um Estalajadeiro comigo ...

Ele me puxou para mais perto.

Minha voz ficou presa. Engoli em seco e continuei. — Você teria que

colocar a segurança dos hóspedes em primeiro lugar. Eu seguirei sua liderança em uma luta. Não vou discutir ou lamentar. Não vou pedir para você mudar sua estratégia. Mas essa vida, a vida que levo, teria que ser suficiente, porque não posso escolher outra coisa. Se não for isso que você quer ...

Ele não disse nada. Pareceu uma vida. O ar estava viscoso e pesado, como se eu estivesse nadando através do melaço.

Levantei meu olhar. Ele estava olhando para mim, seus olhos cor de âmbar cheios de chamas do fogo. — Mas eu a teria, se eu for um Estalajadeiro?

— Sim.

— Isso é tudo o que eu quero.

O peso saiu de mim. Eu não sabia que estava carregando. Então o beijei. Um momento eu estava olhando para ele, no outro meus lábios estavam tocando os dele, forjando uma conexão entre nós.

Os músculos de seu braço se apertaram sob meus dedos. Seus lábios se fecharam nos meus, quentes e famintos. O beijo se aprofundou, tornando-se possessivo, quente, inebriante como o calor intoxicante de vinho forte engolido muito rapidamente. Ele lambeu minha língua. Tinha um gosto tão bom. Deslizei meus braços em volta dele, querendo mais. Não me importei se a galáxia inteira queimava, desde que ele continuasse me beijando assim.

Sean quebrou o beijo. Seus olhos estavam completamente selvagens. O lobo olhava de volta para mim e me queria mais do que qualquer coisa em sua floresta. Isso me fez sentir bonita.

— Hoje não, —disse ele. — Suas emoções estão um pouco fora do lugar esta noite.

Ele estava certo. Deslizei para mais perto dele e coloquei minha cabeça em seu peito. — Certo.

Alguns segundos se passaram.

— Eu sou um idiota, —disse Sean. Ele parecia resignado.

— Não, —eu disse a ele. — Você é o meu lobo.

Ele se virou para mim e uma faísca bem humorada brilhou em seus olhos. — Não sabe que lobos são perigosos?

— Sei, sim. Você deveria me beijar de novo, Sean Evans. Eu realmente quero que me beije.

Ele me beijou de volta e eu derreti nele.

Capítulo 10

— Tia Dina, —um sussurro flutuou em meu ouvido.

Meus olhos se abriram. Helen estava debruçada sobre mim, seus cabelos brilhando à luz do início da manhã. Eu estava deitada nos travesseiros, ao lado do poço de fogo apagado. A última coisa que me lembrava foi de me enrolar ao lado de Sean no sofá, mas agora eu estava no chão em um cobertor, com um travesseiro embaixo da cabeça e outro cobertor sobre mim. Ele deve ter me movido depois que adormeci. Olhei para direita. Olhei para a esquerda. Um segundo travesseiro estava ao meu lado, com a marca do peso da cabeça de Sean ainda nele.

— Que horas são?

— Logo após o nascer do sol.

— Por que você está aqui e não no seu quarto? —Helen perguntou.

Eu bocejei.

Helen farejou o ar, franzindo o nariz. — E por que o senhor Sean está escondido na varanda?

Senhor Sean resolveu sair do seu esconderijo esse exato momento, já que se esconder foi claramente inútil.

Helen fez uma careta. — Vocês estavam tendo momentos de privacidade?

Hum, ah … eh.

— Mamãe diz que momentos de privacidade são muito importantes.

— Onde está sua mãe?

— Está lá fora. Ela me pediu que eu encontrasse você imediatamente porque *‘esse policial está prestes a ficar meio que malvado com Mrak’*.

Eu me levantei. — Janela para a frente!

Uma janela se abriu na parede. Maud estava na beira do limite da Pousada, com as costas rígidas, os braços cruzados, olhando para o outro lado da rua. Do outro lado da rua, a pequena tampa retangular de metal que protegia o acesso à

água e ao esgoto estava aberta no chão. Kiran Mrak e outros três *Draziris*, vestidos com capuz e jeans, estavam do lado esquerdo. No lado direito o policial Marais os encarava, armado com o seu *Taser*[94].

Apertei meus olhos por um momento e os abri. O policial Marais e os *Draziris* ainda estavam lá.

— Feche toda a água e esgoto! —Falei para a Pousada.

Corri para fora do quarto e desci a enorme escada. Sean xingou e passou correndo por mim. Helen nos perseguiu, pulou no corrimão da escada e saltou, aterrizando em pé lá embaixo.

Por quê? Por que Marais estaria aqui um dia depois ao Natal? Ele não tinha uma família e uma casa? Por que não podia descansar um pouco?

Sean pegou minha mão. — Dina, abra o Campo de Força. Vou surpreendê-los por trás.

— Certo.

Os olhos dele brilharam âmbar. — Por favor, fique nos limites. Quero que eles te vejam.

— Tudo bem.

Atravessei a Pousada, abri a porta e caminhei pelo gramado até onde Maud estava. Fera me seguiu.

— ... entendo perfeitamente quem você é, —disse Kiran Mrak, sua voz cheia de escárnio. — Você é o agente de aplicação da lei local. Pouco treinado, pouco instruído, provavelmente vindo de um contexto tão pobre que vê esse trabalho como uma grande vantagem, uma maneira estável e respeitável de cuidar de sua família.

— Tratado, —eu gritei.

Ele me ignorou. — Se tivéssemos nos conhecido durante à noite, as coisas poderiam ter sido diferentes. Mas aqui estamos em plena luz do dia. Porém, oficial, coincidentemente nossos interesses se alinham. Você quer cuidar de sua família, e eu também.

No momento em que eu pisasse fora do terreno da Pousada, os *Draziris* esqueceriam tudo sobre a presença de Marais e me atacariam. Prometi a Sean que ficaria à vista dentro dos limites e o faria. Mas o desejo de sair até lá era forte.

— Onde está o seu lobo? —Maud me perguntou baixinho.

— Esgueirando-se por trás deles.

Marais não estava dizendo nada. Ele claramente estava determinado a descobrir o que estava acontecendo de uma vez por todas.

— Portanto, —Kiran Mrak disse com a resignação de uma criatura que fez isso centenas de vezes, — quanto vai custar?

— Senhor, você está tentando me subornar? —Marais perguntou, sua voz muito calma.

— Não. Estou tentando ajudá-lo a complementar seu pagamento, que é claramente inadequado para um homem da sua inteligência.

Marais sorriu. *Ah, droga!*

— Um homem deve ser compensado de acordo com a quantidade de perigo que enfrenta no decorrer de seu trabalho, —disse Mrak. — E seu trabalho é extremamente perigoso, especialmente neste momento.

— *Oooh,* —disse Marais, estendendo a palavra. — Eu adoro o perigo.

— Não, ele não, —eu gritei. — Se você tocar um fio de cabelo na cabeça desse homem, eu vou ...

— Eu acredito em justiça, oficial, —disse Mrak. — Então, como irá querer? Crédito? Moeda? O que tem valor neste maldito planeta infernal abandonado por Deus? Ouro, certo? Vocês mamíferos gostam de ouro.

Eu o mataria. Ele tinha que morrer. Atrás de mim, um pequeno canhão de projétil deslizou sob o telhado da Pousada. Era basicamente uma versão melhorada de um rifle e, diferentemente das armas de energia, esse era muito eficiente. A Pousada tinha dificuldade para carregar e apontá-lo, mas eu já tinha carregado e só precisaria de um tiro.

Mrak levantou as mãos e um outro *Draziri* colocou uma pequena sacola nela. O assassino abriu e extraiu uma pepita de ouro do tamanho de uma noz. Mrak olhou para a pepita, balançou um pouco mais na palma da mão, como se fosse bala de hortelã, e olhou para Marais.

— Recue, —eu disse. — Ou eu juro, vou colocar toda a sua espécie na lista negra.

Ao meu lado, Helen sibilou, mostrando suas presas. Mrak e Marais olharam para ela. Helen olhou para Mrak, levantou o dedo e o passou pela garganta, como se estivesse cortando-a.

— Que criança encantadora. —Mrak virou-se para Marais. — Isso será

suficiente?

— Senhor, você sabe que subornar um agente da lei é crime? —Marais perguntou, sua voz ainda levemente curiosa.

— O suborno é um crime e a ganância é um vício em sua cultura, oficial, mas governa suas patéticas vidas, não importa o quanto você diga o contrário. Acho essas negociações entediantes. Sim ou não?

Marais abriu a boca. Eu sabia exatamente o que sairia. Não importava mais. Minha Pousada foi exposta. Ninguém saberia quantas pessoas estavam assistindo tudo isso de suas janelas. Era assim que tudo terminou. A única coisa que importava agora era salvar o policial Marais, que não tinha nada a ver com essa história e tentava apenas fazer seu trabalho.

— Senhores, isso foi divertido. —A voz dele entoou. — Deitem-se de bruços no chão com as mãos atrás da cabeça.

Sim. Exatamente o que pensei que ele diria.

— Realmente? —Mrak suspirou.

— Deitem-se no chão! —Marais gritou. — Mãos atrás da cabeça! Faça isso agora!

— Tudo bem, —Mrak retrucou. — Matem-no.

Magia se moveu. O chão à nossa esquerda se abriu e Arland subiu dele. Ele usava a armadura completa, preta e vermelha. Sua juba dourada caia sobre seus ombros. A clava de sangue em sua mão rugiu, pronta. Arland correu em direção aos *Draziris*, imparável como um aríete. Olhei rapidamente para o rosto de Maud. Minha irmã estava sorrindo. Ela esquematizou isso.

Arland alcançou a borda dos limites da Pousada. Sua boca aberta, suas presas à mostra. O Marechal da Casa Krahr rugia como um leão irritado e atacou. Maud agarrou Helen antes que ela pudesse segui-lo.

Os *Draziris* fizeram o que qualquer ser *senciente* normal faria quando vissem um vampiro enfurecido correndo em direção a eles, fugiram. Na tentativa de se dispersarem acabaram indo direto para Sean. O primeiro *Draziri* não soube o que lhe aconteceu quando Sean quebrou o seu pescoço.

A clava de Arland esmagou o segundo *Draziri*. Tanto ele como Sean foram atrás de Mrak, mas ele desviou deles como se fosse feito de ar. Uma lâmina azul apareceu na mão de Mrak. Ele atacou com ela, rápido e preciso. Os três lutavam do outro lado da rua, Mrak evitando os golpes de Sean e de Arland como um

fantasma. Sem danos a ele.

Um terceiro *Draziri* atacou Marais.

Olhei para Fera e apontei para o terceiro *Draziri*. — Mate aquilo!

Minha cadela correu para o outro lado da rua, garras deslizando para fora de suas patas.

O policial levantou seu Taser. O Taser disparou. A arma de choque não afetou o *Draziri,* ele estremeceu um pouco e depois arrancou as pontas de metal de seu corpo. Marais pegou sua arma de fogo.

Fera saltou no ar, a boca escancarada, exibindo quatro fileiras de dentes afiados e rasgou a garganta do *Draziri*. Sangue jorrou no asfalto aos pés de Marais.

Estávamos condenados. Estávamos todos condenados.

Kiran Mrak girou, evitando a faca de Sean. Ele levantou uma arma e apontou em minha direção. Mrak se moveu e fez Sean e Arland se mover com ele até o ponto que poderia ter uma chance perfeita para me atacar.

— Agora. —Levantei uma parede de terra na minha frente.

Mrak atirou, a Pousada atirou ao mesmo tempo nele.

Algo queimou minha perna. Baixei a parede de terra a tempo de ver o idiota do Mrak se sacudir com o impacto dos projéteis, como se tivesse sido picado.

Os *Draziris* se afastaram dos ataques de Sean e Arland, e saltaram para cima, disparando a mais de três metros e meio no ar, pousaram nos fios de energia, correram por cima deles como se estivessem correndo no chão, saltaram no telhado de uma casa e desapareceram de vista.

Marais parecia chocado, o rosto pálido, a boca aberta.

Havia um buraco no meu roupão. Minha perna estava sangrando sob o tecido. O projétil que Mrak disparou havia atravessado a parede de terra. Eu tive sorte que a parede o desviou, porque tudo em Mrak dizia que ele não tinha intenção de errar.

Arland agarrou o primeiro cadáver pelas pernas e, sem cerimônia, o arrastou até a metade do caminho e o jogou em minha direção. O gramado se abriu, engolindo o corpo.

Sean agarrou o segundo e o terceiro cadáveres pelos pés e os puxou. O gramado também os engoliu.

Sean e Arland caminharam pelos jardins da Pousada. Ambos sangravam com meia dúzia de cortes rasos. Arland parecia que não tinha sangue suficiente nas mãos e estava desesperado para matar mais alguma coisa. Sean parecia que estava prestes a mudar de forma a qualquer momento.

Restabeleci o Campo de Vácuo.

Sean parou ao meu lado, inalou, e seus olhos ficaram selvagens.

— Foi apenas um arranhão, —eu disse a ele.

Ele girou em direção à rua e eu segurei seu braço.

— Não. Por favor. Preciso de você dentro de casa. —Além disso, os dois sagravam mais do que eu.

Ele rosnou e entrou.

Marais finalmente recuperou o controle sobre as pernas e se moveu rapidamente em minha direção. Eu esperei. Ele bateu de cara na barreira do Campo de Força e se recuperou.

— Senhorita Demille, —ele grunhiu entre dentes.

— Não, —eu disse a ele. — Tenho uma criança e hóspedes para cuidar. Aqueles bastardos colocaram algo no sistema de esgoto e não tenho idéia se a Pousada foi contaminada com alguma praga ou se está prestes a explodir. Não quero sua morte em minhas mãos, policial Marais. Vá e sente-se em sua viatura. Quando for seguro, irei buscá-lo.

Eu me virei e entrei na casa, Helen e Fera em meus calcanhares.

******

Entrei na Pousada, enviando um pulso de sondagem por toda a casa. Nada. Gertrude Hunt não conseguiu encontrar nada de errado nos canos.

Empurrei minha magia. O chão, as paredes e o teto se afastaram de mim, distorcidos, como se a madeira maciça e a pedra se tornassem fluidas e eu fosse uma pedra lançada em um lago calmo.

Nada. Isso exigiria uma investigação mais profunda.

A Pousada ao meu redor virou, como o interior de um relógio enorme ganhando vida. Mudei os dois *Hirus* e Wing para o gramado do lado de fora da Pousada, mas ainda dentro de seus pequenos quartos. Maud, Helen, Sean e

Arland estavam no canto da sala da frente, ao lado de Caldenia, que estava sentada na cadeira ao lado da janela.

— Não se mexam, —eu disse.

Orro saiu da cozinha. — Como posso cozinhar sem água ...

Ele viu meu rosto e ficou em silêncio.

Eu me concentrei. Pulso, outro pulso ... O que quer que eles colocaram na água ou no esgoto, eu descobriria. Nada machucaria a Pousada. Eu me estendi, alcançando profundamente os canos. *Cadê?*

— O que ela está fazendo? —Arland perguntou.

— Uma varredura, —disse minha irmã.

— Por que a Pousada está conectada à linha de água da cidade? —Sean perguntou calmamente.

— Porque seria suspeito se a Pousada não consumisse água, —disse Maud. — A cidade fornece apenas uma pequena fração do abastecimento de água da Pousada, mas o medidor precisa mostrar algum consumo todo mês. O Campo de Vácuo teria parado qualquer coisa que os *Draziris* jogasse nos canos, mas Dina teve que baixa-lo para salvar Marais.

— Mrak contou com isso, —disse Sean. — Marais era isca.

— Sim, —concordou Arland.

Não conseguia encontrar. O rosto presunçoso de Mrak apareceu em minha memória. *Ah não. Não, você não vai.*

Minha vassoura se abriu em mil tentáculos azuis brilhantes. Eles envolveram a minha mão e mergulharam no chão, forjando um vínculo direto entre mim e a Pousada. Minhas mãos alcançaram suas raízes. Meus olhos olhavam através das janelas. Eu me tornei Gertrude Hunt.

Sean estava olhando para mim. Eu sabia que meus olhos estavam brilhando em turquesa, combinando com o brilho da minha vassoura, enquanto vasculhava cada centímetro quadrado cheio de líquido dentro dos canos. A casa rangeu e gemeu ao meu redor. *Cadê?*

Helen fez um pequeno barulho e enfiou o rosto nas roupas de Maud.

— *Shiii*, minha flor, —minha irmã sussurrou. — Não se preocupe. Deixe sua tia trabalhar.

Cadê?

A casa inteira torceu, tentando virar de dentro para fora, se abrindo para a minha inspeção. Magia pulsava de mim, repetidamente, rolando cada vez mais profundo, cada vez mais longe, até nas menores raízes.

Toquei em algo que estava muito profundo, abaixo da linha de água. Algo minúsculo. Algo que absorveu minha magia. Eu me concentrei na minúscula faísca. Parecia muito com a própria Pousada, estava passando por todas as defesas de Gertrude Hunt e estava crescendo, um pequeno fio procurando o sol e o calor.

Selei a área ao redor do tubo onde essa coisa estava, selando-a nas duas extremidades com plástico. A coisa deslizou através do plástico, como se a barreira sólida não estivesse lá.

Magia.

Se eu usasse o Campo de Vácuo para detê-la, isso atrasaria apenas o inevitável. Talvez possa jogá-lo em um portal assim que o contiver.

Eu o segui, rastreando. Mal podia senti-lo. Combinava tão bem com a próprio matéria da pousada, que se eu não tivesse me esforçado para procurá-la, nunca saberia que estava lá.

Cozinha.

Puxei a vassoura de volta à sua forma normal, entrei e parei na porta da cozinha. Maud me seguiu.

Uma flor crescia da pia da cozinha, seu caule roxo sustentando uma flor gigante de um metro e vinte de largura. Ondas de pétalas, brilhando com delicado rosa e dourado, envolviam seu núcleo, que era do tamanho de uma bola de basquete. Saliências parecidas com *papilhos*[95], como penugens de dente-de-leão, saiam do núcleo, as pontas emplumadas brilhando suavemente com um belo vermelho. Eu nunca vi nada parecido.

— *Londar Len Teles*, —Arland sussurrou ao meu lado.

Minha irmã levantou as sobrancelhas. — Assassina do Universo?

— Não se mexam, —alertou Arland, sua voz um sussurro urgente. — Se alguém se mover, ele irá lançar esporos, picá-lo e crescerá e se multiplicará dentro de seus corpos.

Eu fiquei perfeitamente imóvel.

— Fique quieta, flor, —disse Maud para Helen sem virar a cabeça. — Se você se mover, todos nós morreremos.

— Não levante a voz, —disse Arland, os lábios mal se movendo. — Ela reage a qualquer sinal de vida, movimento, som, calor, mudança na composição do ar. É uma predadora. Há mais dela na Pousada?

— Não. Esta é a única.

As plumagens suaves dos papilhos tremeram levemente, virando-se para nós.

— Você pode contê-la? —Maud perguntou para mim.

— Atravessou plástico grosso, —eu sussurrei.

— Você não pode contê-la, —sussurrou Arland. — É indestrutível ao fogo, ácido, armas de energia e vácuo. Ela passará por qualquer barreira que você possa convocar, porque só se torna carne quando encontra sua presa. Se você enviá-la para outro mundo, condenará esse mundo à extinção. Ela matará, crescerá e matará novamente, até que seja a única coisa viva no planeta.

Eu não poderia ser responsável pela morte de um planeta inteiro. E não poderia contê-lo, queimá-lo ou afogá-lo.

— Como a matamos? —Eu perguntei.

— Ninguém aqui pode, —disse Arland. — Mas eu posso.

— Como? —Sean sussurrou atrás dele.

— Meu sangue é tóxico para ela, —disse Arland. —Explicarei se eu sobreviver. As sementes provavelmente morreram quando tentarem se implantar em meu corpo.

— Provavelmente? —Maud sussurrou.

— Não se mexa e não grite, —disse Arland. — Preciso ser o único alvo. Se os esporos entrar em mais alguém, as sementes florescerão dentro de seus corpos e a contaminação se espalhará. Eu posso sobreviver a uma planta. Não posso sobreviver a duas.

— E o Campo de Vácuo? —Eu perguntei.

— Não, —disse Arland. — Eu preciso eliminá-lo totalmente. Mesmo que o Campo de Vácuo funcione, ele só cortará o caule, a flor crescerá novamente, em uma nova direção.

— Isso é loucura, —disse Maud, com a voz tensa. — Tem que haver outra maneira.

A voz de Arland era estranhamente calma, seu olhar fixo na flor. — Leide

Maud, caso eu morra, recite a Liturgia dos Mortos para mim.

Maud abriu a boca. Seu rosto se transformou em uma máscara sem sangue, seus olhos ficaram duros e, sem mover um músculo, ela deixou de ser a minha irmã e passou a ser uma vampira. Sua voz saiu calma e uniforme. Palavras no idioma dos vampiros rolaram de sua língua. — *Que a Deusa-mãe te guie, meu Senhor. Você não será esquecido.*

Arland entrou na cozinha.

A flor explodiu. Cada papilho saltou no ar e as brilhantes sementes rosas grudaram no vampiro. Arland rosnou como um animal ferido. Os papilhos o envolveram, enrolando-o como uma camisa de força, as sementes pulsando em vermelho, afundaram em sua armadura, algumas caíam a seus pés, pretas e sem vida. Elas golpearam seu rosto, tirando sangue. Ele cerrou os dentes e trancou as mãos no centro da flor. As pétalas brilharam em vermelho intenso. Arland uivou, sua voz pura dor, e puxou a flor para ele. As pétalas ficaram pretas. Todo o seu corpo tremia. A enorme criatura que era Arland mal podia ficar em pé. O caule da flor envolveu seu braço como uma cobra constritora tentando sufocar sua vítima. Arland agarrou o caule e puxou de dentro do cano da pia, mão após mão, os dentes à mostra, os olhos esbugalhados. A medida que o caule saía se enrolava ao redor de Arland, o chicoteando e penetrando na armadura como se ela não estivesse lá. O sangue encharcava seu rosto, escapando das dezenas de pequenas feridas. Arland caiu de joelhos, ainda gritando, cru e desesperado, lágrimas escorrendo de seus olhos. Eu queria prender minhas mãos nos ouvidos e me enrolar em uma bola para não precisar ouvi-lo ou vê-lo. Maud ficou rígida ao meu lado, as mãos fechadas em punhos, a respiração sibilando por entre os dentes cerrados.

Os últimos metros do caule saíram do ralo, carregando na ponta um *bulbo*[96] azul brilhante do tamanho de uma noz.

O Marechal da Casa Krahr agarrou o bulbo. Ele pulsava com uma luz ofuscante. Arland enfiou as presas nele, abrindo um buraco no bulbo, mordeu a mão e derramou o próprio sangue no buraco.

O bulbo ficou preto.

A planta convulsionou, apertando-o em uma última tentativa de estrangular sua vítima, ficou preta e depois imóvel.

Arland levantou a mão e rosnou uma única palavra. — Acabou.

Maud correu para ele.

— Bem, —disse Caldenia. — Ninguém pode dizer que esse cerco é entediante.

******

Arland não conseguia sair do chão. Vergões se formaram em seu rosto, inchando em bolhas cheias de sangue em segundos. Ele respirava como se tivesse corrido.

— Você precisa tirar a armadura, —disse Maud. — Está sangrando por baixo.

— O que eu preciso ... é de um ... momento ... para recuperar o fôlego.

— Arland, —eu disse. — Você precisa tirar a armadura.

Ele não respondeu. Tirá-lo da armadura seria quase impossível sem a cooperação dele. Para os Cavaleiros da Sagrada Anocracia, a armadura era tudo. Eles passavam a maior parte de suas vidas vestidos nela e, em casos de ferimentos fatais, o desejo de mantê-la frequentemente os dominava.

Sean parou na frente de Arland, agarrou seu braço e levantou o Marechal.

— Se manter a armadura, você morrerá, —disse ele.

— Não morra! —Helen gritou ainda paralisada na sala da frente.

Maud colocou a mão no seu rosto. — Você já pode se mover, querida.

Helen entrou correndo na sala e abraçou a perna de Arland. — Não morra.

Um tremor tomou conta do corpo de Arland. Ele sugou o ar com força, como se estivesse tentando matar a dor.

Maud se aproximou dele, seus rostos apenas a centímetros de distância. — Eu sei, —disse ela, com a voz tensa. — Eu sei. Eu estive aí. A última coisa que você quer é ficar sem sua armadura agora. Você não quer ficar vulnerável. Mas vai morrer, meu Senhor. Eu não quero que isso aconteça. Helen não quer que isso aconteça.

Arland olhou para Helen. Ela se agarrou à perna blindada dele, seus olhos aterrorizados se arregalaram. — Não morra.

Arland engoliu em seco e bateu no brasão no topo do peito. A armadura caiu dele.

— Enfermaria! —Eu pedi.

Um tentáculo brotou do chão, envolveu Arland e o puxou mais fundo para dentro da Pousada. Eu segui. Helen saiu atrás de mim, mas Maud a segurou.

— Não.

— Mas por que?

— Porque ele muito orgulhoso. Fique aqui, Helen.

Eu entrei na enfermaria. Maud estava apenas um passo atrás de mim. Fechei as portas atrás de nós. A Pousada colocou Arland na mesa de exame de metal. Peguei um bisturi na gaveta e cortei o tecido preto de seu macacão.

Bolhas ensanguentadas cobriam seu corpo inteiro. Algumas tinham sangue coalhado e viscoso, corrompido por algo sujo que vazava de sua pele. Cheirava a vinagre e podridão. Toquei sua pele. Muito fria.

— O que podemos fazer? —Eu perguntei a ele.

— Nada, —ele disse. — Viverei ou morrerei.

— Tem que haver algo que eu possa fazer.

Ele suspirou. — A última vez, usaram um banho. Com Flor de Estrela.

— Hortelã, —Maud me disse como se eu não soubesse.

— Isso ajudou um pouco.

Abri uma tela para a cozinha, certificando-me de que Arland ficasse de vista. Orro estava fritando algo no fogão.

— Preciso de hortelã, —eu disse. — Tudo. Tudo o que temos.

— Temos dois pés, —disse Orro. Logo depois que a Conferência da Paz acabou, Orro deu um chilique sobre a falta de ervas frescas, então criei uma estufa, que estávamos lentamente cultivando e estocando ervas.

— Isto não será suficiente. Pegue todo o chá de menta que temos e prepare o maior bule de chá possível.

Ele assentiu. Fechei a tela

Maud pegou a mão de Arland.

— Não, —ele disse. — Não quero que você ... me veja assim.

— Não seja ridículo, —Maud disse a ele. — Uma matilha de *rassa* não me faria sair daqui.

— Minha Senhora ...

Ela colocou os dedos nos lábios dele. — Vou ficar.

Peguei o chuveiro de mão do lado da cama, ajustei a água para aquecer e lavei o sangue poluído dele.

Arland não disse uma palavra. Apenas ficou lá. Sem forças para protestar. Sem energia para se envergonhar. Ele ficou lá e segurou a mão de Maud.

Não poderíamos perder Arland. Nós não poderíamos.

— Não sinto na Pousada uma área de vigília, —disse Maud. — Você tem uma?

— Não.

— Então vou fazer uma. Fora da cozinha. —Ela fechou os olhos, concentrando-se.

Os vampiros valorizavam suas famílias. O pior destino que um vampiro poderia imaginar era morrer sozinho. Eles morriam em batalha, cercados por outros vampiros, ou morriam em casa, velados por seus parentes e entes queridos. Arland não estaria sozinho. Era o mínimo que poderíamos fazer.

— Ele precisa de uma banheira, —eu disse a ela.

Ela me deu um olhar que me dizia *'eu não sou uma idiota'* e fechou os olhos novamente.

Senti a Pousada se mover quando partes dela mudava-se em resposta à vontade de minha irmã. Gertrude Hunt a obedecia lentamente, quase como se hesitasse antes de fazer as modificações.

— *Faça o que ela pede*, —eu sussurrei, tão baixo que nem consegui ouvir a mim mesma. Não era um pedido ou uma ordem. Era uma permissão.

A Pousada se moveu mais rápido.

Arland ainda estava sangrando. Quanto mais eu o lavava e secava suas feridas, mais sangue poluído vazava das feridas. Se eu selasse as feridas, estaria prendendo a podridão e o veneno dentro de seu corpo.

Olhei para Maud. Ela pegou o chuveiro de mim e continuou lavando.

A respiração de Arland diminuiu. Seu peito mal se movia.

— Não desista, —Maud disse a ele. — Fique, por mim.

Ele sorriu para ela. Quando Arland sorria, era uma declaração de guerra. Deslumbrante. Havia vigor e poder. Não havia vigor em seu sorriso agora.

— Lute. —Maud apertou a mão dele.

— Tudo está desacelerando. —Ele levantou a mão. Isso o fez tremer. Maud se inclinou para ele. As pontas dos dedos roçaram sua bochecha.

— Não há tempo, —disse ele.

— Lute. —Desespero pulsou em sua voz. — Viva.

Ele estava morrendo. Arland estava morrendo.

Eu senti uma presença do lado de fora da porta. Caldenia.

Ela bateu na porta.

O que ela poderia querer agora? Coloquei uma toalha sobre os quadris de Arland e abri a porta. Sua Graça entrou, carregando uma pequena caixa de madeira nas mãos. Ela esticou o pescoço e olhou para Arland. — Bem. Um espécime maravilhoso, exatamente como me lembrava do seu glorioso passeio ao pomar.

— Ainda não estou morto, —a voz de Arland tremeu. Ele estava tentando rosnar, mas não tinha forças. — Você não pode me comer.

Caldenia levantou os olhos por um longo momento. — Meu querido, não sou governada pelo estômago. No momento, sou movida por um impulso altruísta, mas que logo acabará. Então você deve tirar proveito disso enquanto durar.

Ela abriu a caixa e tirou um pequeno injetor com líquido transparente dentro dela.

— O que é isso? —Maud perguntou.

— Isto é uma vacina sintetizada a partir de um certo *bacteriófago*[97], —disse Caldenia, arrancando a ponta protetora do injetor. — O mesmo vírus procariótico[98] que nosso querido Marechal carrega no sangue. —Ela se virou para Arland. — Vou injetá-lo, a menos que você queira morrer nesta mesa pelos pecados de seus ancestrais. Ou, suponho, no seu caso, por sua bravura ridícula e compulsões éticas absurdas.

Ela levantou o injetor.

— Não, —Arland forçou.

Caldenia olhou para mim. — Ele vai morrer, Dina.

Arland tentou se levantar. Todo o seu corpo tremia com o esforço. Ele caiu de volta.

— Você confia nela? —Maud perguntou.

— Não, —eu disse. — Caldenia não tem impulsos altruístas.

— Finalmente te ensinei alguma coisa, —Caldenia sorriu, expondo seus dentes desumanamente afiados.

— Mas eu confio no instinto de sobrevivência dela. Sem Arland, a Pousada ficará mais vulnerável e, se os *Draziris* invadirem, matarão a todos. Sua Graça não viajou anos-luz pela galáxia para ser assassinada por algum fanático religioso emplumado.

Arland estava deitado, seu olhar no teto.

— A segurança dos meus hóspedes é minha prioridade, —eu disse a ele, gentilmente afastando os seus cabelos do rosto.

— Ela é educada demais para lhe contar, —disse Caldenia. — Se eu fosse te matar, estaria quebrando meu contrato com Dina. O contrato estipula que, no momento em que eu matar outro hóspede, mesmo que o faça em legítima defesa, ela tem o direito de anular nosso acordo. Eu perderia meu porto seguro. Seria muito inconveniente para mim.

O silêncio se estendeu.

Arland olhou para Maud.

— Aceite, —disse ela. — Por favor.

— Faça, —ele forçou, sua voz fraca e rouca.

Caldenia pressionou o injetor contra uma ferida no estômago e apertou.

Arland estremeceu e respirou fundo.

— Você deve contê-lo agora, —disse Caldenia. — Vai doer.

Maud prendeu as mãos dela em seus pulsos.

Arland gritou.

Coloquei minha vassoura sobre ele. Ela se abriu em vários tentáculos e o amarrou a mesa. Maud se jogou sobre ele, envolvendo-se ao redor do corpo de Arland o máximo que pôde.

Saliva espumosa deslizou dos lábios de Arland. Ele se debateu sob as restrições.

Apertei minhas mãos em punhos. Não havia nada que eu pudesse fazer. O rosto de Maud era terrível, os lábios apertados, seu rosto sem sangue, seus olhos nublados como se polvilhado com cinzas.

Outra convulsão ... Outra ...

Um fraco tremor.

Ele inalou e ficou imóvel.

Morreu?

— Arland? —Maud chamou suavemente. — Arland?

Os cílios dele tremeram. Arland abriu os olhos azuis, olhou para ela, depois os fechou novamente. Seu peito subia e descia em um ritmo uniforme.

Ela se levantou. Soltei a vassoura. Maud lavou o sangue dele. A água ficou vermelha e depois clara. As feridas pararam de sangrar. *Isso foi rápido. Muito rápido.*

Puxei um lençol limpo da gaveta e o cobri.

— Como? —Eu perguntei.

Caldenia sorriu novamente. — Estritamente falando, essa flor não é realmente uma planta. É mais parecida com uma macrobactéria na estrutura, muito modificada, é claro. Um patógeno que afeta plantas e animais. O conhecimento científico sobre elas é longa e complexa. Basta dizer que, cerca de trezentos anos atrás, um grupo de vampiros exploradores descobriu um planeta com uma variante natural. Esse organismo vivia em um equilíbrio delicado, seu crescimento mantido sob controle por vírus bacteriófagos que o predavam enquanto eles predavam outras vidas. Os vampiros colonizaram o planeta da pseudo-flor e prontamente tentaram manipulá-la como uma arma para destruir seus inimigos de uma vez por todas. Eles foram bem sucedidos. Isso acabou com toda a vida nativa naquele mundo.

— É algo que nunca deveria ter sido feito, —disse Arland em voz baixa. — Deve ser desfeito.

Ele falou. Ainda parecia fraca, mas uma sombra do poder que fazia parte de Arland estava lá. Maud pegou a mão dele e acariciou os dedos.

— Oh, não concordo. —Sua Graça agitou seus dedos longos e elegantes. — Há uma beleza selvagem na flor.

Era bonita, mortal e tinha um apetite voraz. Claro que Caldenia sentiria afinidade com a flor.

— O que aconteceu depois?

— O contato com a colônia foi perdido, e a Sagrada Anocracia enviou uma frota de resgate, —disse Caldenia. — O primeiro grupo a desembarcar consistia em voluntários, dos quais vários eram da Casa Krahr e Casa Ilun. Havia uma

terceira Casa, não foi, querido?

— Casa Morr, —disse Arland.

— Para encurtar a história, —disse Caldenia, — duas dúzias de seres entraram, mas só cinco voltaram, então a frota bombardeou a lua do planeta com projéteis nucleares e cinéticos, até se despedaçar, causando aumento da atividade vulcânica, tsunamis e outros fenômenos catastróficos na superfície do planeta. A gravidade rasgou os restos da lua em um anel, e a frota da Sagrada Anocracia ajudou os asteroides resultantes a cair no planeta, iniciando um inverno extremamente rigoroso. Nada sobreviveu.

— Então como a flor chegou aqui? —Eu perguntei.

— Dinheiro. —Caldenia piscou para mim. — Dado o equipamento certo, a flor pode ser contida. Antes de serem mortos por sua própria criação, os vampiro fabricantes de armas venderam amostras para financiar suas pesquisas. Eu comprei uma. E o antídoto, é claro. Nunca se deve usar uma arma se não consegue sobreviver a ela.

Eu a encarei.

— O que sei é que os dois membros sobreviventes da Casa Krahr foram tão afetados por suas experiências que insistiram em vacinar todo o seu Clã. Infelizmente, o suprimento da vacina era limitado e a potência de sua capacidade defensiva se diluiu gradativamente a cada geração. Supostamente, nosso menino querido aqui teve que passar por um ritual na puberdade, como passam até hoje a maioria dos membros da Casa Krahr para demostrar potenciais habilidades. O ritual envolve ser picado por uma única semente, sei vagamente sobre esse ritual. De qualquer forma, acredita-se que este teste de fogo, aumenta a concentração do bacteriófago no sangue, preparando-o para um eventual encontro com a flor em algum momento de sua vida.

— Isso é de conhecimento público? —Eu perguntei.

— Não, —disse Maud. — Nunca ouvi falar disso.

Caldenia apertou os lábios. — Sua irmã está certa. É um segredo bem guardado.

— Então, Mrak não sabia que Arland era parcialmente imune e esperava que a flor matasse a todos nós ou sabia e queria atacar Arland especificamente, —disse Maud.

— De fato. —Caldenia fechou sua caixa de madeira e bateu na perna de Arland. — Melhore. Você é muito mais divertido quando ruge. Mas antes de me

despedir deixo uma indagação a vocês. É preciso se perguntar como a Casa Krahr continua tendo acesso a essas sementes que são usadas nesse ritual.

Os pêlos da minha nuca se arrepiaram.

Eu abri a porta. Caldenia saiu a passos largos.

— Por favor, não me diga que vocês mantêm uma estufa cheia dessas coisas em algum lugar.

Arland balançou a cabeça. — Há algumas coisas que nem mesmo eu tenho o direito de saber.

— A área de vigília está pronta, —disse Maud.

Capítulo 11

Fui até a beira da propriedade, onde o policial Marais estacionou perto das minhas cercas vivas e acenei para ele. Marais deu uma olhada no meu manto de Estalajadeiro e saiu do carro. Abaixei o Campo de Força apenas o tempo suficiente para ele passar e o coloquei de volta. Segurar o Campo estava ficando cada vez mais difícil. Em breve teria que deixá-lo descansar um pouco.

— Quero saber o que está acontecendo, —disse ele, enquanto caminhávamos para casa. — Quero a história toda. Todos os detalhes. Quem e o quê, quando e onde. Mesmo as partes muito feias e as que você não acha importantes. Quero que você explique que manto é esse. E se alguém chegar perto de mim com uma seringa de novo, você se arrependerá. Vou despedaçar este lugar tijolo por tijolo.

— Tecnicamente, madeira por madeira, —eu disse a ele, abrindo a porta na nossa frente. Usamos madeira, não tijolo.

— Agora não é um bom momento para ser engraçadinha ... —Ele entrou na Pousada e congelou.

A parede oposta da sala da frente havia se dissolvido. Um vasto deserto se espalhava além, um mar de ondas de areia rasas repletas de enormes esqueletos de monstros do passado. Apesar da luz do sol, uma lua fantasmagórica, enorme e listrada, ocupava um quarto do céu verde pálido. Uma caravana se aproximou, bestas enormes e peludas, maiores que elefantes da Terra, se moviam pesadamente na areia, sua couraça espinhosa brilhava ao sol. Seus pastores andavam aos pés das criaturas, seus corpos envoltos em um tecido leve e cintilante.

Na hora certa.

Vento quente abanou nossos rostos.

O policial Marais deu alguns passos trêmulos à frente, atravessou sua mão na abertura da matéria do espaço-tempo, pegou um punhado de areia e deixou os grãos caírem de seus dedos.

Eu caminhei e parei ao lado dele, acenei com a mão. Dois tambores de duzentos litros cheios de água surgiram do chão. Quando a Pousada abriu o portal pela primeira vez há seis meses, o líder da caravana me deu um presente. Eu não sabia o que dar em troca, então compartilhei minha água com eles. Previsivelmente, a água era preciosa para eles. Eles passavam a cada duas semanas próximos ao local do portal, e eu fazia questão de ter sempre um pouco de água disponível. Custava-me muito pouco, mas significava muito para eles.

A caravana se aproximou. Eu podia ver o líder agora. Ele tinha a pele da cor de pele de jacaré, um rosto longo e desumano e grandes olhos verdes esmeraldas, como duas jóias lapidadas.

— Não atire, —eu disse a Marais.

Marais olhava para a caravana de boca aberta.

O primeiro animal se aproximou com seus espigões de metal na couraça que protegiam sua testa, do tamanho de uma pequena árvore. Suas presas se curvavam para fora, cada uma feita de um metal reluzente manchado com sangue velho e seco. A nossa espécie era alta o suficiente para alcançar somente seus joelhos. Um cheiro de animal nos banhou, espesso e pungente. O pastor, com o manto azul claro agitado pelo vento quente, parou em frente ao portal e desenhou um círculo no ar com os dedos longos e elegantes, com garras curvadas de prata.

— *Ahiar-Ahiar*, —disse ele inclinando a cabeça, sua voz suave como o movimento da areia. *Paz para você e a sua casa*.

— *Ha-ahiar*. —Eu me inclinei para trás. *Paz duradoura*. — Por favor aceite minha água.

— Obrigado, Estalajadeira. Que você viva mil anos.

A Pousada depositou os dois tambores na areia. O pastor os pegou como se não pesassem nada.

— Eu tenho uma encomenda para você, Estalajadeira.

O líder da caravana acenou com a mão. Dois outros seres, um em uma

túnica de cor cobre e o outro em ouro rosa, apareceram, trazendo algo longo e embrulhado em lona. Colocaram na areia e puxaram a lona. Cápsula de *estase*[99]. Características familiares olharam para mim.

Um Arquivariano. Como? Deixa pra lá. Arquivariano dado não *se olha os dentes*[100].

— Estou em dívida com vocês. —Abaixei minha cabeça.

— Não. Nós é que sempre estaremos.

Eles empurraram a cápsula de estase para dentro da pousada e Gertrude Hunt a engoliu, carregando-a para instalá-la com o resto.

A caravana continuou, as criaturas colossais balançando. Eu deixei o portal fechar.

Marais olhou para a parede recém-feita.

— Eles passam por aqui a cada poucas semanas, —eu disse a ele. — A água é muito valiosa nessa parte do planeta. Por aqui.

Marais me seguiu até a cozinha, olhou para a esquerda, desviou e olhou de novo. Uma grande área se estendia da cozinha. Videiras cobriam suas paredes, tão densas que era difícil ver a pedra pálida embaixo. Galhos das árvores atravessavam a pedra, suas cascas ásperas e escuras, e se estendiam ao longo da parede, apoiando lanternas de metal que brilhavam com uma quente luz amarela. Pequenas flores brancas floresciam das videiras. Aqui e ali, uma grande flor amarela, que lembrava o impossível cruzamento de um *crisântemo*[101] com um *lírio*[102], espalhava um leve aroma de mel no ar. O chão era musgo, pedra e raiz de árvore.

Flores azul-turquesa, com cinco pétalas cada, estendiam-se do chão em finos caules de meio metro de altura e da cor sálvia. As flores azuis estavam abertas, mostrando o seus centros roxos. *Maravilha.*

No centro da sala, mergulhado em uma grande banheira de hidromassagem, estava Arland. Os ferimentos em seu rosto haviam cicatrizado. O aroma de hortelã flutuou até nós, misturando-se com os aromas das flores.

Maud estava sentada em uma raiz ao lado da banheira, os olhos fechados, o rosto sereno, a espada no colo. Helen estava ao lado dela, segurando uma varinha com sinos pendurados nela.

Arland estendeu a mão e jogou alguns respingos de água na direção de Maud. Helen balançou a varinha para ele, os sinos tilintaram.

— Lorde Marechal, —disse Maud, com os olhos ainda fechados. — Estou tentando acelerar sua cura. Leve isso a sério.

Marais virou-se para mim e notou Sean encostado na parede, como uma sombra escura. Ao lado dele, sentado no parapeito da janela, Wing esculpia algo de um pedaço de madeira. Marais mudou de postura. As tatuagens de Sean se expandiram, espiralando em seu pescoço enquanto sua armadura subcutânea se movia para protegê-lo contra uma ameaça percebida.

— Ei, —disse Marais.

Sean assentiu.

Wing continuou sua escultura.

Puxei uma cadeira para a mesa. — Por favor, sente-se.

Marais sentou-se. Orro apareceu das profundezas da despensa e avançou em direção a Marais. Marais colocou a mão em seu Taser. Orro varreu a mesa com um floreio dramático. Uma bandeja coberta pousou na frente de Marais. Orro esticou suas longas garras, arrancou a tampa branca e afastou-se.

Um único *donut*[103] dourado, salpicado de flocos de chocolate e brilhos translúcidos de açúcar, esperava no meio da bandeja. Eu tinha que conversar com Orro sobre sua interpretação literal da nossa programação de TV.

Marais olhou para mim. — Isso é um *po*[104] ...

— Não! —Sean e eu falamos ao mesmo tempo.

Sean inclinou-se sobre Marais e disse, com uma ameaça silenciosa: — Não diga a palavra com *'p'*. Coma o donut. Melhor do que qualquer um que você já comeu.

Marais pegou o donut e deu uma mordida especulativa. Os olhos dele se arregalaram. Ele deu outra mordida. — Então, —ele disse, mastigando. — Aliens?

— Aliens.

— Como?

— Somos um estação de passagem para outros lugares, —expliquei. — Um lugar seguro e confortável para eles pararem a noite e recuperarem o fôlego, antes de continuar suas viagens.

— Uma alojamento galáctico? —Marais deu outra mordida.

— Uma Pousada, —disse Sean.

— E você é …

— Uma Estalajadeira, —eu disse a ele. — Mantenho meus hóspedes em segurança e suas existências em segredo a todo custo.

— Quem mais sabe? —Ele perguntou.

— Outros Estalajadeiros como eu.

— O presidente sabe?

— Eu não tenho idéia, —eu disse a ele honestamente. — Provavelmente não.

Marais ponderou o donut. Ele estava levando tudo isso com bastante calma. Também, ele teve muitas pistas ao longo do caminho.

— Por quê? —Marais perguntou.

— É uma barganha que fizemos centenas de anos atrás. Você já abasteceu seu carro?

— Ainda não. Esperando o tanque ficar abaixo de um quarto.

— Fizemos uma barganha, dessa forma civilizações como a dele, —apontei para Arland, cujo engenheiro havia modificado a viatura de Marais, — não invadam o nosso planeta e não nos colonizam. Eles têm uma grande quantidade de guerreiros muito bem preparados e tecnologia superior a nossa. Sem o Tratado, que designa a Terra como terreno neutro seguro, seríamos expurgados, comidos ou escravizados. A galáxia é um lugar grande e cruel.

— Então, o que acontecerá quando as pessoas descobrirem? —Marais perguntou. — Porque eventualmente irão descobrir.

— O Tratado já faz mais de mil anos e eles ainda não descobriram, —eu disse. — Se violarmos o Tratado e expormos a existência de nossos hóspedes ou não conseguirmos impedir essa exposição, as consequências serão severas.

— O que pode acontecer? —Marais perguntou.

— Os Estalajadeiros podem até mesmo matar qualquer um que seja uma ameaça ou pode jogá-lo em algum buraco do inferno, —disse Sean.

— A ameaça nunca mais voltaria para casa.

Pude ver no rosto dele que Marais não gostou.

— Não seria bom que as pessoas descobrissem, —eu disse. — Somos uma jovem civilização. As pessoas entrariam em pânico. Perderiam a fé em suas crenças. Elas iriam querer entrar em guerra com o universo. Na polícia vocês

possuem regras que proíbem civis comuns nas cenas de todos os crimes. Vocês restringem o acesso público. Nós também fazemos o mesmo.

Marais refletiu sobre isso. — E o idiota de cabelos brancos? Qual é o problema dele?

Demorou cerca de dez minutos para explicar o conflito entres os *Hirus* e os *Draziris*. Tive que entrar em detalhes sobre os poderes do Estalajadeiro e os terrenos da Pousada.

— Então eles estão violando o Tratado e nada aconteceu até agora. Isso não me enche de confiança quanto à eficácia de sua aplicação da lei interna.

— Eu já relatei, —expliquei. — Leva tempo.

— Há alguma maneira de eu ver este Tratado? —Marais perguntou.

Já que começamos, temos que ir até o fim. — Sim.

Abri uma tela na parede e coloquei o Tratado nela. Marais pegou um bloco de notas e uma caneta e começou a tomar notas. Nós esperamos. Quinze minutos depois, ele se levantou.

— Então? —Eu perguntei. — E agora?

— Agora vou ter que pensar sobre isso. Sem mais atos de violência fora da Pousada, —disse ele. — Pelo menos tente reduzir ao mínimo. Vou deixar você saber o que eu decidir. O que posso te dizer até agora, é que ninguém mais lá fora viu a luta. Sentei-me na viatura depois do acontecido e ninguém saiu para verificar comigo e nenhuma ligação de emergência foi feita. Tudo aconteceu muito cedo da manhã depois de um feriado. A maioria das pessoas dormia.

Marais se virou para sair. Orro bloqueou o caminho e enfiou uma caixa de papel nas mãos dele. — Para o seu capitão. Espero que isso diminua as broncas dele e evite que você desista do seu distintivo.

Marais olhou para mim.

— Ele anda assistindo demais os filmes da série *Máquina Mortífera*[105], — expliquei.

— Obrigado, —disse Marais e saiu.

— Você acha que ele vai ficar calado? —Maud perguntou.

— Ele tem um carro espacial mágico há várias semanas e, até agora, não disse nada, —eu disse.

— Se ele não ficar calado, sei onde mora, —disse Sean.

Eu me virei para ele. — Como?

— Eu o segui para casa uma noite, quando estávamos caçando o Dahaka.

— Isso é assustador.

Ele encolheu os ombros.

— Sean, você não pode matar o policial Marais.

Sean deu um longo sorriso de lobo, estendeu a mão e deu um tapinha na minha mão.

— Vou ajudá-lo a matar o policial, —gritou Arland.

— Sean Evans! —Coloquei as mãos nos quadris.

— Estou tentando meditar, —disse Maud. — Você pode brigar com o seu namorado em outro lugar?

— Relaxe, —Sean me disse. — Estou só te provocando. Marais é um cara legal. Vou acompanhá-lo. Eu tenho um assunto para resolver de qualquer maneira.

Sean saiu. Abaixei o Campo de Vácuo, senti ele e Marais passarem pela fronteira e levantei o Campo novamente.

Bem, um dos meus hóspedes quase foi assassinado e a Pousada estava praticamente exposta. Até agora não foi um bom dia.

O Brasão de Arland, que estava no canto da banheira, ganhou vida com luz vermelha. Arland estendeu a mão para checar. Os olhos dele se arregalaram. Ele xingou, tentou se levantar, mas caiu novamente, mergulhando na banheira e espirrando água para todos os lados.

Ah não.

Arland veio à tona, seus longos cabelos loiros grudados na cabeça.

— O que foi? —Eu perguntei.

— O que foi? —Maud ficou de pé.

— É guerra? —Os olhos de Helen brilharam, captando a luz.

— Pior. —Arland gemeu. — Meu tio está chegando. Alguém me traga um roupão. Eu tenho que sair dessa banheira.

******

Era tarde e um cheiro delicado flutuava pela cozinha. Orro estava no meio da preparação do jantar. Sua Graça estava sentada à mesa, tomando delicadamente seu Mello Yello. Um grande chapéu de palha estava ao lado dela. Depois que Arland saiu correndo da banheira, ela vestiu o chapéu e anunciou que estaria cuidando do jardim. Fiquei de olho nela, e sua jardinagem consistiu principalmente em cortar alguns pequenos galhos com tesouras e conversar. Eu não consegui ver com quem ela estava falando, mas, considerando a nossa situação, provavelmente Sua Graça estava discutindo com os *Draziris*. Ela não compartilhou nada do que descobriu, e da maneira como eu a conhecia, perguntar sobre isso, não seria bom.

Sean sentou-se à frente de Caldenia, manipulando um tablet pessoal, que eu não fazia ideia de que ele possuía. O *'assunto para resolver'* levou quase duas horas. Soube exatamente quando ele voltou, porque ele ligou para me avisar que estava prestes a chegar, então tirei o Campo de Força e o deixei entrar. Sean não mostrou sinais de que me diria o que foi fazer lá fora. Wing ainda estava empoleirado no peitoril da janela, trabalhando em seu projeto de entalhar.

Na parede, em uma tela de três metros de largura, Maud e Arland treinavam no Grande Salão, ambos de armadura. Assim que saiu da banheira e vestiu um roupão, Arland caminhou para seus aposentos, onde desabou na cama e desmaiou. Maud o checou para garantir que ele não dormisse de bruços e se sufocasse. Ele dormiu como um tronco por cinco horas, depois, quinze minutos atrás, apareceu de armadura completa, com os cabelos escovados, a mandíbula raspada, parecendo que estava prestes a participar de um desfile e anunciou que em meia hora seu tio estaria chegando.

Maud perguntou a ele quantos estimulantes exatamente ele injetou em si mesmo, e ele lhe disse que tinha injetado o suficiente para fazê-la baixar a espada e se render. Minha irmã estreitou os olhos daquela maneira que costumava me fazer correr gritando por mamãe e perguntou se ele estava disposto a testar sua teoria. Agora eles estavam se espancando com armas de treino.

Isso era extremamente imprudente. Eu disse isso a Arland. Eu disse isso a Maud. Minha irmã deu um tapinha no meu ombro e me disse que Arland precisava mostrar boa aparência quando seu tio chegasse. Encontrá-lo exausto e nu em uma banheira de chá de hortelã não seria apropriado, e um pouco de exercício ajudaria os estimulantes a se espalharem pelo sistema mais rapidamente.

Helen e o gato sentaram no pequeno palco do Grande Salão e assistiam a luta. O palco seria um lugar perfeito para a árvore de Natal.

— Quero comemorar o Natal, —eu disse.

— Não é um pouco tarde para o Natal? —Perguntou Caldenia.

— Eu sei, mas ainda quero comemorar. Quero a árvore e decorações. Quero presentes e música natalina. Não ligo para quantos *Draziris* estão lá fora. Eles não vão tirar o Natal de mim.

— Sim, mas não temos um macho adequado, —disse Orro. — E há apenas um cachorro.

Eu olhei para ele.

— O que é este Natal? —Perguntou Wing.

Orro virou-se do fogão. — É o rito de passagem durante o qual os jovens machos da espécie humana aprendem a mostrar agressão e usar armas.

Sean parou o que estava fazendo e olhou para Orro.

— Os jovens saem em pequenos bandos, —continuou Orro. — Eles enfrentam o frio e entram em conflito com outros bandos e precisam provar seu domínio por meio de combate físico. Seus pais ensinam-lhes lições sobre o uso adequado de palavrões, e os jovens precisam passar por testes de resistência, como colocar sabão na boca e lamber objetos de metal frio.

Sean fez um barulho estrangulado.

— No final de suas provações, eles se encontram com um ancião sábio vestido em uma roupa vermelha para provar seu valor. Se forem considerados dignos, a família ergue uma árvore cerimonial e os presenteia com armas.

Sean estava claramente lutando para se segurar, porque sua cabeça tremia.

— Além disso, —acrescentou Orro, — uma ave é preparada em sacrifício e depois entregue a esses animais selvagens, provavelmente para apaziguar os espíritos da natureza.

Sean não aguentou e rugiu de rir.

Eu sorri para ele.

Ele se inclinou para trás, tremendo, gargalhadas explodindo fora dele.

— Sua cultura é muito complicada, —disse Wing. — No meu mundo, nós apenas partimos em uma missão para matar algo grande.

— Suponho que a pequena Helen possa substituir o macho, —disse Orro, pensativo. — Tenho certeza de que podemos conseguir uma arma adequada para ela.

— Não podemos, —Sean conseguiu dizer entre as gargalhadas. — Ela vai acertar os *próprios olhos*[106].

— Isso parece ser uma preocupação predominante entre os pais, —disse Orro. — Talvez possamos usar algum tipo de proteção ocular.

— Orro, você e eu devemos assistir a *História de Natal*[107] juntos, preciso explicar esse filme para você. —Abri outra tela. — Imagens, Festa de Natal.

Orro olhou para a tela na parede cheia de imagens de comida.

Cruzei os braços no peito. — Oficialmente, o Natal é um feriado religioso quando cristãos, membros de uma de nossas religiões mais populares, comemoram o nascimento de Jesus Cristo. Eles acreditam que Jesus era o filho de Deus que se sacrificou para absolvê-los do pecado. Na prática, tornou-se um momento de celebração com a família e amigos. Decoramos nossas casas, compartilhamos uma refeição, damos presentes um aos outros e descansamos um pouco das mazelas do mundo. O Natal é mágico. É o momento da bondade, quando as pessoas normais se permitem quase acreditar que milagres podem acontecer. Eu quero ter um Natal, Orro. E quero que você faça um banquete incrível para o nosso jantar.

O grande Quilloniano inclinou a cabeça. — Como desejar, Estalajadeira.

Wing colocou o objeto que ele havia entalhado sobre a mesa. — Pronto.

Ele esculpiu uma versão incrivelmente realista de Kiran Mrak. Tinha apenas trinta centímetros de altura, mas o rosto era inconfundível, e os detalhes das penugens e até das dobras de seu manto eram apurados.

— Wing, isso é lindo. Você tem talento.

O pequeno *Ku* olhou a estátua e estendeu a mão. — Estou pronto.

Orro colocou um longo espeto de metal na mão de Wing. A ponta do espeto brilhava em vermelho intenso.

— O que é isso? —Eu perguntei. Wing era a última pessoa em quem eu confiaria com um espeto incandescente.

Wing se concentrou, cantou algo baixinho e furou a estátua.

Aaaa!

— Wing!

Ele furou de novo e de novo em um frenesi. — Isso é magia antiga. Magia do meu planeta. Meus ancestrais são maiores que os ancestrais deles. Eles vão rasgá-los em pedaços. Você verá.

Eu bati minha mão no meu rosto.

Ele pegou a estátua toda furada e a esmagou contra a mesa. Pulou sobre ela, saltou para cima e para baixo e o chutou com o pé.

— Está funcionando? —Ele perguntou. — Ele está morto?

— Não ouvi um grito, —disse Orro.

Os olhos de Wing brilharam com determinação. Ele alcançou seu manto.

— Se vai fazer xixi nessa coisa, vá lá fora! —Apontei para a porta. — Lá fora!

Wing pegou sua estátua e saiu pelos fundos.

Uma campainha ecoou pela Pousada, era o alarme que eu havia acionado para me avisar quando Lorde Soren estivesse prestes a entrar na órbita.

— Lorde Soren está descendo, —anunciei.

— Vou me arrumar. —Sua Graça se levantou e flutuou. — É preciso cuidar da aparência.

Na tela, minha irmã e Arland ainda estavam lutando.

— Todo mundo agora resolveu ficar preocupado com as aparências, — murmurei.

Sean olhou para mim. — Você gostaria que eu vestisse algo mais apropriado?

Apontei minha vassoura para ele. — Não me provoque, Sean Evans.

Ele riu.

Entrei no quintal e baixei o Campo de Vácuo. Ao meu redor, o início da noite no Texas estava queimando, o céu roxo profundo, as árvores escuras. Uma figura apareceu nos galhos das árvores logo após os terrenos da Pousada, como se por magia.

Provavelmente Kiran Mrak acabou de tirar sua capa de camuflagem. Ele estava me deixando vê-lo. Que bom. Um pequeno lembrete para mim de que ele estava sempre lá e sempre assistindo.

Uma estrela vermelha apareceu no céu, riscou, explodiu e ejetou um Cavaleiro da Sagrada Anocracia. Eu levantei o Campo de Vácuo novamente.

Os vampiros tendiam a se tornar maiores com a idade. Não mais gordo, mas volumosos, mais musculosos, mais grisalhos. Lorde Soren era um bom exemplo de um vampiro de meia idade. Enorme, com uma juba de cabelos castanhos generosamente cortada, barba grisalha e curta, ele parecia em sua armadura tão grande quanto um tanque. Eu tinha a sensação de que, se Lorde Soren fosse para guerra e um tanque batesse nele a toda velocidade, o tanque apenas amassaria ao seu redor. Considerando sua expressão séria, ele não estava com disposição para bobagens.

— Lorde Soren, —eu disse, virando as costas para a floresta. — Gostaria de recebê-lo em circunstâncias diferentes. Por favor, entre.

Ele entrou pela minha cozinha e eu fechei a porta atrás de nós.

— Peço desculpas por aparecer de repente, mas vim pelo meu sobrinho.

A voz de Lorde Soren tinha dois tipos de tons: *rugido e trovão.* Ele estava tentando ser educado e, por isso, confinou-se a um rugido moderado.

— Essas pequenas férias e excursões onde ele desaparece sem aviso prévio estão se tornando conhecidas. As pessoas estão sussurrando. O Marechal da Casa Krahr se foi novamente. Onde ele está?

Abri minha boca para dizer a ele.

— Está na hora dele crescer. Na hora de assumir a Casa, questões de importância e Estado precisam ser discutidas, nas quais a opinião de um Marechal é necessária. Não há em casa o suficiente para ocupar sua mente?

Comecei a caminhar em direção ao Grande Salão. Lorde Soren me seguiu.

— Ele levou sua nave de guerra para Karhari sem motivo. Foi atacado.

— Ele ganhou, —eu disse.

— Claro que ele ganhou! —Os olhos de Lorde Soren se arregalaram. — Ele é meu sobrinho! Derrotou sete de uma vez, e os rasgou como se fossem crianças. Sua gravação foi compartilhada em toda a Anocracia.

Ah não! Arland se tornou viral.

— Recebemos quatro, quatro! Ofertas de possíveis pedidos de casamento nos últimos dois dias.

Eu não sabia dizer se ele estava orgulhoso ou chateado ou ambos.

— O garoto tem potencial. Tem talento. Mas ele usa? Não. É hora de escolher uma esposa. É hora de produzir filhos. Ele não vai viver para sempre e é jovem demais para se aposentar. Não pode simplesmente sumir quando quer, como um tipo de vagabundo cósmico sem família ou dever. Existem certas responsabilidades. Se ele não quisesse essas responsabilidades, deveria ter pensado nisso antes de lutar com os outros elegíveis para o cargo de Marechal. Você sabe o que ele disse ao assessor? —Lorde Soren olhou para mim por um segundo.

— Eu ...

— Ele disse ao assessor que tirar esse descanso me faria feliz. Não quero que ele seja feliz. —Lorde Soren bateu com o punho fixamente na outra palma da mão. — Quero que ele vire um adulto! Quero que ele lide com seus deveres. Quero que arranje uma esposa e crie filhos para que nossa Casa não morra. Ele estava indo tão bem, até visitar a Terra. Realmente, esse fascínio pelas mulheres da Terra tem que acabar.

A porta do Grande Salão se abriu à nossa frente e eu o conduzi para a sala cavernosa.

— Eu entendo a fascinação. No entanto, nenhuma mulher da Terra jamais seria uma esposa adequada para um Marechal. Sem falar que elas não estão familiarizadas com nenhum de nossos costumes. Elas não entendem nossa sociedade. Elas não entendem o significado dos laços familiares ou da nossa política. Nem estão equipadas para defender seus filhos ...

Maud escolheu esse momento para pular e bater com a espada na lateral da cabeça de Arland. Ele rosnou e balançou a clava. Ela desviou e sorriu para ele. — Tente mais, meu Lorde

Helen riu como um pequeno sino tocando.

Lorde Soren fechou a mandíbula. — Quem é essa?

Eu dei a ele um sorriso doce. — É uma mulher da Terra.

Vimos Arland e Maud lutarem do outro lado do salão, Arland dando golpes devastadores e Maud desviando do caminho, ágil como uma gata. Finalmente, Arland conseguiu encurralá-la contra a coluna. Minha irmã balançou a cabeça algumas vezes e disse alguma coisa, eu não sabia dizer o que, pois ele ainda a estava prendendo na coluna. Arland disse algo de volta. Ela ergueu as sobrancelhas e bateu no bíceps dele com a mão. Ele a deixou ir.

Maud caminhou em nossa direção. Helen pulou do palco e rosnou para

Arland. Arland levantou os braços para os lados e rugiu dramaticamente. Os dois correram um em direção ao outro. Arland pegou Helen e a jogou no ar a cerca de seis metros de altura. Eu suspirei. Ele pegou Helen. Ela gritou.

— Lorde Soren, —eu disse. — Minha irmã Maud e sua filha Helen. Maud, este é Lorde Soren, Sargento Cavaleiro da Casa Krahr e tio do Lorde Marechal.

Maud sorriu e inclinou a cabeça. — Acredito que conheci seu primo de segundo grau, meu Senhor. Lorde Cherush em Karhari.

Lorde Soren finalmente se recuperou. — Minha Senhora. Como está meu, éééeé... primo?

— Justo como sempre. Ele ainda se encontra com Kaylin da Casa Setor todo outono. Eles sempre falam do desejo de invadir os Karim ao sul, mas nunca realmente fazem. Não vale a pena. O custo em combustível por si só seria maior do que o que eles receberiam das tribos. A enteada do Lorde Kaylin, Eren, da Casa Phis, já tem idade para se casar e o segundo filho de seu primo ainda é solteiro e manifestou interesse em um relacionamento com ela, por isso acredito que está tudo bem com o seu primo.

Lorde Soren estufou o peito. — Casa Phis? Meu segundo sobrinho quer se casar com alguém da Casa desses covardes?

— Não é a Casa Phis do sul, meu Senhor. Dê algum crédito ao pobre garoto. Eren é do ramo norte. Sua mãe era da Casa Toran, filha do Sargento-Cavaleiro. Há sangue bom lá, e como você sabe, os Torans ainda seguram o porto do norte. A aliança beneficiaria Lorde Cherush em seu comércio de peles.

Lorde Soren deu um suspiro pesado. — Ela tem todos os dedos e dentes, pelo menos?

— Eren é uma garota adorável. Muito boa com um rifle de energia.

— Vou ter que enviar uma mensagem para o meu primo, —disse Lorde Soren. — Já faz muito tempo, de qualquer forma.

— De fato. Ele o menciona com carinho. Se me der licença, Senhor, devo me refrescar. Seu sobrinho é bastante vigoroso. Alguém poderia pensar que um homem que acabará de ser violentamente atacado por toda a carga de esporos de uma *Assassina do Universo*, estaria em sua cama, gemendo de dor, mas aqui está ele.

— Assassina do Universo? —Lorde Soren piscou.

— Ele salvou a todos nós, —disse Maud.

Lorde Soren estufou o peito.

— Um Cavaleiro mais fraco teria morrido. Na verdade, Lorde Arland é a prova de que uma linhagem excepcional produz frutos excepcionais.

Lorde Soren se estufou ainda mais. — Ele é o orgulho da nossa Casa.

— Sem dúvida. —Maud inclinou a cabeça. — Seja bem-vindo, meu Senhor.

— Obrigado minha Senhora.

Arland se virou, segurando Helen enquanto a menina fingia cortar seu pescoço com um adaga invisível. Ele fingiu finalmente notar seu tio. — Tio! Aí está você.

Lorde Soren ponderou sobre os dois por um longo momento e caminhou em direção a eles.

— Você não tem vergonha, —sussurrei para Maud.

— Não, —ela disse. — Além disso, apesar de ser um vampiro, Arland não é totalmente ruim. A única coisa que fiz foi amenizar o lado dele. Isso era o mínimo que eu podia fazer. Ele salvou meu bebê.

Minha irmã foi embora. Lorde Soren olhou para Helen intrigado, depois virou-se para o sobrinho. — Conte-me sobre a *Assassina do Universo*.

Capítulo 12

Andei pelo salão, sabendo exatamente o que faria com ele. Helen me observava, seus olhos grandes e redondos. Fera estava ao lado dela, deitada no chão com as quatro patas no ar. Quando Helen se esquecia de acariciar sua barriga peluda, Fera se retorcia até que as carícias fossem retomadas.

Eu estava no centro do salão, no piso um mosaico mostrava uma versão estilizada de Gertrude Hunt. Levantei minha vassoura e puxou meu poder. *Ouropel*[108] brilhante e fios de luzes douradas saíram em espiral do chão e envolveram as belas colunas. Guirlandas de galhos de pinheiro cravejados de enfeites de vidro branco e dourado e embrulhados com fitas brilhantes traçaram as paredes. Videiras brotavam do teto, pingando grandes flores-de-natal delicadas, suas pétalas brancas e vermelhas brilhando, como se polvilhadas com pó de fada. *Wing iria gostar disso.*

O chão na parede oposta se abriu e uma enorme árvore de Natal subiu, plantada em uma vaso de quatro metros de largura. Afundei o vaso logo abaixo do nível do chão e deixei o mosaico fechar sobre ele. Peguei essa árvore no ano passado, meu segundo Natal na Pousada. A árvore chegou cortada, e então a Pousada a tocou com sua magia, e durante a noite se enraizou e cresceu. Agora tinha seis metros de altura, frondosa e saudável, suas agulhas verdes prontas para as decorações. De dentro da parede saiu uma caixa cheia dessas decorações.

Acenei com a mão e a Pousada puxou delicadamente uma estrela de cinco pontas de dentro da caixa e a colocou no topo da árvore. Ela piscou e brilhou com luz dourada.

Helen olhou para ela com reverência. — Natal?

— Natal, —eu disse a ela.

O olhar nos olhos dela era tudo.

— Veja isso. —Alcancei a caixa e peguei uma esfera de vidro. Do tamanho de uma laranja grande e vermelha rubi, brilhava suavemente, como se o fogo estivesse preso dentro. Eu estendi na direção dela.

— Sopre.

Helen soprou no vidro. Uma minúscula tempestade de raios estourou dentro, o relâmpago carmesim tocando o vidro por dentro. Ela riu.

— Onde devemos colocá-lo? —Entreguei a esfera a ela.

Ela apontou para um galho a dois metros do chão. — Lá.

Apontei para esfera. — A mestra decoradora falou. Se não se importa ...

Um fino tentáculo escorregou da parede, pegou a esfera e a depositou ordenadamente no galho.

— Há mais? —Helen perguntou.

— Há mais, —eu disse a ela. — Esta caixa inteira está cheia de tesouros de toda a Galáxia. É uma caixa mágica para uma árvore mágica.

Mergulhei minha mão na caixa e puxei o próximo enfeite. Uma outra esfera, um pouco maior do que a primeira e cristalina. Dentro havia uma pequena árvore espalhando seus galhos escuros e tortos. Folhas verdes triangulares pontilhavam seus galhos e, entre elas, brotavam ramos de flores azuis claras. Tudo dentro da esfera, desde os detalhes das raízes até o líquen no tronco, era incrivelmente realista.

— Oooh. É real?

— Eu não sei. A única maneira de descobrir é quebrá-lo. Mas se o quebrássemos, seria o fim do mistério.

Ela colocou o nariz no vidro da esfera. Os olhos dela se cruzaram um pouco, tentando se concentrar na árvore. Helen me matava com tanta fofice.

— Esse será seu, —eu disse a ela. — Vamos chamá-lo de o enfeite de Helen.

O rosto dela se iluminou. Helen pegou a esfera e deu um passo em direção à árvore, virou-se como um gato na ponta dos pés e olhou em direção à porta.

Os *Hirus* deixaram o quarto e estavam vindo em nossa direção.

— Não tenha medo, —eu disse a ela.

— Eles fedem, —ela sussurrou. — Parecem nojentos.

— Eu sei. Mas ainda assim são seres que possuem sentimentos e nunca machucaram ninguém. São gentis e os *Draziris* os caçam e os matam onde quer que possam encontrá-los.

— Por quê? —Helen perguntou.

— Ninguém sabe. Tente falar com eles. Talvez eles lhe digam.

— Por que você os protege, tia Dina?

— Existem assassinatos justificados. Matar alguém que está tentando matar você é legítima defesa. Matar um ser que está sofrendo e está além da ajuda é misericórdia. Matar alguém porque você não gosta da aparência é homicídio. Não há espaço para homicídios nesta Pousada. Eu não vou permitir.

Os dois *Hirus* passaram pela porta, com Sunset à frente, movendo-se um passo de cada vez, suas engrenagens mecânicas rangendo apesar da lubrificação. O cheiro de peixe podre pungente nos atingiu. Achava que a essa altura já teria me acostumado, mas não. Eu me esforcei para não fazer careta.

Os *Hirus* se aproximaram. Helen parecia um pouco triste. Ela estava tentando prender a respiração. O cheiro deve ser um inferno para os sentidos dos vampiros. Sean nunca deu nenhuma indicação de que isso o incomodava, mas tinha que ser terrível para ele também.

Helen abriu a boca com um estalo, apontou para a árvore e disse:

— Natal!

— Sim, —disse Sunset, sua voz triste.

Sean entrou no salão e se moveu ao longo da parede, silenciosamente, como uma sombra. Ele se inclinou contra uma coluna, observando os *Hirus*.

— O cozinheiro nos explicou, —disse Moonlight. — É um tempo para a família.

— Você tem família? —Helen perguntou.

— Não, —disse Sunset.

— Onde está seu pai?

— Ele morreu, —disse Sunset suavemente.

— Meu pai morreu também, —Helen disse a ele. — Onde está sua mãe?

— Ela morreu também.

Helen mordeu o lábio. — Você tem irmãs?

— Tive duas.

— Onde elas estão?

— Estão mortas.

Helen hesitou. — E irmão?

— Também morto, —Sunset disse a ela. — Nós somos o que resta de nossas famílias, pequena. Nós somos os últimos. Não sobrou mais ninguém. Não sobrou nada.

Helen o observou com aquela intensidade estranha que eu já havia notado nela, andou em direção ao *Hiru* e estendeu o enfeite para ele. — Pegue.

— O que é isso? —Sunset perguntou.

— Um presente para você. —Helen se aproximou. — Pegue.

Ele cambaleou. *Servomecanismos*[109] giraram em algum lugar dentro do *Hiru*, tentando desesperadamente lidar com o que ele estava sentindo. — Um presente? —O programa do tradutor atrapalhou-se, transformando emoção em um chiado.

— Sim, —Helen colocou o enfeite na palma da mão do *Hiru*. — Agora você tem alguma coisa.

Moonlight fez um ruído sufocante.

O *Hiru* balançou. As pernas dele tremeram. De alguma forma ele permaneceu de pé. — É muito bonito, —disse ele, sua voz cheia de emoção. — Obrigado.

Ele se virou e estendeu o enfeite para Moonlight. Suas mãos mecânicas se tocaram. Eles seguraram juntos o presente por um longo segundo e então ela gentilmente empurrou de volta na palma da mão dele.

— Esse é seu, mas há mais, —Helen disse a ele. — Venha, vou mostrar a vocês.

Ela começou a correr, parou e se ajoelhou ao lado da caixa. Os *Hirus* a seguiram, segurando o enfeite gentilmente entre os dedos.

— Sunset é um Tari, —disse Moonlight em voz baixa. — A família dele cuidava das árvores.

— O que sua família fazia? —Qualquer migalha de informação era útil.

— Estudamos os caminhos entre as estrelas. —Sua cabeça girou em minha direção.

— Viemos dizer que você não precisará mais nos ajudar. Nós colocamos vocês em muito perigo. Colocamos todos em perigo. O próximo Arquivariano está em um local onde não pode ser resgatado. Você não precisa mais lutar.

— Nenhum dos dois deve se preocupar com isso. Vocês são meus hóspedes. Tenho deveres e responsabilidades e vocês não podem cancelá-los. Onde está o próximo Arquivariano?

— No santuário de Eno. Apenas alguns selecionados conseguem acesso a ele. Nós não somos bem-vindos lá. Você não será bem-vinda lá. Os guardiões do Santuário não libertarão o Arquivariano, não podemos mais continuar.

Olhei para minhas decorações de Natal e suspirei. A última coisa que eu queria fazer era sair agora.

— Ela está certa, —disse Sean.

Moonlight deu um pequeno pulo. Ela não deve ter percebido que Sean estava lá.

— O Santuário é administrado por algum tipo de culto, —disse ele. — Eles matam qualquer um que entrar sem ser convidado.

— Eles não são cultistas, —eu disse a ele. — São profetas. Eles veem o futuro. Quando eles disseram que não irão libertar o Arquivariano, não significa exatamente isso.

— Não entendi, —disse Sean. — Então o que acha que isso significa exatamente?

— Isso significa que Santa Seramina quer me ver, —eu disse a ele.

******

— Você não vai sozinha, —disse Sean.

— Arland está ferido. Ele fez um bom show para o tio, mas precisará se recuperar totalmente e de toda a ajuda possível.

— Você é um alvo fácil, —disse ele. — Se conseguirem te capturar, anulam a maior defesa da Pousada. Kiran Mrak é escória, mas não é estúpido. Você precisa de proteção. Maud não pode ir com você, porque ela é a única outra Estalajadeira que temos. Arland está se recuperando. O único que pode ir com você sou eu. Este é meu julgamento como o seu segurança.

Eu disse a ele que seguiria sua liderança. Estava na hora de avançar na nossa relação. — Certo.

Ele assentiu.

— Para chegarmos a Eno, precisamos de um Transgate. —Esfreguei meu rosto.

— Você pode encontrar um em *Baha-char*, —disse Moonlight. — Vai custar-lhe muito dinheiro.

— Wilmos tem um, —disse Sean.

— Ele nos deixaria usá-lo?

Sean apenas olhou para mim.

— Tudo bem, —eu disse. — Para Wilmos então.

Puxei uma tela e pensei em Maud. Minha irmã apareceu nela. Ela estava na nossa cozinha. Caldenia e Lorde Soren estavam sentados à mesa ao lado dela, bebendo algo de canecas fumegantes.

— Eu tenho que sair, —eu disse a ela.

— Para onde?

— Santuário de Eno.

Maud assobiou.

— Eu sei que é pedir muito com Arland ainda em recuperação, mas vocês podem tomar conta da Pousada por algumas horas?

Lorde Soren ergueu os ombros enormes e arreganhou as presas em um sorriso feliz que daria à maioria das pessoas uma vida inteira de pesadelos.

— Sim, —disse Maud. — Vamos cuidar dela. Dina, acho que você precisa dar uma olhada lá. Na entrada da garagem.

— Janela da frente, —murmurei e a tela mudou para a imagem da rua. Nele, um carro preto e branco estava estacionado na entrada do bairro de Avalon. Dois *Draziris* de moletom cinza estavam na calçada. O policial Marais pairava sobre eles.

Ah não.

— Amplie e aproxime, —falei para a tela.

A tela cresceu e ocupou a metade da parede.

— *... violando o artigo 3, subseções 1 a 3, 7, 12 e 16 do Tratado da Terra,* —disse o oficial Marais com precisão metódica. — *Vocês estão colocando em risco a posição neutra da Terra, facilitando a descoberta de civilizações externas e contribuindo para a violação do referido artigo, o que resultará em uma proibição permanente de sua espécie a partir desse ponto de referência. Mexam-se.*

Os dois *Draziris* não fizeram nenhum esforço para se mover.

Um caminhão passou, seguido por um Ford Explorer. Ninguém prestou atenção à cena. A presença de uma viatura preta e branca era como magia— todos se concentravam em dirigir sob o limite de velocidade e obedecer os sinais de trânsito.

O policial Marais suspirou e puxou um bastão de metal. O bastão se abriu em sua mão em várias partes individuais, movendo-se e deslizando-se para revelar um núcleo interno de luz dourada.

Eu quase olhei duas vezes. Os dois *Draziris* congelaram.

— *Mexam-se,* —ele ordenou.

Os assassinos encapuzados giraram e saíram correndo pela calçada.

— Sean Evans? —Eu perguntei. — Como o policial Marais colocou as mãos em um Vaporizador subatômico?

Sean sorriu.

******

Nós atravessamos as ruas de *Baha-char* envoltos em mantos marrons comuns, como dois anônimos. O dia havia chegado ao fim e uma curta noite de *Baha-char* estava chegando. Luzes acendiam nos terraços, algumas douradas, outras brancas, outras lavandas e azuis. Guirlandas de pequenas lanternas traçavam os contornos das bancas e lanternas elaboradas marcavam as entradas das lojas, cada lanterna mais estranha que a anterior. O comércio ainda estavam em pleno andamento. A vida em *Baha-char* nunca parava.

Viramos a esquina e nos misturamos ao emaranhando multicolorido de compradores que caminhavam pela rua.

— Então. *'Um assunto para resolver'*, não é? Você deu a ele um Vaporizador Subatômico.

— Ele é um policial. Precisa fazer com que os outros cumpram a lei. Não pode fazer isso estando inadequadamente desarmado.

— Você deu a ele uma arma que pode transformar qualquer criatura viva em uma nuvem de gás. Onde conseguiu um Vaporizador Subatômico?

— Eu dei porque sei que ele não vai usá-lo, a menos que seja absolutamente necessário.

Legal como ele ignorou a pergunta. — E se ele ficar maluco e acidentalmente vaporizar sua esposa? Ou ele próprio?

— Como você sabe que ele tem uma esposa?

— Ela tem um blog de tricô. Eu a sigo. Pare de se esquivar das minhas perguntas. Eles têm dois filhos. E se as crianças encontrarem o Vaporizador?

— Marais sabe como guardar suas armas corretamente. Coloquei o DNA e a impressão digital dele no Vaporizador. Está travado duas vezes. É quase impossível descarregá-lo acidentalmente. Ele opera telepaticamente por meio de um implante, então Marais teria que imaginar ativamente alguém explodindo para que a arma descarregasse. Se um de seus colegas policiais encontrar, acharão que é apenas um novo modelo de cassetete. Uma criança pode pegá-lo e jogar bolas de beisebol com ele o dia todo e não haverá chance nenhuma de descarregar.

Sean colocou a mão no meu cotovelo e acelerou.

— Estamos sendo seguidos?

— Sim.

— *Draziris*?

— Sim.

— Você realmente colocou um implante no oficial Marais?

— Sim.

— Sean!

— É um implante orgânico de dois milímetros. Está no couro cabeludo dele.

— E se ele tiver que passar por uma ressonância magnética porquê de repente teve uma concussão?

— É orgânico. Não aparecerá. Pare de ser tão pessimista.

Nós ziguezagueamos através da multidão.

— Eu não sou pessimista.

— Está brava porque eu não falei com você sobre isso.

— Sim. Sim, eu estou.

— Oh, amor, faço um monte de coisa que não te conto.

Idiota. — É mesmo?

— Sim.

Estávamos quase correndo agora. Os olhos de Sean brilharam âmbar. Uma linha escura de tatuagens subiu por seu pescoço sob a pele, protegendo pontos vitais.

— Eu tenho que manter um ar de mistério. Garotas gostam de um homem misterioso.

— Não me diga.

— Você sabe o que mais garotas gostam?

— Vaporizadores Subatômicos?

— E lobisomens. Garotas realmente gostam de lobisomens.

— Coitadinho, não pode nem andar na rua com esse tanto de mulher como moscas ao seu redor.

— Você não sabe a metade da história. —Ele olhou para trás, examinando a rua. — Sei que é muito difícil, Dina, mas tente resistir a mim. Estamos sendo perseguidos.

— Há muitos *Draziris* nos perseguindo?

Ele assentiu.

— Quantos?

— Muitos. Precisamos correr agora.

Nós corremos.

À frente, uma única lanterna azul iluminava a entrada da loja de Wilmos.

Atravessamos a porta e paramos.

A loja estava cheia de lobisomens. Grisalhos, vestidos em couro e roupas escuras, eles descansavam nas cadeiras, bebendo. Uma mesa ao lado continha *Baki*, um jogo de guerra jogado em um grande tabuleiro, com exércitos de pedras brilhantes. Entramos de cabeça em uma reunião de mercenários.

Sean se moveu na minha frente, seus passos fluidos.

— É ele? —Alguém perguntou.

— Sim, —Wilmos disse da direita, onde estava encostado no balcão.

— É ele.

Os lobisomens olharam para Sean. Sean olhou para os lobisomens. Todos pareciam calmos, como se nada de importante estivesse acontecendo.

— O que você precisa? —Wilmos perguntou.

— Transgate. Preciso levar minha namorada ao Santuário de Eno.

Ele disse que eu era a namorada dele.

A voz de Sean era medida e casual. — Precisamos de um tempo sozinhos, mas é quase impossível, temos companhia o tempo todo.

— O que está acontecendo? —Alguém lá atrás perguntou.

— Algo seguindo vocês? —Wilmos perguntou.

— *Draziris*, —disse Sean.

— Quantos? —Alguém perguntou.

— Vinte e três, —disse ele.

— *TEC?*[110] —Perguntou uma mulher lobo mais velha.

— Quarenta segundos, —disse Sean.

Um enorme lobisomem de pele escura deu um suspiro exagerado. — Se ao

menos tivéssemos algumas armas ...

Wilmos apertou um botão no balcão. As paredes giraram, exibindo centenas de armas em todas as formas e estilos imagináveis. Os lobisomens arreganharam os dentes.

— Bem, olhem para isso, —disse uma lobisomem mais velha. — Quantos brinquedinhos bonitinhos.

Wilmos acenou com a cabeça em direção à sala dos fundos. Sean pegou minha mão, me puxou e juntos atravessamos a sala para os fundos.

— Ei, alfa. Mostre para gente, —a lobisomem mais velha gritou.

Sean fez uma pausa e olhou para ela.

— Eles não vão deixar você entrar em Eno na sua pele humana, —disse alguém. — Mostra sua forma peluda aí.

Sean soltou meus dedos. Seu corpo se partiu em uma fração de segundo e uma enorme monstruosidade apareceu, desgrenhada, sombria, um terrível híbrido de humano e lobo que de alguma forma parecia natural e completo.

Todo mundo parou. Eles o encararam, e eu vi respeito nos olhos deles. Respeito e uma sombra de algo mais profundo, um tipo estranho de desejo, como se estivessem procurando por alguém a vida inteira e de repente o encontraram.

O monstro agarrou minha mão em seus dedos com garras e me puxou para a sala dos fundos, onde o arco de metal do Transgate esperava junto à parede.

Capítulo 13

Estávamos num planalto árido de rocha escura. Pedras cinzas projetavam-se aqui e ali, atravessadas por veias azuis. Acima, um céu noturno se espalhava, brilhando com uma névoa em madrepérola, como se alguém tivesse envolvido a camada superior da atmosfera em um véu perolado. Por trás da névoa, o céu noturno se espalhava, o tipo de céu que ninguém nunca esqueceria, vivo, com o pulsar das luzes das estrelas distantes e das nebulosas que se agitavam e se chocavam.

Eu já tinha estado aqui cinco vezes. As luzes nunca mudaram de lugar. Sempre foi assim: *uma névoa diáfana e o universo além, inacessível e frio.* Muito grande. Muito vasto. Se olhasse para ele por muito tempo sentiria

desespero.

Diante de nós, uma parede se erguia, com centenas de metros de altura, enorme, feita da mesma rocha que o planalto. Na parede havia um portão. Estava bem aberto e, de onde estávamos, vimos que tinha trinta metros de largura. Certa vez, olhei um pedaço de giz sob um microscópio durante meu breve período na faculdade. Não sei o que esperava encontrar, mas vi algo parecido com uma renda delicada em forma de círculos dentro de glóbulos, exceto que, em vez de fios, a renda era trabalhada com micro conchas de calcita produzidas por milhões de microrganismos. Os portões eram assim. Camadas e camadas de treliça cáqui elaborada em padrões estonteantes, alguns lugares parecendo teia de aranha, outros uma colmeia; outros ainda formando mandalas delicadas. Buracos perfuravam os portões aqui e ali, apenas para revelar mais padrões.

— *Eu não gosto disso,* —disse Sean em forma de lobisomem.

— É um lugar de serenidade, mas não de felicidade. Você tem que se transformar na forma de lobo agora. Os profetas o deixarão entrar se você parecer um animal. Eles vêem os animais como parte da natureza.

— Os portões parecem mandíbulas. Com dentes.

— Isso é porque eles são. Se você tentar entrar dessa forma como está agora, os portões se fecharam com você no meio.

Ele me estudou por um momento. — Nós podemos voltar.

— Não, não podemos. O Arquivariano está lá.

— Conte-me sobre este Santa Seramina.

— Eu a conheci quando Klaus e eu estávamos procurando meus pais. Algo em meu poder atrai os profetas de Eno. Eles sentem um parentesco comigo e me deixam entrar. Conversei com três deles, e Seramina foi um deles. Ela é uma *Kelah*. Seu povo vive em grandes cidades que eles chamam de ninhos. Cada ninho é liderado pelo par real e um Conselho de Assessores. Cada ninho também tem um Santo, um líder espiritual, aquele que todos buscam orientação. Os Santos veem o futuro, mas preveem apenas desastres, dessa forma podem salvar seu povo do infortúnio. Seramina previu uma criatura colossal que devoraria o ninho, mas ela não acreditou. A ameaça era muito bizarra. Ninguém jamais havia encontrado uma criatura assim. E Seramina estava acasalando na época, e o acasalamento interfere na capacidade do Santo de ver o futuro. A criatura chegou e devorou o ninho, comendo todos dentro, exceto ela. Ela assistiu todos eles morrerem. Agora ela está aqui, entre outros no Santuário.

— Essa é uma história adorável, —disse Sean. — Nós devemos voltar.

— Você pode esperar aqui, mas eu tenho que entrar.

Ele balançou sua cabeça. Seu corpo tremeu e uma enorme criatura parecida com um lobo trotou até mim. Coloquei minha mão nas costas peludas dele—ele era tão grande que não precisei me abaixar—e dei o primeiro passo através do portão. O portão permaneceu aberto.

Andamos em silêncio, o lobo e eu. Algo nos observava. Não pude ver, mas senti o peso do seu olhar. Eu não queria estar aqui.

O portão terminou. Um jardim se estendeu diante de nós, cheio de árvores largas, com a casca preta e lisa. Cada árvore estava distante uma das outras, suas folhas azuis escuras brilhavam em suas densas copas. Frutas bulbosas alaranjadas pendiam dos galhos, brilhando como lanternas de papel. Uma grama longa e sedosa, um cinza opaco e metálico, preenchia os espaços entre as árvores, espalhando-se à distância. Nenhum pássaro cantava. Nada perturbava o silêncio, exceto uma ocasional brisa que farfalhava os galhos. Eu lutei contra o desejo de me abraçar. Quando *Homero*[111] escreveu sobre as *planícies sombrias de Elísio*[112], onde os antigos heróis gregos viviam após a morte, ele deveria ter tido esse lugar em mente.

Sean arreganhou os dentes.

— Eu sei, —eu disse a ele.

Um turbilhão de minúsculas luzes brancas flutuaram das árvores, alinhando-se para iluminar um caminho na grama. Estávamos sendo convocados. Eu segui, Sean se movendo ao meu lado em patas silenciosas de lobo. Caminhamos mais fundo na floresta, mas as árvores não se tornaram mais densas. Permaneceu o mesmo: *uma árvore, algumas frutas e a grama, depois outra árvore* ...

Chegamos a uma clareira. Um muro de pedra bloqueava o caminho, inclinando-se ligeiramente para o lado, com a superfície coberta de musgo. As luzes brilharam e desapareceram.

Uma criatura saiu das sombras atrás do muro. Ela tinha dois metros e meio de altura, esbelta, com a pele cor de manteiga. Andava em duas longas pernas. Seus quatro braços, delicados e estreitos, lembravam um *louva-a-deus*[113] ou uma *libélula*[114], mas os olhos dela pareciam aos de uma coruja: *grandes discos vermelho-sangue com pupilas pretas redondas.* Uma túnica de pano cobria seu corpo, feito com camadas de tecido muito leve, claro e brilhante.

— Dinaaa. —Sua voz permaneceu no ar, recusando-se a desaparecer.

— Santa Seramina, —eu disse. — Você me chamou e eu vim.

— Você trouxe seu lobo. —Seramina disse. Os ecos de sua voz pairavam sobre a grama.

— Sim.

— Isso é bom, —disse ela.

Ela se ajoelhou ao lado de Sean e olhou nos olhos dele. **— Ele não gosta de mim.**

— Ele não gosta deste lugar.

Seramina se levantou**.** — Aqui é calmo. Tranquilo. Temos serenidade. Paz. Você precisará de paz em breve, Dina.

— Peço sua sabedoria, —disse as palavras rituais. — Peço sua orientação. Oh, Santidade, me diga que perigo existe no meu futuro.

— Será oferecido a você o que não poderá recusar, —ela sussurrou. — Isso matará tudo o que está vivo dentro de você.

O medo passou por mim. — Existe alguma maneira de evitá-lo?

— Não. Isso acontecerá. Você não pode impedir, porque não pode negar a sua própria natureza. —Ela se ajoelhou ao lado de Sean novamente, estudando-o. — Quando a alma dela se for, traga-a aqui. Ela nunca mais voltará, mas pode existir aqui, conosco. Pode ser uma de nós, sua alma destruída poderá descansar. Ela encontrará paz aqui. Essa é a minha profecia.

Ela se levantou e foi embora para as árvores.

Eu me virei e segui as luzes fracas. O Arquivariano estava sentado de pernas cruzadas, bem entre o portão. Mais à frente deles, um portal se abriu. Não era um portal feito por um arco tecnológico, nem um túnel, mas um rasgo irregular cortado através da realidade do espaço-tempo.

Em nossa aproximação, o Arquivariano se levantou e nos seguiu sem dizer uma palavra. Caminhamos através do rasgo. O universo morreu. Houve uma escuridão vazia e depois a sala dos fundos da loja de Wilmos surgiu à nossa volta. O ar cheirava a descarga de energia e pólvora. O som de muitas armas disparando ao mesmo tempo bateu nos meus ouvidos.

O lobo desapareceu e Sean surgiu, vestindo nada além de sua armadura subcutânea.

Ele me agarrou e me puxou para ele, seus olhos selvagens. — Eu nunca te levarei de volta para aquele lugar.

Seus lábios se fecharam nos meus. O beijo me queimou e por um momento provei Sean e a floresta dentro dele.

O corpo humano de Sean desapareceu e no seu lugar um enorme monstro lupino brandiu. Segurando sua faca verde, o mostro-Sean irrompeu pela porta da sala dos fundos direto para o tiroteio.

******

Pressionei meu corpo contra a parede e espiei pela porta. A parede da frente da loja de Wilmos tinha desaparecido. Um buraco irregular, com as bordas pegando fogo e crepitando, era a fachada da loja agora. Os lobisomens se escondiam atrás dos balcões, disparando rajadas rápidas em direção a rua, onde os *Draziris*, escondidos atrás de duas barracas mercantes viradas, devolviam o fogo.

Sean passou pela sala em uma velocidade sobrenatural, um borrão escuro que atravessou o buraco e irrompeu na rua.

Sean!

— Idiota! —A lobisomem mais velha gritou.

Os lobisomens entraram em um frenesi de tiros, tentando fornecer cobertura a Sean.

Wilmos sorriu.

De alguma forma, Sean atravessou os cinquenta metros que o separavam das bancas viradas. Ele pulou sobre o balcão esquerdo. Tiros ecoaram.

— Cessar fogo —O lobisomem grisalho de pele escura gritou.

Do outro lado da rua, alguém também gritou, um grito aterrorizado e desesperado, interrompido no meio da nota.

Um grupo de combatentes *Draziris*, vestidos em seus mantos claros, irromperam entre as duas barracas como peões fora de controle, quicando para cima e para baixo no meio da rua, caindo em cima de Sean e formando um aglomerado de *Draziris*.

— Espero que você tenha tirado dele uma amostra de DNA antes que o cortem em pedaços, —disse um lobisomem loiro.

— Espere e verá, —disse Wilmos.

O aglomerado de *Draziris* explodiu, os espaços entre os corpos se abriram por um momento e, dentro de sua profundidade, Sean se movia, como um raio. Ele golpeava em frenesi, seus movimentos curtos, precisos, mas fluidos, cortando, esfaqueando, cortando, rápido, muito rápido. Cada golpe cruel de sua faca derramava sangue. Sean cortava os *Draziris* como se fossem manequins parados. Manchas escuras espalharam-se pelo corpo de Sean, tornando o seu pêlo quase todo preto. As manchas deslizaram para a esquerda, cobrindo o estômago, depois subiram cobrindo o pescoço, impedindo que essas áreas fossem atingidas por algum golpe inimigo. Provavelmente era a sua armadura subcutânea subindo a superfície.

— Vocês estão vendo isso ... —alguém murmurou.

Os *Draziris* tentaram derrubá-lo, mas ele se moveu entre eles, cortando-os freneticamente e seguindo para o próximo antes que as suas vítimas tivessem a chance de cair. Um dançarino na ponta de uma lâmina.

Havia uma necessidade desesperada de como Sean se movia, como se estivesse tentando rasgar o tecido da realidade em pedaços. Ele me amava, eu percebi. Ele me amava muito, e as feridas de Nexus mal tinham sarado. A profecia o empurrou para o limite. Ele tinha que desabafar sua raiva ou isso o rasgaria de dentro para fora.

Os lobisomens se levantaram. Eles o observavam com aquelas expressões estranhas de desejo em seus rostos. Algo estava acontecendo entre eles, algo que eu não entendia direito.

Wilmos puxou seu tablet translúcido da parede. Seus dedos dançaram sobre ele.

Uma batida alta e insistente explodiu de alguns alto-falantes ocultos, a melodia selvagem e assustadora. Um coro masculino e feminino se juntou à música, cantando palavras desconhecidas, suas vozes se misturando em um único uivo poderoso. O cabelo na parte de trás do meu pescoço subiu.

Os mercenários de Wilmos arreganharam os dentes. O lobisomem de pele escura levantou a cabeça e uivou. À minha esquerda, a mercenária mais velha também uivou. À minha volta os olhos viraram âmbar, dourado e verde.

As paredes dos dois lados da luta choveram *Draziris*. Os reforços haviam chegado.

Os lobisomens tremularam, mudando para as suas formas de Combatentes e

atacaram. Vislumbrei Wilmos, seus olhos pegando fogo, suas presas à mostra, em um segundo seu rosto era ainda humano e no outro um monstro grisalho apareceu. Sua grande criatura de estimação, que parecia com um lobo desgrenhado, rosnou, correndo para a batalha corpo a corpo ao lado dele.

Eles caíram em cima dos *Draziris*, enquanto o hino de batalha de um planeta morto uivava em triunfo.

Eventualmente, não sobrou mais *Draziris* para matar. Os sobreviventes feridos fugiram. Ninguém os perseguiu. Parecia uma eternidade, mas meu telefone me disse que apenas cinco minutos se passaram desde que Sean e eu entramos na loja novamente.

Sean se aproximou de mim, encharcado e ensopado de sangue. Coloquei meus braços em volta dos ombros peludos molhados e o abracei. Ele suspirou baixinho.

— Vamos para casa, —eu disse.

— Eu também irei, —disse Wilmos.

— Cuidaremos da loja, —disse a mercenária.

Nós quatro, Sean, Wilmos, o Arquivariano e eu atravessamos as ruas de *Baha-char*. Ninguém nos atacou. Chegamos ao portal da Pousada, eu a abri e deslizamos para dentro.

Uma cápsula de estase subiu pelo do chão, engolindo o Arquivariano e o levou para se juntar ao resto de seus membros. Fiquei sozinha no corredor com dois lobisomens em forma de Combatentes, Wilmos tinha um focinho cinza e Sean era mais alto e tinha uma cabeça mais peluda. Meses atrás eu ficaria um pouco alarmada. Agora eram apenas negócios, como sempre. Suspirei e levantei o Campo de Força no lugar. Antes, sustentar o Campo era como vestir um casaco, agora parecia um carro pousado no meu peito. Mantê-lo estava me drenando tanto, que eu sentia cansaço nos meus ossos.

Tudo isso acabaria eventualmente e então eu descansaria.

Comecei a me mover. Os dois lobisomens precisavam de chuveiros.

— *Dina!* —Uma tela se abriu na parede e deslizou, combinando com o meu ritmo.

Os olhos de Maud eram do tamanho de discos voadores. — *Nós temos um problema.*

Droga, posso descansar um pouquinho? Apenas um pouquinho? Por favor,

pelo amor de tudo o que é sagrado neste universo infinito. — Que problema?

— *Um grande problema*, —minha irmã sibilou. — *Venha para cá.*

Havia estranhos na minha Pousada. Na minha sala da frente. Entrando pela minha porta. Acelerei. Os lobisomens me seguiram. Entramos na sala da frente. Duas pessoas estavam na minha sala, um homem e uma mulher, ambos de meia idade.

Havia algo vagamente familiar em seus rostos. Minha irmã aguardava à esquerda com uma expressão cuidadosamente neutra no rosto. Arland estava ao lado dela, claramente dividido entre sacar sua arma e tentar permanecer educado.

O homem e a mulher olharam para mim e depois para os dois lobisomens atrás de mim.

O homem desconhecido apertou os olhos. — Wilmos?

A mulher olhou para Wilmos, então seu olhar deslizou para a esquerda. Sua voz era um sussurro. — Sean?

O grande monstro-Sean abriu suas mandíbulas. — *Mãe? Pai? O que estão fazendo aqui?*

Oh merda!

******

A mãe de Sean era baixinha, loira e um pouco gordinha. Se eu topasse com ela durante uma visita ao supermercado, eu teria sorrido, me desculpado e iria embora. Ela estava olhando para Wilmos agora, e havia uma loba dentro de seus olhos, uma loba assustadora e louca. Quando a senhora abriu a boca, sua voz congelou o ar na sala.

— Wilmos, como você conhece nosso filho e por que ele cheira a sangue?

— *Uh* ... —Wilmos disse.

O pai de Sean largou as malas. Ele parecia muito com Sean, atlético, de ombros largos, cabelos castanhos cortados curtos. Seu olhar prendeu Wilmos como uma adaga.

— Há quatro meses, Agran me ligou e disse que havia uma guerra em Nexus e que você estava fornecendo aos Mercadores um general atrás do outro, toda vez que um deles morria. Ele disse que o último desses generais, enviado por você, era excepcional e havia rumores de que o rapaz era um lobisomem

Alfa. Eu não acreditei, porque toda vez que um combatente nesse nível aparece, nosso pessoal recebe crédito.

Wilmos deu um passo cuidadoso para trás.

— Você enviou meu filho para Nexus? —O pai de Sean rosnou. As tatuagens em espiral apareceram em seu pescoço.

Ah não. Não, eu não queria contê-lo. Isso não causaria uma boa impressão.

Wilmos abriu a boca.

— Corwin, —a mãe de Sean disse suavemente. — Sean está usando uma *Auroon Doze.*

— Wilmos? —O pai de Sean rosnou.

O velho lobisomem suspirou. — *Sim.*

— Como você ousa! —A raiva fazia o rosto da mãe de Sean tremer. — Nós sobrevivemos. Escapamos. Construímos uma vida, para que nosso filho nunca tivesse que lutar da maneira que lutamos. E você, seu imbecil obsessivo, seu verme, você ... você o enviou para o Nexus!

O corpo do pai de Sean tremeu. Um grande lobisomem escuro surgiu e pulou em direção a Wilmos. Eu deixei seus pés saírem do chão e, em seguida, a Pousada o capturou no ar no meio do salto. Ele era forte. Realmente forte.

Um segundo lobisomem saltou. Sean deu um passo à frente sem problemas e a pegou. Ela rosnou.

— *Mãe,* —disse Sean gentilmente. — *Vocês não estão causando uma boa primeira impressão.*

— *Sean William Evans, me solte neste instante!*

— *Eu não posso fazer isso.*

Ela se esforçou contra ele. Os músculos dos braços de Sean se destacaram.

— *Aquela garota ali,* —Sean disse calmamente. — *Ela é a minha garota. Se ela for forçada a contê-la no chão para mantê-la parada, a situação ficará estranha.*

Sua mãe arreganhou os dentes e de repente parou. — *Espere o que?*

— Acho que todos devemos nos acalmar, —eu disse. — Alguém gostaria de um chá?

— Sim, —disse Arland, finalmente quebrando seu silêncio. — O chá seria uma ideia muito boa.

Demorou cerca de meia hora para os lobisomens tomarem banho, pararem de rosnar e se instalarem na sala de jantar. Arland, minha irmã e o restante dos hóspedes sabiamente decidiram dar-lhes um pouco de privacidade. Aparentemente, os pais de Sean não tinham uma boa impressão sobre Arland. Sean deve ter contado a eles algumas coisas que aconteceram quando Arland e ele chegaram à Pousada pela primeira vez, porque quando Maud tentou explicar a ausência de Arland a Sean, seu pai sugeriu que talvez Arland quisesse se encontrar com eles no pomar e que ele poderia tomar um café primeiro, se isso fosse lhe dar coragem. Arland havia me informado discretamente mais cedo que, para evitar um incidente sangrento, ele lhes daria algum espaço para respirar. Até Caldenia ficou longe, o que foi melhor, porque eu não queria ter que me desculpar com os pais de Sean pelos comentários de Sua Graça sobre como os lobisomens eram deliciosos.

Também me tornei ausente e fui terminar a decoração de Natal. Eles tinham muito o que conversar, e era melhor se eu não estivesse presente.

A profecia de Seramina estava no meu cérebro como uma pedra fria. Eu simplesmente não conseguia parar de pensar sobre isso. *Era sobre meus pais? Era sobre a Pousada? Era ... Não importava.* Fosse o que fosse, logo eu saberia.

Uma hora depois, terminei a decoração da árvore e do Grande Salão. A Pousada era agora um país das maravilhas do Natal. Pena que não teríamos neve. Infelizmente, eu não conseguia controlar o clima.

A decoração não me fez sentir melhor.

Meu celular tocou. Eu atendi.

— *Dina*, —disse o Senhor Rodriguez. — *Boa tarde.*

— Oi. Ouviu alguma palavra da Assembléia?

— *Você ouviu alguma coisa?*

— Não. Pensei que talvez você tivesse.

— *É a sua Pousada*, —disse ele gentilmente. — *Quando a Assembléia decidir sobre o que fará, você saberá.*

Meu coração afundou.

— *Como você está?*

— Estou cansada, —eu disse. — Tenho sustentado um Campo de Vácuo e

está ficando mais difícil.

— *Quanto tempo?* —Preocupação vibrou em sua voz.

— Muitos dias.

— *Dina, o Campo é uma solução de curto prazo. Não é aconselhável mantê-lo por mais de quarenta e oito horas. Você sabe disso. Não pode continuar o sustentando.*

— Está tudo bem, —eu disse a ele. — Não tenho dormido muito bem, é só isso.

— *Tony está indo para te ajudar.*

— Senhor Rodriguez, está tudo bem, eu realmente estou bem. Minha irmã está aqui me ajudando.

— *Pelo que sei sua irmã não é uma Estalajadeira ativa há muito tempo. Tony é forte e capaz. É nosso dever, como companheiros Estalajadeiros, ajudar em casos como este. Ele te ajudará. Além disso, seu chef disse ao meu chef que vocês terão um banquete de Natal. Tony ficou muito entusiasmado. Aquele rapaz ama mais a comida do que os peixes amam a água. Vai dar tudo certo, Dina. Vai tudo ficar bem.*

A fadiga apareceu, minando toda a minha força. Eu não tinha energia para discutir.

— Certo. Obrigada.

— *Não há de que.*

Ele desligou.

Eu não precisava de Tony aqui. O que eu precisava era o fim desse conflito com os *Draziris*. Então poderia descansar e dormir. Por enquanto, teria que me contentar em parar de pensar na profecia. Voltei para a Sala de Guerra, me arrastei para a minha cadeira e abri o arquivo *Draziri*.

A imagem do deus *Draziri* apareceu na tela grande. Uma criatura bonita, com um pescoço elegante e uma pequena cabeça redonda, lembrou-me um cisne, mas em vez de asas de penas, tinha asas membranosas, delicadas e de tirar o fôlego. Translúcidas, elas giravam em torno dele como as barbatanas de um *peixe Betta*[115]. Diferente dos *Draziris*, não tinha bico, apenas uma pequena boca. Seu rosto era de um tom azul muito claro, com dois olhos brilhando como safiras. A cor descia pelo pescoço, escurecendo gradualmente, tornando-se turquesa, depois azul escuro, antes de se transformar em um branco puro e

depois avermelhar nas asas.

Os *Draziris* não tinham asas. Talvez eles os tenham perdido durante sua evolução. Talvez nunca as tiveram. Mas as cores nas asas de seu deus causariam inveja a uma nebulosa. A razão do deus dos *Draziris* ser retratado dessa forma era a mesma pela qual os gregos antigos esculpiam o auge da perfeição humana em mármore sempre que quiseram retratar um deus. Era um ideal e uma idéia, o desejo de voar pelas nuvens nas asas da cor do fogo estelar, livre da gravidade. Livre do mundo.

Eu já tinha lido esse arquivo de uma ponta a outra. Não havia nada que eu pudesse encontrar que me dissesse por que os *Draziris* haviam declarado uma Cruzada Sagrada contra os *Hirus*. O planeta dos *Hirus* tinha uma característica única, uma combinação extremamente rara de elementos na sua atmosfera e no solo, o que garantia a sobrevivência deles. Não havia nenhum outro planeta parecido, o que explicava o porquê, apesar de ser uma raça avançada, os *Hirus* nunca se espalharam pela galáxia. Eles não apresentaram nenhuma ameaça. Estavam presos ao planeta natal. *Então, por que matá-los? O que poderiam ter feito para justificar tal extermínio?*

Talvez, fosse apenas por convicções e princípios. Os *Draziris* viviam em uma teocracia, liderada por um deus-rei. Seus Sacerdotes agiam como legisladores. Talvez quando os *Draziris* começaram a se aventurar no espaço, os Sacerdotes ficaram preocupados com o fato de sua sociedade não sobreviver à colisão com outras civilizações e serem extintos. Na Terra, quando o *Papa Urbano II*[116] quis consolidar seu poder, ele iniciou a primeira Cruzada. Talvez os Sacerdotes *Draziris* tenham decidido que uma Cruzada Sagrada seria uma ótima maneira de permanecer no poder. Eles olharam em volta da galáxia, viram seus vizinhos mais próximos e disseram: — *Aqueles seres são feios e cheiram mal. Eles dariam um inimigo perfeito. Vamos matá-los em nome de nosso primoroso deus.*

— Lindo, —a mãe de Sean disse atrás de mim.

— Os *Draziris* são criaturas bonitas. Faz sentido que eles tenham um deus bonito. É uma pena que a religião deles seja tão feia.

— Obrigada por salvar meu filho, —disse ela.

— Não é necessário agradecer. Eu o amo. —Essa foi a primeira vez que eu disse isso em voz alta. Dizer a ela era mais fácil do que dizer a Sean.

— Ele também te ama.

— Eu sei.

— Meu nome é Gabriele.

Eu levantei. — Prazer em conhecê-la.

Ela deu um passo à frente e me abraçou. Eu a abracei de volta.

— Sinto muito por ter contido seu marido.

— Você é uma Estalajadeira, —disse ela. — Ele não guarda rancor. Nós dois sentimos muito. Sean não nos contou. Sobre Nexus, ou Wilmos, ou nada disso. Ele geralmente volta para casa no Natal. Liguei para saber se vinha e ele pareceu tão distante. Eu senti que estava perdendo meu filho.

— A culpa é minha, —eu disse a ela. — Nexus e Wilmos. Levei-o para *Baha-char*. Eu sabia que no momento em que ele entrasse na loja de Wilmos, eu o perderia, pelo menos por um tempo. O universo é tão vasto e sedutor.

Ela balançou a cabeça. — Não foi culpa sua. Está no sangue dele. Sean precisava testar seus limites. Meu filho tem o sangue *Auul* nas veias. Ele estava sempre inquieto. A Terra simplesmente nunca foi o suficiente. Eu costumava me preocupar que o perderia em uma guerra idiota a milhares de quilômetros de distância. Eu não tinha ideia de que quase o perdi para Nexus. Arrancaria a cabeça de Wilmos se Sean me deixasse. Nexus era uma armadilha perfeita para ele. Sean não teria se libertado se não fosse por você.

— Ele teria eventualmente.

Ela balançou a cabeça novamente.

Lorde Soren apareceu na porta e pigarreou.

— Com licença, por favor.

Ela assentiu.

Levantei-me e fui até Lorde Soren.

— Posso falar com você em particular? —Ele perguntou.

O que era agora? — Claro. —Eu o guiei pelo corredor, construí um quarto simples e abri uma porta na parede. — Por favor.

Entramos e fechei a porta atrás de nós.

— Como posso ajudá-lo, Lorde Soren?

— Soube que seu pai é considerado um herói entre os Estalajadeiros

O que? — Sim.

— Por quê?

— Meu pai era hóspede em uma das Pousadas, quando o Estalajadeiro e seus filhos foram atacados. Ele os defendeu. Isso é muito incomum para um hóspede.

— Ele conseguiu salvá-los?

— Em parte. Ele conseguiu tempo suficiente para tirá-los de lá, as crianças sobreviveram, mas o Estalajadeiro morreu devido aos seus ferimentos. Meu pai ficou preso dentro da Pousada até que minha mãe o libertou séculos depois.

Lorde Soren assentiu, seu rosto sério. Claramente, isso era terrivelmente importante.

— Você conhece sua família do lado de seu pai?

— Não.

— E da sua mãe?

— Alguns membros. Não mantemos os mesmos registros meticulosos que seu povo mantém. —Acenei minha mão. Uma pequena tela se abriu na parede e a foto dos meus avós maternos apareceu. Eles estavam sentados juntos, meu avô em seu uniforme da Marinha e minha avó em um lindo vestido azul. Quando saí para a faculdade, levei muitas fotografias comigo. Elas eram tudo o que me restava agora. — Este é meu avô e avó. Ele era bombeiro. Minha avó era professora.

Lorde Soren apertou os olhos. — Isso é uniforme militar?

— Meu avô serviu na Marinha durante a guerra do Vietnã.

— Essas medalhas são símbolos de honra ao mérito?

— Sim.

— Então, sua família entende sobre tradições bélicas.

— Claro. Meu avô serviu na Marinha. Seu pai esteve nos fuzileiros navais durante a Segunda Guerra Mundial.

— E seus antepassados têm vida longa?

Isso estava ficando cada vez mais estranho. — Para humanos, sim.

— Alguma anormalidade genética?

— Não que eu saiba. Lorde Soren, onde quer chegar com isso?

— Diligência devida. —Lorde Soren assentiu, muito sério.

Algo roçou no Campo de Vácuo. Eu me virei. — Com licença. Janela da frente.

Uma figura solitária e esbelta estava na entrada da garagem, segurando uma pequena bandeira branca em uma mão. Ela estava usando uma mochila escolar, dessas de pendurar nas costas, só que a mochila estava ao contrário, pendurada na frente do seu corpo. Cintos grossos vermelhos escuros prendiam-na, envolvendo-a com força na cintura e nos quadris. Na mochila, em letras grandes, alguém havia escrito em pincel marcador preto **Sinta-me.** As letras eram tortas e inseguras, desenhadas ao invés de escritas.

Abaixei o Campo de Vácuo por um momento.

Algo me esperava naquela mochila, algo quente e vivo, mas frágil, algo que eu precisava nutrir e cuidar. Brilhava como uma estrela e estava assustada. A onda de medo rolou sobre mim. Suor frio irrompeu na minha testa. Eu queria abraçá-lo e mantê-lo seguro. Eu faria qualquer coisa para mantê-lo seguro.

Não poderia ser ... Não! Meu pulso disparou. Sangue bateu na minha cabeça. *Não!*

A Pousada rangeu ao meu redor, esticando-se, tentando alcançar a mochila, toda Gertrude Hunt se concentrou naquilo. Eu nunca senti que queria tanto algo.

Levantei o Campo de Vácuo de volta no lugar, corri para a porta, entrei no corredor e quase colidi com Maud.

Minha irmã agarrou meus ombros. — O que é isso? O que está acontecendo?

— Preciso ir lá fora!

— Por quê?

Eu mal conseguia falar as palavras. — Os *Draziris* possuem uma semente de Pousada.

Capítulo 14

Andei em direção ao final da garagem. Maud havia lutado comigo. Ela queria sair lá fora sozinha, mas eu venci. Era minha Pousada, afinal. Agora, Maud observava todos os meus movimentos pelas telas dentro da Pousada. Se algo acontecesse comigo, ela manteria os hóspedes em segurança.

A semente era uma coisa viva, uma pequena Gertrude Hunt a espera de ser plantada. As sementes de Pousada não eram apenas raras, eram quase inexistentes.

Às vezes surgia duas em um século, às vezes apenas uma. Eu era uma garotinha da última vez que uma Pousada produziu uma semente. Não foi a nossa Pousada que produziu, mas comemoramos por três dias mesmo assim. Todas as tarefas foram canceladas. Tivemos um grande jantar e meus pais ficaram muito felizes. Uma nova semente era uma celebração da vida. Isso significava que uma nova Pousada seria cultivada e cresceria. *Como diabos os Draziri encontraram uma?*

Cheguei ao final da garagem. Uma única Draziri me olhava. Ela era jovem, provavelmente ainda adolescente, com olhos azuis intensos, rosto bege claro e uma longa juba de plumagens brancas que nas pontas escureciam na cor lavanda. O mesmo desenho de linhas prateadas que Kiran Mrak usava decorava sua testa, o que significava que eles estavam relacionados. Ela parecia delicada e frágil e eu tive a nítida impressão de que, se eu desse um soco nela, seus ossos quebrariam.

A criatura abriu a mochila e se inclinou para mim. A semente jazia dentro, uma esfera marrom clara do tamanho de uma bola de basquete iluminada por dentro por magia, envolvida em uma rede tecida de fios esverdeados e úmidos. Olhei melhor para mochila e vi que não tinha a parte de trás e os fios verdes se enterravam diretamente na carne da *Draziri*.

Bile disparou na minha garganta. Eu engoli a ânsia de vômito. A semente foi capturada na teia de um Jardineiro. Um organismo parasita, que uniu a semente a menina *Draziri*, forçando a semente alimentar-se da menina. Agora o medo no rosto da garota fazia sentido. A semente já havia brotado. Esgotara todos os seus próprios nutriente e crescera demais. A teia havia revestido a casca e a mantida no lugar, transformando o *pericarpo*[117] protetor, a parte externa da semente, em uma prisão. Presa e incapaz de crescer, o broto da nova Pousada estava morrendo lentamente.

Se eu arrancasse a semente da garota, a teia provavelmente arrancaria a casca. No momento em que a semente estivesse livre, ela se enraizaria e brotaria. O problema era que a semente não poderia brotar aqui. Este lugar já estava ocupado por Gertrude Hunt. As raízes de Gertrude Hunt se estendiam para longe, seus galhos se espalharam pelo tecido do tempo e do espaço, alterando-o para sempre, e a área dessa distorção era muito maior que a cidade de Red Deer. Duas Pousadas não poderiam coexistir tão perto uma da outra. Elas tinham que

estar a centenas de quilômetros de distância.

Se eu deixasse a semente brotar aqui, ela morreria. Gertrude Hunt sentiria seu nascimento e sua morte, e se minha Pousada percebesse que sua presença era responsável pela morte de uma semente ... Nunca se recuperaria. Eu nem tinha certeza de que sobreviveria. Não tinha certeza se nem mesmo eu sobreviveria.

Como faço para resolver isso?

A teia de um Jardineiro pode ser removida, com tempo e determinação adequada. Eu já tinha feito isso antes, quando era a Jardineira da Pousada dos meus pais. Eu poderia fazê-lo novamente, dada a oportunidade, e a Assembléia seria capaz de fazê-lo ainda mais rápido. Eu tinha que tirar a semente dessa garota e tinha que fazê-lo com a teia de Jardineiro intacta.

— O que você quer? —Eu perguntei.

A garota levantou uma tela pequena. O rosto de Mrak apareceu, seus cabelos brancos emoldurando-o.

— Preciso explicar por que você não pode machucá-la?

— Não.

— Bom. Ela está usando uma unidade médica. Se você puxá-la para dentro e erguer esse Campo de Força, no momento em que o Campo interromper meu sinal, a unidade médica liberará um hormônio que separará a rede, matando-a. Fui claro?

Nada de Campo de Força, ou a semente brotaria. Entendi. Ele sabia demais sobre como as Pousadas funcionavam. Alguém estava fornecendo essas informações a ele.

Nenhum dos Estalajadeiros na Terra o ajudaria. Tinha que ser alguém de fora. Talvez o mesmo alguém que enviou um Estalajadeiro corrompido atrás de nós em *Baha-char*. Depois de resolver essa bagunça, eu teria que levar tudo isso à Assembléia.

— O que quer? —Eu repeti.

— Gostaria que conversássemos como pessoas civilizadas. Vamos conversar, vamos tentar chegar a um acordo razoável. Por favor, deixe-a entrar.

Era uma armadilha. Tinha que ser uma armadilha de algum tipo. Se eu a deixasse entrar, deixaria a Pousada exposta. Mas se eu dissesse não, e a semente brotasse, mesmo que estivesse a dez quilômetros de distância, ela pereceria. Eu tinha que salvar a semente. Era uma Pousada, uma vida.

No terreno da Pousada eu era mais forte. Tinha que conseguir tirar essa semente deles. Nada mais importava.

— Decida, Estalajadeira. Esta criança está aterrorizada. É um fardo pesado para alguém tão jovem.

Ela parecia aterrorizada. A menina estava realmente tremendo. — Não tente nada, —eu disse. — Não estou com disposição para ser gentil.

— Eu te dou minha palavra. Simplesmente quero conversar.

Desliguei o Campo de Vácuo e a observei pisar no terreno da Pousada. A semente se aproximou de mim. Era frágil, indefesa, e precisava de mim. Minha magia se agitou. Gertrude Hunt sentiu a semente e estava forjando uma conexão. Eu cerrei os dentes. *Não.*

A Pousada tentou novamente.

Não. Ergui uma barreira ao meu redor e ao redor da garota e joguei meu poder na barreira.

Se a Pousada se conectasse à semente e o impensável acontecesse, Gertrude Hunt pereceria. Eu tinha que protegê-la da conexão. Mas não conseguiria me proteger. A semente estava cada vez mais próxima de mim e a compulsão para protegê-la era esmagadora.

A *Draziri* me observava. Não havia como deixá-la entrar no prédio da Pousada. Seria quase impossível impedir Gertrude Hunt de se ligar à semente.

— Venha comigo.

Eu a levei para o quintal e acenei com a mão. Um piso deslizou pela grama, trazendo duas cadeiras. Os olhos dela se arregalaram. Sentei em uma cadeira e apontei para a outra. A jovem *Draziri* sentou-se, segurando a mochila.

Estávamos no meio do quintal, longe o suficiente da casa.

Gertrude Hunt encostou-se na minha barreira. A semente se mexeu. Tentáculos fracos e hesitantes de sua magia escaparam, buscando a conexão.

Estou aqui. Não precisa ter medo.

A semente tocou minha magia e se acalmou. Como um bebê quando escuta uma canção de ninar.

— Os *Hirus* são uma abominação, —disse Mrak na tela. — Eles são repugnantes. São um erro. Não há erros na vida. A vida é perfeita, como essa garota na sua frente. Como a semente que ela carrega. Os *Hirus* devem morrer.

— Você realmente acredita nisso?

— É suficiente que meu povo acredite.

— Vocês destruíram o planeta deles, —eu disse. — Restam poucos deles, aqueles que estavam no espaço, longe do seu planeta natal. Eles não lutarão com você. Só querem viver em paz.

— Minha mãe também, —disse Mrak. — Ela quer morrer em paz, sabendo que ela e todos o seu povo do Clã encontrarão o paraíso.

— Onde você conseguiu a semente? —Eu perguntei. — Elas são muito raras.

— Eu tenho conexões.

— A criatura sombria que me perseguiu em *Baha-char* também era sua?

Ele levou uma fração de segundo para responder. — Sim.

Ele mentiu. Não sabia nada sobre o Estalajadeiro Corrompido. Eu vi a surpresa em seus olhos.

— Sua conexão se tornou proativa e enviou a criatura para me perseguir?

— Como eu disse, a criatura era minha.

— Essa criatura é uma escuridão viva. É morte e corrupção. Quem o fez tem planos sombrios e não te deixará viver.

— Você é uma criatura notável, —disse Mrak. — Aqui estou, oferecendo-a algo de seu agrado, e você está tentando arrancar informações de mim. Você faria um animal de estimação muito interessante.

— Só nos seus sonhos.

Ele se apoiou no cotovelo. — O que você me deixaria fazer por causa dessa semente?

E essa conversa correu para um lado estranho.

— Não precisa responder. Sei que faria qualquer coisa. Sei que se rebaixaria, mas não precisa. Me dê os *Hirus*.

— Há algo errado com você, —eu disse.

— O tempo para insultos já passou.

— Não quis dizer isso como um insulto. Existe realmente algo profundamente errado com você. Como é que você nunca aprendeu a ser uma criatura decente?

Ele olhou para mim. — Sou uma criatura decente.

— Você atravessou incontáveis anos-luz até um planeta neutro e pacífico para matar duas criaturas que não o prejudicaram de forma alguma. Com esse objetivo, matou dezenas de vida de seu povo e agora se senta aqui e faz comentários desagradáveis sobre me torturar, como se isso de alguma forma consertasse tudo e o fizesse vitorioso. Que tipo de ser decente faz isso?

Ele pareceu surpreso.

— Ficar aqui não trará seus mortos à vida. Matar seres indefesos que apenas querem ser deixados em paz não ganhará nenhuma absolvição. Pense nisso. Que tipo de religião exige isso? Por que alguém iria querer fazer parte disso?

— Dê-me os *Hirus.*

— Sua mãe está morrendo e isso é terrível. Mas todas as criaturas morrem. Se você tivesse a opção de salvar uma criança ou uma pessoa idosa, você a salvaria, não é? As crianças são o futuro. Elas são o que nos leva adiante como seres vivos. Você está jogando fora seus jovens lutadores. Olhe para essa garota que enviou aqui. Ela está apavorada. Você é o líder do Clã dela. Ela confia em você e obedece a você. A menina não deveria receber algo em troca?

— Ela conhece seu dever, —disse ele.

— Digamos que você mate os *Hirus*. O que ganhará com isso? Ainda terá perdido o futuro do seu Clã. Passará gerações até o *Bando Espectro* se recuperar. É sua responsabilidade como líder manter seu povo seguro e cuidar deles para que possam prosperar.

A dúvida apareceu em seus olhos. — O que são alguns poucos anos neste mundo em comparação com uma eternidade no paraíso?

— Você não acredita em paraíso. Se acreditasse, não teria matado um Onizeri. E se não houver um paraíso, Kiran? E se for uma mentira?

Ele sabia. Eu vi no rosto dele. Sabia que o paraíso deles era uma mentira, mas ele tinha ido longe demais. — Você é uma herege, —disse ele, sua voz calma. — Um incrédula.

Eu o perdi. Por um breve momento, consegui pegá-lo, mas agora eu o perdi. — Assim como você. Por que não vai embora? Deixe tudo para trás e viva sua vida da maneira que quiser. Você é livre para fazer suas próprias escolhas.

— Não, —ele disse. — Liberdade é uma ilusão. Estamos presos por

restrições por todos os lados. Família, Clã, religião, moral, deveres, tudo isso são restrições. Para alguém que vive em um cruzamento de mundos, você é ingênua.

— Se não pode ser livre, qual é o sentido de tudo isso?

— Me dê os *Hirus*. Ninguém precisa saber. Podemos fazer isso de uma maneira que ninguém a culpará. Prometo que a morte deles será rápida e indolor.

Eu queria a semente. Ela me chamava. Eu estava o enrolando esse tempo todo, mas não pensei em uma saída. Sem planos brilhantes. Sem artifícios elaborados. Eu me sentia muito impotente.

— Não há nada para pensar, Estalajadeira, —a voz de Mrak flutuou da tela, suave e sedutora. — A semente em troca de duas vidas que já estão perdidas de qualquer maneira. Eles não têm mais planeta. A tecnologia deles está morrendo. Os *Hirus* mal conseguem se manter vivos. A morte para eles é uma misericórdia. Tome sua decisão.

— Por favor, dê o que ele quer, —a menina *Draziri* sussurrou. — Por favor.

Parecia que eu estava sendo rasgada em duas. A semente estava ali, chorando, implorando para ser salva. Eu podia sentir os dois *Hirus* dentro da Pousada. Eles estavam na Sala de Guerra, provavelmente assistindo tudo isso na tela grande. Eles estavam muito próximo um do outro. Eu me perguntei se estavam de mãos dadas.

— Por favor.

Ouvi minha própria voz. — A segurança dos meus hóspedes é minha maior prioridade. Vocês não encontrarão sacrifícios aqui.

— É uma pena, Estalajadeira.

A menina *Draziri* gritou. A teia de Jardineiro disparou dela, agarrando-me, conectando-me a menina *Draziri*. Ela rasgou suas roupas. Um objeto de metal cheio de fios estava preso ao peito. Uma bomba, uma pequena caixa com explosivos potentes usado para quebrar os cascos das naves espaciais. Um lamento fraco cortou meus ouvidos—a bomba foi acionada. A detonação era iminente. Eu tinha segundos.

Não havia tempo para me libertar da teia.

Abri um portal para a conexão mais distante que a Pousada tinha. As partículas de areia alaranjadas do planeta Kolinda rolaram na minha frente sob um céu roxo ameaçador. O portal se abriu em um penhasco.

Eu me joguei pelo portal, levando a garota Draziri comigo e fechei o portal

atrás de mim. Caímos pelo penhasco em uma queda livre.

Era o fim.

Eu bati no chão. O impacto sacudiu meus ossos. A mochila com a semente pousou em cima de mim, a teia se esticando, prendendo-a em mim.

Pisquei, tentando recuperar minha visão. Caímos em uma estreita saliência de pedra ao longo do penhasco. O abismo se abria abaixo de nós.

— Socorro! —A *Draziri* gritou.

Onde ela estava?

A teia verde se estendeu de mim em direção a borda da pedra.

Eu me arrastei até a borda. A garota estava pendurada abaixo da borda. A teia que nos ligava era muito fina. Manchas cinzentas se espalhavam por ela. Estava morrendo.

Eu tentei alcançá-la. Meus dedos ficaram centímetros dela. Se eu a puxasse, poderia arrancar a bomba.

— Ajude-me!

A teia quebrou. A menina mergulhou e desapareceu em uma explosão de fogo. Atrás de mim a semente brotou. Eu me sentei. Um broto brilhante com duas folhas se estendeu dos restos da casca. Lágrimas rolaram pelo meu rosto. O broto estava muito fraco.

Sua magia gritou, buscando uma conexão. Estava assustado e sozinho. Coloquei-o em meus braços, abraçando-o, protegendo-o, tranquilizando-o de que não estava sozinho. Era uma Pousada e eu era uma Estalajadeira.

O pequeno broto enrolou em torno de mim.

Encontrou paz.

E então morreu.

******

Não havia luz. Apenas escuridão. Nem frio nem quente. Não havia nada. O vazio me cercou e eu não tinha vontade de me libertar dele. Não havia sentido.

— Dina!

Sean me pegou. Ele me beijou. Ele me abraçou, mas eu não senti nada. A

escuridão era muito densa.

Sean estava chamando meu nome, mas eu não tinha vontade de responder.

Ele parecia aterrorizado. Eu não me importei.

— Dina, fale comigo. Por favor, fale comigo. Por favor.

Não sentia nada.

— Fale comigo. Qualquer coisa. —Ele me abraçou apertado novamente. — Estou aqui. Tudo vai ficar bem. Estou aqui.

Ele pulou para o alto, comigo nos braços, me carregou do penhasco até o portal e juntos atravessamos o rasgo da realidade de volta para Gertrude Hunt.

A magia da Pousada me alcançou. Eu a observei se aproximar e tentar me alcançar. A magia bateu contra a barreira ao meu redor e caiu para trás. Não havia sentido. Minha pequenina Pousada morreu. Eu a segurei em meus braços e depois morreu. Sentir o pequeno broto morrer e eu morri com ele. Tudo acabou.

Minha irmã chorava e me abraçava. Minha sobrinha chorava também. Orro me trouxe biscoitos. Caldenia disse algo, assim como Arland. Nada disso importava. Havia apenas eu e a escuridão.

******

— Cure-a!

Minha irmã de novo. Algum outro Estalajadeiro. Tony. O nome dele era Tony. Olhava para mim como se estivesse vendo uma morta-viva. Era isso que eu era. Uma morta-viva. Respirava. Ouvia. Assistia. Mas nada mais vivo permaneceu aqui dentro.

— Eu não posso. Ela se uniu à semente. Dina não poderia deixá-la morrer sozinha, então se conectou com ela. A Pousada dela está morta.

— A Pousada dela está bem aqui, —Sean rosnou.

— As Pousadas são organismos de imenso poder, —disse Tony. — Elas se enraízam em diferentes dimensões, distorcem a realidade e criam matéria a partir de componentes básicos. As pessoas esquecem o quão poderosas são, porque obedecem aos Estalajadeiros, mas sua magia é imensa. Uma Pousada requer um Estalajadeiro. Ele não pode existir sem um, por isso forma um relacionamento simbiótico com um humano e, em seguida, direciona toda a sua magia e poder para fortalecer esse vínculo. Os Estalajadeiros vivem no microcosmo das

Pousadas durante anos, expostos à sua magia e influenciados por ela. Eles passam por uma mudança que não entendemos completamente, porque as Pousadas existem em planos e níveis que não podemos compreender. Sabemos que a preservação e o vínculo com a Pousada se tornam a própria essência do ser do Estalajadeiro.

Ele parou, olhando-os.

— Se a semente da Pousada tivesse brotado em qualquer lugar a menos de quinze quilômetros de Gertrude Hunt, a magia de Gertrude a sufocaria. Essa Pousada sentiria a morte da semente e, muito provavelmente, o sofrimento causado por isso a mataria e mataria todos nós aqui dentro. Dina não podia deixar isso acontecer. Ela tirou a semente da área de Gertrude Hunt, mas depois que fez isso, Dina estava fora de sua zona de poder.

— No momento de seu nascimento, as Pousadas possuem apenas um objetivo: *encontrar um Estalajadeiro.* Aquela pequena Pousada no penhasco estava muito frágil, porque seu broto ficou preso por muito tempo dentro da casca da semente, mas seu poder ainda era maior do que qualquer um de nós poderia imaginar. Dina não podia deixá-la morrer. É o mesmo instinto que faria um ser humano mergulhar na água gelada para salvar um bebê se afogando. A pequena Pousada estava aterrorizada. Ela procurou um vínculo, e Dina a confortou e estabeleceu um vínculo com ela, tornando-se a Estalajadeira daquela pequena Pousada, porque isso é quem Dina é. Ela não podia deixar a inocente Pousada sofrer e morrer sozinha. O vínculo, por mais curto que foi, foi real. Quando o pequeno broto da Pousada morreu, naquele momento, naquele penhasco, Dina vivenciou a morte de sua Pousada. Estalajadeiros geralmente não sobrevivem a morte de sua Pousada. Dina sabia que isso iria acontecer. Ela se sacrificou por nossa causa, por Gertrude Hunt e por essa pequena semente.

— Mas ela ainda está viva, —disse Sean.

— Tecnicamente, sim.

— O que podemos fazer? Tem que haver algo que possa ser feito? —Arland exigiu.

— Não há nada que possa ser feito, —disse Tony. — Eu sinto muito.

Abaixo de nós, nas entranhas da Pousada, a corrupção despertou dentro de sua prisão. Ela se debatia contra o interior da caixa de contenção de plástico, se expandiu pela caixa, forçando suas paredes e fez uma pequena rachadura no material. Gertrude Hunt gritou, mas ninguém ouviu.

******

Nós deitamos na cama. Ele me segurou. Seu braço estava ao meu redor. Eu não podia senti-lo.

— Agora é aquele momento em que você me diz: *'Sean Evans, saia da minha cama. Você não foi convidado.'*

Eu não disse nada.

— Vou ficar aqui com você, —disse ele. — Não vou te abandonar. Não vou levá-la para aquele Santuário.

A escuridão engrossou, tentando bloquear sua voz, mas eu ainda o ouvi.

— Eu te amo. Não vou deixar ninguém te machucar. Não vou deixar ninguém te levar embora. Você não está sozinha. Volte para mim, amor. Volte para casa.

******

O tempo não fazia sentido na escuridão. A escuridão era mesquinha. Empurrava tudo para longe. Alegria, raiva, tristeza. Vida.

Eles me trouxeram para o coração da Pousada. Deitei na escuridão suave, enquanto ao meu redor a Pousada chorava lágrimas que brilhavam com magia.

Maud estava chorando de novo. — Por que a Pousada não está se unindo a Dina?

— Porque a Pousada de Dina morreu, —disse Tony. — Agora você é a única coisa que impede Gertrude Hunt de adormecer.

— Mas ela só ficou vinculada à aquela pequena Pousada por um minuto.

— Não importa. Ela está além do nosso alcance. Se Gertrude Hunt não pode alcançá-la, ninguém mais pode.

— Quem nos dera que ela nunca tivesse visto aquela maldita semente.

— Ela não pôde evitar. Nenhum Estalajadeiro seria capaz de resistir a uma semente brotando. É quem somos. Nós cuidamos das Pousadas. O fato dela ter conseguido salvar Gertrude Hunt é um milagre.

Maud rosnou como um vampiro. — Odeio isso. Malditos *Draziris*. Maldita Assembléia. Ela pediu ajuda e vocês não fizeram nada. Nada!

— Sinto muito, —disse Tony.

A corrupção escapava de sua prisão, derramando-se uma molécula de cada vez. Sean me pegou do chão e me levou embora.

******

— É um plano simples, —disse Sean. — Planos simples são os melhores. Amanhã é véspera de Ano Novo. Muito barulho, muitos fogos de artifício. A oportunidade perfeita para nós. Resgataremos todas as partes que faltam do Arquivarius ao mesmo tempo. Arland e Lorde Soren ficarão com o primeiro, Tony, Wing e Wilmos ficarão com o segundo, meus pais se ofereceram para trazer o terceiro e eu resgatarei o quarto.

— Sozinho? —Arland franziu o cenho.

— Vou levar Marais comigo. Nós os traremos todos aqui ao mesmo tempo e completaremos o Arquivarius. Os *Hirus* concordam com o plano. Eles já sabem onde estão todos os outros Arquivarianos que faltam.

— Os *Draziris* colocarão para fora todas as armas deles, —disse Tony. — Nos atacarão com força total.

A corrupção estava cada vez mais perto da liberdade.

— Quero que venham, —disse minha irmã. — Deixe todos eles virem. Mal posso esperar.

— Vai ser emocionante, —disse Gabriele.

— Sim, —concordou Corwin.

— Vou conversar com nosso pessoal, —disse Wilmos.

— Ainda vamos ter Natal? —Helen perguntou. Ela estava sentada no chão perto da minha cadeira, abraçando minha perna.

De repente senti uma calma.

— Sim, —disse Sean. — Ainda teremos o Natal. É importante para Dina. Mataremos todos os *Draziris*, até que não reste nada além de sangue e cadáveres. E depois teremos o Natal.

De repente, a escuridão ao meu redor ficou um pouco mais fraca.

******

Ele nunca me deixou. Ele falou comigo quando eu estava deitada na cama tomando soro na veia, deitou ao meu lado e me abraçou. Conversou comigo enquanto me carregava para a banheira. Ele se sentou comigo quando a Pousada me levou para o andar de baixo durante o dia. Ele me segurou quando Maud chorou, porque ela se sentiu muito triste quando olhou para mim.

Ele me disse que me amava. Brincou. Leu livros para mim. Segurou minha mão.

O mundo causava dor. Não havia dor na escuridão. Eu queria mergulhar nela, mas ele se recusou a me deixar afundar, sempre lá, me segurando na superfície como uma tábua de salvação.

Estava deitada em um cobertor debaixo da árvore de Natal. Acima de mim, as luzes brilhavam nos galhos. Tantas luzes. Olasard, o Devorador de Almas, estava ao meu lado, embolando o meu cobertor.

— Por quanto tempo você vai esperar? —O pai de Sean perguntou.

— O tempo que for preciso, —disse Sean ao meu lado.

— Faz quatro dias. Talvez …

Sean olhou para ele.

— Tudo bem, —disse Corwin. — Esqueça que eu disse alguma coisa.

Corwin saiu. Os *Hirus* chamaram e Sean me levou para o quarto deles. Flutuamos na piscina e olhamos para o céu que eu fiz para eles.

— Lamentamos ter trazido isso para vocês, —disse Sunset.

— Vocês deveriam ter desistido de nós, —sussurrou Moonlight.

— Ela nunca desistiria, —disse Sean.

— Vamos sempre lembrar do que ela fez por nós, —disse Sunset. — Sempre. Todos nós. Se sobrevivermos, nossos filhos e os filhos de nossos filhos se lembrarão para todo o sempre.

— O restante do Arquivarius chega amanhã. Seu povo estará pronto? — Perguntou Sean.

— Sim, —disseram os *Hirus* ao mesmo tempo.

— Você que sair da piscina, amor? —Sean me perguntou.

— Ela já respondeu algum estímulo?

— Ela responderá quando chegar a hora.

— E se ela não responder? —Moonlight sussurrou.

— Ela vai, —disse Sean. — Dina é uma guerreira. Tenho fé nela.

Ele me pegou da água. A escuridão ficou um pouco mais fraca.

Senti as mãos dele quentes.

******

— Isso já está ficando chato, minha querida, —disse Caldenia. — Você e eu temos um acordo. Espero que o honre. Levante-se agora. Não irá querer passar o resto de sua vida como um pedaço de madeira. A criatura escamosa, a que todos chamam de Wing, fez uma enorme estátua sua e não para de banhá-la com todo tipo de remédio, além de ficar dançando ao redor dessa estátua o dia todo. Está ficando chato. Levante-se, querida. Não podemos permitir que nossos inimigos vençam. Nós arrancaremos seus corações e os devoraremos. Você tem trabalho a fazer.

******

— Sorvete de manga. A melhor coisa que já fiz. Por favor, prove um pouco, pequena humana? Por favor. Por favor, coma, pequena humana. Por favor.

O sorvete de manga derreteu na minha língua e uma lembrança distante de seu gosto atravessou a escuridão, deslizando para mim.

******

As flores desabrochavam em torno de mim. Estava mergulhada até o pescoço na banheira dentro da área de vigília. Um coro de quatro vozes orava por mim, com urgência, força e fé, tentando derramar vigor nas palavras. A voz da minha irmã se misturava às notas graves de Arland e Lord Soren, as de Helen, destacando as partes importantes.

Magia se movia entre eles. Um rastro dessa magia deslizou para mim. Eu me enrolei em volta. Senti-me tão aquecida.

A oração terminou. Maud enxugou as lágrimas do rosto.

Arland se aproximou dela e a abraçou.

— Ela nunca vai acordar? —Helen perguntou.

— Não sei, minha flor, —disse Maud.

— Não se desespere, —disse Lorde Soren. — Esta é a casa dela. Meu avô tinha desistido da vida. Ele se deitou para morrer e se recusava a comer. No entanto, quando Casa Wrir nos invadiu, tentando arrombar as portas, meu avô levantou-se do leito de morte e levou nossa Casa à vitória. Viveu mais três anos até que seu coração finalmente cedeu. Você deveria ter visto o funeral. Foi a coisa mais ...

Arland olhou para ele.

— Certo, —disse Lord Soren. — A questão é que os *Draziris* virão atrás dos *Hirus*. Eles trarão todos os lutadores que restam. Vão atacar esta Pousada. Sua irmã nunca deixará isso acontecer.

Tony entrou na sala. — Estamos prestes a sair.

— Também estamos a caminho, —disse Arland.

— Boa sorte a todos, —disse Tony.

A corrupção deslizou pela Pousada, pairando acima de todos, avançando cada vez mais perto. Eles não sentiram, mas eu senti. Havia algo em comum entre mim e a corrupção. Existíamos em um lugar semelhante, envoltos na escuridão, desconectados, mas conscientes. Eu o vi deslizar através de Gertrude Hunt. Estava caminhando pela minha Pousada.

Minha Pousada.

Tony saiu. A corrupção parou, esperando.

Arland se virou e se ajoelhou diante de minha irmã. — Deseje-me uma jornada feliz, minha Senhora.

Lorde Soren virou-se para Helen. — Venha comigo, pequena.

— Por quê?

— Eles precisam conversar.

Lorde Soren e Helen foram embora. Minha irmã e Arland estavam sozinhos.

— Não faça isso, —disse Maud.

— Fazer o que?

— Não se ajoelhe na minha frente. Meu marido costumava se ajoelhar diante de mim. Isso não nos impediu de sermos exilados. Isso não o impediu de jogar fora tudo o que construímos juntos. Odeio esse costume vampiro. Isso não significa nada.

— Eu não sou seu marido. E isso significa muito para mim.

— Por favor, não. —Maud sentou na raiz e cobriu o rosto com as mãos.

Toda a sua força desapareceu. Eu era a culpada disso, eu sabia. Uma pontada dolorosa tomou conta de mim, mas desapareceu lentamente.

— Voltarei, —disse Arland. — Estaria ao seu lado se me quiser. Eu a terei se você permitir.

Ela deixou cair as mãos e olhou para ele. — Arland, já fui casada e agora sou viúva. Tenho uma filha. Ela não é sua filha ...

— Agora ela não é filha de homem nenhum. Helen precisa ter um pai que a ensine e a valorize. Eu farei isso por ela. Amo você, minha Senhora.

— Não me diga isso.

— E eu amarei Helen como minha.

— Não.

Arland se levantou. Seu rosto estava sombrio. — Não sou poeta. Sou só um humilde soldado. Então, vou lhe dizer como me sinto, por mais desajeitado que pareça. Quando te vi pela primeira vez, foi como ser jogado de um ônibus espacial antes de tocar o chão. Caí e, quando aterrissei, senti o impacto em todas as células do meu corpo. Você me perturbou. Tirou minha paz interior. Você me deixou à deriva. Eu a queria ali mesmo. Mais tarde, quando descobri mais sobre você, eu a queria ainda mais. Você me quer também. Vejo isso nos seus olhos. Você me ensinou o significado de solidão, porque quando não te vejo, me sinto sozinho. Você pode me rejeitar, pode negar a si mesma e, se optar por não me aceitar, aceitarei sua decisão. Mas saiba que nunca haverá outra como você para mim e outro como eu para você. Nós dois esperamos anos para nos encontrarmos.

Arland saiu da sala.

Maud olhou para mim. — Diga alguma coisa, Dina. Por favor, diga algo para mim.

Eu queria dizer a ela que ela tinha medo de ser amada, porque o marido a traiu. Que ela não deveria jogar fora essa chance de ser feliz. Mas havia muita

escuridão entre nós duas.

******

— Eu voltarei, —Sean sussurrou em meu ouvido.

Um fogo se ergueu dentro de mim. Uma pressão que se esticou na escuridão vazia. Isso doeu. A dor me inundou. Tentei escapar, mas não havia para onde correr.

Ele deu um beijo nos meus lábios.

A pressão quebrou e eu gritei. *Não vá! Não me deixe! Ficarei sozinha.*

— Volto logo. —Ele me soltou e foi para a porta.

Ele não me ouviu. Como pode ele não ter me ouvido?

Ele atravessou a porta.

Espere. Não vá.

A porta fechou atrás dele.

Espere.

Espere por mim.

******

Sentei-me na varanda, assistindo o final da tarde sangrar lentamente pela noite. Maud colocou meu manto favorito em mim, o azul que nossa mãe fez. Eu parecia uma Estalajadeira, mesmo que não me sentisse como uma. Minha irmã tinha decidido que eu deveria ter o assento da primeira fila, assim eu iria *'reagir e sair dessa'*. Fera estava no meu colo. No começo, quando Sean a colocou perto de mim, ela se escondeu como se não me reconhecesse, assustada. Então, pouco a pouco, Sean a levou para a minha cama. Agora Fera estava sentada comigo, triste e ocasionalmente tremia.

Caldenia sentou em uma cadeira à minha esquerda. Minha irmã estava à minha direita, segurando minha vassoura em uma mão e a espada na outra. À nossa frente, o quintal se estendia com a clareira atrás dele. Helen sentou-se aos meus pés, segurando suas facas.

Os *Hirus* esperavam na cozinha, fora da vista.

Sean voltaria. Ele prometeu voltar.

A corrupção pairava acima de mim. Fluía através da Pousada, preenchendo os espaços entre a madeira. Gertrude Hunt tentou impedi-la, mas a corrupção escapava do alcance da Pousada. Todo mundo a esqueceu, mas ela estava lá, aguardando o momento certo. Querendo algo.

Maud, tente sentir. Você sentirá a corrupção, é só se concentrar.

Helen se abraçou envolto dos meus pés e olhou para cima, para a Pousada.

Maud!

— Está na hora, —disse Maud.

— Você está disposta a isso, minha querida? —Caldenia perguntou.

— Eu tenho que estar. E quanto a você? Toda essa conspiração e conversa que andas fazendo compensará alguma coisa?

— Tudo a seu tempo. —Sua Graça sorriu, mostrando dentes afiados.

Maud olhou para mim. — Dina, por favor me ajude.

Eu estava tentando. Eu estava honestamente tentando.

Um portal se abriu no meio do gramado. Os lobisomens da loja de Wilmos saíram arrastando uma grande caixa de metal. Eles acenaram para nós, colocaram a caixa no chão e o lobisomem de pele marrom mexeu em um painel na lateral da caixa. A caixa se abriu como uma flor, revelando uma complexa estrutura semelhante a uma antena feita de pequenos cubos e triângulos brilhantes, cada um girando em direções diferentes.

— O que é isso? —Perguntou Caldenia.

— Um Amortecedor de Projéteis, —disse Maud. — Isso interromperá o caminho dos projéteis cinéticos e desviará o direcionamento de armas de energia e calor. Alcance muito curto e escandalosamente muito caro. Vamos alugá-lo pelas próximas duas horas. Custou-nos um braço e uma perna. Se ... quando Dina acordar, ela me matará. Eu gastei todo o orçamento dela. Mas se os *Draziris* quiserem um pedaço de nós, terão que lutar por isso no alcance da minha espada.

Maud arreganhou os dentes.

— Onde nos quer? —A mercenária perguntou.

— Aqui está bom.

Eles assumiram posições ao redor da varanda.

— Maldita Assembleia, —murmurou Maud. — Nós poderíamos ter tido ajuda deles.

— Apesar de toda reverência que Dina mostra por um *Ad-hal*, ainda estou para ver uma demonstração de seu poder, —disse Caldenia.

— Confie em mim, você não quer testemunhar isso, Sua Graça.

Lutei para me levantar. Minha irmã estava se preparando para repelir um ataque à minha Pousada e tudo o que eu podia fazer era assistir e gritar dentro desse silêncio que me envolvia. Eu tinha que me mover, mesmo que fosse só um dedo.

Uma luz pálida acendeu no meio do campo, alongando-se em um filamento brilhante, como o fio de uma lâmpada acesa. A matéria do espaço-tempo se rasgou e os pais de Sean romperam pelo filamento, dois lobisomens enormes pingando sangue, um escuro e o outro mais claro. O mais escuro carregava um Arquivariano pendurado nas costas.

Eles correram pelo gramado. Rajadas de projeteis vindo de rifles de alta tecnologia os perseguiu.

Nenhum dos projéteis os alcançaram.

Mova-se. Levante-se. Faça alguma coisa! Eu tinha que fazer algo. Cavei meus dedos na escuridão e me esforcei para rasgá-la.

O pai de Sean sacudiu o Arquivariano aos pés de Maud. Minha irmã se concentrou. Gertrude Hunt respondeu devagar o comando dela, engolindo o Arquivariano.

Os dois *Hirus* saíram para a varanda, devagar, ponderados, e pararam ao meu lado.

— O que estão fazendo aqui? —Maud disse. — Nós combinamos que vocês ficariam seguros no seu quarto.

— Nós somos os culpados dessa luta, —disse Sunset.

— Deixe-os nos ver, —disse Moonlight. — Não temos medo.

— Vamos dar um alvo a eles, para que os Arquivarianos possam ser recuperados, —disse Sunset. —Maud suspirou e gritou: — Estamos prestes a ser invadidos.

Os lobisomens puxaram suas facas.

Um momento a floresta estava vazia. No seguinte, *Draziris* saltaram dos

galhos em uníssono, como um bando de pássaros predadores voando. Muitos ... Eles pousaram e correram pelo chão aberto com suas pernas elegantes, como dançarinas sem peso, Mrak na liderança brandindo uma lâmina de prata perversa.

Eu tentei rasgar novamente a escuridão. Ela me segurou.

Caldenia estudou as unhas.

Um *Draziri* alto, com o cabelo branco como o de Mrak, enterrou a faca nas costas de Mrak. Mrak gritou. O outro *Draziri* puxou a faca e a enrolou nos dedos, ficando em uma posição de luta. Mrak se virou. — Como se atreve!

— Você é incapaz de liderar! —O outro *Draziri* rosnou. — É fraco. Falhou com o Bando repetidamente. Estamos sendo feridos, caçados e mortos, tudo por sua causa! Está na hora de um novo poder liderar este Bando.

Eles entraram em combate, suas lâminas se encontrando com um ruído agudo. Os *Draziris* invasores se dividiram no meio do gramado. Dois terços começaram a lutar uns com os outros. O resto continuou correndo em nossa direção.

— Dividir e conquistar. —Caldenia sorriu. — Eu amo essa frase.

Os lobisomens correram em direção aos *Draziris* que se aproximavam.

Uma luz vermelha brilhante pulsou acima da grama e expeliu Arland e Lorde Soren no gramado, um Arquivariano entre eles, bem no meio dos *Draziris*. A armadura dos vampiros fumegava. Arland rugiu, mostrando suas presas. Helen rugiu de volta da varanda, com as adagas abertas ao seu lado.

Os *Draziris* caíram sobre eles. Os dois vampiros abriram caminho para a varanda, trabalhando lado a lado, seus movimentos praticados e seguros. Crânios rangeram, armas de sangue gemeram, atacantes gritaram e morreram.

Sangue espirrou no rosto de Arland. Ele rosnou quando um lutador *Draziri* enterrou sua lâmina em sua armadura.

Maud largou a vassoura e correu pela grama, cortando os *Draziris* como se fossem manteiga. Helen correu atrás de sua mãe. Fera saltou do meu colo e foi atrás de Helen.

Eu lutei contra a escuridão. *O que pensa que está fazendo? Use a Pousada, Maud!*

— Agora seria um excelente momento para intervir, minha querida, — murmurou Caldenia.

Rasguei a escuridão com toda a minha vontade.

Uma *Draziri* bloqueou o caminho de Helen, brandindo uma faca grande. Fera a atacou. Suas mandíbulas com quatro fileiras de dentes prenderam no tornozelo da *Draziri*. Ela uivou quando seus ossos quebraram. Helen pulou na Draziri e cortou a garganta da fêmea.

Alguém faça alguma coisa, inferno!

Orro saiu correndo da cozinha, enorme, escuro, com todos os espigões eretos, trovejando sobre a grama, levantou Helen pelo tecido de suas roupas e a arrastou de volta para a Pousada.

— Não! —Helen chutou os pés. — Não!

Ele abriu a boca e rugiu em seu rosto. — Pare!

A menina congelou, chocada. Ele a deixou cair nos meus pés. — Proteja Dina!

Helen estalou os dentes para ele, mas ficou parada. Fera trotou de volta para ela e caiu na varanda, a boca pingando sangue.

Minha irmã finalmente se lembrou de que ela tinha poderes dentro da Pousada. O segundo Arquivariano deslizou para o gramado, girando como um saca-rolhas. Maud lutou ao lado de Arland, cortando e fatiando, suas lâminas tão rápidas que pareciam líquidas. Ele estava sorrindo, com o rosto manchado de sangue.

Um outro portal se abriu e Sean saiu, arrastando o terceiro Arquivariano para fora. Marais o seguiu, com as roupas cobertas de fuligem, os cabelos molhados de lodo, os olhos esbugalhados, perdidos em um olhar distante.

Sean.

Ele voltou para mim. Ele voltou! A escuridão na minha frente encolheu, diminuindo. Eu queria tanto me levantar, tudo doía.

Marais agarrou o Arquivariano pelo braço e o levou em direção à varanda. Sean seguiu, silencioso e preciso, derrubando os oponentes antes que eles pudessem perceber.

Magia sussurrou através do gramado, deslizando através do vazio ao meu redor. Um portal circular se abriu silenciosamente e Tony, Wing e Wilmos saíram, trazendo o último Arquivariano com eles. Tony usava uma túnica marrom simples. Ele carregava uma vassoura na mão.

Wilmos pegou o Arquivariano e correu pela grama em minha direção, Wing

correndo atrás dele.

Tony ficou onde estava. Olhou em volta, seu belo rosto estranhamente sério e puxou o capuz por cima da cabeça. Sua vassoura escureceu, se transformando em um cajado, com a ponta brilhando em vermelho. Sua túnica ficou da cor do sangue, espalhando-se como o manto de algum rei, movendo-se aparentemente por conta própria, e por baixo desse manto e dentro do capuz havia escuridão, escuridão fria e vazia, do tipo que vive entre as estrelas.

Recuei, chocada. De todas as pessoas, eu nunca imaginaria Tony.

O *Ad-hal* chegou e tocou o ombro de Mrak. Uma voz sobrenatural emanou de dentro de seu capuz. Era o tipo de voz que parava o coração de qualquer um

— Pare.

Mrak parou de se mover. Seu oponente recuou, seu rosto horrorizado.

A corrupção dentro da Pousada se moveu e avançou.

A magia encharcou tudo ao redor, antiga e fria. Eu a senti mesmo através da escuridão. Os pêlos minúsculos na parte de trás do meu pescoço se ergueram. A magia do *Ad-hal* fluiu entre os Draziris e os manteve parados no lugar.

Atrás de mim, a corrupção escorreu do teto para banheira no chão da área de vigília e depois atravessou a cozinha. Arland virou-se para a criatura que costumava ser Tony, concentrando-se na nova ameaça.

— Não! —Maud jogou seu peso no braço da espada de Arland.

— Você foi julgado pela Assembléia, —disse o *Ad-hal*. — Foi considerado culpado.

Mrak ficou parado, com uma expressão perdida no rosto. Ninguém se mexeu.

A corrupção derramou da porta, subindo como uma nuvem imunda, emanando sua magia pútrida. Eu rasguei a escuridão. *Está próximo. Olhem! Olhem, maldito seja!*

Alguém gritou.

A nuvem suja deslizou em direção ao *Ad-hal* através da grama. Não estava mais se escondendo. O *Ad-hal* levantou a outra mão. Sua magia aumentou para bloquear a corrupção, mas ela fluiu através da magia. Eu senti o *Ad-hal* derramar todo o seu poder, mas a corrupção o engoliu e queria mais.

Essa coisa o infectaria. Ela o queria o tempo todo.

Sean ficou entre a corrupção e o *Ad-hal*, e levantou sua faca. Seus olhos eram âmbar puro.

A corrupção o mataria. Eu o perderia e isso não poderia acontecer. Já havia perdido muito. Perdi meu pai, minha mãe e meu irmão. Até minha irmã estava perdida para mim por um tempo. Perdi a semente de uma Pousada.

Ninguém tiraria Sean de mim. Eu o amava, ele me amava, e ele era meu.

Não, hoje não. Nunca.

Não na minha Pousada.

Uma onda imensa de raiva tomou conta de mim e explodiu a escuridão. A barreira que me bloqueava se desfez, seus pedaços derretendo em nada. O poder de Gertrude Hunt me atingiu de uma só vez. A Pousada subitamente reagiu feliz por finalmente poder me sentir e se conectar comigo. A vassoura voou para a minha mão. Eu estava de pé e não sabia quando me levantei ou como. Levantei a vassoura e derramei todo o poder da Pousada e toda a minha magia através dela.

A vassoura brilhou azul elétrico. Uma parede de pura magia surgiu em frente à nuvem corrupta, uma barreira azul brilhante que a separou de Sean. A nuvem bateu na parede e recuou.

Sean sorriu para mim.

Um vento fantasma agitou meu cabelo e a barra do meu manto—a magia da Pousada aflorando em mim. A corrupção encolheu, tentando penetrar no chão do gramado, mas não havia para onde ir. *Esta era a minha Pousada.* O solo, as árvores, o ar, tudo aqui me pertencia. Enrolei a barreira em torno dela, prendendo-a em uma esfera de magia.

A corrupção se levantou, tentando fugir, mas eu a peguei no punho do meu poder e apertei, cada vez mais forte. Apertei porque amava Sean, porque amava minha irmã e minha sobrinha, porque os *Draziris* me fizeram vivenciar a morte de uma pequena Pousada, porque os *Hirus* haviam sacrificado tudo o que tinham e o que eram, e porque ninguém e nada ameaçaria um dos meus e escaparia, hóspedes ou família, não dentro dos terrenos de Gertrude Hunt. A corrupção condensou sob a pressão do meu poder, desmoronando sobre si mesma.

Doía, mas eu mal sentia. Eu a estrangulei. Eu queria senti-la morrer.

A esfera do meu poder pulsava em fogo branco, contraindo-se.

A corrupção dentro explodiu em chamas azuis. Ela uivou enquanto queimava, seu grito cortando meus ouvidos, afiado e doloroso.

Ninguém disse uma palavra.

Queimou até desaparecer no nada.

Olhei para os *Draziris*. Meu manto ficou negro. Meu rosto provavelmente deveria ser algo terrível de se olhar, porque mesmo presos ao poder do *Ad-hal*, eles tentaram recuar, mas não conseguiram se mexer.

— A Pousada é sua, Estalajadeira, —disse o *Ad-hal*.

— Você pode começar, —eu disse a Sunset.

O *Hiru* saiu da varanda, cada passo um lento movimento tortuoso. Os *Draziris* e os lobisomens se separaram, dando-lhes uma passagem ampla, alguns por conta própria, outros empurrados pelo *Ad-hal*. A voz triste do *Hiru* ecoou pelo quintal, desaparecendo no crepúsculo.

— Vocês destruíram nosso lar. Mataram nossas famílias. Quase nos extinguiu por completo. Vocês nos sentenciaram ao exílio eterno, porque nenhum outro planeta pode sustentar as nossas vidas. Hoje irão descobrir o porquê.

As nove cápsulas subiram do chão, cada uma contendo um membro do Arquivarius. As capsulas de plástico afundaram de volta na terra depois que as Arquivarianos saíram delas. Os nove seres se aproximaram, os braços levantados na frente deles, formando um anel. Seus dedos se tocaram e eles se desmancharam, misturando-se. A carne fluiu como água, transformando-se em um redemoinho e unindo-se em um todo.

Manipulei a física para manter o quintal escondido da rua. Os moradores do bairro de Avalon não estavam prontos para isso.

Um gigante ajoelhou-se sobre um joelho no gramado. Ele era humanoide, mas ua,